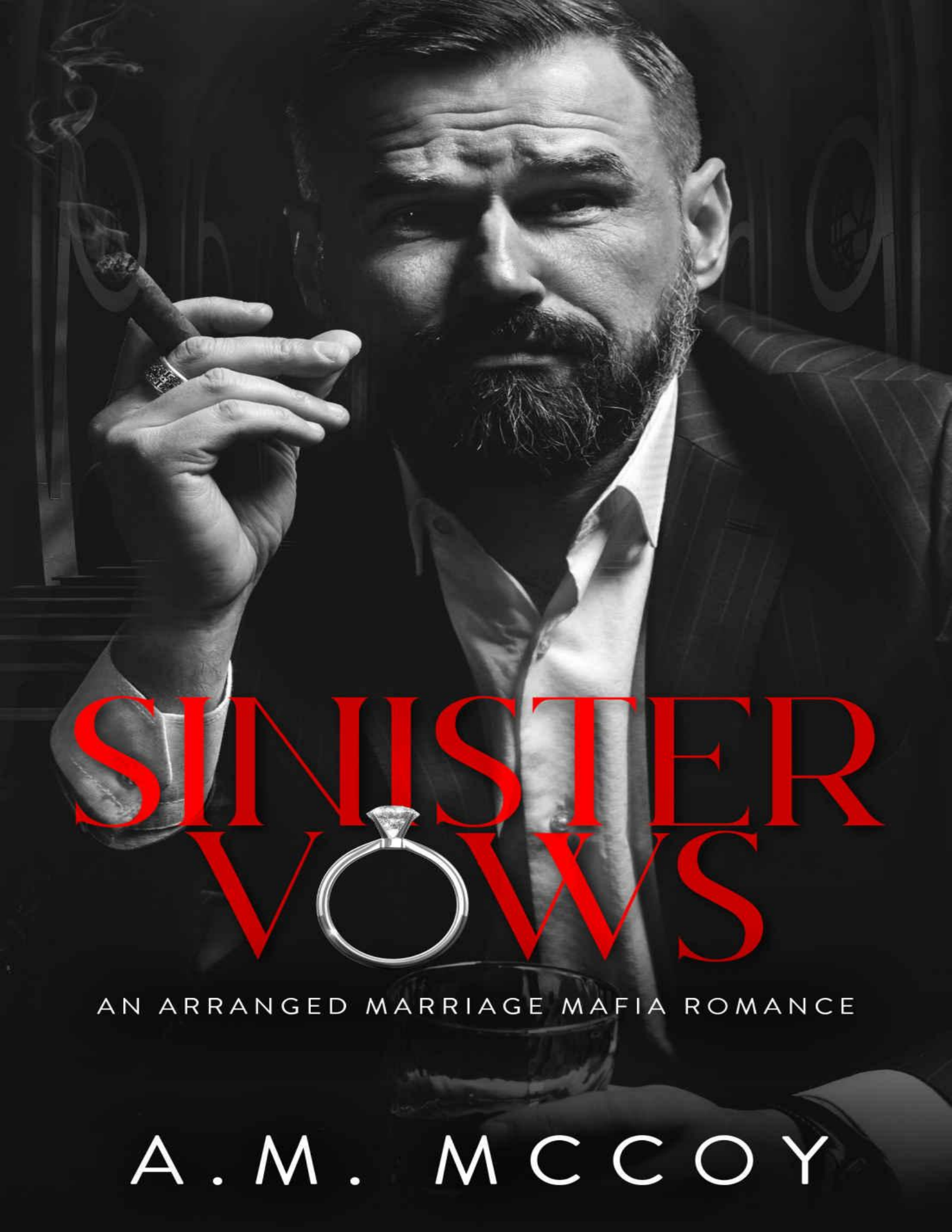




SINISTER VOWS

AN ARRANGED MARRIAGE MAFIA ROMANCE

A . M . MCCOY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



**2 ANOS DE
REBELDIA**

Sinopse

Fui vendida ao Don da máfia italiana quando tinha doze anos. Agora, aos vinte anos, fui convocada à casa de Nicolas Capasso, um homem que nunca conheci, para o dia do meu casamento. Não sei o que significa ser esposa de um homem como ele.

Muito menos o que acontece entre marido e mulher no escuro.

Mesmo assim, tive certeza de que tudo fazia parte do *plano*.

Primeiro passo: case-se com o Don. Entendi.

Segundo Passo: forneça a ele quantos filhos ele precisar. Bruto.

Terceiro passo: viva silenciosa e obedientemente como a esposa do homem mais poderoso da história. Oh, vamos lá.

A única coisa que impede a conclusão de um plano tão simples, você pergunta.

A cerimônia de bênção na véspera do meu casamento.

A forma de tortura mais ultrapassada que se possa imaginar para uma noiva pura como eu, e algo que minha família vinha fazendo há séculos.

No entanto, quando me vi vestida de branco, deitada sobre uma colcha cerimonial e oferecida como sacrifício ao padre depravado, o homem que entrou no quarto não era nada do que eu esperava.

Nem me fale sobre o que ele fez com meu corpo durante a cerimônia, ou que coisas carnavais ele me fez sentir enquanto fazia isso.

Meu futuro casamento deveria ser abençoado pela cerimônia, abrindo caminho para uma união pacífica entre nossas famílias.

Mas se fosse esse o caso, por que era o homem da noite anterior que consumia todos os meus pensamentos enquanto eu caminhava pelo corredor no dia seguinte?

Aviso

Sinister Vows é um romance sombrio com elementos que podem ser perturbadores para alguns leitores.

Os gatilhos incluem, mas não estão limitados a:

- CNC/Dub Con
- Sexo detalhado na página
- Profanidade
- Assassinato
- Violência
- Assalto
- Abuso Infantil
- Casamento arranjado
- Fumar
- Álcool
- Drogas
- Sangue
- Gravidez
- Vômito
- Abuso de animais

Capítulo Um
ARIANNA



— Ari! — Meu pai estalou os dedos do assento oposto ao meu. — Você está me ouvindo?

— Sim, Papa. — Resendi no piloto automático, a frase era simplesmente memória muscular neste momento da minha vida. Obriguei-me a olhar para ele e minha mãe sentados no banco de couro da limusine enquanto ela dirigia pelo campo desconhecido.

— Bom. Porque não nos resta muito tempo antes de chegarmos à propriedade e você precisa se comportar da melhor maneira possível quando chegarmos.

— Ela vai ficar, querido. — A voz calma e melódica de minha mãe garantiu a meu pai enquanto ela batia em seu joelho: — Foi para isso que passamos a vida inteira nos preparando

Meu pai sorriu para minha mãe e colocou a mão em cima da dela antes de olhar para mim com um olhar aguçado. — Você é o futuro desta família Arianna. Se você não cumprir seu dever para com esta família, seremos extintos.

O futuro da Família Rosetti está sobre meus ombros.

Sim, eu ouço essa mesma besteira desde que tive idade suficiente para processar as palavras que ele cuspiu em minha direção.

Arianna, a filha obediente e dócil de Emilio e Mina Rosetti, a terceira filha de cinco, seria a graça salvadora de toda a linhagem familiar.

Vômito.

Deixei meus olhos se desviarem dos dele para olhar pela janela as vibrantes folhas vermelhas e laranjas das árvores misturadas com as verdes enquanto passávamos.

Eu nunca tinha visto folhagens de outono no norte antes.

Talvez morar aqui não fosse tão ruim, afinal.

A limusine diminuiu a velocidade e estiquei o pescoço para dar uma olhada na propriedade enquanto entrávamos na enorme portaria. Homens armados com olhares ameaçadores e armas ainda mais assustadoras amarradas ao peito circulavam a limusine enquanto nosso motorista falava com eles. As janelas traseiras abriram e meu pai acenou com a cabeça para um guarda enquanto olhava primeiro para ele, depois para minha mãe, depois para o outro lado do espaço, até onde eu estava sentada no banco, voltada para trás. Ele era enorme, com mais de um metro e oitenta de altura e quase tão largo quanto alto, com olhos escuros e um queixo forte. Ele era a definição absoluta de assustador e eu lutei para não murchar sob seu olhar.

Os olhos do homem viajaram da minha cabeça aos dedos dos pés e vice-versa antes de ele acenar para mim e se levantar. Estremeci com a força bruta que senti saindo dos homens que nos cercavam quando a limusine começou a subir a garagem novamente.

Soltei um suspiro silencioso e me sentei no assento, tentando roubar minha determinação novamente.

Segundos na infame propriedade Capasso, eu já estava hesitando em lutar ou fugir. Eu senti como se a cada passo da calçada que a limusine devorasse, eu estava me aproximando da minha execução.

Minha mãe sorriu abertamente enquanto comentava sobre os extensos jardins com paisagens e desenhos imaculados e meu pai sorriu maliciosamente em seu copo de uísque.

Tudo estava se encaixando para eles.

No entanto, para mim... eu estava condenada.

O carro parou e os funcionários da enorme mansão desceram as escadas, fazendo fila para nos receber enquanto meus pais saíam do carro e sinalizavam para eu entrar.

Respirei fundo e alisei minhas mãos em meu vestido rosa claro e forcei meu corpo a deslizar para fora do assento e segui-los.

Tentei fazer meu rosto relaxar e parecer mais acessível, ficando ao lado de minha mãe enquanto os olhos de todos os funcionários caíam sobre mim com uma curiosidade mórbida. Eu odiava ser o centro das atenções. Nem uma vez na minha vida eu tinha sido a pessoa importante na sala, e não gostava de ser agora.

— Sr. Rosetti. — Um homem de terno deu um passo à frente com uma leve reverência para meu pai. — Sra. Rosetti, meu nome é Manny, sou o mordomo-chefe aqui em Armarow Estate. — Ele não me reconheceu quando se virou rigidamente: — Se vocês me seguirem, vou mostrar seus quartos para que vocês possam se refrescar antes do jantar e do encontro com o Sr. Capasso.

— Isso seria maravilhoso. — disse meu pai, colocando a mão nas costas de minha mãe, conduzindo-a para seguir o mordomo, deixando-me sem escolha a não ser segui-los obedientemente.

A equipe que se alinhava nos muitos degraus até a frente da mansão era formada principalmente por empregadas domésticas em uniformes tradicionais preto e branco e mordomos em smokings pretos impecáveis. Alguns olharam acima das cabeças de todos, e alguns olharam para mim com olhares curiosos, mas cada um deles baixou a cabeça quando eu passei.

Enquanto estávamos no saguão da frente, procurei o rosto do homem com quem me casaria amanhã. Eu nunca o conheci antes e não sabia absolutamente nada sobre ele, mas logo ele se tornaria a pessoa mais importante da minha vida. Dos homens na sala, eu poderia dizer

que ele não era um deles. Eu sabia que quando o visse pela primeira vez, saberia que era ele.

Homens com poder como Nicolas Capasso eram difíceis de perder.

Segui meus pais pela grande escadaria curva até o segundo andar e depois por uma série de corredores e portas até chegarmos a uma ala da casa que parecia desprovida de quaisquer outros hóspedes.

— Sr. e Sra. Rosetti, seus quartos ficam à direita, e seu quarto — ele finalmente olhou para mim. — Srta. Rosetti, está à esquerda. — Ele indicou dois corredores separados, um em frente ao outro, com entalhes ornamentados nas arcadas. — O jantar será servido as sete na sala de jantar oeste. Sua reunião com o Sr. Capasso, Sr. Rosetti, será às seis. O resto da sua família deve chegar em breve.

— Obrigado — meu pai sorriu e acenou com a cabeça para o homem enquanto ele voltava por aonde veio. Quando ele dobrou a esquina, o sorriso de meu pai desapareceu e ele ergueu os lábios em um rosnado enquanto olhava para os corredores por cima do ombro. — Claro, ele nos deu quartos na ala leste da casa — ele sibilou. — É melhor que haja cortinas grossas o suficiente para bloquear a luz do sol da manhã

Minha mãe deslizou as mãos pelos braços dele enquanto passava por ele em direção ao corredor que Manny indicou como meu. Ela acenou para mim: — Entre agora, querida — ela cantou. — Vou trazer sua bagagem e colocá-la no closet para você. — Ela passou a mão pela parte de trás da minha cabeça sobre meu cabelo quando passei por ela. — Talvez você devesse tomar um banho ou algo assim para relaxar e passar o tempo. Tenho uma equipe de glamour chegando em uma hora para vestir e preparar você para esta noite. — Ela olhou para o relógio: — Não saia do seu quarto. Estarei com eles quando chegarem aqui para começar a prepará-la para começar seu futuro como a nova Sra. Capasso. — ela aplaudiu alegremente.

Desci o corredor até o único outro conjunto de portas no final e entrei. Olhei ao redor do quarto e suspirei ao observar a mobília branca

e feminina digna de uma princesa de fadas em um conto tão antigo quanto o tempo.

— Sorte minha. — sussurrei e sentei-me no banco acolchoado na ponta da cama.

Se ao menos meu cavaleiro de armadura brilhante aparecesse e me resgatasse do terrível dragão que me mantinha como refém na torre de seu castelo, antes que fosse tarde demais.

Quem eu estava enganando?

O dragão era meu futuro marido e os rumores sobre sua ferocidade e terror eram conhecidos por todo o país, garantindo que ninguém tentasse matá-lo.

E eu estava sendo oferecida a ele como cordeiro sacrificial ao pôr do sol de amanhã.

Capítulo Dois
ARIANNA



— Você tem muita sorte — minha irmã mais nova, Anita, choramingou de sua posição deitada na minha cama enquanto observava a equipe de glamour se preocupar comigo. Ela tinha doze anos e não entendia tudo o que estava acontecendo hoje e amanhã, então tentei não descontar nela minha raiva e frustração.

Minha outra irmã Amelia, a filha do meio, revirou os olhos da cadeira para a grande penteadeira de maquiagem ao longo da parede: — Ela tem sorte de ser vendida como gado? — Ela tinha dezoito anos e enfrentaria seu próprio destino iminente, então ela tinha uma opinião diferente da de nossa irmã mais nova.

— Ela vai se casar com um dos homens mais poderosos do nosso tempo e consegue tudo isso. — Anita estendeu as mãos pelo quarto. — E não faz mal que ele não seja realmente fofo.

— Você o viu? — perguntei, finalmente reunindo energia suficiente para falar. — Quando?

Anita fez uma pausa e engole em seco, encolhendo-se sob os olhares de Amelia e eu: — Bem, eu não o vi pessoalmente, mas mamãe disse que ele era bonito. — Ela disse culpada enquanto eu desabava na minha cadeira.

— Ela também acha que papai é bonito. — Amelia revirou os olhos novamente e estremeceu: — Você está condenada. — Ela me

disse com um encolher de ombros. — Ouvi dizer que ele é velho. Como cinza e velho. Ele provavelmente também está enrugado.

— Já chega — suspirei e olhei para o reflexo de uma princesa afetada e adequada no espelho acima da cômoda onde eu estava sentada. Eu tinha grandes rolos em meu cabelo cor de chocolate escuro, fazendo parecer que eu era dez centímetros mais alta do que realmente era, e uma maquiagem espessa que me fazia parecer dez anos mais velha do que realmente era.

Porque era verdade, meu futuro marido era muito mais velho do que eu. Eu estarei completando vinte e um anos em breve, e se eu fizesse minhas contas corretamente com base no que foi prometido anos atrás, ele tinha trinta e poucos anos. Não tão velho quanto Amelia tentou fazê-lo parecer, mas muito mais velho que eu.

A equipe de glamour que minha mãe contratou foi o melhor que o dinheiro poderia comprar, porque a família Rosetti não tinha falta disso. Então eles ficaram em silêncio enquanto minhas irmãs e eu conversávamos sobre coisas tão inapropriadas. Não silencieei Anita e Amelia porque estava preocupada com o fato de elas falarem mal de um dos homens mais poderosos e perigosos da máfia italiana. Encerrei a conversa porque meu coração não suportava a dor e o desespero que o reconhecimento da minha situação trouxe.

E o efeito do meu tônico estava passando, deixando-me vulnerável e suscetível a pensamentos desonestos enquanto a névoa se dissipava do meu cérebro e dos meus membros.

Meus pais estavam me drogando há meses, à medida que a data do casamento se aproximava. Eu não sabia se eles sabiam que eu tinha descoberto que o tônico holístico da minha mãe estava cheio de sedativos e supressores de humor ou não. Talvez eles nem se importassem se eu soubesse que estava sendo dopada e transformada na filha silenciosa e obediente que eles sempre esperaram.

Eu não tive escolha no assunto.

Então, obedientemente, peguei meu tônico e deixei o entorpecimento me levar ao silêncio enquanto eles mapeavam tudo para mim. Não era como se eu não tivesse tentado impedir toda aquela coisa sórdida antes, quando era jovem e corajosa.

Uma vez, há alguns anos, quando comecei a perceber o que um casamento arranjado significava para uma garota como eu, disse ao meu pai que me recusava a fazer parte dos planos dele e que não me casaria com um homem que ele escolheu para mim.

Em resposta, ele me deu um tapa com tanta força que quebrou meu queixo e me deixou acamada e com a boca fechada por meses. Foi nesse ponto que percebi, eu não passava de um peão num tabuleiro de xadrez para ele. Ele não me amava, ele não se importou com a minha felicidade. Ele só se importava com os acordos que planejou com seus aliados e inimigos para garantir que permanecesse rico e contente pelo resto de sua vida feliz.

Para o inferno com todos os outros.

Tão entorpecida era melhor do que infeliz no meu livro.

Bem na hora, minha mãe entrou flutuando no quarto vestindo um roupão elaborado, com um copo de suco da névoa mágica e me entregou como se fosse um copo doce de suco de laranja. — Você está de tirar o fôlego querida, Nicolas não saberá o que o atingiu quando você o encontrar esta noite.

— Hum. — Cantarolei como se tivesse concordado e engoli o líquido azedo.

Minha mãe virou-se para minhas irmãs e bateu palmas: — Meninas, vão para seus quartos e vistam os vestidos que preparei para vocês. Estarei de volta no corredor em quinze minutos para jantarmos juntos.

— Sim, Mama. — As meninas responderam em uníssono. Anita saiu do quarto com alegria e Amelia me lançou um olhar de apoio silencioso ao sair, me deixando sozinha com a equipe de glamour e minha mãe.

— Agora — disse minha mãe, deslizando afetuosamente os dedos pela minha nuca. — Depois do jantar, acontecerá a cerimônia de bênção.

Meu sangue congelou com a menção da arcaica cerimônia de tortura que minha família vinha realizando nas vésperas de casamentos há séculos. Ondas violentas de náusea borbulharam em meu estômago e rezei para que o tônico fizesse efeito rapidamente para que eu pudesse lidar com a conversa sem deixar escapar minha raiva ou medo. Quase pude sentir o pânico correndo em minhas veias com suas palavras.

Não respondi, meu consentimento não era necessário. Estava acontecendo sem o meu consentimento de qualquer maneira.

— Lembre-se do que discutimos. — disse ela levemente, mas pude sentir a ameaça por trás de suas palavras. Ela estava mantendo a máscara no lugar por causa das outras pessoas no quarto, mas eu conseguia ler nas entrelinhas. — Você se comportará da melhor maneira possível, tanto no jantar quanto na cerimônia, e amanhã você se casará — ela falou. — E você será a mulher mais invejada do mundo.

Eu não queria ser invejada por ninguém no mundo.

Eu só queria estar segura e feliz.

Mas minhas esperanças e sonhos não importavam.

— Você está me ouvindo, Ari? — Ela estalou os dedos na frente do meu rosto. A forma favorita dela e do meu pai *de preste atenção, Ari*.

O que eu faria muito melhor se não estivesse tão morta por dentro graças às drogas deles.

— Sim, Mama — respondi. — Serei a imagem da obediência. — Eu até consegui sorrir para ela quando ela deu um tapinha na minha bochecha.

— Boa menina. — ela sorriu de volta, satisfeita com minha resposta. — Vou me vestir, então vista seu vestido e solte o cabelo e então te encontrarei no corredor em dez minutos.

— Sim, Mama.

Ela saiu e as mulheres silenciosas que trabalhavam comigo soltaram meu cabelo e borrifaram spray fixador e depois me ajudaram a vestir o vestido com o qual eu iria encontrar meu futuro marido.

Era ouro rosa e provavelmente um dos meus vestidos favoritos que fui forçada a usar em toda a minha vida, embora não tivesse escolha em escolhê-lo. Tinha alças finas e um corte surpreendentemente baixo, mostrando uma grande parte do meu decote acima do corpete de joias que abraçava minha cintura com força. A saia tinha a mesma pedraria rosa do corpete e acentuava meus quadris antes de se agrupar em volta das minhas pernas.

Eu me senti surpreendentemente madura e atraente com ele, em comparação com os vestidos modestos que normalmente usava.

Suponho que quando alguém estava pendurado na frente de um homem adulto como isca, alguns peitos eram necessários.

Mesmo que eu não tivesse ideia do que fazer com eles para ser sedutora.

Eu me poupei apenas de uma breve olhada no espelho até o chão antes de sair para encontrar minha família, onde eles se reuniam no corredor do lado de fora de nossos quartos.

Meus irmãos mais velhos, Carmine e Cristian, encostaram-se a parede com seus ternos justos e expressões entediadas no rosto. Eles eram os verdadeiros herdeiros da linhagem Rosetti e o peso de continuar com o nome geralmente estava sobre seus ombros, especificamente sobre Carmine como o irmão mais velho de Rosetti. Mas a união das famílias Rosetti e Capasso levou décadas para ser feita, e acho que eles ficaram felizes por não serem responsáveis por algo pela primeira vez.

— Ah, querida — minha mãe aplaudiu. — Você está fabulosa! — Ela tocou meu cabelo novamente: — Nicolas é um homem de muita sorte. — Ela quase gritou de alegria quando meu pai saiu do quarto deles, ajeitando a gravata. Minhas irmãs também se juntaram, ambas

vestidas com modestos vestidos brancos de manga comprida adornados com rendas. Eu me senti exposta em comparação a elas, mas acho que esse era o ponto. Deus não permita que meu futuro marido se concentre em qualquer outra pessoa que não seja sua noiva-criança.

Mesmo que eu não fosse mais criança, ainda me sentia obscenamente insuficiente em comparação com o homem adulto que comandava países inteiros de homens e empresas.

— Você está linda, querida — acrescentou meu pai. — Um prêmio digno de um rei. — Ele meditou e meu estômago revirou com o olhar lascivo em seus olhos enquanto ele se dirigia a mim. — Falando no rei. — ele fez uma pausa. — Acabei de me encontrar com ele, finalizando tudo para amanhã. Então, seja apenas uma boa menina até se casar, então você será um problema dele para suportar.

Fiquei em silêncio, sabendo que nada que eu pudesse dizer sobre esse comentário iria agradá-lo. Ele se virou e colocou minha mãe ao seu lado para ir jantar.

Respirei fundo e Carmine parou ao meu lado, dando-me uma de suas infames piscadelas de playboy enquanto estendia o cotovelo para que eu segurasse.

Ele sempre foi meu irmão favorito, para ser honesta. Com suas feições sombrias e charme carismático, ele também era o maior espinho para meu pai.

É por isso que nos dávamos tão bem, suponho.

Ou pelo menos tínhamos feito antes do meu condicionamento começar, há alguns meses. Passei a maior parte do meu tempo desde então, trancada e silenciada. Aprendendo tudo que eu precisaria saber como esposa de um homem poderoso como Nicolas Capasso.

— Vamos conhecer o bode velho, certo? — Ele sussurrou enquanto descíamos as escadas. Ele tinha apenas vinte e cinco anos, então meu futuro marido era cerca de uma década mais velho que ele.

— Acho que prefiro não. — sussurrei de volta, rompendo a neblina.

A tristeza cruzou seus olhos brevemente antes de ele desviar o olhar. Ele estava tão indefeso quanto eu diante de tudo isso. — Eu sei — ele suspirou. — Se houvesse algo que eu pudesse fazer...

— Eu sei. — Eu o interrompi, dando um tapinha em seu braço. — Somos todos apenas peões no jogo.

— Talvez você fique melhor aqui. — Ele disse e eu pude ouvir a esperança em sua voz. — Talvez ele seja... — ele fez uma pausa como se estivesse procurando a palavra certa. — Gentil com você. Ou bom, pelo menos.

— Talvez — sussurrei e inclinei a cabeça em seu ombro quando chegamos ao pé da escada. — Acho que estamos prestes a descobrir de uma forma ou de outra. — Respirei fundo e segui meus pais pela casa, olhando para a casa ampla e meticulosamente cuidada.

Era de tirar o fôlego, na realidade.

Tinha o charme antigo de uma mansão que sobreviveu a guerras e revoluções mundiais, com o conforto e a beleza das atualizações modernas. Para ser honesta, fiquei muito animada para explorá-la como minha casa.

Ou uma delas.

Minha mãe havia dito que Nicolas só residia em Armarow Estates algumas vezes por ano, o que me deixou pensando se eu estaria com ele quando ele mudasse de casa. Ou se eu seria colocada num lugar como este e mantida como um bem numa prateleira numa sala de estar formal onde ninguém jamais se sentou.

Eu não conseguia decifrar se ser ignorada por um homem que eu não queria era mais atraente do que ser objeto de sua atenção.

Acho que precisarei colocar os olhos nele para descobrir o que sentia por ele.

Além do sentimento de raiva ao saber que eu não tinha escolha a não ser me casar com ele.

Isso me irritou.

— Arianna — meu pai chamou quando entramos em uma luxuosa sala de jantar, elegantemente decorada com velas e flores. — Você senta aqui, na minha frente. — ele acenou com a cabeça para um assento à direita da cabeceira da mesa. Ele sentou-se à esquerda da cabeceira e a minha mãe sentou-se ao seu lado. Carmine sentou-se ao meu lado, enquanto meus outros irmãos ocupavam os lugares vazios até que apenas o da cabeceira da mesa permanecesse vazio.

Assento de Nicolas.

Onde ele estava?

Eu pensei que ele estaria aqui esperando por mim? Animado para conhecer sua jovem noiva?

Provavelmente não.

Mas a versão dele em minha cabeça que assombrou meus sonhos sempre foi a de um velho gordo, de cabelos grisalhos e pouco atraente, que babava e me dava patadas rudemente. Porém, ele teria que estar presente para fazer qualquer uma dessas coisas.

— O jantar será servido. — Manny, o mordomo-chefe, falou na entrada enquanto homens e mulheres entravam na sala com travessas de comida e começavam a servir.

Olhei para a cadeira vazia ao meu lado enquanto meu prato estava cheio de todos os tipos de comidas deliciosas que eu não recebia há meses. Meu pai achou que eu precisava perder peso antes do casamento, então me fez seguir uma dieta rigorosa de baixa caloria para perder peso.

Minha família comeu a refeição e eu dei algumas mordidas hesitantes enquanto olhava por baixo dos cílios. A comida era fenomenal, mas meu apetite estava perdido por causa do tônico e em pouco tempo eu estava satisfeita.

— Papa — perguntei cautelosamente. — Onde está o Sr. Capasso?

Meu pai bufou com a boca cheia de cordeiro e acenou para mim. — Ele está ocupado.

— Ocupado? — perguntei, forçando minha língua a se mover na boca para formar palavras em meio ao cansaço do tônico. Até mastigar a comida me cansava.

— Sim. — ele retrucou, atraindo alguns olhares dos garçons alinhados na parede atrás dele. — Ele é um homem ocupado.

— Quando vou conhecê-lo então? — Eu questionei, contra o meu melhor julgamento, sabendo que ele não estava interessado em falar comigo. Mas ele me garantiu que nos encontraríamos hoje à noite, já que meu casamento com esse homem seria amanhã.

Pelo amor de Deus, era pedir demais para encontrar seu noivo antes do altar?

— Quando ele quiser! — meu pai retrucou, batendo com o punho na mesa e fazendo barulho com os talheres. Meus olhos se ergueram para olhares mais cautelosos da equipe que via o lado do meu pai que ele raramente mostrava a alguém fora de nossa casa. — Ele não tem tempo para se preocupar com os infortúnios inconsequentes de uma noiva corada. — Ele olhou para mim. — Agora coma sua refeição e fique quieta. — Ele pegou seu vinho e terminou o que deveria ser sua terceira taça desde que nos sentamos. — Além disso. — ele estalou os lábios. — A cerimônia de bênção começará depois que a refeição terminar, você precisará de substância em sua barriga para isso.

Meu estômago revirou com a menção da cerimônia que aconteceria esta noite. Acho que tinha temido mais isso do que o casamento em si, se pudesse ser honesta. Coloquei o garfo na mesa e empurrei o prato desafiadoramente. Foi o primeiro vislumbre de desobediência que tive em muito tempo.

Meu pai aceitou tão bem quanto pensei que faria. Ele bateu os punhos na mesa e se inclinou para me agarrar com raiva. Carmine colocou a mão no meu braço e puxou rapidamente meu assento para fora do alcance de meu pai, quase me derrubando no chão, mas isso evitou que suas mãos me batessem. — Papa! — Meu irmão sibilou, balançando a cabeça para os olhares agora abertos da equipe na sala. — Lembre-se por que estamos aqui. — ele sussurrou.

Eu ofeguei no meu assento enquanto o medo e a ansiedade queimavam minha espinha.

Isso era bem.

Bem, estúpido.

Porque quem cutuca um urso com um palito só por diversão?

Mas ainda assim, bom.

— Quanto mais cedo você se casar, melhor! — Meu pai sibilou e recostou-se na cadeira, estendendo a mão para beber mais vinho. — Coma ou não coma, tanto faz. Mas independentemente disso, esta noite e amanhã ocorrerão conforme planejado. — Ele olhou para mim: — Não me faça lembrar quem está no comando aqui.

Estremeci, mas segurei seu olhar em uma avaliação silenciosa enquanto ele desviava o olhar e voltava a comer. Carmine relaxou ao meu lado e deslizou minha cadeira de volta na mesa e soltou um suspiro pesado. — Coma. — Ele sussurrou. — Por favor.

Esperei mais alguns minutos enquanto o resto da minha família voltava a comer cautelosamente em silêncio antes de eu pegar meu garfo novamente.

A comida era muito boa.

A refeição passou apenas com meus pais e Carmine conversando sobre coisas relacionadas aos negócios em casa enquanto eu observava os minutos passando no relógio de pêndulo no canto. Quanto mais o tempo passava, mais perto da destruição eu ficava.

Quando a comida acabou e meu pai e minha mãe já estavam nos estágios finais de embriaguez de vinho, senti como se estivesse saindo da minha pele.

Eu não consigo.

Eu não consigo. Era muito... repulsivo.

Mas eu não tinha escolha. Eu não estava no comando. — Venha — disse minha mãe, levantando-se da cadeira e caminhando para o meu

lado. — Vamos prepará-la para a cerimônia — Ela se virou e falou com meu pai: — Prepare o padre.

Meu pai acenou com a cabeça para ela e depois olhou para mim com um sorriso malicioso nos lábios finos. — Você se comportará da melhor maneira possível ou farei com que você se arrependa. — Com isso ele se levantou, com a taça de vinho na mão, e saiu da sala com uma ligeira inclinação para o corpo.

Olhei para meu irmão Carmine, mas ele não olhou para mim. Suas mãos estavam cerradas sobre a mesa enquanto ele olhava para o prato em silêncio. Ele não iria parar isso por mim.

E meu futuro marido nem tinha aparecido para jantar antes de eu ser enviada ao padre como sacrifício.

— Isso é besteira. — amaldiçoei baixinho e então os dedos da minha mãe envolveram meu braço e me arrastaram para fora da cadeira agressivamente.

— Silêncio. — Ela sibilou e me arrastou atrás dela para o meu quarto.

Ao sairmos da sala de jantar, olhares curiosos e preocupados queimaram minha pele ao passarmos pelos funcionários. Alguns pareciam quase horrorizados com a demonstração aberta de força contra mim, mas não era como se algum deles fosse intervir. Eu sabia disso.

Quase ajudou que pelo menos alguns deles sentissem um pouco de indignação com toda a situação.

Como algum tipo de solidariedade, mesmo que seja em silêncio.

Quando entramos no meu quarto, ela me empurrou para frente, antes de pegar um frasco de tônico da minha cômoda, despejar uma boa quantidade em um copo e empurrá-lo para mim.

Peguei o copo, mas hesitei antes de colocá-lo nos lábios para beber como faria normalmente. Minha mãe fez uma pausa enquanto segurava a camisola que eu deveria usar na cerimônia.

— Beba — ela ordenou. — Acredite, você vai querer.

Eu a observei quando surgiu o primeiro vislumbre de uma mulher que havia passado pelas mesmas tradições de casamento arranjado que eu estava passando. — Vai doer? — Sussurrei e levei o tônico aos lábios, cedendo ao meu destino. Porque ela estava certa, eu iria querer o entorpecimento pelo que estava diante de mim.

— Sim — ela disse com firmeza, e então suspirou: — Embora muito menos do que seria se fosse seu novo marido, eu acho.

Coloquei o copo na mesa e senti o formigamento da dança tônica em minha língua. — Por que você diz isso?

Ela encolheu os ombros antes de dar a volta nas minhas costas para abrir o zíper do meu vestido e me ajudar a tirá-lo. — Não suspeito que seu marido seja um tipo de homem gentil. — ela respondeu enquanto eu cruzava os braços sobre o peito nu e me virava para ela.

Ela acenou com a cabeça para a bacia de água que foi deixada sobre uma mesa antiga no centro do quarto. Ao lado da bacia havia lençóis com cruces douradas bordadas e lutei contra a repulsa que percorreu meu corpo diante da mentira descarada que representavam para mim.

— A cerimônia vai... — ela fez uma pausa enquanto pendurava o vestido de jantar e eu lamento que tenha sido desperdiçado. — Tirar a maior parte da dor pela primeira vez que você estiver com seu marido. — Ela disse e então estendeu o novo vestido branco para eu deslizar meus braços. Era como um manto, com mangas compridas e esvoaçantes e laços no pescoço, no peito e nos quadris.

O tecido macio queimou minha pele por causa do que representava.

— Por favor, não me obrigue a fazer isso, Mama. — Eu tentei, deixando meu medo vir à tona. — Casar com um estranho é uma coisa, mas deixar um velho padre... — Não consegui terminar a frase e estremei violentamente.

— Você permitirá que o padre abençoe o casamento e a prepare para seu marido. — ela retrucou com um suspiro exasperado. — É como é feito na família Rosetti, e como tem sido feito há séculos. Não vamos mudar repentinamente a tradição porque você assim o solicitou. — Ela bocejou e depois recuou, olhando para mim com o vestido. — Você fará isso, assim como eu fiz, e assim como todas as mulheres Rosetti antes de você fizeram. Amanhã você esquecerá o que aconteceu e terá uma união abençoada com Nicolas Capasso por causa disso. — Ela empurrou meu ombro em direção à cama que havia sido arrumada na minha ausência para jantar. — Agora entre. — Ela me empurrou novamente e eu fechei minha mandíbula para parar o gemido que queria se libertar.

Isso era bárbaro.

Ela arrumou a roupa de cama cerimonial em volta de mim, puxou um lençol branco e depois parou, olhando para mim. — Você vai ficar bem, Ari, é um momento de dor e então está feito.

— É estupro — Eu respondi.

Eu nem vi a mão dela se mover, embora eu devesse ter esperado por isso. Uma dor lancinante irradiou pela minha bochecha com o tapa dela. Eu engasguei e cobri-a com a mão em estado de choque e encolhi-me de volta na cama.

Minha mãe nunca tinha me batido.

Essa era a forma favorita de afeto do meu pai por mim, não a dela.

— Cale-se! — Ela sibilou e depois desligou a luz de cabeceira e olhou para mim através das sombras enquanto ajustava o vestido como se não tivesse acabado de agredir a filha. — Você ficará grata por ser um padre impassível realizando uma cerimônia religiosa. Ele não sente prazer com isso, só quando terminar você entenderá como seria se fosse seu marido brutal tentando se esvaziar às suas custas. — Eu não conseguia acreditar nas palavras que saíam de sua boca. Era como se ela tivesse sofrido uma lavagem cerebral feita por velhos assustadores da igreja, fazendo-a acreditar que não gostavam de deflorar virgens na

véspera de seus casamentos, em nome de seu Deus. — Felizmente estará escuro aqui quando o padre chegar, então ele não terá que ver a prova de sua desobediência. — Ela indicou para minha bochecha onde a pele queimava de dor. Eu sabia que tinha a marca da mão dela. — Ele estará aqui na próxima hora depois de se encontrar com Nicolas e seu pai. Fique aqui e seja boa. Te verei de manhã. — Ela me deu um breve aceno de cabeça mais uma vez e depois saiu do quarto.

Trancando a porta por fora ao sair.

Soltei um suspiro estremecido e olhei para o teto escuro enquanto meu mundo começava a escurecer por causa dos tranquilizantes. Normalmente demorava mais para o tônico começar a acalmar meus sentidos.

Mas suponho que esta noite a bebida foi pesada para me *ajudar* a suportar.

Esperei pelo que pareceram horas, mal respirando cada vez que um barulho ecoava pelo longo corredor do lado de fora da porta do meu quarto até que eu estava quase chorando. Sombras dançavam ao redor do quarto escuro graças à luz suave e brilhante das velas que vinha da mesa onde a bacia de água benta estava no centro do quarto. Era uma luz orientadora para o monstro limpar as mãos depois que seu *dever* fosse cumprido.

Maldito vômito.

O tônico se aprofundou depois de um tempo, deixando-me numa calmaria constante de dormência e indiferença e minhas pálpebras começaram a fechar de tédio e fadiga. Eu não dormia profundamente há semanas por causa de tudo isso e isso estava me afetando.

Mas então, ouvi o som da chave deslizando na fechadura e girando, antes que a luz enchesse a porta quando a porta se abriu, e meu algoz entrou.

Fechei os olhos e me forcei a respirar profundamente enquanto o ouvia girar a fechadura por dentro e depois o toque suave de seus

sapatos enquanto ele caminhava lentamente pelo quarto em direção à bacia.

Meu coração disparou no peito e me senti tonta como se fosse desmaiar com o som dele sozinho no meu quarto. As angústias que tive por me casar com o homem mais temido do mundo diminuíram quando enfrentei esse obstáculo para chegar até lá.

Abri um olho e segui o homem até a bacia e respirei rapidamente quando vi o quão grande ele era. Ele ficou afastado de mim, olhando para a bacia.

Eu não tinha certeza do que esperava ver quando olhasse, talvez um velhinho vestindo vestes negras de santidade. Mas o que eu não esperava era ver ombros do tamanho de um mamute cobertos por uma camisa branca justa de botão que afunilava onde ficava enfiada em uma calça preta que abraçava seus quadris estreitos e pernas longas. Estava escuro e tive dificuldade em ver mais alguma coisa sobre ele porque ele estava entre mim e a luz. Ao meu suspiro, ele olhou por cima do ombro o suficiente para olhar para mim antes de voltar sua atenção para a bacia.

Putá merda.

E eu quis dizer isso da maneira mais desrespeitosa possível.

Não havia nada de sagrado nesse padre, exceto pela aparência de durão. Seu cabelo era curto nas laterais e com mechas escuras e onduladas no topo, sob a luz quente e brilhante, parecia que tinha um pouco de fios grisalhos ao redor de suas têmporas.

Ele parecia um modelo gostoso de raposa prateada no Instagram.

Ele zombou e me trouxe de volta à realidade, e enfiou o dedo na bacia de água benta, observando-a ondular antes de se levantar e se virar para mim.

Encolhi-me ainda mais na cama, na esperança de desaparecer completamente sob seu olhar predatório enquanto ele se aproximava. Quando ele estava na ponta da cama, ele ficou ali, me observando em

silêncio com o rosto envolto em sombras enquanto eu sentia algo formigando minha pele através da névoa do tônico.

Mas eu não tinha ideia do que diabos era.

— Arianna. — Ele disse com um ronronar grosso e meu peito desabou em um suspiro antes de respirar fundo, apertando o lençol contra o peito.

— Sim. — eu sussurrei enquanto ele deslizava os dedos sobre meus dedos dos pés e pegava o lençol em sua mão, e lentamente o puxava para baixo. Agarrei-o sob o queixo e tivemos um rápido jogo de cabo de guerra sobre ele antes que ele puxasse com mais força e deslizasse dos meus dedos, sussurrando sobre o meu vestido em uma pilha a seus pés.

— Esta cerimônia é para prepará-la para seu marido e para abençoar seu casamento. — Ele não formulou isso como uma pergunta, então eu não respondi, em vez disso apenas fiquei lá e o observei. Seus olhos eram de uma cor verde que pareciam brilhar nas sombras. Eu os observei viajar da minha cabeça para baixo do meu corpo até onde meus dedos dos pés descalços apareciam por baixo do meu vestido e um sorriso predatório puxou seus lábios para trás, mostrando seus dentes brancos e brilhantes.

— Você é o padre? — Eu expressei a dúvida girando em minha cabeça. Eu nunca tinha visto um padre assim antes. As mangas da camisa estavam arregaçadas nos antebraços, e eu tinha certeza de que podia ver os redemoinhos escuros das tatuagens em sua pele, mas no escuro, poderiam ser sombras.

— Você estava esperando outra pessoa? — Ele ergueu uma sobrancelha severa para mim.

— Não. — Eu sussurrei e então respirei fundo, lutando contra o tônico para formar mais palavras. — Não sei o que fazer.

Aquele sorriso sarcástico enfeitou seu rosto novamente e ele passou as costas do dedo sobre as pontas dos meus dedos de um pé, depois tocou a bainha do meu vestido. — O que você quer fazer?

Sua pergunta me surpreendeu e eu abri e fechei a boca repetidamente enquanto tentava formular uma resposta. — Acabar com isso, eu acho.

Eu nunca admitiria isso, mas seu toque gentil em meus dedos dos pés estava fazendo as coisas se agitarem dentro de mim. Ele não era nada do que eu esperava, e o puro... domínio dele e sua presença estavam me deixando quente.

Como tudo.

O calor encheu meus membros e chegou ao meu torso e depois desceu enquanto ele me observava com seu olhar silencioso.

— Então vamos continuar com isso. — Ele disse colocando um joelho na cama ao lado das minhas pernas e se inclinou sobre mim até que seu rosto estivesse a apenas trinta centímetros de distância. — Primeiro, vamos tirar isso. — Estendendo a mão antes de puxar suavemente o laço do vestido em meu pescoço. Eu podia sentir meu pulso acelerado na pele logo abaixo de seus dedos.

— Por quê? — Eu sussurrei: — Por que tirar isso?

— Porque eu quero tirá-lo. — ele disse com firmeza e estendeu a mão até o laço entre meus seios e puxou-o.

Olhei além de sua cabeça para o teto e tentei não gemer quando o tecido roçou meus mamilos. Eles estavam duros e doloridos para serem tocados, embora eu não conseguisse entender por quê.

Ele deslizou o terceiro e último laço e o vestido que eu usava se abriu, deslizando do meu corpo para revelar toda a minha pele aos seus olhos enquanto ele olhava para mim.

Eu ia desmaiar.

Meu coração estava acelerado demais para o meu próprio bem e eu ia desmaiar.

— Olhe para mim, Arianna. — Ele ordenou em voz baixa e meus olhos se voltaram para os dele. — Não olhe para nenhum outro lugar além de mim. Você entende?

— Não. — Admiti. — Não entendo nada agora

Ele sorriu novamente e passou as costas da mão pela minha barriga e a pele estremeceu sob seu toque. — Eu sou a única coisa neste quarto que importa para você agora. — Ele falou enquanto passava a palma da mão quente sobre meu quadril e coxa antes de prendê-la sob meu joelho e afastá-la, abrindo minhas pernas para ele.

Reprimi um gemido de vergonha enquanto ele olhava para minha área mais privada como se fosse o lobo com roupas de velhinha. Sua expressão era pura fome.

Isso deveria me causar repulsa. O homem que foi confiado pelos pais para atuar... deixa pra lá.

Este homem não era honrado, nem meus pais ou quaisquer outros pais que voluntariamente permitissem que um estranho rasgasse o hímen de sua filha virgem em nome da tradição.

— Apenas faça isso. — eu ofeguei. Desesperada para que o homem acabe com isso e me deixe em paz para que eu possa pensar direito novamente. Porque havia algo nele que turvava meus sentidos muito mais do que qualquer dose de tônico já fez. — Por favor.

— Você está molhada para mim? — ele perguntou e eu estremei com a repulsa dessa pergunta.

Meus olhos se arregalaram e balancei a cabeça rapidamente. Eu era virgem, mas não era inocente da excitação das mulheres e do que acontecia com nossos corpos quando isso ocorria. Eu tinha vinte anos, não cinco.

— Então precisamos te molhar, ou eu vou te rasgar quando eu te levar. — Ele disse, abrindo mais minhas pernas e se ajoelhando entre elas.

— Não é esse o ponto? — Eu perguntei, fechando os olhos.

— Talvez para alguns, mas não para mim. — Ele respondeu rapidamente.

— Que nobre da sua parte. — Eu disse antes que pudesse me conter, então estremei quando sua mão se moveu, esperando ser atingida. Quando isso não aconteceu, abri um olho e o vi ainda curvado sobre mim, olhando para meu rosto enrugado.

Seus dedos deslizaram sob meu queixo e ele inclinou minha cabeça para o lado, mostrando o lado do meu rosto que minha mãe havia batido antes de sair. — Eles bateram em você?

— Isso importa? — Eu desafiei: — Apenas faça o que você veio fazer aqui, por favor. — Fechei os olhos novamente e me forcei a mantê-los fechados, mesmo sabendo que ele estava olhando para mim.

Por que ele se importava? Antes não era como se a igreja se importasse com os pais disciplinando seus filhos, por que começar agora?

Porque este homem não era como os outros que conheci antes.

Ele era um enigma de muitas formas.

— Se você insiste. — Ele disse e então desceu da cama, colocando as mãos sob meus joelhos e empurrando-as em direção ao meu peito.

Eu odiei isso.

Mas eu não podia negar a maneira como o ar estava frio contra meus lábios inferiores molhados enquanto ele me abria, revelando a mentira que eu havia contado antes, quando ele me perguntou se eu estava molhada para ele.

Eu estava tão fodida da cabeça.

Abri os olhos novamente e olhei para o meu corpo enquanto ele se acomodava de bruços com a cabeça logo acima do meu sexo exposto.

Eu nunca admitiria isso, mas com o rosto dele tão perto, fiquei feliz por minha mãe ter me forçado a depilar há alguns dias.

— O que você está...? — Eu perguntei e congelei quando ele olhou para mim e baixou a boca para o meu centro molhado. — Oh meu Deus! — Eu engasguei quando ele passou a língua por todo meu comprimento

e terminou girando em torno do meu clitóris. Ele inclinou a cabeça e manteve os olhos fixos nos meus.

— Doce, doce boceta, Arianna. — Ele rosnou antes de abaixar seus lábios para mim novamente. Desta vez ele sugou como se estivesse bebendo líquido de uma colher e eu vi estrelas em minha visão e caí de volta no travesseiro.

Isso não estava certo.

Ele não deveria fazer isso.

Minha mãe disse que o homem entraria, deitaria em cima de mim, romperia meu hímen e pronto. Ela insistiu que não era sexo porque ele não empurrava nem terminava. Ele simplesmente se empurraria para dentro de mim para quebrar a barreira do meu futuro marido.

Mas isso.

Isso parecia muito mais pessoal.

— Você não pode... — Eu ofeguei, olhando para o teto enquanto ele gentilmente balançava a cabeça para frente e para trás com meu clitóris sugado em sua boca, estimulando cada centímetro da minha boceta com sua mandíbula grossa e mal barbeada. — Você não é... — Parei novamente e cobri minha boca com as costas da mão quando ele soltou meu clitóris com um estalo antes de enfiar a língua em mim e cantarolar: — Porra! — Eu assobieie e ele riu.

Riso!

— Você é tão doce. — ele disse com aquela voz áspera e grossa que fazia seu peito vibrar contra minhas coxas. — E inocente. — Ele sacudiu meu clitóris novamente. — Ouvir a palavra porra sair de seus lábios é intrigante para mim.

— Isso está errado. — eu chorei, mas antes mesmo que as palavras saíssem dos meus lábios, balancei meus quadris para frente contra seu rosto como uma vagabunda e gemi em meu punho quando ele chupou meu clitóris novamente. — É traição ou *algo assim*! — Eu ofeguei.

— Trair um homem que você nunca conheceu, que nem se deu ao trabalho de se juntar a você na mesa de jantar esta noite? — Ele perguntou e então passou as pontas dos dedos contra meus lábios externos antes de empurrar suavemente um em mim, parando quando ambos sentimos a resistência a um ou dois centímetros de distância. — Não é traição. É *tradição*. — disse ele, mas a maneira como pronunciou a última palavra foi como se ele odiasse tanto quanto eu.

Mas isso não poderia estar certo.

Ele era o padre, pelo amor de Deus.

— Eu quero que você goze, então você ficará relaxada quando eu te foder. — ele exigiu e eu engasguei com suas palavras grosseiras. Ele chupou meu clitóris novamente e então me balançou para frente e para trás em seu rosto como se eu estivesse andando a cavalo e em segundos eu estava chegando ao limite do meu primeiro orgasmo assistido. Meus pais estavam no corredor enquanto eu desfrutava dessa tortura? Eles poderiam ouvir meus gemidos?

Eu estava com tanta vergonha de mim mesma e deles por me obrigarem a fazer isso. Mas isso não impediu o prazer.

— Oh meu Deus. — eu sibilei e arqueei minhas costas até que apenas meus quadris e meu couro cabeludo tocaram a cama enquanto ele me empurrava através dela e entrava em um segundo orgasmo espontâneo. — Pare — gritei, empurrando seu rosto. — Por favor, é demais. — implorei, ele estourou meu clitóris novamente e deslizou para fora da cama, deixando-me em uma poça de umidade e prazer.

Eu o observei se levantar e olhar para mim, confuso sobre por que ele estava parando se ele não tinha feito o que veio fazer. Mas então ele estendeu a mão e deslizou o botão superior da camisa antes de descer e desabotoá-los todos, então a puxou para fora da calça.

Sua mandíbula brilhava sob a luz fraca dos meus orgasmos, eu assisti em silenciosa euforia enquanto ele despia seu corpo bem na minha frente.

Meu Deus, ele era magnífico.

A escuridão em seus braços era tinta e não parava por aí. Redemoinhos pretos e palavras cobriam cada centímetro da parte superior de seu corpo, no peito e na barriga, e sob o tecido de sua cintura.

Apertei os joelhos enquanto ele afrouxava o cinto e desabotoava o botão da calça, revelando a pele nua por baixo.

Comando.

— Por que você está ficando nu? — Eu sussurrei com medo e apreensão.

Ele sorriu aquele mesmo rosnado predatório para mim e empurrou a calça para baixo, revelando o maior pau que eu já tinha visto antes.

E embora eu nunca tivesse visto um pessoalmente, assisti a vários vídeos on-line para saber que ele era maior do que a maioria.

Ainda maior que os atores pagos.

— Você prefere que eu fique vestido quando tirar sua virgindade? — Ele perguntou, tirando os sapatos e a calça para ficar nu na ponta da cama. Ele passou a mão pelo abdômen, esfregando a barriga antes de empurrá-la para baixo para agarrar sua ereção, e acariciou-a lentamente enquanto eu observava.

Eu gemi, fechando os olhos e cobrindo-os com as mãos para garantir enquanto ele rastejava de volta para a cama, empurrando sua coxa entre as minhas até que seu grande corpo ficasse embalado contra o meu.

Era muito íntimo assim, nu e tocando dos dedos dos pés ao esterno.

— Olhe para mim, Arianna. — ele ordenou e eu obedeci, deixando cair às mãos em punhos no peito porque não conseguia lutar contra a reação instantânea do meu corpo a ele. Seus olhos verdes brilharam bem acima dos meus e eu lambi os lábios em apreensão, e ele rastreou o movimento. — Eu quero que você olhe para mim o tempo todo.

— Ok. — eu sussurrei.

— Boa menina. — ele disse e alcançou entre nossos corpos para esfregar a cabeça de seu enorme pau através da umidade que ele tirou de mim. — Pingando para mim. — Ele sorriu e eu estremeci de vergonha. Mantive minhas mãos no peito enquanto me preparava para a invasão, mas ele não avançou como eu esperava. Ele apenas continuou deslizando pela minha umidade de uma maneira provocante.

— Faça isso — eu disse. — Por favor, acabe com isso.

Ele levantou um lado do lábio superior, empurrando lentamente para dentro de mim.

Eu engasguei e meus punhos deixaram meu peito, cravando minhas unhas em seus ombros fortes enquanto ele encontrava a mesma resistência dentro de mim. Ele se afastou e correu a parte inferior de seu pau através da minha umidade, contra meu clitóris novamente e eu gemi, incapaz de pará-lo antes que ele saísse dos meus lábios.

Senti o rubor de vergonha que estava em meu rosto desde que ele entrou pela porta se aprofundar ainda mais quando admiti que o queria apenas com sons.

Ele se afastou e fez isso de novo, mas quando meus lábios se separaram para gemer novamente, ele abaixou os seus e absorveu antes de correr sua língua contra a minha em uma dança sedutora.

Eu nunca tinha sido beijada antes.

E de alguma forma, a maneira como ele me beijou, esfregando lentamente a língua na minha até que comecei a retribuir, pareceu mais íntima do que a maneira como ele correu todo o comprimento do seu pau contra a minha boceta.

Uma de suas mãos deixou o colchão e deslizou sob meu pescoço para me ancorar nele enquanto ele inclinava a cabeça e aprofundava o beijo ainda mais. Deslizei minhas mãos por seus ombros, incapaz de mantê-los imóveis e ele gemeu em minha boca quando passei minhas unhas na parte de trás de seu couro cabeludo.

Agarrei-me a ele enquanto ele continuava esfregando meu clitóris com toda a extensão de seu pau e fodia minha boca com sua língua, me perdendo no tabu erótico que ele estava girando ao meu redor como uma teia. Eu estava tão perdida para ele que não percebi quando ele moveu os quadris e se alinhou de volta com a minha entrada até que avançou, rasgando minha virgindade e empurrando todo o seu pau em meu corpo.

— Deus! — Eu gritei contra seus lábios enquanto ondas de dor e náusea percorriam meu corpo devido à brusquidão disso. Ele ficou imóvel, enterrado bem no fundo, e me observou enquanto lágrimas enchiam meus olhos por causa da queimação.

Mas ele ficou quieto e esperou que eu superasse o choque. Pisquei rapidamente enquanto superava as ondas de dor até que minha respiração finalmente voltou ao normal e removi minhas unhas de sua nuca, onde elas estavam cravadas. Engoli e tentei relaxar meus músculos para me preparar para ele sair e acabar com essa tortura de dor e prazer que ele me infligiu como minha mãe havia dito que faria.

Mas em vez disso, ele inclinou minha cabeça em direção à dele com a mão ainda segurando minha nuca e olhou nos meus olhos. — Esta noite, eu sou seu deus. — Ele rosnou e girou os quadris, esfregando meu clitóris com seu osso pélvico duro até que eu gemi novamente. — Boa menina. — Ele me elogiou com aquele mesmo sorriso.

— É isso, certo? — Eu ofeguei, tirando minhas mãos de seus ombros e colocando-as contra meu peito novamente. — Acabou?

Ele girou os quadris novamente e levantou minha coxa em volta de sua cintura antes de sair lentamente de mim. Quando apenas a cabeça grossa e bulbosa de seu pau permaneceu dentro de mim, preendi a respiração, esperando pela sensação de vazio que imaginei que viria quando ele se libertasse. Mas ele lambeu os lábios e bateu em mim novamente, girando os quadris no impulso para frente e puxando novamente, antes de repetir o movimento uma e outra vez. — Ainda não terminei com você, Arianna. — Ele rosnou e pressionou seus lábios

contra os meus novamente, silenciando a próxima linha de gemidos que saíram deles enquanto a dor dava lugar ao prazer intenso com cada balanço de seus quadris e o deslizamento dele empurrando e puxando do meu corpo.

— Eu não — eu engasguei. — Eu não entendo.

— Não. — ele respondeu antes de pegar uma das minhas mãos e deslizá-la de volta em seu pescoço, onde elas estavam quando ele me beijou pela primeira vez. — Apenas aproveite.

— Aproveitar? — Chorei como se o pensamento fosse bárbaro, mesmo gemendo na respiração seguinte.

— Tão apertada — ele rosnou, mordendo meu lábio inferior e sugando-o em sua boca. — Essa boceta é tão boa.

— Oh, meu Deus. — Eu gemi, empurrando minha cabeça para trás nos travesseiros para me afastar de sua boca, enquanto levantava meus quadris e apertava minha perna em volta de sua cintura, acrescentando a outra para me agarrar a ele.

— Tire seus prazeres de mim. — Ele exigiu, estendendo a mão entre nossos corpos para agarrar um dos meus seios, apertando-o e beliscando o mamilo em um botão duro antes de deixar cair sua boca nele enquanto continuava a empurrar para dentro de mim.

— Porra! — Eu gritei, cravando minhas unhas na parte de trás de seu couro cabeludo para segurá-lo contra meu seio enquanto ele chupava como se tivesse meu clitóris. — Não pare. — Eu gemi, ignorando a vergonha que tentava queimar na minha barriga.

Ele me recompensou sugando mais fundo em sua boca e empurrando com mais força, pressionando meu clitóris com mais força em cada golpe enquanto eu ofegava em seus braços.

— Eu quero que você goze pra mim. — Ele disse, deixando meu mamilo se inclinar para trás sobre meu rosto. — Eu preciso sentir seu corpo convulsionando em torno do meu pau, pequenina.

Meus olhos rolaram na minha cabeça, eu arrastei minhas unhas por seus ombros enquanto suas palavras voavam através do meu cérebro nebuloso como mísseis em busca de calor, a caminho através do meu corpo até os receptores nervosos responsáveis pelos meus orgasmos. Porque momentos depois, o interruptor girou dentro de mim e eu explodi ao redor dele.

— Sim! — Eu chorei, levantando minha cabeça do travesseiro enquanto meu corpo se contraía do nariz aos pés. — Sim! — Ele me fodeu com mais força ainda, batendo em mim até que seu peito estava acima do meu rosto e eu mordi seu peito em êxtase quando meu orgasmo assumiu.

— Porra. — Ele gemeu, batendo a palma da mão na cabeceira da cama enquanto usava seus quadris para se esfregar contra mim. — É isso. Com mais força — acrescentou ele: — Morda com mais força.

Eu estava fodida na cabeça, incapaz de impedir que meus dentes apertassem ainda mais ao redor do músculo grosso e musculoso de seu peito enquanto ele gritava meu nome. Senti o calor dentro de mim aumentar e engrossar quando ele empurrou mais duas vezes antes de parar. Seu pau estremeceu e espasmou com o calor, e percebi que ele estava me enchendo com seu gozo.

Meus dentes se soltaram de seu peito e minha cabeça caiu para trás no travesseiro em estado de choque.

Que porra eu acabei de fazer?

Ele flexionou os quadris repetidamente, como se estivesse tentando empurrar ainda mais fundo em mim enquanto minhas paredes internas continuavam a se apertar em torno dele por conta própria, com os tremores do meu orgasmo.

Quando ele finalmente se acalmou, tirou a mão da cabeceira da cama e apoiou os cotovelos no travesseiro sob minha cabeça, olhando para mim. Eu não sabia o que dizer, pois a descrença e a vergonha tomaram conta de mim.

Foi assim com todas as virgens?

Ou pelo menos aquelas forçadas a realizar este ato antigo?

Não poderia ser.

Sem chance.

Isso era tudo ele.

— Hmm. — Ele rosnou profundamente em seu peito, vibrando contra o meu e meus mamilos endureceram ainda mais contra ele. Seus olhos verdes brilharam antes que um olhar de indiferença passasse por seu belo rosto.

Bonito?

Eu realmente acabei de chamar esse... torturador de bonito?

E eu realmente chamei isso de tortura?

Porque se eu tivesse que ser honesta, não foi. Eu não queria isso, mas de alguma forma ele ainda conseguiu me fazer desejá-lo e aproveitar isso como ele exigia que eu fizesse. Ele estava distorcido e eu também.

Ele puxou os quadris para trás e deslizou do meu corpo, me observando estremecer enquanto ele se libertava. Eu podia sentir a umidade de seu orgasmo e a minha misturada escorrendo do meu corpo em sua ausência e fechei minhas pernas enquanto ele rastejava para fora do pé da cama para olhar para mim.

— Deixe-me ver. — ele ordenou, afastando meus joelhos para olhar para minha boceta. Ele rosnou novamente: — Virgem não mais. — Ele assentiu com uma inclinação dos lábios e soltou meus joelhos.

Foi quando notei a mancha vermelha cobrindo seu pau e osso púbico. Ele caminhou até a bacia no centro do quarto e molhou um dos panos em água e depois limpou o sangue de seu corpo. Ele molhou o outro pano e voltou para mim, sem dizer mais nada.

Ele abriu meus joelhos mais uma vez e limpou a bagunça que nós dois tínhamos feito, observando meu rosto atentamente enquanto eu estremecia novamente com a dor ardente deixada em seu rastro, mas

não ofereceu condolências ou conforto. Quando ele terminou, ele se levantou e olhou para mim com o mesmo olhar indiferente no rosto.

Era como se ele quisesse dizer alguma coisa, mas se obrigasse a ficar em silêncio.

O que ele diria depois de um momento como este?

Desculpe, eu me aproveitei de você.

Ainda bem que você gozou em cima do meu pau como uma boa putinha.

Fechei os joelhos e apertei o vestido sobre o peito, escondendo-me dele, embora ele já tivesse visto e provado a maior parte.

Ele sorriu para mim com aquele rosnado ameaçador e depois passou uma das mãos grandes pelo abdômen novamente.

Não sei por que, mas o movimento me fez sentir... selvagem.

Era muito excitante.

E eu me odiei por isso.

Ele se vestiu lentamente, como se não se importasse que eu estivesse deitada diante dele observando. Senti a névoa tônica começar a descer sobre mim novamente, agora que a adrenalina e o medo haviam desaparecido.

Minhas pálpebras se fecharam e meu corpo relaxou completamente na cama até que ouvi o tilintar do copo em cima da cômoda e meus olhos se abriram.

O homem ficou ali, tirando o copo do tônico antes de levar a garrafa ao nariz para cheirar a bebida amarela.

— Não beba. — eu sussurrei e depois limpei a garganta para tentar adicionar mais volume. — Está drogado.

Ele colocou a garrafa de volta na cômoda e olhou para mim pelo canto do olho. Suas sobrancelhas estavam apertadas sobre os olhos e seu rosto não estava mais impassível ou indiferente.

Agora estava furioso.

— Drogado com o quê?

Encolhi os ombros e virei de lado para encará-lo, incapaz de manter os olhos abertos por mais tempo, então os deixei fechar. — Algo para me manter obediente.

Quando finalmente abri as pálpebras novamente, ele ainda estava olhando para mim com aquele olhar irritado no rosto. Ele colocou o copo de volta na abertura da garrafa e voltou para a cama, abaixando-se para pegar o lençol e o cobertor que haviam sido colocados no chão antes da cerimônia.

Ele sacudiu os pulsos e abriu os dois por cima do meu corpo enrolado e ficou sobre mim: — Seu casamento foi abençoado. — disse ele. — Boa sorte com seu novo marido.

Então ele se virou e saiu do quarto, jogando a chave na mesa ao lado da porta e fechando a fechadura por dentro antes de fechar a porta.

Ele trancou o resto do mundo e me deu o que esperava ser a única chave.

Esse foi um presente com o qual nunca fui abençoada antes.

E caí em um sono profundo e sem sonhos, sabendo que ninguém poderia chegar até mim e interrompê-lo.

Capítulo Três
ARIANNA



Na tarde seguinte, sentei-me com um roupão de seda na penteadeira, assim como fiz na noite passada, enquanto a equipe de glamour da minha mãe secava e enrolava meu cabelo. Eu estava atordoada, mas desta vez não era por causa do tônico.

Foi a partir das memórias que continuaram girando na minha cabeça do misterioso padre na noite passada e das coisas que ele fez meu corpo sentir e experimentar.

E como eu ansiava por senti-las novamente.

Eu não conseguia mais me preocupar em pensar no meu futuro marido e me preocupar com o tipo de homem que ele seria comigo, porque eu só tinha capacidade cerebral suficiente para o homem da noite passada.

— Ari! — Anita gritou do outro lado do quarto. — Eu disse, posso usar isso? — Ela ergueu um vestido de seda branco que eu trouxe para as atividades do casamento, embora eu não precisasse usá-lo, já que não tinha nenhuma atividade para participar além do jantar da noite passada.

O mesmo que meu futuro marido não se preocupou em comparecer.

De qualquer forma, foi isso que o padre disse.

— Não, você não pode usar seda branca no casamento da sua irmã, Anita. — Minha mãe bufou de sua cadeira do outro lado do quarto. Apoiou a testa nas mãos e bebeu uma mimosa.

— Mama, você está bem? — perguntei, surpreendendo quase todos no quarto, porque geralmente não conseguia falar, graças aos sedativos do tônico. Mas eu estava com os olhos brilhantes e a mente espessa hoje.

Talvez tenha sido porque eu dormi a noite toda e até tarde na manhã.

O que geralmente nunca era permitido para mim, mas quando finalmente acordei e forcei meu corpo macio para fora da cama, abri a porta do corredor e encontrei dois homens gigantes montando guarda do lado de fora.

O maior dos dois guardas, Saul, ao se apresentar, me disse que eles estavam sob ordens estritas de impedir que alguém me perturbasse enquanto eu dormisse. Mesmo depois que acordei, eles ficaram de guarda dentro do meu quarto quando alguém estava comigo.

— Tudo bem, querida. — disse minha mãe com um olhar furioso. — Seu pai e eu nos divertimos um pouco demais na noite passada e percebemos que não somos tão jovens quanto éramos antes. — Ela bebeu a mimosa e ergueu o copo para pegar outra.

Uma empregada se afastou da parede, pegou seu copo e saiu do quarto para preparar outra.

— Bem, o que devo vestir então? — Anita fez beicinho e caiu para trás na minha cama. — Não quero usar o vestido simples que você e Papa escolheram para mim — ela disse. — Parece um saco de batatas disforme.

— Trata-se de proteger a sua modéstia, querida. — Mamãe disse monótona, parecendo pouco interessada na conversa, especialmente porque Anita argumentou o mesmo em todos os eventos aos quais compareceu no ano passado.

Que também foi seu primeiro ano no mercado matrimonial, como Amelia e eu chamávamos. Foi realmente doentio, visto que Anita tinha apenas doze anos e meus pais a exibiam em eventos na esperança de que uma família pudesse vê-la e desejar unir-se à nossa através do casamento. Mas foi exatamente o que aconteceu comigo e com minha irmã do meio.

Foi assim que cheguei aqui.

Em uma mansão escondida nas montanhas, no dia do meu casamento com um homem que nunca conheci antes, simplesmente porque o pai dele desejou fazer um acordo com meu pai há oito anos, em alguma festa.

Era arcaico e bárbaro e eu não conseguia acreditar que não existissem leis que impedissem pessoas como meu pai de fazer tais coisas.

Mas acho que quando você é um dos homens mais ricos do mundo, pode se safar com mais do que a média.

Então, recostei-me na cadeira e permiti que a equipe continuasse a me preparar para ser prostituta pelo resto da minha vida com um homem que, segundo rumores, era o pior vilão de qualquer história.

— Ari — minha mãe gritou de seu assento caído. — Levante-se e pegue um copo de tônico, querida, não me lembro de ter servido um para você hoje, já que você dormiu como um cachorro preguiçoso.

— Dê um tempo a ela, Mama. — Amelia argumentou por mim: — Depois de suportar a cerimônia ontem à noite sem grandes soluços, acho que ela deveria descansar um pouco no dia do casamento. — Minha irmã piscou para mim e senti meu rosto ficar vermelho.

Ela sabia?

Que eu... me *diverti* ontem à noite.

Não, não havia como.

Não, a menos que ela ouvisse meus gritos de prazer.

— Ari! — minha mãe gritou: — Tônico. Agora. — Cortando minhas preocupações internas. Levantei-me do assento, ignorei o esquadrão glamour e caminhei até a cômoda.

Mas a garrafa de vidro com tônico havia sumido, assim como o copo. — Mama, não está aqui.

— O que você quer dizer com não está aí? — minha mãe retrucou irritada: — Onde você colocou?

— Eu não mexi. — eu olhei para ela com os olhos arregalados.

Tentei ser mais esperta que minha mãe algumas vezes quando o tônico esteve envolvido no passado. Uma vez joguei metade no ralo e enchi o resto com limonada para diluir a droga, mas ela sentiu o cheiro da diferença no instante em que tirou a tampa. Outra vez, derramei a garrafa inteira no ralo e quebrei a garrafa de vidro em um milhão de pedaços dentro de uma fronha e joguei tudo no vaso sanitário em desafio.

Ela me trancou no meu quarto por doze dias e só recebi três refeições durante todo esse tempo.

Eu sabia que não deveria mais mexer com a preciosa bebida de controle da mente. Eu nunca iria vencer a guerra contra ela e meu pai enquanto eles tivessem isso em seu arsenal.

Minha mãe levantou-se da cadeira e o quarto ficou em silêncio enquanto minhas irmãs observavam a cena se desenrolar diante delas. Ela atravessou o quarto lentamente, com o poder gentil de uma leoa perseguindo sua presa e eu lutei contra a luta ou fuga que corria em minhas veias, gritando para eu correr.

Isso iria doer.

— Eu não mexi, eu juro. — Tentei mais uma vez, enquanto ela se aproximava com ameaça em seus olhos castanhos escuros. — Eu não mexi.

— Sua puta mentirosa. — ela sussurrou com raiva.

— Eu tirei. — Uma pequena voz chamou do outro lado do quarto. A empregada que estava buscando a mimosa da minha mãe estava parada na porta, com dois coquetéis na bandeja e uma expressão assustada no rosto.

Os guardas de antes também estavam lá, em algum momento, eles se aproximaram de nós sem serem notados enquanto minha mãe me perseguia.

Minha mãe se voltou contra a pobre menina, atirando punhais em seus olhos. — Por que você moveria algo que não pertence a você? — ela retrucou.

— Sr. Capasso insistiu que a única comida e bebida que a Sra. Rosetti fosse servida hoje viesse diretamente da cozinha, através de mim, para ela. — disse a empregada com firmeza, sem dúvida corajosa o suficiente para enfrentar minha mãe por causa das centenas de quilos de músculos de cada lado dela.

— Isso é um absurdo! — Minha mãe gritou. — Ela é minha filha e eu sei o que é melhor para ela, quero o tônico dela de volta. E eu quero isso de volta agora mesmo!

— Sinto muito, senhora. — disse a empregada, mas manteve-se firme, mesmo enquanto eu tremia como uma folha. — Sr. Capasso instruiu a mim, assim como a Saul e Dio, que se houvesse algum problema com seu pedido, abordasse o assunto diretamente com ele.

— Tudo bem. — Minha mãe retrucou, virando-se para mim com fogo nos olhos. — Voltarei e quando voltar, espero que você tome seu tônico sem reclamar.

Balancei a cabeça com os olhos arregalados e observei enquanto ela saía furiosa do quarto antes de eu desabar em uma das cadeiras próximas.

— Senhorita. — A empregada deu um passo à frente, colocando um copo na cômoda e me entregando outro antes de se ajoelhar na minha frente. — Você está bem? Sinto muito se isso te chateou. — Ela era jovem, provavelmente da minha idade, talvez alguns anos mais

velha. Seu cabelo loiro platinado brilhante estava preso em um nó elegante na parte de trás de sua cabeça e seus olhos eram azuis cristalinos quando ela levantou minha mão do meu colo e colocou o copo entre meus dedos. — Beba. — ela instruiu. — Você está pálida.

Levantei o copo até o nariz e cheirei, incapaz de captar qualquer indício de algo amargo ou medicinal, então tomei um pequeno gole hesitante. — Mmh — sorri para ela e tomei outro gole. — Isso é delicioso.

Ela sorriu abertamente para mim e olhou por cima do ombro para os guardas. Saul encostou-se a parede como se pudesse se misturar ao papel de parede creme em seu terno preto e feições morenas, e Dio, o outro, saiu do quarto, trancando-o mais uma vez por dentro ao sair.

— Qual o seu nome? — Perguntei à jovem empregada enquanto ela se levantava e passava as mãos sobre a saia preta reta.

— Molly, senhorita. — Ela disse com uma rápida inclinação de cabeça. — Serei sua nova assistente pessoal durante sua estada aqui em Armarow Estate, agora e no futuro. Qualquer coisa que você precisar passará diretamente por mim e eu garantirei que todas as suas necessidades e desejos sejam atendidos.

— Que vida. — Amelia brincou do outro lado do quarto com um sorriso malicioso e eu acenei para ela.

— Obrigada, Molly. — Acenei de volta para ela e tomei outro gole da minha bebida. — Lamento que você tenha conhecido esse lado da minha mãe. — Fiz uma careta. — Embora, para ser honesta com você, estou feliz que tenha sido você e não eu. Você lidou com ela muito melhor do que eu jamais fiz.

Ela deu um tapinha no meu ombro e pegou o outro copo, entregando-o para Amelia com uma piscadela antes de começar a arrumar as roupas que minha irmã Anita havia arrancado do meu armário e deixado em uma pilha. — Eu tenho apenas uma pessoa a quem responder enquanto estiver nesta propriedade, senhorita. — ela

disse com um pequeno sorriso. — E depois da cerimônia desta noite, você também terá.

— Sr. Caparro? — Eu perguntei, ignorando os olhares questionadores da minha irmã com a menção do seu futuro cunhado.

— Sim, senhorita — disse Molly pendurando o vestido que Anita havia pedido para usar. — Sr. Capasso é responsável por tudo nesta área. Até pelos seus pais quando os visitarem depois de hoje.

Bufei em meu copo e sorri: — Não acho que eles vão me visitar quando tudo isso estiver dito e feito. — Olhei pela janela atrás dela e mais uma vez admirei a paisagem e as cores do outono lá fora. — Embora eu não me sinta tão arrasada por causa disso, como você pode imaginar.

Molly sorriu e acenou com a cabeça conscientemente enquanto continuava sua tarefa.

— Espere — eu disse com uma pausa. — Como o Sr. Capasso sabia sobre o... — Fiz uma pausa para pensar em um nome mais apropriado para a bebida drogada, mas não consegui. — Tônico? — Eu balancei minha cabeça: — Por que ele colocou guardas aqui?

Molly encolheu os ombros enquanto trabalhava: — Não tenho certeza, senhorita, ele estava me esperando esta manhã quando eu estava me preparando para o dia e me deu minhas instruções. Saul e Dio já estavam à sua porta quando eu cheguei.

— Hmm — cantarolei e tomei outro gole da minha bebida. — Interessante.

Voltei para a penteadeira e permiti que a equipe retomassem a tarefa de me preparar para a cerimônia, enquanto uma conversa confortável começava novamente entre minhas irmãs.

Eu as ouvi, mas meus pensamentos voltaram para a noite passada e para tudo o que aconteceu no mesmo quarto em que eu estava sentada.

Fechei os olhos e lembrei-me da maneira como ele olhou para mim com tanto poder nos olhos. Mas pela primeira vez, não senti medo do poder que ele exercia sobre mim.

Lembrei-me da sensação de sua boca quando ele me beijou. E quando ele lambeu meus seios e meu...

Um rubor percorreu meu rosto com a lembrança dele deitado entre minhas pernas, me agradando com sua língua como se não tivesse mais nada no mundo com que se preocupar naquele momento.

— Você está bem, senhorita? — Molly perguntou, e eu abri meus olhos para encontrá-la parada ao lado do espelho com preocupação nos olhos.

— Bastante. — Eu disse e engoli os arrepios que estavam crescendo em meu corpo pela excitação que as memórias daquele homem trouxeram de volta.

Deus, eu estava tão confusa ao pensar naquela cerimônia com carinho.

— Bem. — Molly disse com um sorriso enquanto colocava uma travessa de lanches deliciosos na mesa na minha frente. — Sr. Capasso me pediu para trazer isso para você. Ele disse para ter certeza de que você estava satisfeita hoje.

Lutei contra o sorriso que tentou levantar meus lábios no que parecia ser um gesto gentil do meu futuro marido. Se ao menos ele tivesse aproveitado a oportunidade para jantar comigo ontem à noite, para que eu pudesse conhecê-lo.

— Ele é um... homem gentil? — Perguntei a Molly em voz baixa. Eu não queria que Saul ou minhas irmãs ouvissem a pergunta vulnerável e esperava que, se ela respondesse com calma, se sentisse confortável em me dar uma resposta honesta.

— Sr. Capasso é... — Ela fez uma pausa e mexeu na comida. — Intencional. — Ela fez uma careta como se aquela palavra não fosse a certa. — Ele nunca faz ou diz nada que não tenha a intenção. Ele está sempre dois ou três passos à frente de todos os outros no mundo.

— Mas isso não fala de sua bondade. — Eu disse com um suspiro.

— Sim — ela sussurrou. — Nos cinco anos em que trabalho para ele, nunca recebi instruções diretas dele para um de seus convidados como recebi com você. — Molly piscou. — Ele até preparou essa comida à mão para você, senhorita. — Ela sorriu: — Eu nunca o vi fazer isso antes. Não vou mentir e dizer que ele é suave ou gentil com alguém, pelo menos não na minha presença. Ele é um homem poderoso, e suponho que até certo ponto se ele fosse suave e gentil, isso diminuiria seu controle sobre o mundo.

— Hmm. — Eu cantarolei, olhando para a matriz diante de mim. — Obrigada.

— Claro, senhorita.

— Por favor, me chame de Ari. — Eu disse com um sorriso, ela sorriu de volta e abaixou a cabeça, mas não concordou antes de ir embora para limpar outros pratos e louças ao redor do quarto.



Em pouco tempo, eu estava com o cabelo e a maquiagem perfeitos, assim como minhas irmãs, e o pôr do sol estava próximo.

O que significava que meu casamento havia chegado.

Entrei no vestido de noiva que não tive voz na escolha, que combinava com a tomada de decisão do meu cabelo, maquiagem e até mesmo com a cor das minhas unhas. Eu admitiria que o vestido era lindo, mesmo que não fosse meu estilo.

Era de renda, com decote em coração e corpete justo em volta do meu corpo com uma cauda longa e pesada com desenho ornamentado. O véu que usei era quase tão longo, caído nas minhas costas para aumentar o efeito de todo o conjunto.

— Você está linda, senhorita. — disse Molly com as mãos cruzadas na frente do coração. — Como uma rainha.

Eu sorri e respirei fundo enquanto tentava lutar contra os nervos. Minha conversa com Molly mais cedo e os pequenos 'presentes' que o Sr. Capasso, Nicolas, me entregou ao longo do dia aliviaram um pouco a apreensão em meu estômago sobre todo o evento. Mas não a removeu completamente, parar de tomar o tônico me deixou nervosa e sensível porque fui forçada a sentir coisas pela primeira vez em muito tempo.

Para ser honesta, havia entusiasmo com a perspectiva de aventura por trás do medo e da raiva de toda a situação.

Eu só esperava que ele não fosse velho e feio.

Ou assustador.

Ou vil.

Ou... uma série de outras características nojentas.

— Uau. — Meu irmão Carmine entrou no meu quarto vestindo um elegante smoking preto. — Sol, você está linda.

Sorri para ele e dei-lhe minha bochecha quando ele se inclinou para me beijar. — Obrigada, Car.

— Fui enviado para buscá-la. — disse ele, estendendo o cotovelo para mim, e não perdi a maneira como seu sorriso descontraído diminuiu um pouco.

— Parece que você está me levando para o pelotão de fuzilamento? — Perguntei a ele: — Porque é assim que me sinto. — respondi baixinho enquanto ele me conduzia para fora do quarto. Molly carregava meu véu e cauda silenciosamente atrás de nós, mas eu me sentia confortável falando livremente na frente dela. No entanto, Saul e Dio desceram as escadas atrás dela, então não me senti tão livre.

— Se eu pudesse impedir isso, Ari, eu o faria. — disse Carmine com firmeza e eu odiei a maneira como pude sentir a raiva dirigida a si mesmo com essa declaração. Ele se culpava por não ser poderoso o suficiente para acabar com isso ainda. — Quando eu liderar esta família, essas tradições doentias irão parar.

Com um sorriso triste, dei um tapinha em seu braço. — Nós dois sabemos que, mesmo no túmulo, meu pai irá controlar esta família nos próximos anos.

— Talvez — ele suspirou, mas acreditei que ele queria tentar mudar as coisas. Eu só esperava que talvez ele chegasse a esse lugar antes que Anita e Amelia enfrentassem o mesmo destino que eu.

— Aí está você! — meu pai sibilou quando nos aproximamos dele. Ele ficou perto das portas do quintal andando de um lado para outro. — Eu estava quase subindo para arrastar você até aqui pelos cabelos, sua criança insolente.

— Ela não está atrasada, pai! — Carmine retrucou, mas afastei seu braço antes que meu pai pudesse retaliar por ele ter falado fora da linha.

— Sinto muito, Papa. — Eu disse, olhando para o chão. — Eu queria estar perfeita para a cerimônia.

Eu menti.

Ele sabia que eu menti.

Mas acalmou um pouco o predador nele me ver tentando seguir com seu plano elaborado. Principalmente porque eu não estava mais drogada. Ele provavelmente me imaginou descendo as escadas em meio a uma onda de caos e recusas.

Eu sabia que meu destino não mudaria, mesmo que eu tornasse o processo difícil.

E eu nunca admitiria isso, mas uma pequena parte de mim não queria que meu marido me conhecesse pela primeira vez enquanto eu fazia birra como uma criança.

Eu meio que queria que ele se orgulhasse da mulher com quem estava se casando.

Como eu disse, nunca admitiria isso para ninguém. Especialmente não meu irmão.

— Vamos resolver isso. — Eu disse com firmeza, acenando para meu pai e lançando a Carmine um olhar que esperançosamente o estimularia a se comportar. Eu não suportava a ideia de ele receber punição em meu nome.

Em alguns minutos, eu não seria mais problema dele.

— Vá para o seu lugar, filho. — Ordenou meu pai, e Carmine acenou para mim antes de sair para o pátio.

Cortinas cobriam as portas, para me esconder até que eu caminhasse pelo corredor, se eu tivesse que adivinhar, mas tive um vislumbre da multidão reunida do lado de fora.

Provavelmente havia cinquenta pessoas lá fora, no pátio inferior, e fui atingida por uma onda de nervosismo novamente.

— Todas essas pessoas são dele? — Perguntei ao meu pai enquanto meus pés congelavam sob mim.

— Não se preocupe com isso, apenas sorria esse seu lindo sorriso, e vamos seguir nosso caminho. — Ele disse e passou meu braço em volta do dele, apertando-o quase dolorosamente. — Comporte-se da melhor maneira possível — ele olhou para mim. — Ou eu prometo a você, farei Amelia e Carmine pagarem caro por isso. Assim como pretendo fazer pela sua desobediência com a cerimônia de bênção da noite passada.

— O quê? — Eu engasguei de surpresa. — O que você está... — eu engasguei. — Deus! — Eu me encolhi quando sua mão apertou tanto meus dedos que eles estalaram e raios de dor subiram pelo meu braço. — Por favor! — Eu chorei, me curvando para tentar tirar minha mão dele. — Desculpe! Por favor!

— Sr. Rosetti. — Saul retrucou atrás de nós, e meu pai olhou para ele. Eles se entreolharam por mais alguns segundos tensos enquanto a náusea da dor quase me consumia antes de meu pai soltar minha mão e colocá-la de volta em seu braço como se não tivesse tentado deslocar doze nós dos dedos diferentes ao mesmo tempo.

Eu cedi e balancei em meus pés enquanto minha visão escurecia. Meu pai disse alguma coisa e então as portas se abriram, revelando-me o grande acontecimento que esperava lá fora.

Engoli o soluço que tentou se libertar quando ele deu um passo à frente e me arrastou atrás dele.

Eu estava disposta a passar por tudo isso, resolvida a simplesmente aceitar meu destino. Claro, ele teve que inclinar a balança mais uma vez, exercendo seu poder sobre mim enquanto me arrastava pelo corredor.

Lutei para manter meu rosto impassível e desprovido da dor que sentia ao passar por estranhos que me olhavam de cima a baixo com críticas escritas em seus rostos. A maioria dos convidados eram homens, em ternos elegantes, com mulheres vestidas com elegantes vestidos de baile nos braços.

Lágrimas brotaram em meus olhos enquanto eu tentava me concentrar e manter minha expressão impassível no lugar. Eu não queria que ninguém visse a fraqueza em meu rosto enquanto eu caminhava pelo corredor. Eu aceitei meu destino e não hesitei em aceitar isso.

Minha visão ficou turva por causa das lágrimas enquanto meu pai me levava até o altar e eu divisava vagamente a silhueta do meu futuro marido ali esperando por mim.

Tentei piscar novamente para clarear minha visão dele, mas era impossível ver através da névoa.

— Aqui está, querida. — disse meu pai com uma voz doentia e doce, passando minha mão para o homem antes de se inclinar para beijar minha bochecha. Estremeci quando seus lábios tocaram minha

pele enquanto meu futuro marido segurava a mão que eu tinha certeza que estava quebrada em vários lugares.

— Obrigada. — Eu sussurrei com um sorriso tenso, olhando para meus pés enquanto minha irmã Amelia pegava meu buquê e Anita arrumava a cauda do meu vestido para ficar perfeito.

As lágrimas caíram no chão aos meus pés e minha visão clareou o suficiente para ver as coisas novamente e olhei para os pés do homem, quase com medo de olhar para ele agora que estávamos tão perto e expostos para tantas pessoas.

Forcei-me a ser corajosa e deixei meus olhos percorrerem seu corpo.

Ele era alto, muito alto.

E suas pernas eram grossas e musculosas na calça justa do terno preto.

Quando meu olhar pousou em sua mão grande, ainda segurando a minha machucada, engasguei em voz alta.

Tatuagens. Elas cobriam cada um dos dedos e as costas da mão, desaparecendo sob o paletó.

Eu as reconheci.

Meus olhos se ergueram para encontrar os olhos verdes elétricos que assombravam todos os meus pensamentos desde a noite passada, quando olharam para mim enquanto o homem misterioso entrava em meu corpo. Agora eles olhavam para mim com diversão e algo mais queimando neles.

— Não. — Eu sussurrei dando um passo para trás. Sua mão apertou a minha e eu estremeci de dor, recuando com seu toque.

Seus olhos escureceram e a multidão assistiu em silêncio enquanto as coisas ficavam desconfortáveis.

O que eles esperavam ver na cerimônia de um casamento arranjado?

— Quieta agora, Pequenina. — Nicolas ordenou com uma voz profunda. — Padre, vá em frente. — Ele se virou para o padre que estava ao nosso lado e eu desviei os olhos do meu futuro marido e pulei quando olhei para o velhinho.

— O quê? — Eu perguntei, balançando a cabeça em confusão. Fui silenciada quando Nicolas deu um passo à frente, eliminando qualquer espaço entre nós, e pegou minha outra mão na dele também, apertando ambas com mais força. Estremeci novamente e cerrei os dentes para não gritar de agonia.

Ele estava me intimidando com seu tamanho e poder.

Um movimento que reconheci do catálogo do meu pai e um pedaço da minha alma se quebrou.

Toda esperança e um pouco de calor que senti hoje com a chegada de cada um de seus pequenos e gentis gestos desapareceram quando percebi que estava me casando com um homem que era muito parecido com meu pai.

Tanto que ele de alguma forma superou a tradição centenária da família Rosetti e foi quem roubou minha virgindade na noite passada, enquanto me deixou acreditar que ele era o padre.

O verdadeiro padre, um velho com o dobro da idade do meu pai, começou suas divagações sobre casamento e uniões, mas não consegui me concentrar no que ele dizia. Olhei para minhas mãos ainda seguradas firmemente nas de Nicolas e tentei permanecer consciente.

Meu corpo se rebelou contra a ideia de que eu tinha transado com meu futuro marido na noite passada, mesmo sem saber. Eu não conseguia entender por que ele mentiria e me enganaria quando não se deu ao trabalho de comparecer ao jantar antes disso.

Ele até falou sobre meu futuro marido como se ele fosse outra pessoa.

— Sim — Nicholas rosnou, olhando para mim quando forcei minha cabeça para trás para olhar para ele.

O padre continuou e depois fez uma pausa, esperando que eu também concordasse. Mas tudo fervilhava na minha cabeça na velocidade da luz, deixando-me sem fôlego e confusa.

Um silvo vindo da primeira fila chamou minha atenção e minha cabeça virou-se para meu irmão Carmine. Seu rosto estava vermelho e tenso enquanto ele olhava para mim, as veias de sua têmpora e pescoço estavam salientes, mas ele não disse nada.

Vi meu pai se mover levemente no assento ao lado dele e captei o brilho do dispositivo de tortura de metal que ele carregava no bolso, pressionado contra as costelas do meu irmão. Ele emitia choque elétrico como um taser, embora parecesse um pequeno garfo, projetado para replicar a ferramenta de reparo de torrões que os jogadores de golfe usavam para consertar a grama quando a desenterravam. Era imperceptível até que ele o usou.

E então foi horrível. Apenas uma vez ele me esfaqueou e foi a pior dor da minha vida.

— Eu aceito. — Eu engasguei — Sim! — Eu nem me preocupei em tentar agir como se estivesse dizendo isso para meu marido, olhei diretamente para meu pai até que ele soltou meu irmão, que afundou na cadeira quando a eletricidade parou de pulsar em seu corpo.

Nicolas seguiu meu olhar até meu pai, que apenas ergueu uma sobrancelha para ele com um sorriso malicioso.

— Eu agora os declaro marido e mulher. — disse o padre, e isso permeou a névoa de pânico em meu cérebro. — Agora você pode beijar sua noiva.

Virei minha cabeça para Nicolas enquanto o medo e a incerteza corriam através de mim.

Ele não faria isso.

O homem soltou minhas mãos enquanto olhava para mim com intensidade queimando em seu rosto bonito.

Eu não apenas chamei o homem de bonito, não é?

— Esposa. — Ele disse com um sorriso de escárnio e deslizou sua mão grande em volta do meu pescoço e inclinou-a ainda mais enquanto abaixava seu rosto para o meu.

Não.

Ele pressionou seus lábios quentes nos meus com força, exercendo seu poder sobre mim com um movimento simples e eu congelei em pedra sólida ao seu toque. A multidão aplaudiu e aplaudiu como se estivessem realmente felizes com a união que acabou de ser criada durante toda aquela situação bizarra.

Eu esperava que ele recuasse, agora que o casamento estava selado, mas ele não o fez. Ele rosnou contra minha boca fechada e depois mordeu meu lábio inferior, me fazendo ofegar de indignação. Quando o fiz, ele aprofundou o beijo, enfiando a língua e possuindo minha boca como se agora fosse dele. Os aplausos ficaram mais altos e mais turbulentos à medida que os homens assobiavam e zombavam de sua exibição possessiva.

Pior ainda, meu corpo derreteu ao seu toque, cedendo ao desejo que ele criou dentro de mim, assim como na noite passada, quando ele pressionou meu corpo.

— Por favor. — eu ofeguei contra seus lábios, implorando por um adiamento enquanto todos assistiam.

— Você estará implorando de novo em breve, Pequenina. — ele rosnou, então baixou os lábios até meu ouvido. — Eu uso a marca de seus dentes em meu coração e suas unhas na parte de trás do meu pescoço. — Eu podia sentir seu sorriso contra minha pele enquanto ele descia seus lábios em meu pescoço. — Eu me pergunto o que seu querido papai diria se soubesse que eu ainda posso sentir o gosto de sua doce boceta na minha língua?

Eu engasguei e cerrei os dentes para não morder sua isca enquanto ele se afastava para olhar para mim, esperando por.. uma explosão?

Raiva?

Eu não sabia. Mas ele não iria conseguir isso de mim.

Eu fui espancada demais na minha vida para enfrentar seu desafio só porque ele queria que eu o fizesse. Em vez disso, empurrei os ombros para trás e mantive a boca fechada enquanto a multidão esperava que voltássemos pelo corredor como marido e mulher.

Ele ergueu uma de suas sobancelhas escuras para mim e então sorriu, pegando minha mão esquerda na sua e virando-se para me levar escada abaixo e de volta para casa em silêncio.

Ele apertou a mão de homens ao longo do caminho e recebeu vários tapinhas nas costas enquanto os homens me olhavam com olhares selvagens e as mulheres olhavam como se eu tivesse tirado algo delas.

Eu senti como se estivesse vivendo em uma realidade distante que não fazia nenhum sentido, onde todos estavam brincando, menos eu.

E era sobre mim.

Mantive o mesmo olhar impassível durante todo o desfile bizarro até entrarmos, onde Molly, Saul e Dio esperavam por nós. Assim que passamos pela soleira, Nicolas largou minha mão e caminhou até o luxuoso bar para se servir de um copo alto de bebida e bebeu-o de volta sem sequer estremecer.

— Senhora. — Molly disse gentilmente, me pegando desprevenida. Suponho que agora que estava casada, não era mais uma senhorita. — Coloque isso para parar o inchaço. — Ela embrulhou um saco de gelo em um pano de linho e pressionou-o suavemente em minha mão dolorida. Eu quase tinha esquecido que ela estava atrás de mim quando meu pai a esmagou.

— Obrigada. — Eu sussurrei em completo desânimo.

— Inchaço? — Nicolas rosnou do seu lugar do outro lado da sala enquanto olhava para nós. — O que você está falando?

Eu o ignorei e coloquei o gelo na minha mão suavemente, sibilando quando até mesmo o peso do gelo doeu nos nós dos meus

dedos.

Dois deles foram deslocados. Eu poderia dizer só de olhar para eles que hematomas roxos estavam começando a se formar sob a pele. Mais uma vez, meu pai conseguiu me desfigurar.

— Eu lhe fiz uma pergunta, esposa. — ele sibilou a última palavra como um insulto, eu odiei que ele estivesse tão bravo comigo por algum motivo.

Fui eu quem foi enganada, forçada e ferida neste casamento.

Pelo amor de Deus, passei os últimos seis meses em coma por causa de todo esse caso.

— Não é nada. — Respondi, sem olhar para cima enquanto Molly mexia no pano, segurando-o fechado sobre o gelo.

Ouvi seus passos pesados enquanto ele atravessava a sala e fechei os olhos e respirei fundo, lutando contra a vontade de correr. Eu não tinha mais para onde ir, essa era a minha vida.

Molly recuou quando ele se aproximou com um pequeno sorriso e um aceno de cabeça para seu chefe. Ele tirou o saco de gelo da minha mão e olhou para ela onde eu a segurava contra o peito. Recusei-me a olhar para ele, em vez disso, olhei para o chão enquanto as lágrimas queimavam o fundo dos meus olhos.

— O que aconteceu?

— Nada — respondi por hábito. Ele era um estranho, desde muito jovem, fui ensinada a manter as coisas familiares dentro da família.

Ele se mexeu e me atrevi a olhar para ele a tempo de vê-lo olhar por cima do ombro para Saul, que deu um passo à frente.

— O pai dela quebrou enquanto a levava até o altar. — disse Saul calmamente. — Para impedi-la de agir mal

Arrisquei uma olhada para meu marido e me arrependi instantaneamente.

Um fogo queimou em seus olhos verdes quando ele olhou para mim, e eu murchei sob o poder disso.

Nicolas ficou em silêncio e cerrou a mandíbula enquanto gentilmente colocava o gelo de volta na minha mão. Olhei para baixo em submissão e odiei como me sentia tão fraca diante de todos esses homens o tempo todo.

— É por isso que você se encolheu durante a cerimônia — disse Nicolas. — Porque apertei sua mão para chamar sua atenção.

— Sim — sussurrei porque a verdade é que queria que ele soubesse que estava com dor. Eu estupidamente esperava que talvez ele se importasse.

Talvez alguém finalmente se importasse.

— E quando você disse 'sim'? — Ele perguntou com firmeza: — Por que você olhou para ele enquanto dizia isso?

Respirei fundo e olhei de volta para ele. — Porque quando hesitei, ele esfaqueou Carmine com um dispositivo de choque elétrico que ele carrega consigo.

Sua mandíbula apertou novamente e os músculos de suas bochechas estalaram e rolaram sob a pressão. — Para mantê-la obediente. — Ele repetiu minhas palavras da noite passada, quando contei a ele sobre o tônico.

— Sim.

Ele olhou por cima do ombro para Saul, que acenou com a cabeça severamente.

— Leve-a para cima — Nicolas olhou para Molly. — Eu subirei em breve. — Ele se virou para Saul enquanto Molly pegava meu braço e me puxava gentilmente em direção às escadas. — Traga-me, Carmine.

— Não o machuque. — Implorei, atraindo os olhos do meu marido de volta para mim. — Faça o que quiser comigo, mas, por favor, não... — Minha voz falhou. — Não machuque meus irmãos. Por favor!

Sua carranca se aprofundou e ele engoliu em seco antes de acenar para Molly novamente, que me puxou com mais força até que fui obrigada a segui-la.

Meu coração e minha cabeça estavam em guerra enquanto eu seguia Molly cegamente escada acima. Quando ela abriu uma pesada porta de madeira, finalmente percebi que não estávamos indo ao meu quarto. Olhei para cima e para baixo no corredor, confusa.

Não estávamos na ala onde minha família estava hospedada.

Molly sorriu para mim com conhecimento de causa e acenou com a cabeça para que eu a seguisse: — Seu novo quarto, senhora — ela disse gentilmente. — Na ala particular do Sr. Capasso.

Dei um passo hesitante para dentro do quarto e olhei em volta. Eu originalmente pensei que o quarto em que fiquei ontem à noite era luxuoso, mas este quarto superou isso exponencialmente.

A roupa de cama de cor creme adornava uma cama king-size de madeira lindamente trabalhada com quatro colunas nos cantos. Acima da cama havia lençóis creme, criando uma aparência ondulada que me lembrava de uma cama de princesa da minha infância.

As janelas na parede oposta mostravam o gramado dos fundos onde o casamento acontecera e as portas ladeavam outras duas paredes.

— Você gostaria de tirar o vestido agora? — Molly perguntou e eu cedi de alívio. A coisa era pesada e quente e dada à forma como toda a cerimônia e casamento aconteceram, eu não era sentimental em relação ao vestido e queria me livrar dele.

— Sim, por favor. — Quase choraminguei quando ela começou a desfazer os botões e o zíper. Quando me liberei dele, ela deslizou um longo roupão de cetim branco sobre meu corpo nu e tirou o vestido ofensivo.

Desabei em uma cadeira de leitura perto de uma lareira acesa e enrolei as pernas debaixo de mim e refleti sobre o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

A cerimônia de bênção da qual fui forçada a participar foi uma farsa. Meu marido foi o homem que apareceu e tirou minha virgindade, mentindo para mim que era o padre. Embora isso deva me dar alguma sensação de alívio, visto que ele não apenas quebrou meu hímen, mas em vez disso me fodeu através de múltiplos orgasmos antes de desfrutar do seu próprio, isso me deu apenas mais ansiedade.

Porque saber que eu não apenas estava atraída, mas também desejava meu novo marido, era quase mais assustador do que sentir repulsa por ele, como eu imaginava que sentiria. Ele sabia que eu me diverti ontem à noite e sabia que tinha poder sobre mim por causa disso.

Ele já havia provado que era muito parecido com meu pai, o que significava que usaria minha atração por ele contra mim se eu deixasse.

Então, fiquei ali sentada na cadeira, com a mão machucada e o espírito quebrado, planejando todas as maneiras que iria proteger meu coração e meu corpo contra o homem que já havia roubado tanto de mim.

Capítulo Quatro

NICO



— Quero saber exatamente o que aconteceu! — Eu rosnei, colocando mais álcool em meu copo enquanto ouvia os saltos de minha nova esposa batendo no hall de entrada de mármore enquanto subia para o nosso quarto.

Nosso.

Que estranho pra caralho.

Saul suspirou e Dio se jogou na cadeira da mesa.

— Ela desceu sem problemas, seu irmão Carmine a trouxe. Ela parecia quase... — Saul fez uma pausa procurando a palavra certa.

— *Esperançosa*. — Dio acrescentou com uma sobrancelha levantada.

— Sim — Saul acenou com a cabeça. — Ela estava otimista como se o casamento fosse algo com que ela pudesse lidar e estivesse otimista. — Ele suspirou novamente com um leve aceno de cabeça. — Cada vez que algo seu era entregue ao longo do dia, ela sorria e suspirava um pouco, como se isso estivesse ajudando a aquecê-la com a ideia. Mas então o pai dela a encontrou na porta do andar de baixo e a atacou sem um segundo de hesitação.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei, forçando-me a me afastar da bebida que eu estava bebendo constantemente nos últimos

dias para poder abordar toda essa situação com a cabeça um pouco limpa.

— Ele comentou sobre a cerimônia de ontem à noite. E como ele a faria pagar por isso. Então ele esmagou a mão dela enquanto a arrastava pelo corredor para que ela não pudesse gritar.

Meu sangue gelou quando percebi que ele quebrou a mão dela porque decidi quebrar sua maldita tradição na noite passada. Como ele sabia?

Por cima do meu cadáver eu deixaria minha nova esposa ser fodida por algum velho só porque a família de Emilio Rosetti estava distorcida o suficiente para permitir isso por anos.

— E a coisa do taser com Carmine? — perguntei a Saul, lembrando-me da maneira como minha pequena esposa me enfrentou, implorando para que eu poupasse seu irmão, como se ela pensasse que eu significava algum mal para ele.

— Eu nunca vi isso. — Saul encolheu os ombros.

— Sim — disse Dio, que normalmente ficava em silêncio, mas já havia falado duas vezes sobre o assunto.

— O que aconteceu?

— Emilio tirou algo do bolso e enfiou nas costelas do filho quando você disse sua parte, e então, quando Arianna fez uma pausa, Carmine estremeceu, rígido como uma tábua. Emilio usou isso para que ela fizesse a sua parte e quando ela terminou, ele liberou o filho.

— Seu maldito herdeiro! — Eu respondi: — Por que diabos ele está balançando seu herdeiro na frente de sua filha do meio como uma moeda de troca? Por que ele se preocupa tanto com a realização dessa união? Não faz sentido. — Esfreguei a mão no rosto e andei de um lado para o outro.

— Algo está em jogo aqui. — Acrescentou Saul. — Você acha que a garota está envolvida nisso?

— Não. — Eu disse com firmeza porque eu sabia disso em meus ossos. — Ela tinha uma marca de mão no rosto ontem à noite quando cheguei até ela, e ela estava quase inconsciente por causa das drogas quando entrei. Então acrescenta a mão quebrada hoje. — Eu balancei minha cabeça. — Não, ela é apenas um peão em seu jogo como eu.

— Bem, eles escolheram a família errada para tentar controlar. — disse Saul com ameaça e Dio acenou com a cabeça em concordância.

— Claro que sim. — eu disse, levantando meu copo aos lábios. — Meu pai foi indulgente com Emilio Rosetti ao longo dos anos, foi assim que fiquei algemado a filha dele. Mas meu pai se foi agora, e vou erradicar a existência patética de Emilio desta terra. — Zombei. — Começando com ele e descendo por sua linhagem.

Saul e Dio se entreolharam, mas permaneceram em silêncio. Meu pai havia feito um acordo com Emilio há uma década para que eu me casasse com sua filha Arianna. E eu não tinha intenção de continuar com isso depois que meu pai faleceu no ano passado. Eu pretendia dizer à família Rosetti para foder com a linhagem familiar de outra pessoa, porque eu não desejava estar ligado ao homem vil.

Mas então, há oito meses, vi a adulta Arianna Rosetti, de passagem, num evento em Milão.

Dizer que eu estava em transe era um eufemismo.

O que me levou até onde eu estava atualmente.

Casado.

Com o plano de ficar viúvo antes do fim do ano.



Fiquei em meu escritório observando a festa acontecer lá fora, nos gramados dos fundos, com um humor amargo ameaçando me levar para um clima ainda mais terrível.

Não foi porque eu planejei ser solteiro durante toda a minha vida, mas agora também sou um homem casado. Casar com Arianna Rosetti não foi nenhuma dificuldade real da minha parte, para ser honesto, não era como se meu estilo de vida precisasse mudar só por causa da mudança no meu estado civil.

Arianna era incrivelmente linda. Eu percebi isso em Milão e só isso me estimulou a permitir que a união acontecesse. Mas mais do que isso, ela era... fascinante.

Eu a observei na festa de gala do outro lado da sala e testemunhei em primeira mão seu charme em diplomatas e empresários que quase nunca olhavam para algo que não fosse dinheiro vivo. Embora para ela, eles não apenas pararam, mas também se apegaram a cada palavra dela.

Ela os atraiu obedientemente com a mãe ou o pai ao seu lado puxando os pauzinhos, e ela foi excelente.

Ela parecia uma deusa e desempenhava o papel de um deus. Foi cativante assistir.

Naquele momento, eu sabia que precisava dela ao meu lado, para minha sorte, já estávamos de certa forma noivos. Eu já tinha direito a ela, mas não era burro o suficiente para pensar que Emilio Rosetti não aceitaria outras ofertas se elas surgissem. Naquela noite, entrei em contato com ele e dei início ao casamento, sem me esconder mais do meu futuro.

Agora, eu estava casado e repensando tudo o que havia planejado, com a dinâmica da família Rosetti se revelando minuto a minuto. Nada era como parecia ontem à noite, quando coloquei os olhos em Arianna Rosetti novamente e depois me servi de seu corpo inocente.

Meu pau mexeu na minha calça pela centésima vez desde que saí da cama dela pensando nos momentos roubados com ela.

Mesmo que eu tivesse mentido até chegar à cama dela, valeu a pena cada segundo. Porque quando eu dei a ela a atenção que ela tanto merecia, ela se abriu debaixo de mim como pétalas de flores desabrochando ao sol da primavera.

Assistir em primeira mão foi uma mudança de vida. Mesmo que eu devesse odiá-la e odiar tudo o que ela representava, me vi desejando outro sabor.

— Nico — disse Saul ao abrir a porta, tirando-me dos meus pensamentos. — Sr. Rosetti. — Ele fez sinal para o jovem entrar na frente dele antes de fechar a porta e ficar de guarda do lado de fora.

— Carmine. — Eu disse andando ao redor da minha mesa para oferecer minha mão para apertar.

— Sr. Capasso — disse o jovem Rosetti com firmeza enquanto apertava minha mão. Ele era meu novo cunhado, embora eu odiasse o pai dele, já conseguia admirar as diferenças em suas personalidades.

Emilio era um nojento em todos os aspectos.

Mas Carmine...

Pude ver muita força e honra em seus olhos e apreciei isso.

— Me chame de Nico, por favor — eu disse com um aceno de cabeça em direção às espreguiçadeiras perto da lareira. — Já que somos parentes agora, afinal.

— Hmm — disse ele, mas sentou-se no lugar oferecido e me observou atentamente. Ele era jovem, cerca de vinte e seis anos, mas sábio.

Eu podia ver isso em seus olhos.

— Eu queria falar com você livremente — acrescentei com um influxo de voz. — Sobre seu pai e sua irmã — Ele ergueu uma sobrancelha para mim, mas não disse nada, então continuei. — A mão

de Arianna está quebrada. — Observei seu rosto em busca de qualquer dúvida e consegui exatamente o que esperava.

Choque.

Raiva.

E então indiferença.

— É isso? — Ele perguntou.

— Sim, alguns nós dos dedos dela também estão deslocados. Minha médica está vindo aqui para colocá-los.

— Obrigado por cuidar dela. — ele disse impassivelmente e eu pude ver os ensinamentos de seu pai brilhando.

— Você não está interessado em perguntar como isso aconteceu?
— Eu desafiei.

— Achei que você me diria de qualquer maneira.

Olhei para ele sabendo que homens maiores e piores teriam murchado sob o olhar que eu aperfeiçoei quando era jovem. Mas não Carmine.

Inclinei-me para descansar os cotovelos nos joelhos e inclinei a cabeça. — Você sabia que sua mãe e seu pai batiam nela? Drogavam-na? E Deus sabe o que mais para ela, tenho certeza que descobrirei nos próximos dias.

Ele engoliu em seco e me observou com a mesma intensidade. — Estou ciente.

— Ainda assim, você não fez nada para impedir! — Eu rebati, odiando que o assunto tivesse algum poder sobre minhas emoções. Eu não deveria dar à mínima, mas ontem à noite, quando ela me disse que a bebida em sua cômoda estava drogada, me salvando antes de eu tomar um gole, comecei a me importar.

— O que eu teria feito? — ele sibilou de volta, inclinando-se para frente sobre os próprios cotovelos. — Tenho outros três irmãos que

estou tentando proteger também. Eu fiz o que pude por ela. — ele desafiou. — Acredite ou não, casar com você foi a melhor coisa para ela.

— Eu sou o pior tipo de monstro que existe. Certamente você sabe que ela não ficará melhor comigo, O Lobo.

— Você vai alimentá-la? — ele respondeu: — Porque eles não fizeram isso. Há semanas que eles lhe negam comida para mantê-la dependente deles. Você permitirá que ela ande livremente por suas propriedades luxuosas como lhe agrada, desde que ela esteja segura e dentro de seus limites? Porque eles a trancavam no quarto durante meses, às vezes até em um pequeno armário sem janelas ou ar fresco. Você verá que ela está saudável e relativamente feliz no que sem dúvida serão suas numerosas ausências de casa para negócios e outras mulheres? — Ele acusou: — Porque, nos últimos vinte anos, eles a torturaram! — Ele se levantou com raiva, levantando-se para encontrar o meu e eu o deixei ficar em cima de mim em um movimento que a maioria dos homens nem sonharia em fazer. — Eles a deixaram com fome. Eles bateram nela. Eles a drogaram. Eles a trancaram em isolamento quando ela não lhes serviu de nada e depois a exibiram em eventos como um cavalo em um mercado de carne quando ela o fez! Eles ameaçaram a segurança dela para me manter na linha e ameaçaram a minha e os nossos outros irmãos para mantê-la na linha. Não pense nem por um segundo que não sei o quão terrível a vida dela tem sido, porque ela é minha irmã mais nova e eu a amo, e fiz o que pude por ela. Mas eu não pude fazer nada para impedir! Não sem colocar em risco a segurança da minha outra irmã. — Seu peito subia e descia com o esforço e a vermelhidão manchava seu rosto de raiva.

Desdobrei-me da cadeira e olhei nos olhos dele enquanto dava um passo à frente para diminuir a distância entre nós. — Ele nunca mais tocará nela. Ela é minha.

— Bom — ele respondeu com a mesma força. — Já era hora de alguém ter poder suficiente para fazer algo contra ele. — Levantei uma sobrancelha para ele, e ele revirou os olhos e se mexeu. — Não aja como se eu não soubesse do seu desdém por meu pai. Metade de seus aliados não o suportam e só o mantêm em seu círculo por causa de sua riqueza

obscena. A outra metade apenas o mantém por perto para entretenimento. — Ele zombou: — É desprezível e constrangedor compartilhar seu nome.

— Eu entendo o fardo de ser o filho mais velho de um homem poderoso, melhor do que a maioria. — reconheci, e estendi minha mão para ele novamente. — Contanto que suas intenções para minha esposa sejam sempre boas, você e eu seremos amigos. — Ele cansado pegou minha mão e eu o segurei e olhei para baixo com domínio. — E com a minha amizade vem um grande poder e aliados ainda mais poderosos. — Seus olhos semicerraram-se ligeiramente enquanto ele tentava entender o que eu estava dizendo: — Grandes poderes e aliados são o que transformam príncipes em reis, Carmine.

Ele tirou a mão da minha: — O que você está dizendo? A família Capasso está no bolso do meu pai há décadas.

Encolhi os ombros e bebi o resto da bebida no meu copo. — Essas décadas se passaram e a necessidade do dinheiro do seu pai acabou quando eu assumi e cuidei da minha própria estabilidade financeira de uma forma que meu pai nunca conseguiu. Essa geração do governo Capasso mudou, e acho que é hora de a família Rosetti também mudar.

— Você está propondo me ajudar com isso? — Ele me observou.

Uma batida na porta interrompeu minha necessidade de responder e Saul enfiou a cabeça para dentro. Balancei a cabeça para ele e depois olhei para Carmine.

— Vou ver minha esposa agora. Vá para casa com sua família e entrarei em contato. — Eu disse com um tapinha em seu ombro ao passar.

Não demorei mais para explicar meu plano ao homem, simplesmente porque ainda não confiava nele. Mas eu confiava no carinho dele pela irmã mais nova, isso era claro de se ver.

Embora eu não precisasse ajudar a médica no tratamento de Arianna, ansiava por vê-la novamente. Da mesma forma que fiz o dia todo desde que saí da cama dela ontem à noite, e foi por isso que enviei

pequenos presentes para ela. Mesmo que eu pensasse que seria simplesmente uma tentativa de cuidar dela, a verdade é que eu queria conquistar seu afeto.

Mesmo que eu odiasse toda a sua existência.

Capítulo Cinco
ARIANNA



Uma batida soou na porta e Molly entrou com uma mulher atrás dela. — Sra. Capasso. — Molly disse com uma pequena reverência. — Esta é a Dra. Travis, ela está aqui para olhar sua mão.

— Hmm. — eu cantarolei porque sabia que não tinha uma palavra a dizer sobre isso. E ser chamada de Sra. Capasso me deixou confusa por tempo suficiente para que a médica atravessasse o espaço e colocasse uma maleta de couro preta na mesinha de centro entre minha cadeira e a lareira. Ela era de meia-idade, com cabelos castanhos que começaram a ficar grisalhos nas têmporas e algo na aparência natural da idade me fez sentir confortável com ela. Como se ela fosse autêntica em vez de fabricada como todas as outras pessoas com quem interagi.

— Sra. Capasso — a médica sentou-se na mesinha de centro e olhou para minha mão inchada onde eu a segurava no colo. — Eu gostaria de dar uma olhada em sua mão e recolocar as juntas. Acredito que quanto mais cedo eu fizer, mais cedo o inchaço e a sensibilidade diminuirão. — Ela disse diretamente antes de inclinar a cabeça: — Mas eu estaria mentindo se dissesse que não iria doer nem um pouco.

A porta do quarto se abriu novamente e olhei enquanto meu marido entrava no quarto com uma expressão indescritível no rosto. Seu smoking preto havia sido desmontado, deixando-o apenas com uma camisa branca enrolada nos antebraços, revelando a tinta preta por

baixo e desabotoada na garganta, mostrando os músculos que mordeu com os dentes na noite passada.

— Senhora? — A médica disse, desviando minha atenção do meu novo marido pecaminosamente sexy e de volta para ela. Senti o rubor subir pelas minhas bochechas por ter sido pega olhando para ele e desdobrei as pernas debaixo de mim, tentando ganhar a compostura.

— Desculpe. — Arrisquei olhar para Nicolas quando ele contornou a cadeira e ficou atrás da médica, notando como seu olhar estava fixo no comprimento da minha perna nua através da abertura do meu roupão, e minha pele queimava sob seu toque. — Eu posso aguentar a dor.

— Muito bem, senhora. — A médica disse e estendeu a mão para a minha. Eu a estendi e ela gentilmente passou as pontas dos dedos sobre os nós dos dedos inchados, enviando pontadas de dor pelo meu membro e eu sabia que seria realmente uma droga quando ela reajustasse as articulações.

— Molly — disse Nicolas, sem tirar os olhos de mim enquanto eu olhava para ele. — Vá ver se as coisas dos Rosetti estão sendo arrumadas. Use quem você precisar, para fazer isso rapidamente, quero que eles desapareçam o mais rápido possível.

— Sim, Sr. Capasso. — Molly abaixou a cabeça e me deu um pequeno sorriso antes de sair do quarto.

— Você está expulsando minha família? — Perguntei a ele, ousando inclinar a cabeça para trás e olhar diretamente para ele enquanto a médica continuava seu exame.

— As ações infantis de seu pai não serão toleradas em minha casa. — Ele respondeu claramente e acrescentou: — Seu corpo não será mais brutalizado por eles. — Quando ele disse isso, houve uma faísca de reconhecimento em meu cérebro, lembrando-me da aparência dele ontem à noite, quando virou meu rosto e viu a marca da mão que eu tinha da minha mãe. Ele estava com raiva na noite passada e agora também estava com raiva.

— E meus irmãos? — Olhei de volta para minha mão: — Eles devem ser agrupados no mesmo grupo infeliz que meus pais?

— A natureza e as intenções de seus irmãos não me interessam, Arianna. — Ele disse com firmeza em seu tom, então não me incomodei em perguntar mais nada.

— Ok, Sra. Capasso — Dra. Travis interrompeu nossa conversa tensa. — Estou pronta para começar.

Balancei a cabeça para ela e respirei fundo, tentando relaxar meus músculos enquanto ela colocava meu primeiro nó de volta no lugar. Um grito rasgou meus lábios e eu mal o cobri com as costas da minha mão boa a tempo de abafá-lo enquanto uma dor cegante queimava meu membro.

— Sinto muito — a médica fez uma careta. — Faltam mais dois.

Eu ofeguei e tentei lutar contra a ansiedade subindo pela minha garganta por ter que sentir isso mais duas vezes.

— Espere. — Nicolas a interrompeu e quando abri os olhos ele estava deslizando as mãos por baixo das minhas pernas e nas minhas costas.

— O que você está...? — Eu perguntei, mas ele apenas sentou comigo em seu colo na cadeira em que eu estava e virou-a para que eu ainda estivesse de frente para a médica.

— Continue. — ele acenou para ela enquanto eu ofegava de... medo?

Incerteza?

Não, foi excitante sentir seu corpo pressionado contra o meu novamente, mas eu nunca admitiria isso.

Eu não tive tempo para pensar sobre isso por muito tempo, porque a médica puxou minha mão de volta para seu lugar e eu fiquei tensa, antecipando a dor antes mesmo de ela começar a sondar a articulação inchada.

— Relaxe, pequenina. — disse Nicolas, deslizando a palma da mão quente contra minha bochecha e me forçando a virar para olhar para ele. — Se você ficar tensa, pode não voltar ao lugar corretamente e ela terá que fazer isso de novo.

— Como devo relaxar? — Argumentei em um sussurro, sem esclarecer que era pela proximidade do homem embaixo de mim e não pela dor que causava meu desconforto.

— Assim. — Ele abaixou seu rosto até o meu, usando a mão ao longo da minha bochecha para me segurar enquanto seus lábios me beijavam. Eu engasguei e ele absorveu, usando o meu reflexo assustado como sua chance de deslizar a língua entre meus lábios entreabertos. — Relaxe. — ele me ordenou novamente e eu cedi em seu peito enquanto ele aprofundava o beijo.

— Porra! — Eu sibilei contra seus lábios quando a médica colocou a segunda articulação perfeitamente graças ao meu estado distraído, mas fiquei tensa novamente quando ela passou para a terceira e última articulação deslocada.

— Quase lá. — Ela afirmou e meu corpo tremeu no colo de Nicolas.

— Relaxe. — Ele repetiu, ainda me beijando e colocando a outra mão na minha coxa, pressionando os dedos na fenda aberta do roupão até encontrarem o caminho entre minhas coxas. Ele estava a apenas alguns centímetros do tecido da minha calcinha, e me encolhi sabendo que a médica estava vendo sua exploração sem permissão do meu corpo.

Então me lembrei de que agora eu era sua esposa, para quem estava olhando, isso talvez parecesse normal. Mesmo que a nossa união fosse tudo menos isso.

Sua mão na minha bochecha deslizou pelo meu pescoço e ancorou minha nuca, me puxando ainda mais contra seu peito enquanto algo vibrava sob o tecido macio de sua camisa de botão.

— Boa menina. — ele sussurrou contra meus lábios e enfiou a língua em minha boca novamente, mordiscando meus lábios a cada passagem vagarosa. — Relaxe.

Mesmo enquanto ele dizia as palavras, eu podia sentir o quão tenso seu corpo estava debaixo do meu e me movi contra ele. Foi quando eu senti isso.

Sua ereção.

Pressionado firmemente contra minha bunda enquanto sua mão vagava mais alto entre minhas coxas. Um pequeno gemido saiu dos meus lábios e o dele se transformou em um rosnado que reconheci da noite passada, quando ele olhou para mim antes de soltá-los na minha boceta.

Snap.

A terceira e última junta deslizou para o lugar quando eu me encolhi e assobieei, mordendo seu lábio inferior tão rápido que não tive tempo de dizer a mim mesma para não fazer isso até senti-lo estremecer e sentir o gosto do sangue metálico em minha língua.

— Isso deve resolver. Você ficará dolorida e sensível por alguns dias, mas tome um pouco de ibuprofeno e coloque bolsas de gelo algumas vezes ao dia e você ficará bem como a chuva. Voltarei a verificar você em um ou dois dias. — disse a Dra. Travis, e tentei me afastar de nosso abraço íntimo, mas o aperto de meu marido em meu pescoço aumentou quando ele, por sua vez, se afastou apenas o suficiente para criar espaço suficiente entre nossos lábios para nos dirigirmos a médica.

— Obrigado, você pode sair.

— Sim, Sr. Capasso. — Ela respondeu recatadamente quando eu abri meus olhos e encontrei o olhando diretamente para os meus. Ouvi seus passos no tapete grosso e depois o clique da porta se fechando atrás dela enquanto ele continuava a me manter imóvel.

— Você me mordeu. — disse ele com firmeza, passando a língua pelo pequeno corte no lábio inferior. — Duas vezes você cravou esses

dentes brancos perolados em minha carne.

— Sinto muito — respondi impulsivamente, com desculpas enraizadas em meu cérebro por anos de medo de recorrer.

— Eu não disse que era uma coisa ruim. — ele relaxou meu pescoço, finalmente me deixando colocar uma distância apropriada entre nossos rostos, mesmo enquanto eu continuava sentada em seu colo. — Como está sua mão? — Seu polegar na mão aninhada entre minhas coxas acariciou suavemente a parte interna da minha perna, tecendo um feitiço vertiginoso de sensações excitantes sobre meu cérebro confuso.

— Dói — respondi com sinceridade e depois olhei para minha mão, que estava ficando mais roxa.

— Suspeito que hoje e amanhã será o pior e então começará a melhorar.

— Parece que você fala por experiência própria.

Ele ergueu um lado do lábio superior em uma espécie de sorriso e recostou-se na cadeira: — Desloquei os nós dos dedos mais vezes do que gostaria de lembrar.

— De socar coisas? — Eu perguntei curiosamente, tentando descobrir o homem com quem eu estava casada.

— De socar as pessoas. — ele respondeu claramente e eu estremeci com a força por trás da declaração.

— Obrigada pela sua... — Fiz uma pausa e engoli em seco enquanto sua mão entre minhas coxas se contraía, movendo-se ainda mais para cima. — Ajuda.

— Hum. — Ele refletiu com um brilho divertido nos olhos, como se estivesse gostando da maneira como meu corpo respondia a ele.

Embora ele não pudesse fingir que não foi afetado pelo toque de nossos corpos, porque eu ainda podia sentir a rigidez dele sob minha bunda.

— Por que você mentiu para mim ontem à noite? — Eu perguntei, finalmente falando sobre o engano entre nós.

— Eu nunca menti.

— Você também não era o padre. — Refutei instantaneamente, já preparado de alguma forma para sua resposta.

— A tradição da sua família é... — Ele fez uma pausa, apertando os lábios.

— Arcaico? — Eu ofereci — Bárbaro?

— Repulsivo. — ele finalmente respondeu, e eu senti que era uma representação pessoal de sua opinião sobre mim também.

— Você não está me contando nada que eu já não saiba. — Eu zombei: — Eu não estava participando de boa vontade.

Seus olhos verdes saltavam entre os meus como se ele estivesse tentando detectar uma mentira em minha resposta, só que não havia nenhuma para encontrar.

— Nós dois concordamos que é repulsivo, mas isso não explica por que você interveio. — argumentei, fazendo minha coluna enrijecer com força e seus olhos escurecerem com minha audácia em questioná-lo. — Você nem se deu ao trabalho de aparecer para jantar. — acrescentei. — Algo que você disse, aliás, não eu.

— Eu estava lá, você simplesmente não me viu. — Ele respondeu e eu fiz uma careta para seu enigma.

— Tudo bem. — tirei minhas pernas de seus joelhos e fiquei de pé. Se ele não me oferecesse mais informações, eu não iria ficar no colo dele o dia todo enquanto ele continuava a brincar comigo como um animal de estimação.

— Pare! — Ele rosnou e apertou a mão em volta da minha coxa: — Eu não dispensei você.

— Você não fez isso? — Eu retruquei, agarrando a frente do meu roupão enquanto a parte de cima se abria em torno do meu torso

torcido, revelando o volume dos meus seios cobertos de renda. — Você não vai me responder, isso parece bastante desdenhoso.

— Escolher quais respostas dar a você quando me apetecer não é uma atitude desdenhosa, mas é assim que nossas interações continuarão no futuro próximo. — Ele argumentou, deixando seus olhos caírem em meu peito: — É algo com o qual você vai ter que se acostumar.

— Meu pai quebrou minha mão enquanto me levava pelo corredor até você no dia do nosso casamento. Algo que eu realmente aceitei e aceitei antes daquele momento, por causa de algo que você fez. Uma decisão que você tomou para interferir em uma tradição centenária. Embora eu não vá mentir e dizer que não há nenhum tipo de alívio sabendo que não fui estuprada por um estranho na noite passada, isso não apenas deixa você fora de perigo pelo que fez. — Endireitei minha coluna: — Eu mereço uma explicação, pelo menos, independentemente do que você acredita que eu deveria aceitar ou não.

Ele me observou enquanto eu me deitava nele, deixando seus olhos percorrerem meu rosto enquanto eu argumentava meu ponto até que eu bufei em silêncio e esperei por algum tipo de resposta dele, dado que, a não ser que lutasse fisicamente com ele pela minha liberdade, eu estava presa.

— Eu não ia deixar algum velho maldito levar algo que me pertencia. — Ele respondeu facilmente antes de passar a língua pelo lábio inferior, atraindo meus olhos para ele e pude sentir sua raiva crescendo dentro de seu corpo tenso. — Seu corpo é meu, o que significa que sua virgindade era minha, quer você goste ou não. Você é minha para usar e brincar como achar melhor. Nos dias em que me sinto generoso, permitirei prazeres como fiz ontem à noite, quando você estava gemendo e me arranhando em êxtase. Nos dias em que não o fizer, aceitarei o que quiser, como quiser, quando quiser, independentemente dos seus sentimentos sobre o assunto. — Ele se levantou e me empurrou para ficar de pé. — Eu preciso de filhos. — Ele olhou diretamente nos meus olhos: — Esse é o seu propósito. Qualquer coisa, além disso, será determinada.

— Sou apenas uma égua reprodutora para você procriar? — Eu gritei com ele com raiva. — Talvez você devesse ter comprado um cavalo puro-sangue e fodido para se divertir, seu animal.

Ele se moveu tão rapidamente que eu não tive tempo de me encolher quando sua mão apertou minha garganta e me puxou contra seu peito. Eu agarrei sua mão, mas ele não se mexeu no aperto que tinha ao meu redor. — Eu posso ser um animal se você quiser, esposa. — Ele sibilou o título com raiva antes de pegar o laço do meu roupão e puxá-lo.

O ar frio estimulou meu corpo superaquecido enquanto ele tirava a seda dos meus ombros para expor minha lingerie de casamento diante de seus olhos famintos. — Te odeio. — Eu zombei, sentindo a raiva dentro de mim queimar até o ponto de ebulição. Fui mantida em cativeiro durante toda a minha vida e esperava que isso fosse diferente. Que de alguma forma este homem seria melhor do que meu pai.

Claramente, eu estava errada.

— Errado — ele disse, balançando a cabeça. — Você nem me conhece ainda, pequenina. — Ele me empurrou para trás pela garganta até que minhas pernas bateram no encosto da cadeira e então ele me girou e me dobrou sobre as costas altas, mantendo a mão em volta do meu pescoço. Meus pés descalços pendiam inutilmente acima do chão enquanto o medo percorria meu corpo. — Mas se você insistir, vou lhe dar um motivo para me odiar.

Suas mãos agarraram a renda fina da minha calcinha e ele a arrancou do meu corpo sem nenhum esforço. — Não! — Eu chutei, tentando me endireitar nas costas da cadeira enquanto sua mão descia na minha bunda em um tapa estrondoso, me paralisando em puro choque enquanto meu medo se transformava em adrenalina.

Ele afastou minhas coxas e depois mergulhou seus dedos grossos entre elas, esfregando minha entrada e depois descendo até meu clitóris, beliscando-o quase dolorosamente. — Diga-me, pequenina. — ele repreendeu com quase alegria em sua voz maligna. — Isso é umidade, meu gozo da noite passada ainda pingando de sua boceta

apertada ou de sua excitação agora? — Ele me segurou com mais força enquanto eu me contorcia com mais força enquanto ele empurrava os dedos na minha boceta, antes de rosnar e enfiá-los para dentro e para fora algumas vezes. Ele os soltou e então ouvi o som revelador dele lambendo-os acima de mim e gemi ao saber como me senti ao saber que ele estava me saboreando novamente, mesmo que indiretamente. Ele gemeu teatralmente: — Mmh, isso é tudo, baby. O creme doce de dentro de você cobre sua boceta, preparando seu corpo para meu pau, não é?

Eu sibilei quando sua mão acertou minha bunda já queimando novamente e gritei de frustração na almofada da cadeira, com raiva do meu corpo inútil.

Ele riu e enfiou os dedos profundamente novamente, fazendo sons desagradáveis com a minha umidade para me envergonhar ainda mais enquanto mais jorrava do meu corpo traidor. Memórias da noite passada me atacaram, me lembrando do quão bom foi quando ele usou sua boca para me fazer gozar antes de passar o comprimento de seu pau pelos meus lábios uma e outra vez para me preparar para sua circunferência. A maneira como ele grunhiu e me elogiou enquanto me fodia e roubava minha virgindade, mesmo quando eu apertava minhas pernas em volta dele e me aproximava a cada impulso.

— Essa é minha boa menina. — ele me elogiou novamente, torcendo os dedos dentro de mim. — Eu deveria estar punindo você.

— Isso é um castigo! — Eu gritei.

— Isso é um prazer. — ele respondeu instantaneamente e então eu parei quando o ouvi puxar o zíper para baixo.

— Não!

— Não o quê, esposa? — Ele perguntou, antes de bater a cabeça do seu pau na minha bunda arrebitada. — Não foda minha propriedade? — Ele pressionou a cabeça de seu pau contra minha entrada molhada e empurrou. Ele rosnou enquanto empurrava mais fundo, eu mordi a almofada sob meu rosto para permanecer em silêncio

enquanto a queimadura de seu tamanho e a ternura da noite passada se misturavam com um prazer estranho de estar cheia dele. — Porra, sua boceta é tão apertada. — ele soltou meu pescoço e colocou as duas mãos em volta da minha cintura. — Seu corpo foi feito para me levar, Arianna, foi construído para ser usado assim.

— Foda-se. — Eu sibilei e ele riu antes de bater o resto do caminho em mim, forçando o ar dos meus pulmões. — Porra! — Mordi o lábio e gemi, odiando meu corpo traidor.

— Se você insiste. — Ele bateu na minha bunda novamente e então começou a fazer exatamente isso. Ele me fodeu impiedosamente, batendo seu corpo contra minhas coxas enquanto forçava repetidamente seu pau gigante em mim.

Eu estava com a cabeça confusa porque, depois de uma dúzia de estocadas punitivas, eu estava explodindo ao redor dele. Lutei contra as sensações do meu orgasmo, mordendo a almofada e forçando-me a permanecer em silêncio enquanto gozava, mas não o enganei, nem por um segundo.

— Boa menina. — ele rosnou. — Essa é uma boa garota, pequenina. Ordenhe-me até secar. — Suas palavras sujas eram repulsivas, mas excitantes ao mesmo tempo e eu odiava o efeito que ele tinha sobre mim. Suas estocadas aceleraram ainda mais e depois se tornaram muito mais profundas antes de ele rugir alto, explodindo dentro de mim. Ontem à noite ele ficou quieto quando gozou, mas hoje ele não se importou com quem ouviu, o que só me trouxe mais vergonha.

Seu pau estremeceu dentro de mim e ele grunhiu novamente antes de sair, deixando uma sensação de vazio dentro de mim antes de recuar.

Deslizei da cadeira para o chão e coloquei os joelhos no peito enquanto abaixava a cabeça de vergonha, olhando para seus sapatos e calça preta imaculados.

Que porra havia nesse homem que me deixava tão louca por seu prazer?

Ele ofegou acima de mim, eu o ouvi se afastar e fechar o zíper da calça, mas não olhei para ele. Eu não poderia, porque ele veria que eu não estava tão brava com ele quanto estava comigo mesma por deixá-lo me tirar do sério. Eu fui tão estúpida e patética.

— Tome um banho, para relaxar seu corpo — ele disse finalmente. — Vou pedir a Molly que traga gelo para sua mão. — Então, ele virou as costas e saiu do quarto sem olhar para trás, como se não tivéssemos acabado de jogar um jogo gigante de cabo de guerra, onde eu claramente perdi.

Tentei dizer a mim mesma que não queria aquilo e foi por isso que lhe disse para parar. Mas eu sabia, no fundo, e ele também, que só dizia para parar para me sentir melhor. Eu sabia que não deveria ter desejado isso. Mas eu desejei.

Eu queria Nicolas Capasso mais do que jamais quis outro homem antes em minha vida. Ele era meu marido. E meu vilão.

E eu estava total e completamente fodida com isso.

Capítulo Seis

NICO



Dois dias.

Já se passaram dois dias desde que coloquei os olhos diretamente em minha esposa. Eu a observava constantemente nas câmeras de segurança que tinha em toda a minha propriedade, mas não a encarava desde que a brutalizei nas costas da cadeira do nosso quarto.

Eu disse a mim mesmo que era porque não queria lidar com a raiva dela por causa disso. No entanto, eu tinha certeza de que não queria lidar com minha indignidade por causa disso. Eu não conseguia definir exatamente o que exatamente em nossos poucos encontros me levou a me sentir como um animal por tomá-la do jeito que fiz e depois ignorá-la por dois dias seguidos, mas algo aconteceu.

Eu era um monstro, isso não era segredo. Fui chamado de 'O Lobo' durante toda a minha vida. Pegava o que queria e não pedia desculpas por isso, em todas as coisas da vida. E as mulheres foram incluídas nisso. Na maioria das vezes, nunca tive problemas em conseguir uma mulher disposta para minha cama. Mas submeter Arianna à minha vontade no dia do nosso casamento me fez sentir... não melhor do que o pai dela.

Ela havia sido brutalizada pelas mãos dele, em nome da paternidade. E me enfureceu imaginar todas as maneiras pelas quais

ela sofreu ao longo dos anos por causa de Emilio e Mina Rosetti, especialmente depois que Carmine me descreveu algumas das coisas em nossa conversa improvisada.

Então eu usei sua atração por mim e meu poder sobre ela como seu marido, para tomá-la quando ela me desafiou sobre por que eu intervi na véspera do nosso casamento.

— *Capa* — meu segundo, Matteo, interrompeu meus pensamentos enquanto entrava em meu escritório me chamando pelo apelido italiano de chefe que parecia meu sobrenome.

— O quê? — Eu gritei com raiva graças à agitação em meu estômago, e ainda não eram nove da manhã.

— Molly tem uma atualização para você. — ele respondeu com as sobrancelhas levantadas, irritando-se com meu tom e sem dúvida querendo me desafiar sobre isso. Só que ele manteve a boca fechada, usando suas expressões faciais para transmitir seu ponto de vista.

Mensagem recebida, velho amigo. Embora não tenha direção.

— Mande-a entrar. — acenei para a porta e respirei fundo quando a empregada pessoal da minha esposa entrou para me dar suas atualizações diárias sobre a mulher misteriosa que morava em minha casa.

— Sr. Capasso. — Molly fez uma reverência na porta, depois caminhou até o centro do tapete e cruzou as mãos na frente dela. Ela trabalhava aqui na propriedade há anos e sempre foi confiável e respeitosa, foi por isso que, mesmo em tenra idade, foi promovida a empregada doméstica e braço direito de minha esposa.

— Diga-me, como está Arianna?

— Ela não está melhorando, senhor. — ela expressou sua preocupação com severidade e eu a respeitei por isso, mesmo que a notícia fosse perturbadora.

— Explique.

— Ela não come desde ontem de manhã. Sua mão ainda está sensível e dolorida, e ela apenas se senta na cadeira perto da janela e olha para o terreno, senhor. Acho que ela está deprimida, em estado de choque ou algo pior.

Senti aquele aperto familiar em meu peito que se enraizou desde que conheci Arianna e me irritei com as implicações disso. — A médica retornará esta noite para verificar a mão dela novamente. — eu disse, evitando a atualização emocional e Molly enrijeceu com a minha rejeição. — Vou vê-la em um momento.

— Muito bem, Sr. Capasso. — Ela assentiu novamente e saiu do meu escritório, obviamente achando que minha resposta estava faltando. Ela cuidava de minha esposa, e não apenas porque ela estava contratada para cuidar fisicamente de suas necessidades. Minha esposa havia se infiltrado no coração da jovem empregada, nos poucos dias em que esteve aqui.

— *Capa* — Matteo voltou enquanto Molly saía. — A remessa chegou ao armazém, precisa ser verificada.

Deslizei minha mão no bolso da calça e caminhei em direção a ele: — Então vá ver se foi verificada. — Dei um tapa em seu ombro ao passar por ele. — Sou necessário aqui hoje. Volte assim que checar e faça o inventário.

Ele inclinou a cabeça um pouco, mas decidiu que concordar era melhor do que discutir e assentiu. — Sim, senhor.

Ele era mais do que capaz de receber a remessa, eu apenas nunca permiti que ele fizesse isso sem a minha presença. Não porque eu não confiasse nele nem nada, mas porque eu era simplesmente um maníaco por controle que precisava ter as mãos em todos os potes ao mesmo tempo.

Mas agora, eu precisava chegar ao fundo da infelicidade da minha esposa. E talvez olhar para ela em primeira mão aliviasse um pouco a ansiedade dentro de mim. Parecia que eu era um adolescente que experimentou pela primeira vez uma sensação de euforia e não

conseguia pensar em mais nada além de quando sentiria aquela adrenalina novamente, mesmo sabendo que isso era ruim para ele.

E Arianna era muito, muito ruim para mim.



Eu não bati, afinal, era meu quarto.

Minha esposa não me prestou atenção quando entrei no espaço que ela ocupava desde que fez seus votos. Tranquei a porta atrás de mim e observei seu pequeno corpo se enrolar na janela onde Molly disse que estaria. Ela usava um roupão de seda rosa que só chegava até o meio da coxa e as unhas dos pés pintadas de rosa combinavam quase perfeitamente onde apareciam na frente dela.

Eu não permiti que Molly trouxesse a bagagem de Arianna do quarto de hóspedes que ela usou na primeira noite em que residiu em Armarow Estate. Porque eu era o pior tipo de bastardo que só pretendia usar Arianna Rosetti para servir às minhas próprias necessidades egoístas. Escolhi a dedo um punhado de lingerie do quarto dela e alguns roupões de seda para ela usar. Nada mais.

Novamente, porque eu era um bastardo. Eu queria que ela se sentisse desconfortável e soubesse que estava no controle de tudo, inclusive do conforto dela. Eu queria que ela soubesse que eu era o chefe.

Primeiro, eu precisava cuidar das minhas próprias necessidades que estavam crescendo dentro de mim. Infelizmente, elas estavam diretamente ligadas a ela e ao seu bem-estar.

Então vim trazendo presentes com a minha visita. Eu tinha um prato de comida nas mãos e coloquei-o na mesa ao lado da almofada da janela antes de me sentar ao lado dela.

Ela finalmente virou os olhos em minha direção e depois olhou para o prato antes de olhar pela janela sem dizer uma palavra.

— Por que você não comeu? — Perguntei a ela, tentando obter uma calma que não sentia.

— Não estou com fome. — ela respondeu.

— Já se passaram quase trinta e seis horas desde que você comeu a última vez Arianna.

— Eu não sabia que você era babá. — Ela rebateu e eu sorri para o atrevimento em seu tom.

— Eu não sabia que você era patética o suficiente para passar fome só para chamar minha atenção. — Ela se virou para mim com fogo nos olhos e a boca aberta, pronta para me balançar para um lado e para o outro com sua língua afiada, mas parou quando viu o sorriso malicioso em meu rosto. — Bem, agora que realmente tenho sua atenção. — Levantei uma sobancelha para ela e ela cerrou os dentes: — Diga-me o verdadeiro motivo pelo qual você não está comendo.

— Eu te disse... — Ela argumentou e eu levantei minha mão para silenciá-la.

— Sem mentiras, pequenina. Nunca. — Olhei fixamente para ela: — Mentiras são uma coisa que não vou tolerar de você.

— É assim mesmo? — Ela ergueu o queixo e olhou para mim: — Porque a lista de coisas que não suporto em você é pelo menos tão longa quanto meu braço.

— Uma verdade, tenho certeza. — Eu meditei e peguei um morango elegantemente fatiado da travessa antes de estendê-lo entre nós. — Que tal isso, para cada pedaço de comida que você comer, eu lhe darei algo.

Suas narinas dilataram quando ela olhou para a fruta madura presa em meus dedos e ela engoliu.

Ela estava com fome.

Então ela era minha.

— O que você vai me dar? — Ela perguntou, desviando seus olhos castanhos quentes do morango.

— O que você mais quer agora?

— Ir...

— Não se atreva a dizer casa. — Eu a interrompi com um tom áspero: — Porque nós dois sabemos que você não quer isso.

— Lá fora. — ela sussurrou.

— Você quer sair? — Repeti, admitindo para mim mesmo que não era isso que eu esperava que ela dissesse.

Ela olhou pela janela: — Nunca vi uma folhagem de outono tão vibrante antes.

Olhei além dela para a paisagem lá fora, algo que experimentei todos os anos da minha vida, e tentei ver através dos olhos dela. Eu também sabia que ela já tinha visto isso antes, mas ela estava fingindo que não.

— Então roupas — respondi. — Cada mordida lhe dará uma peça de roupa mais adequada para sair. — Deixei meus olhos percorrerem sua pele nua exposta aos meus olhos ao redor do pequeno roupão. — Combinado?

Ela inclinou a cabeça para trás em minha direção e mordeu o lábio inferior de uma maneira que me fez querer prová-lo, então se virou para me encarar mais diretamente. — Roupas e respostas. Um e depois o outro.

Coloquei minha mão no colo com a fruta e olhei para ela: — Agora você está empurrando.

Seus lábios carnudos se curvaram em um sorriso hesitante, quase como se ela não estivesse acostumada a sorrir: — É pegar ou largar. — Ela acenou com a cabeça em direção ao prato: — Estou acostumada a ficar muito mais do que um dia sem comer. Posso esperar por você.

Rosnei em meu peito: — Você não vai usar comida como moeda de troca comigo, Arianna. — Eu avisei: — Depois de hoje, você comerá uma quantidade saudável de comida, qualquer comida que desejar. Não permitirei que você coloque sua saúde em risco para jogar.

— Nossas vidas não são apenas um grande jogo de xadrez? — Ela se perguntou em voz alta com uma sobrancelha levantada. Não respondi porquê ela tinha razão e não queria dar-lhe essa satisfação. Ela suspirou e pegou o morango em minha mão: — Tudo bem. Dê-me.

— Não, uh. — Puxei minha mão de volta antes que ela pudesse agarrá-la. — Permita-me. — Seus cílios se arregalaram quando coloquei minha mão sobre a dela, com a qual ela tentou agarrar o morango, prendendo-o na minha perna enquanto eu levantava a outra e colocava a fruta bem na frente de seus lábios. — Abra.

— Eu posso me alimentar sozinha. — Ela argumentou, seus olhos saltando entre a fruta e os meus.

— Abra. — eu repeti e ela suspirou, mas obedeceu, separando levemente seus lábios carnudos e rosados enquanto olhava para mim. — Boa menina. — Coloquei o morango suculento em seu lábio inferior e ela abriu ainda mais, me dando espaço para colocar tudo em sua boca antes de fechar os lábios nas pontas dos meus dedos e pegar a fruta.

Duvido que ela tenha feito isso de forma sedutora, visto que ela não tinha nenhuma experiência com homens antes de nos conhecermos dias atrás, mas a ação enviou raios elétricos de desejo através do meu corpo, embora meu rosto permanecesse impassível.

Eu a observei mastigar e passar a língua pelos lábios quando ela terminou. — Outro. — peguei um pedaço de queijo e estendi para ela, mas desta vez não cheguei tão longe, fazendo-a se inclinar para mim para pegar a comida oferecida.

Ela me recompensou usando os dentes para agarrar a comida em vez dos lábios macios e mordeu meu polegar no processo antes de se afastar e sorrir novamente, orgulhosa de si mesma.

Eu sorri também, simplesmente porque não pude evitar.

— O morango era para uma calça e o queijo para uma resposta.

— Hum. — Cantarolei, recostando-me na parede atrás de mim e acenando para ela continuar.

— Por que você pegou o tônico da minha mãe e encarregou seus homens de intervir no dia do nosso casamento?

Cerrei a mandíbula com a lembrança daquela bebida amargamente drogada que seus pais usaram para controlá-la e respondi. — Porque não foi certo eles fazerem isso com você. — Eu disse claramente: — E eu não permitiria que isso acontecesse dentro da minha casa

— E o que você fez comigo depois do nosso casamento foi certo?
— Ela retrucou e eu ri dela com desdém.

— Não é a sua vez. — Eu a rejeitei e peguei um pedaço de presunto enrolado da travessa. — É minha, agora abra esses lindos lábios e coma.

Suas narinas dilataram-se com minhas palavras, mas ela obedeceu, inclinando-se mais uma vez e pegando a comida oferecida. Quando ela terminou de mastigar, ela simplesmente disse: — Meias.

— Justo. — Tirei um pedaço de abacaxi da travessa e levantei: — Cuidado, está suculento. — Eu a provoquei e ela revirou os olhos, inclinando-se para frente e dando uma mordida desafiadora.

Observei o doce suco amarelo escorrer por seus lábios e descer por seu queixo antes de escorrer por seu pescoço. Ela tentou enxugá-lo, mas eu antecipei seu movimento e agarrei seus pulsos, prendendo-os no colo com uma das mãos. — Permita-me. — eu rosnei e me inclinei para frente, deixando cair minha boca em sua clavícula exposta e

abrindo seu roupão para revelar onde o suco escorreu pela fenda entre seus seios cobertos de renda.

— Nicolas. — ela sussurrou, mas não lutou comigo enquanto eu mergulhava minha língua entre seus seios fartos, capturando a doçura pegajosa antes de arrastá-la até seu peito e pescoço. Ela inclinou a cabeça para trás, expondo mais o pescoço para mim e eu sorri contra sua pele ao ver como ela estava afetada pela minha língua antes de coletar o resto do suco em seu queixo. Quando cheguei aos lábios dela, nem fingi estar ali só pela bagunça, queria os lábios dela por motivos egoístas, e os peguei.

Eu a beijei, deixando o sabor doce da fruta preencher minhas papilas gustativas enquanto empurrava minha língua em sua boca. Ela gemeu e puxou o rosto para trás, fechando os lábios para mim. — Não. — ela balançou a cabeça enquanto eu deslizava meus dedos em seu cabelo escuro e a puxava para trás.

— Você é tão rápida em encerrar nosso jogo? — Eu disse contra seus lábios, lambendo-os e captando seu doce gemido que saía de seus lábios. — Tão rápida em negar prazer a si mesma.

— Não quero prazer se fizer parte do seu jogo. — Ela saiu correndo. — Eu não quero brincar comigo.

— Então é só aproveitar, porque estou com disposição para dar hoje. — Eu a beijei novamente e ela se abriu para mim instantaneamente. — Boa menina.

Um fogo ardia entre nós, eu sabia que ela estava tão afetada por isso quanto eu, mesmo que eu tivesse mais controle para expressar isso do que ela. — Preciso de roupas — ela choramingou. — E de respostas.

— Você quer alguma dessas coisas mais do que orgasmos? — Eu desafiei e deslizei meus lábios ao redor de seu pescoço para morder sua orelha e chupar o lóbulo enquanto ela gemia.

— Eu... — Ela ofegou e lutou contra o aperto que eu tinha em suas mãos, eu a deixei ir, com a intenção de senti-las me afastar enquanto seu bom senso ultrapassava os meus desejáveis. Mas em vez de me

afastar, ela colocou as duas mãos em volta do meu pescoço e cravou as unhas, arrancando um grunhido dos meus lábios enquanto inclinava a cabeça e me beijava mais profundamente.

Garota safada.

— A recompensa pode vir de várias maneiras — eu disse depois de um tempo e a levantei para ficar de pé na minha frente. — Você quer uma?

Ela mordeu o lábio e brincou com a faixa do roupão, insegura. Mas então ela respirou fundo e acenou com a cabeça: — Sim.

— Tire seu roupão. — ordenei.

Suas pálpebras caíram ligeiramente e ela inclinou a cabeça para trás desafiadoramente: — E o que você vai me dar se eu fizer isso?

— Um suéter. Para combinar com sua calça e meias.

Ela refletiu sobre isso por um momento e então deslizou a faixa antes de deixar o roupão de seda deslizar por seus ombros e formar uma pilha a seus pés. Recostei-me no banco da janela e olhei para seu corpo pecaminosamente sexy, curvado e delicado de uma forma tão feminina que chamava meu lado primitivo. Seu sutiã de renda era azul bebê e transparente, mal cobrindo seus seios generosos e havia um laço azul marinho no centro que eu ansiava por arrancar com os dentes. Sua calcinha era de renda combinando, com uma borda azul marinho que eu sabia que corria entre suas nádegas em um corte fio dental porque eu tinha escolhido para ela usar.

— Passe as mãos pela frente do corpo, começando pelo pescoço. — ordenei em seguida. — Lentamente acaricie seus seios à medida que avança.

— O que vou ganhar se fizer isso? — ela rebateu e eu sorri com sua capacidade de fazer negócios quando meu cérebro estava em curto-circuito com a necessidade sexual queimando dentro de mim enquanto ela agia sem ser afetada. Mas eu sabia melhor.

— Sapatos. — Levantei uma sobrancelha para ela e cocei meu queixo barbudo. — É meio difícil sair de casa sem sapatos, certo?

— Certo. — Ela respirou fundo e eu observei em êxtase enquanto ela levava as mãos ao cabelo chocolate escuro, jogando-o sobre os ombros e passando as pontas dos dedos pelos ombros até o pescoço. Seus lábios exuberantes estavam entreabertos e seus olhos chocolate quentes fechados enquanto ela inclinava a cabeça para trás e traçava as linhas graciosas de seu pescoço e clavículas.

— Balance seus quadris. — eu instruí e ela não perdeu o ritmo, balançando-os suavemente com uma canção silenciosa de sedução enquanto suas unhas traçavam os picos duros visíveis sob seu sutiã de renda.

Ela suspirou enquanto circulava seus mamilos e meu pau se contraiu em minha calça. Seus dedos desceram pela barriga macia e pelos quadris, antes de deslizarem para o centro da cintura, onde havia um laço azul combinando.

— Tire-os. — eu rosnei, limpando a garganta enquanto meu desejo transformava minha voz em lama. — Sutiã e calcinha.

— Eu quero respostas. — ela cantarolou, continuando a balançar seus quadris enquanto suas unhas pintadas de branco deslizavam sob a faixa de sua calcinha. — Duas.

Eu teria dado a ela minha perna esquerda para ver seus dedos deslizarem dentro da renda, mas não contei isso a ela. — Pergunte.

— Você vai respondê-las? — Ela desafiou, abrindo os olhos e olhando diretamente para mim.

— Pergunte e descobriremos. Mas faça isso rapidamente ou você perderá a chance. — Apalpei minha ereção e seus olhos brilharam enquanto ela me observava apertar seu comprimento.

— Por que você me odeia? — Ela perguntou, trazendo as mãos de volta da barriga até o peito e circulando os mamilos novamente. — E nem por um segundo tente dizer que não. Passei toda a minha vida sendo odiada pelas pessoas ao meu redor, então sei quando vejo isso.

Ela estava tentando mostrar indiferença, mas eu podia ouvir a raiva por trás de suas palavras, mesmo enquanto ela tentava me distrair disso.

Então eu respondi a ela honestamente. — Eu odeio o que você representa. — Suas narinas dilataram, mas ela manteve a boca fechada, então continuei. — Você representa a escolha que não pude fazer por mim mesmo. Seu pai e o meu fizeram os planos para mim sem se importar com o que eu queria. E odeio que você seja a peça do jogo que usaram contra mim.

Seu corpo parou enquanto ela me observava, refletindo sobre isso. — Eu também não tive uma palavra a dizer. — Ela engoliu em seco e colocou as mãos nos quadris. — Você representa a mesma coisa para mim.

— Errado. — Inclinei-me para frente e apoiei os cotovelos nos joelhos. — Eu represento uma fuga para você. Você pode não ter me escolhido pessoalmente, mas casar comigo a afastou de seu pai e de seu tratamento cruel. Eu sou o seu maldito príncipe encantado, se você pensar bastante nisso.

Ela zombou, mas continuou: — Por que você não dissolveu o acordo depois que seu pai morreu? Posso não ter muito conhecimento sobre como essas coisas funcionam, mas ouvi rumores suficientes sobre você nos últimos anos para saber que você é poderoso o suficiente para quebrar um contrato como este com meu pai e não haveria nada que ele pudesse fazer sobre isso. — Ela estendeu a mão e desabotoou o fecho do sutiã e lentamente deslizou-o sobre os braços e jogou-o no meu colo. — Então, por que casar comigo?

Minha esposa sabia como conduzir negócios. Ela era cortante e sábia e eu certamente manteria isso em mente. — Milão — respondi, observando seu rosto enquanto seus olhos se estreitavam em confusão antes de deixar os meus descerem até seus mamilos perfeitamente rosados, permanecendo firmes nas pontas de seus seios bronzeados. Deus, eles eram lindos seios. — Há oito meses vi você em Milão, no Amoroso Gala. — Eu desviei o olhar deles para o rosto dela novamente,

ela engoliu em seco quando percebeu. — Eu sabia então que precisava de você, simplesmente porque não queria que mais ninguém o fizesse. — Recostei-me no assento e acenei para sua calcinha de renda, que era a última barreira entre mim e o que eu queria. — Mesmo que eu odiasse a ideia de você. — Esperei que ela mencionasse a época anterior, aqui em Armarow, quando nos conhecemos. Mas ela não o fez, e isso apenas incutiu ainda mais o que eu já sabia.

Ela não se lembrava da primeira vez que nos encontramos quando ela era tão jovem e ingênua.

Ela abriu a boca para dizer algo e então a fechou, cerrando a mandíbula para manter seus pensamentos dentro de si. Então, sem outra palavra, ela deslizou os dedos delicados na faixa da calcinha e empurrou-a pelas coxas, torcendo sedutoramente os quadris a cada movimento até que ela se acumulasse no chão ao redor dos tornozelos. Ela levantou um pé delicado e saiu dela e a pegou, pronta para jogá-la de lado.

— Não. — eu ordenei, interrompendo seu movimento. — Traga-a para mim.

Ela ergueu o queixo para me olhar desafiadoramente, mas finalmente deu alguns passos à frente e segurou a renda azul presa entre dois dedos. Eu a tirei dela enquanto ela estava nua na minha frente e passei os dedos sobre o tecido até encontrar a umidade que eu sabia que estaria ali.

Eu sorri para ela e seu rosto floresceu com um rubor que fez uma pequena parte do monstro dentro de mim se acalmar e relaxar. — Uma recompensa tão doce.

Seu peito subia e descia rapidamente enquanto ela me observava. — Fim do jogo. — Ela jogou as mãos ao lado do corpo. — Estou sem fichas de barganha.

Eu fiz uma careta para ela e coloquei sua calcinha no bolso, guardando-a para mais tarde. — É uma pena, porque eu tinha muito mais recompensas para lhe dar.

Ela mordeu o lábio em contemplação. — Como exatamente você espera que eu as ganhe?

Eu sorri para ela e ela engoliu em seco. Fui até a cama e sentei. A cama que eu não dormi nas últimas noites porque a estava evitando e sentia falta desesperadamente. — Rasteje até mim.

— O que vou conseguir? — Ela perguntou por cima do ombro, cruzando os braços sobre o peito.

— Depende de quão boa você será quando chegar até mim.

— O que isso significa?

— Faça e descubra. — Dei de ombros: — Decisões precisam ser tomadas porque estou ficando sem tempo livre para entreter você, pequenina. Tenho responsabilidades a cumprir.

Ela suspirou e olhou para mim, mas eu sabia que a tinha. Mesmo que a recompensa fosse apenas o prazer que eu sem dúvida lhe daria quando ela viesse até mim, ela o faria.

Ela me queria assim como eu a queria. Se ela usasse o disfarce desse jogo de troca para esconder seus anseios, eu não me importaria.

Nós dois sabíamos a verdade.

Observei enquanto ela lentamente se ajoelhava e rastejava ternamente pelo tapete até mim, balançando os quadris a cada movimento. — Olhos em mim. — ordenei quando ela tentou olhar para o chão. — Eu quero ver você quando você me obedecer.

Ela engoliu em seco e franziu os lábios, mas continuou seu caminho até mim. Como uma garota tão boa. Quando ela se levantou, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para mim em busca da próxima instrução.

— Tire minhas meias e sapatos.

Seus cílios brilharam de raiva, mas ela manteve a boca fechada enquanto desamarrou meus sapatos e os tirou, enfiando minhas meias neles quando terminou.

Esta lição não era sobre degradação, era sobre confiança. Mesmo que ela não soubesse que estava aprendendo alguma coisa no momento. Eu queria saber até onde ela estava disposta a ir. — O que agora? — Ela perguntou, mal disfarçando o atrevimento em seu tom.

— Minha camisa. — Abri bem os braços e esperei enquanto ela se levantava e hesitantemente tocava o primeiro botão da minha camisa, deslizando-a pela abertura. Eu trouxe minhas mãos para frente e as coloquei em seus quadris largos, prendendo-as nas alças feitas por Deus ali, e sorri quando sua respiração ficou presa na garganta com o contato. — Qual é o problema, pequenina? — Eu a cutuquei.

— Não estou acostumada com toques... *gentis*.

Qualquer excitação que eu estava sentindo secou dentro de mim enquanto eu observava seu rosto enquanto ela olhava para a tarefa de desfazer meus botões. Seus olhos ficaram embaçados, mas as lágrimas não caíram quando ela piscou e cerrou a mandíbula.

— Você pensou que eu iria machucar você?

— Você não foi exatamente gentil da última vez. — Ela rebateu e puxou agressivamente minha camisa do cóis da calça antes de abri-la. Ela puxou uma mão da cintura e desabotoou minha abotoadura e tirou minha camisa daquele braço e depois a colocou de volta, antes de tirar a outra e repetir o processo. Quando ela terminou, ela finalmente ergueu os olhos para os meus e sustentou meu olhar. — E agora?

Eu odiava que ela fosse gentil comigo quando obviamente queria ser tudo menos isso. Levantei-me da beira da cama, mantendo o controle sobre seus quadris, e puxei-a para frente de mim. No entanto, antes que eu pudesse responder, alguém bateu na porta.

— *Capa*. — A voz de Saul soou do lado de fora. — Precisamos sair logo se quisermos chegar à sua reunião a tempo.

Os olhos de Arianna seguraram os meus enquanto ela ouvia o meu homem, e eu não sabia se era alívio ou decepção em seus olhos por ter sido interrompida. Mas eu pretendia descobrir.

— Cancele. — Eu gritei de volta: — E dê o fora da minha ala.

— Sim, senhor. — Ele gritou e Arianna respirou fundo.

— Eu não sou o tipo de homem que não termina o que comecei. — eu a informei enquanto a virava até que sua bunda descansasse na beirada da cama e eu a levantei para sentar nela. — E estou muito mais investido nisso do que em qualquer outra coisa que planejei para o dia.

— Nicolas. — Ela sussurrou enquanto eu a empurrava para cima da cama e colocava minha mão no cinto.

— Nico. — Eu a corriji. — Você vai me chamar de Nico quando estivermos assim.

— O que exatamente é isso? — Ela perguntou, cruzando as pernas enquanto seus olhos me observavam abrir o cinto e puxar o fecho da calça.

— Sempre que você não está com raiva de mim, eu suponho. — Eu brinquei: — Embora eu não ache que isso acontecerá com muita frequência

— Você acha que não estou com raiva de você agora? — Ela desafiou, levantando uma sobrancelha para mim.

— Acho que sua necessidade de orgasmo supera qualquer raiva que você possa ter sentido por mim antes. — Eu respondi e ela lambeu os lábios.

— Você vai me dar um orgasmo?

Houve quase um desafio em sua pergunta, como se ela duvidasse de minhas habilidades e eu sorri para ela enquanto empurrava minha calça e cueca boxer para o chão. Seus olhos caíram instantaneamente para meu pau duro, e eu o cerrei enquanto tirava minha calça, buscando avidamente prazer para mim e tortura para ela.

— Mesmo quando eu fui um valentão com você outro dia, você ainda gozou no meu pau como uma esposa perfeita. — Eu repreendi e ela se irritou com o tom: — Mas não estou me sentindo muito violento agora.

Ela engoliu em seco e lambeu os lábios enquanto eu deslizei minhas mãos até seus joelhos e os separei, expondo sua linda boceta rosa para mim e ela se inclinou para trás enquanto eu me inclinava.

— Como se eu estivesse com vontade de arrastar orgasmo após orgasmo do seu corpo muito antes de afundar dentro de você. — Deslizei uma mão por baixo de sua bunda, peguei-a e deixei-a cair mais acima na cama, para que sua cabeça ficasse perfeitamente apoiada no travesseiro no centro. Ela engasgou e ofegou quando eu olhei para ela e peguei um travesseiro extra e coloquei sob seus quadris. — E eu estaria mentindo se dissesse que não estou com vontade de provar sua doce boceta novamente e fazer creme na minha língua como você fez na primeira noite em que tive você.

— Nico. — Ela gemeu quando eu abri bem suas coxas para dar ênfase e deslizei para minha barriga entre elas. — Por favor.

— Por favor, o que, esposa? — Eu perguntei, abaixando meus lábios para pairar diretamente sobre seu clitóris inchado. Seu cheiro era inebriante e eu queria sentir suas lindas coxas tremendo em volta da minha cabeça enquanto eu a comia. Mas eu queria ouvir isso dos lábios dela primeiro.

— Faça isso. — Ela sussurrou, girando os quadris: — Por favor, faça isso.

— Como quiser, pequenina. — eu sorri e depois cuspi em sua boceta antes de mergulhar para me saciar. Ela guinchou e gemeu enquanto eu fazia tudo que podia para forçar o orgasmo de seu corpo o mais rápido possível. Porque eu estava dizendo a verdade antes, eu queria fazê-la gozar várias vezes antes de transar com ela, mas com os barulhos que ela estava fazendo e a maneira como ela agarrou minha cabeça e balançou os quadris sob meu rosto, eu estava no caminho mais rápido para perder minha determinação de não transar com ela. — É isso, baby. — Ronronei contra seu clitóris e empurrei um dedo dentro de sua boceta apertada. Era uma loucura quão apertada ela era, mesmo me tomando duas vezes agora.

— Sim. — Ela gemeu, jogando a cabeça para trás e arqueando as costas. — Bem aí, não pare.

Sorri contra seu clitóris enquanto ela implorava pelo que queria e a recompensei com a mesma combinação de sensações. Eu não era um maldito saco de ferramentas que mudava as coisas quando uma mulher lhe dizia exatamente o que queria. Afinal, as mulheres não eram ciência de foguetes; elas eram muito diretas se os homens dedicassem tempo para se importar.

Antes de Arianna, eu não me importava exatamente com o prazer de uma mulher, desde que isso significasse que eu teria o meu. Exceto que, neste momento, eu queria senti-la convulsionar debaixo de mim e implorar para que eu transasse com ela.

— Eu estou... — Ela ofegou e sua boca ficou aberta quando ela começou a tremer debaixo de mim.

— Boa menina. — Eu a elogiei e senti seu corpo apertar ainda mais quando seu orgasmo assumiu.

— Sim! — Ela gritou, cobrindo a boca com as costas da mão boa e mordendo os nós dos dedos enquanto gozava com força: — Oh, meu Deus!

Eu ri contra ela e lentamente deixei a pressão da minha atenção aumentar até que meus toques e lambidas fossem gentis e provocantes enquanto ela afundava de volta na cama. — Eu já te disse, sou seu deus.

— Hum — Ela ofegou: — Prove.

Mordi a parte interna de sua coxa e a rolei de bruços e rastejei por seu corpo, pressionando minha coxa entre as dela e empurrando-a para longe. Ela estava deitada de bruços com o joelho apoiado ao lado do corpo e eu deitei metade em cima dela. Envolvi o meu braço debaixo do seu pescoço e agarrei-lhe no ombro, levantando-lhe a cabeça e o peito enquanto empurrava dois dedos na sua boceta por trás.

Ela engasgou e agarrou meu braço enquanto eu balançava minha mão ferozmente para frente e para trás com meus dedos enterrados dentro dela. — Você não deveria ter feito isso, baby. — Eu sibilei em seu

ouvido enquanto ela gemia e miava debaixo de mim, incapaz de se mover enquanto eu atormentava seu corpo. — Vou fazer você fazer algo que você nem sabia que era possível. — Mordi seu ombro e ela sibilou: — E você vai me agradecer por isso quando eu terminar.

— O quê? — Ela ofegou. — Eu não entendo.

— Eu sei que você não sabe. — Balancei as meus quadris para frente, esfregando o meu pau no seu rabo enquanto apertava a sua garganta. — E isso me deixa absolutamente selvagem, Arianna.

— Porra. — Ela choramingou quando eu aumentei a velocidade, os ruídos molhados que meus dedos faziam dentro dela me fizeram querer mais. — É muito.

— Muito ruim. — Eu repreendi. — Você queria que eu provasse quem é seu dono. — Deslizei minha mão de seu ombro até seu seio e espalhei o peso dele antes de beliscar seu mamilo e puxá-lo. — Então eu vou te mostrar.

— Oh, foda. — Ela gemeu: — Eu vou gozar. — Ela balançou a cabeça enquanto um suor frio cobria seu corpo. — Não posso! — Ela gritou: — Pare.

— Goze para mim. — eu exigi.

— Eu vou fazer xixi! — Ela argumentou, agarrando meu braço enquanto chutava as pernas loucamente.

— Você vai esguichar. Há uma diferença. — Mordi seu ombro novamente e gemi quando ela apertou meus dedos. — Vou te foder com tanta força depois que você encharcar esta cama com seu orgasmo. — Flexionei meus quadris novamente, desesperado para aliviar a dor dentro das minhas bolas. — Goze para mim. — eu exigi.

— Por favor! — Ela gritou e então cedeu à pressão que crescia dentro dela e mordeu meu antebraço enquanto cobria meus dedos e minha mão com seu orgasmo.

Eu rugi enquanto seus dentes cortavam a pele do meu braço e sua boceta apertava com tanta força meus dedos. Antes mesmo que ela

terminasse de ter convulsões, eu me alinhei e me enterrei dentro de seu buraco encharcado, arrancando outro grito de seus lábios. Eu a fodi com força, batendo em seu corpo enquanto ela empurrava de volta para mim com cada impulso avidamente. — Pegue, Arianna. — rosnei em seu ouvido, enquanto ela me arranhava. — Você não quer minha gentileza, não é?

— Não. — Ela ofegou, arqueando as costas ainda mais e empurrando de volta para mim. — Eu quero isso. Eu quero você assim.

— Pequenina. — eu sibilei e abri suas coxas ainda mais para acomodar minhas pernas, em seguida, puxei seus quadris para cima para que eu pudesse obter a profundidade que desejava. — Você me pegou. — Eu bati em sua bunda e observei-a ondular com cada estocada.

— Oh, meu Deus. — Ela gemeu: — Estou tão perto de novo. Como isso é bom?

Eu ri e a peguei para pressioná-la contra meu peito enquanto a segurava com uma mão em volta de sua garganta e a outra enterrada entre suas coxas, esfregando seu clitóris. — Goze no meu pau de novo, Arianna. — Eu ordenei: — O leite vem direto de mim.

— Deus. — Ela gemeu e eu senti seu corpo enrijecer contra o meu segundo antes de sua boceta me apertar novamente e eu não conseguir mais me conter.

Eu estremeci com a cabeça jogada para trás enquanto a enchia, grunhindo e tendo espasmos como um homem sendo eletrocutado enquanto um prazer como nenhum outro assolava meu corpo graças ao dela. Eu cedi, deixando-a ir quando ela caiu na cama, ofegante e mole e eu a segui e rolei para o meu lado para evitar esmagá-la.

— Puta merda. — Eu grunhi, esfregando minhas mãos sobre meu abdômen enquanto sugava o ar.

Ela levantou ligeiramente a cabeça da cama com um sorriso malicioso no rosto e revirou os olhos. — Estava tudo bem.

Eu dei um tapa na bunda dela, ainda exposta e disponível para mim e ela rosnou e depois riu.

— Pequena Safada.

— Hum. — Ela cantarolou com os olhos fechados. — Eu meio que gosto de ser travessa.

Porra. Isso não era bom.

Eu me encolhi por dentro, imaginando todos os problemas que ela iria me causar com sua recém-descoberta veia travessa e confiança.

Então sorri porque sabia que iria gostar muito de corrigir o comportamento dela.

Capítulo Sete
ARIANNA



— Senhora. — Molly chamou da porta do quarto com um largo sorriso. — Tenho uma entrega para você.

Ela se afastou enquanto outras empregadas vestidas com vestidos pretos simples carregavam braçadas de roupas pelo grande quarto até o closet principal.

— Todas elas? — Perguntei surpresa, segurando o roupão fechado em volta do meu corpo. Eu estava deitada no sofá perto da lareira, observando as chamas dançarem enquanto repassava minha manhã com Nicolas. E agora eu estava ainda mais confusa.

Havíamos negociado uma roupa, trocando meticulosamente peça por peça para que eu pudesse sair e lá estava ele me dando tudo. Depois de mais uma vez me transformar em uma lunática louca por sexo que lhe daria qualquer coisa pelo prazer que ele proporcionava. Ele me disse outro dia que só me daria prazer quando tivesse vontade, e nas outras vezes usaria meu corpo para agradar o seu. Mas eu tinha certeza que ele mentiu.

Ele era um homem brutal e assustador que controlava milhares de pessoas com medo e poder, mas ainda não havia mostrado esse lado para mim. Na verdade não, de qualquer maneira.

O tempo passado nas costas da cadeira foi apenas uma amostra de seu poder, eu tinha certeza.

Exceto que isso não me assustou como quando meu pai costumava exercer seu poder, em vez disso, isso me excitou. E em resposta a essa excitação, vim atrás dele como uma putinha carente.

Que vida estranha a minha estava se tornando.

— Sim, senhora. — Molly assentiu, chamando minha atenção de volta para ela. — E ele providenciou para que uma personal shopper entregasse ainda mais amanhã. Você poderá escolher o que quiser da coleção que ela trouxe.

— Uau. — Pensei enquanto todas as empregadas faziam uma reverência ao saírem do quarto depois de arrumarem as roupas no enorme closet principal. Ao lado de todas as suas roupas.

Molly foi até a bandeja que Nicholas havia trazido com ele mais cedo e sorriu quando a encontrou quase vazia antes de pegá-la e segurá-la no quadril. — Como está sua mão, senhora?

— Molly. — Suspirei sorrindo para ela. — Por favor, me chame de Ari. Todo mundo é tão formal e sinto que você é minha única amiga aqui, por favor, use meu nome.

Ela sorriu e abaixou a cabeça. — Se você insiste.

— Eu insisto. — Eu balancei a cabeça, satisfeita comigo mesma por ter conseguido algo mais do meu jeito hoje. — Minha mão parece... — Eu olhei para ela e a flexionei. — Melhor. Ainda sensível, mas não dolorida como antes.

— Bom. A Dra. Travis estará aqui esta noite depois do jantar, para o qual o Sr. Capasso solicitou que você se juntasse a ele na sala de jantar.

— Posso descer também? — Eu questionei, tentando entender tudo isso.

— Sr. Capasso nunca me instruiu que você não poderia descer antes. — Suas sobrancelhas franzidas em confusão. — Você simplesmente não tinha nenhuma roupa, e bem — Ela fez uma pausa como se estivesse tentando encontrar as palavras certas. — Você também não parecia interessada em explorar.

Eu sorri para ela e encolhi os ombros: — Suponho que você esteja certa, eu não estava com humor antes. Mas agora estou. — Passei por ela até o closet. — Posso sair agora?

— Sim — ela me seguiu e observou enquanto eu examinava as roupas que minha mãe havia comprado para mim antes de me mudar para cá. Eu nunca tinha visto a maior parte, mas não importava. Mesmo que minha mãe fosse uma péssima mãe, ela era uma ótima compradora. — Saul e Dio estão no corredor, prontos para acompanhá-la aonde você quiser.

— Fantástico. — Eu pensei, pegando um par de jeans skinny verde floresta e um suéter creme, jogando-os no balcão no centro do closet antes de voltar para encontrar roupas íntimas e sapatos mais confortáveis, visto que minha calcinha foi contrabandeada no bolso do meu marido quando ele saiu horas atrás. — Quase posso sentir o gosto do ar do outono daqui.

— É uma época linda do ano aqui nas montanhas. Embora não dure tanto quanto eu gostaria antes da neve chegar.

— Nicolas passa o inverno aqui? — Perguntei inocentemente, esperando ter um vislumbre de informações sobre meu futuro e sobre meu misterioso marido enquanto comecei a me vestir na frente da mulher. Ela já tinha me visto nua, tendo me vestido no dia do meu casamento, então isso não importava. Deixei cair meu roupão e comecei a puxar um sutiã de algodão quando ela engasgou e olhei para ela por cima do ombro: — O que é?

— Senhora. — ela voltou à formalidade enquanto se aproximava. — Seu ombro. Você se machucou?

Tentei ver o que ela estava falando, mas não consegui, então me virei na frente do espelho até o chão e olhei para minhas costas. Eu imediatamente entendi por que ela estava tão preocupada.

Marcas de dentes.

Três conjuntos para ser exata.

Uma onda de excitação e vergonha aqueceu minha pele quando me afastei das mordidas que Nicolas havia deixado em mim mais cedo. — Estou muito bem, Molly. — Sorri para mim mesma enquanto abaixei meu rosto e deixei meu cabelo cobri-lo enquanto continuava apertando meu sutiã e vestindo o suéter quente para esconder as marcas que a surpreenderam tanto.

— Tem certeza? — Ela parecia preocupada, torcendo as mãos na frente dela enquanto eu vestia o jeans.

— Sim, Molly — eu ri e tive pena da garota. — Acontece que Nicolas tem fascínio por morder. Isso é tudo.

— Oh. — Seu rosto ficou com um tom brilhante de vermelho e sua boca abriu e fechou. — Oh. — Ela se recompôs e balançou a cabeça: — Sinto muito por enfiar o nariz onde não é necessário. Eu só queria...

— Não se preocupe com isso. Entendo por que você estaria preocupada, mas estou bem. — Fui até a prateleira de sapatos que as empregadas haviam organizado rapidamente e tirei um par de botas pretas e as calcei. — Mas devemos sair deste quarto antes que ele mude de ideia ou algo assim e me prenda aqui para sempre. — Agarrei a mão dela e puxei-a comigo para fora do quarto. — Agora vou precisar da sua ajuda — abri a porta e olhei para cima e para baixo no corredor. — Para encontrar o caminho para sair deste labirinto elaborado

Ela riu e me puxou para o lado dela enquanto caminhava para a direita. — Esta ala inteira são os quartos privados do Sr. Capasso e seu. — Ela descreveu enquanto caminhávamos: — Esta tarde ele deu instruções estritas para ninguém além de mim e dos funcionários que considero adequados para subir do topo da escada para a ala privada.

— Hum. — Balancei a cabeça, lembrando-me da maneira como ele ameaçou seu homem mais cedo, quando nos interrompeu do lado de fora da porta do quarto.

— Na ala fica a suíte máster e mais três quartos além de uma sala de estar para você usar o que quiser. Essas escadas levam diretamente para a sala principal, fora da cozinha, no andar de baixo. Se tivéssemos

saído do seu quarto para a esquerda, você teria encontrado outro lance de escadas que leva à parte de trás da casa em direção à garagem.

Balancei a cabeça tentando lembrar visualmente de tudo enquanto ela falava. No final da escada, meus dois grandes guardacostas, Saul e Dio, estavam parados como se estivessem esperando minha próxima tarefa, mas eu não tinha certeza do que tinha permissão para fazer ou pior, o que eu tinha que pedir permissão para fazer.

Felizmente, Molly teve pena de mim e dirigiu-se a eles quando eu não o fiz.

— Sra. Capasso gostaria de sair e tomar um pouco de ar fresco.

Saul assentiu e Dio falou em seu pulso como um espião disfarçado, e deixei a formalidade de tudo isso rolar sobre meus ombros. Eu estava ansiosa demais para sair para rir do ridículo de tudo isso.

— Obrigada — eu disse a ela e aos guardas enquanto descia para o chão de mármore.

— Estarei por perto quando você voltar. — Molly disse: — Não deixe de dar uma olhada no lago, é mágico nesta época do ano. — Dando um tapinha no meu braço uma vez, antes de sair com um sorriso para Dio.

— Um de vocês pode me mostrar o lago? — Perguntei sem saber: — Ou pelo menos como chegar a uma porta externa... — murmurei enquanto olhava ao redor da enorme área de estar. Havia grandes janelas que mostravam o terreno lá fora, mas não havia portas.

— Por aqui, senhora. — Saul acenou com a cabeça para o lado e me conduziu pela casa até a cozinha que reconheci antes do meu casamento. — Essas portas levarão você para o espaço de entretenimento externo. — Ele me informou enquanto saíamos para o pátio imaculado, onde me casei há alguns dias.

— Obrigada — murmurei enquanto absorvia tudo.

Flores estavam penduradas nas grades e eu me lembrava vagamente de um tapete branco estendido no corredor, mas todo o

resto do evento estava confuso.

Eu não me lembrava de quase nada do meu casamento, embora tenha sido arranjado e devesse ter sido repulsivo, ainda me arrependi de não ter absorvido tudo quando estava acontecendo.

Eis outra coisa que meu pai conseguiu me roubar graças à sua crueldade.

Desci os degraus até o gramado e percebi que Saul e Dio me seguiam a uma distância próxima o suficiente para me alcançar rapidamente se necessário, mas não o suficiente para pairar, e tentei ignorá-los enquanto caminhava pela paisagem luxuosa.

Árvores frutíferas ladeavam uma passarela, eu sabia que na primavera elas ficariam lindas com suas flores desabrochando e aromas doces. Eu não sabia se Armarow Estate era onde eu moraria em tempo integral, ou se Nicolas ficaria aqui comigo se eu morasse, mas sabia que seria difícil encontrar outro lugar para morar que superasse a realeza desta casa.

Segui o caminho de tijolos através de mais arbustos e árvores que floresciam em tons vermelhos e laranjas brilhantes enquanto as plantas se preparavam para o sono de inverno. Passar as pontas dos dedos pelas folhas, recolhendo o orvalho nelas à medida que avançava, me lembrou de uma lembrança da minha infância, mas quanto mais eu tentava lembrá-la com clareza, mais ela me escapava.

Concentrei-me nele onde ele estava bem no limite da realidade e do devaneio, perdido na perseguição, quando o caminho terminou e percebi que havia encontrado o lago. — Uau. — eu sussurrei e respirei fundo enquanto olhava ao redor do amplo terreno.

O lago em si era grande e no centro havia uma grande fonte que borrifava um intrincado desenho de água dançante sobre o corpo calmo abaixo, antes de borrifá-la novamente no ar.

Bancos e assentos alinhavam-se na borda gramada ao redor do perímetro, mas o que mais me chamou a atenção foram os balanços de corda de madeira pendurados em alguns pontos diferentes. Altas

estruturas de madeira sustentavam os balanços com trepadeiras sonhadoras cobrindo todo o comprimento das cordas, na mais próxima de mim, um amplo assento de tábua me convidava para descansar nele.

Fui até lá, olhando em volta para ver se meus guardas tinham me seguido ou não, e os encontrei parados no final do caminho como se estivessem tentando se misturar aos arbustos em seus ternos pretos e tamanho ameaçador.

Balancei a cabeça e sentei-me suavemente no balanço, rezando para que não fosse velho e desgastado, para não acabar com a bunda no chão.

Para minha surpresa, porém, as cordas quase não gemeram com a idade ou o cansaço enquanto deixei meu peso assentar no assento. Eu me puxei para trás, balançando suavemente enquanto a brisa fresca do outono girava ao meu redor.

Observei a fonte realizar sua dança mágica e balancei intemporalmente, aproveitando a paz que a área me emprestou enquanto minha realidade se afastava com a brisa.

Quando mãos quentes deslizaram sobre meus ombros, gritei, quase caindo do balanço, e olhei para trás para encontrar Nicolas sorrindo para mim.

— Você me assustou profundamente. — Eu engasguei, me endireitando no balanço para não cair.

— Você está aqui há muito tempo. Você deve estar com frio. — Ele disse no lugar de um pedido de desculpas, eu revirei os olhos enquanto encarava a fonte novamente. Eu não sabia há quanto tempo estava descansando naquele paraíso oscilante, mas a dor fria em meu corpo me disse que provavelmente havia mais tempo do que deveria.

— Bem, eu não ganhei uma jaqueta na troca mais cedo, então. — Encolhi os ombros impassivelmente enquanto ele ria.

— Achei que essa seria sua desculpa. — Ele disse, passando os dedos sob meu cabelo contra meu pescoço. A mudança foi íntima e

estranha para nós, mas também não foi indesejada da minha parte. Foi estranho. — Jesus, Arianna — ele gemeu. — Você está congelando.

— Estou bem. — Eu disse, flexionando meus dedos rígidos em torno das cordas e ignorando a forma como eles doíam quando o sangue começou a retornar aos membros frios.

— Venha aqui. — Ele deu a volta na frente do balanço e me pegou, ignorando meus protestos antes de colocar seu peso no balanço comigo em seus braços.

— Se essa coisa quebrar embaixo da sua bunda, vou ficar muito chateada. — Eu o repreendi quando ele me virou em seu colo até que minha cabeça estava enfiada sob seu queixo com seus braços quentes em volta do meu corpo. Ele usava a mesma camisa de botão que eu tinha tirado de seu corpo antes e eu podia sentir o cheiro do nosso sexo em sua pele, o que fez minha cabeça dançar.

— Eu odiaria fazer qualquer coisa para atrair sua raiva, pequenina. — Ele provocou e eu cutuquei seu peito, arrancando um grunhido dele. — Onde você conseguiu essa cicatriz? — Ele perguntou, passando o polegar pela minha bochecha, onde uma leve cicatriz branca descia pela carne como um rastro de lágrima. A maioria das pessoas nunca notou isso graças ao altamente estimado cirurgião plástico do meu pai, que prometeu consertar o melhor que pudesse.

— Eu não... — fiz uma pausa e balancei a cabeça. — Eu não me lembro. É meio confuso.

— O que você lembra? — Ele perguntou, olhando para mim como se estivesse esperando que eu decifrasse algum código enorme que continha todos os segredos obscuros do mundo.

— Um gato. — Eu sorri e revirei os olhos. — É isso.

— Um gato?

— Sim. — dei de ombros. — Lembro-me de um gato laranja e de meus pais ficarem muito chateados comigo quando viram o arranhão em minha bochecha.

Ele ficou em silêncio e depois olhou de volta para a fonte de água.
— O que você acha do terreno? — Ele perguntou depois de um tempo:
— As cores do outono correspondem às suas expectativas de perto?

— Isso e muito mais. — Admiti melancolicamente, e seus braços se apertaram em volta de mim. — Eu pensei que você não fosse um homem gentil? — Inclinei-me para trás para olhar para o rosto dele: — Este não parece o homem com quem me casei há alguns dias.

Ele suspirou e franziu os lábios. — Dê tempo a isso. Não posso escondê-lo para sempre.

— Hum. — Pensei: — Um pequeno Dr. Jekyll Mr. Hyde?¹

— Sr. Hyde seria mais gentil do que eu, garanto. — Ele desviou o olhar de mim e depois se levantou, me colocando de pé na frente dele.

— Suponho que então deveria fugir. — Afirmei, olhando para seu queixo forte e seus perfeitos olhos verdes.

— Você deve. — Ele disse, mas não fez nenhum movimento para se afastar de mim.

— OK. — Abaixei seu olhar e me virei para contorná-lo em direção ao caminho que agora estava vazio de meus guardas, mas a mão de Nicolas envolveu meu braço, me puxando de volta para seu peito.

— Não entendo você. — Ele disse com uma carranca, e eu pude ver a verdadeira perplexidade em seu olhar.

— Você deveria simplesmente me entender, mesmo sem me conhecer? — Eu questionei.

— Sim. — Ele respondeu instantaneamente. — Eu conheço pessoas. Passei minha vida inteira estudando todos que estive perto, aprendendo-os, calculando seus movimentos antes de realizá-los. Sempre ficando à frente — ele balançou a cabeça. — Mas com você, não consigo entender você.

— Hum. — Cantarolei novamente, sorrindo suavemente para ele:
— Então meu plano está funcionando perfeitamente.

— Cuidado, pequenina. — Ele falou enquanto me seguia quando eu me afastava do balanço em direção ao calor da casa.

— Ou o quê? — Eu brinquei com uma falsa sensação de coragem: — Você vai me bater? — Olhei por cima do ombro e percebi como seus olhos escureceram e seu queixo tremeu: — Porque agora nós dois sabemos que gosto disso. — Parei de andar e me virei para encará-lo, e ele não parou até que foi pressionado contra meu peito novamente. — Ou pelo menos eu gosto quando *você* faz isso.

— Ari. — ele rosnou e deslizou as mãos em volta da minha cintura. — Não tenho tempo para discipliná-la agora.

— Então por que você veio aqui? — Eu desafiei e passei os dedos sobre a marca de mordida que eu sabia que ele ainda usava do beijo.

— Eu avisarei você quando eu descobrir. — Ele disse e então baixou seus lábios nos meus. Eu não lutei com ele ou fingi que não era exatamente o que eu queria que ele fizesse e em vez disso, passei meus braços em volta de seu pescoço e me agarrei a ele enquanto ele rosnava e aprofundava o beijo até que ambos estávamos ofegantes e nos agarrando por mais.

— *Capa*. — Alguém gritou acima de nós no caminho e Nicolas gemeu e mordeu meu lábio para acalmar sua frustração.

— Suas mordidas fazem algo comigo. — admiti em um sussurro antes de tentar me afastar dele.

Ele me apertou ainda mais e chupou meu lábio inferior, acalmando-o com seu toque. — Vou ter que me lembrar disso.

Eu ri e me afastei dele, aproveitando a sensação de estar no controle da situação pela primeira vez na vida. — Faça isso, *Capa*.

Capítulo Oito

NICO



Meus homens ficaram em volta do meu escritório, bebendo minha bebida, fumando meus charutos e aproveitando meu espaço. Não era todo dia que eu permitia que tais reuniões ocorressem dentro de minha casa, mas verdade seja dita, eu não saía da propriedade há dias.

Desde o meu casamento, para ser exato.

Algo estava me prendendo aqui, e quanto mais eu tentava agir como se não fosse à presença atraente da minha nova esposa, mais difícil era encontrar desculpas para ficar. Na realidade, eu poderia conduzir a maior parte dos meus negócios em meu escritório em Armarow, mas nunca o fiz. Eu dificilmente ficava na propriedade rural por mais do que alguns dias seguidos para recarregar energias e relaxar, porque minha cobertura na cidade era muito mais adequada para negócios.

Mas aqui estava eu, convocando os homens mais sombrios e depravados de todo o país para minha casa particular e entretendo-os para que pudesse manter meu reinado sem sair do lado de Arianna.

Porque eu não estava pronto para deixá-la sair deste lugar e compartilhá-la com o resto do mundo.

Esta noite ela ficaria ao meu lado, como minha esposa.

Como a mulher mais importante da *Cosa Nostra*.

De certa forma, foi ela se assumindo, já que o casamento tinha uma lista de convidados muito curta, apenas de familiares e capitães que poderiam ser considerados família. O jantar que seria organizado esta noite serviria como sua hora de assumir seu trono.

E ela nem sabia disso.

Dei outra tragada no charuto e deixei o gosto familiar da fumaça encher meus pulmões e dançar em minha língua enquanto fingia ouvir e me importar com o que meus homens estavam tentando compartilhar comigo.

Mas minha mente estava presa na linda morena que deveria estar lá embaixo a qualquer momento. Eu tinha subido e escolhido o vestido dela para a noite, chegando até a preparar a lingerie que eu queria que ela usasse e combiná-la com sapatos novos e sexy e joias que eu havia entregue para ela também enquanto ela estava no banho.

Meu corpo doeu fisicamente ao vê-la usando todos os meus presentes.

Eu já estava fodido da cabeça por ela, o que não deveria ser surpreendente, considerando que tomei a decisão instintiva de prosseguir com o casamento depois de vê-la do outro lado da sala em uma festa de gala no ano passado.

Acho que de certa forma eu estava fodido por ela desde então.

Exceto que foi pior agora que eu a provei.

Levei-a.

Marquei-a e reivindiquei-a como minha.

Mesmo indo tão longe a ponto de tentar engravidá-la propositalmente com meu filho para cimentar o vínculo entre nós para sempre.

Como eu disse, *fodido na cabeça*.

— Chefe. — Saul chamou minha atenção da minha dança no beco dos devaneios para o presente com um aceno silencioso. — Sra.

Capasso está descendo.

— Obrigado. — Apaguei meu charuto e bebi o resto da minha bebida e observei as portas duplas do outro lado da sala esperando sua chegada.

— Ansioso com alguma coisa, Capa? — Luca Farone, um bom companheiro que fazia parte da organização familiar Capasso desde antes de eu nascer, me assediou.

— Hum. — Cantarolei, tentando ignorá-lo enquanto os outros homens ao meu redor riam, aproveitando minha óbvia distração. — Os únicos aqui que deveriam estar ansiosos esta noite são vocês. — Afastei meus olhos da porta e os encarei: — Porque se algum de vocês sair da linha na presença de minha esposa, vou estripar vocês bem na frente dela e manter seu coração ainda batendo para a coleção dela.

Luca ergueu as mãos e riu: — Seremos verdadeiros escoteiros esta noite — Ele olhou ao redor do grupo: — Todos nós recebemos o aviso com o convite

— Bom — eu disse quando as portas duplas se abriram e Dio ficou de lado para deixar minha esposa entrar na sala. De repente, não existia mais ninguém na sala.

Seu passo vacilou um pouco quando ela viu o espaço lotado, mas antes que qualquer um dos olhos se voltasse para ela, ela se conteve e a máscara do dever deslizou sobre suas feições enquanto ela me procurava na sala.

Quando seus olhos líquidos chocolate encontraram os meus, tentei dizer a mim mesmo que um véu de conforto ou familiaridade passou por ela, mas provavelmente estava mentindo para mim mesmo.

Observei com êxtase enquanto seu corpo esguio se movia no meio da multidão, enquanto meus homens se separavam e inclinavam a cabeça para ela quando ela passava. Também notei como seus olhos olhavam generosamente para seu corpo sensual envolto no vestido de renda rosa dourado que escolhi para ela.

A renda quase combinava com seu tom de pele e enquanto o vestido a cobria da clavícula até o topo das coxas, o tecido era transparente em todos os lugares que não cobriam seus seios e cintura, exalando a sexualidade do corpo da minha esposa sem expô-la completamente aos olhos famintos dos homens.

— Arianna. — Estendi minha mão para ela quando ela se aproximou e ela a pegou, deslizando seus dedos delicados pelos meus enquanto eu a puxava para o meu lado. — Você está deslumbrante esta noite.

Ela olhou para mim enquanto um rubor cobria suas bochechas: — Você tem bom gosto, isso eu te darei. — Ela gentilmente passou os dedos sobre a gargantilha de diamantes enrolada em seu pescoço antes de desviar o olhar para os homens que a encaravam.

Mas tudo que eu conseguia pensar era em como ela ficaria mais tarde, deitada embaixo de mim com seu cabelo escuro espalhado ao redor dela, usando apenas aquele colar de diamantes enquanto eu a fodia profundamente.

— Capa — Leo, um dos meus outros capitães, assobiou. — Entendo por que você não está tão ansioso para voltar para a cidade. — Quando finalmente desviei os olhos de Ari, encontrei-o olhando de volta para o corpo dela, apreciativamente.

Normalmente eu não me importava se meus homens cobiçavam a mulher em meu braço, mais vezes do que eu conseguia me lembrar, eu presenteei meus homens com uma mulher quando terminei com ela.

Mas não Ari.

Não minha esposa.

— Cuidado, Leo. — Eu avisei, deslizando minha mão sobre as costas de Ari e descendo sobre sua bunda, descansando o peso dela contra ela. — Ou você será servido na próxima refeição.

— Ach — ele zombou com um sorriso de dentes de ouro e uma risada com seus homens. — Apenas admirando a beleza surpreendente que veio das entranhas de Emilio Rosetti.

Ari enrijeceu um pouco contra mim, mas ofereceu-lhe um sorriso gentil. — Vou considerar isso um elogio, pois meu pai é um dos homens mais feios que conheço.

Seu sorriso se alargou, assim como o dos homens ao seu redor, enquanto ela surpreendentemente se alinhava com a família Capasso no lugar da sua.

— Hum. — Leo piscou para mim. — Inteligente também.

— Muito. — Concordei quando Manny, o mordomo-chefe da propriedade, entrou na sala e anunciou que o jantar estava pronto. — Vamos guardar mais elogios para minha linda esposa até passarmos pela porta da sala de jantar. — Eu brinquei e puxei-a comigo para liderar o grupo para a refeição.

Quando estávamos no corredor, ela se inclinou ainda mais e sibilou: — Por que você não me disse que haveria... convidados? Pareço uma prostituta.

— Eu acho que você parece uma deusa. — Eu retruquei e seu queixo caiu de surpresa. Talvez ela não estivesse acostumada a receber elogios, ou talvez simplesmente não esperasse nenhum de mim, mas me empolgou saber que consegui deixá-la sem palavras. — Seja uma boa esposa e anfitriã pelo resto da noite, como eu sei que você foi criada e ensinada a ser — inclinei-me até que meus lábios estivessem pressionados contra sua orelha. — E vou recompensá-la por seu bom comportamento.

Ela engoliu em seco e franziu os lábios antes de se afastar de mim quando chegamos à mesa. — E qual será minha recompensa? — Ela respondeu habilmente, o que eu esperava.

Puxei a cadeira para a esquerda da cabeceira da mesa e fiz sinal para ela se sentar, mas quando ela deslizou entre mim e a cadeira para se sentar, deslizei meus dedos pelas costas de seu vestido curto até que eles pressionaram contra sua boceta coberta de cetim e ela engasgou. — Você pode escolher uma das três recompensas, então seja boa. — Ela

caiu na cadeira, efetivamente libertando meus dedos de suas coxas, e olhou para mim com as bochechas coradas.

Se algum dos meus homens viu meu movimento, não foi burro o suficiente para chamar a atenção para o constrangimento dela.

Mas a forma como as suas bochechas e o seu peito floresceram com um rubor deixou o meu pau duro. Eu tinha um fetiche pelo exibicionismo, se não tivesse cuidado, deixaria a minha luxúria por ela sair do controle e acabaria por fodê-la mesmo no centro da mesa para os meus homens a verem desfazer-se.

O que não me serviria em nada, porque então eu teria que matar cada um deles por vê-la em tal situação.

— Evento luxuoso, Capa. — Luca sinalizou de seu assento ao lado de Ari com sua taça de vinho. — Nós, humildes soldados, poderíamos nos acostumar a ser convidados para refeições tão extravagantes.

Eu zombei, sentando-me e levantando minha taça. — Nenhum de vocês é soldado há décadas, Luca. — Apontei meu dedo para ele e levantei uma sobrancelha: — Mas teste minha paciência esta noite e você poderá ser novamente, se assim desejar.

Ele riu e depois ficou em silêncio enquanto os garçons traziam a refeição, servindo comida deliciosa na frente de todos.

Observei Ari enquanto um prato de sopa de lagosta era colocado na frente dela e seus olhos se arregalaram antes, ela o empurrou, virando-se para seu mordomo. — Eu não posso comer isso. — Ela sussurrou para o homem que rapidamente o pegou e foi embora.

— Por que você não pode tomar sopa? — Perguntei-lhe enquanto ela se sentava, sem jeito, com um prato vazio à sua frente. Meus homens começaram a saborear suas refeições alegremente, conversando alegremente e desfrutando de minha hospitalidade. — Achei que tivéssemos conversado sobre você comer com mais frequência.

— Sou alérgica — ela disse baixinho. — A mariscos.

— Quão alérgica? — perguntei, parando com a colher acima do líquido de cheiro delicioso.

— O suficiente para fazer de você um viúvo se eu tomasse aquela sopa. — Seu mordomo reapareceu com uma sopa verde que parecia e cheirava muito menos apetitosa e pediu desculpas em voz baixa por seu erro. — Tudo bem, por favor, me diga o que há em cada prato servido e evitaremos grandes dramas esta noite.

— Sim, senhora. — Ele se curvou e recuou, mas eu peguei seu cotovelo.

— Leve o meu também e peça ao Chef Alec que ajuste minhas refeições para garantir que eu não exponha acidentalmente minha esposa a nenhum alérgeno. — Entreguei a ele a tigela de bisque pela qual meu chef ganhou fama e esperei por uma tigela com o que quer que fosse servido à minha esposa.

Vários olhos estavam sobre nós quando os homens perceberam que algo estava acontecendo na cabeceira da mesa enquanto comiam.

— Exponha como? — Ari perguntou, mergulhando a colher na sopa nova e dando uma mordida.

— Dos meus lábios para os seus.

Seus olhos se levantaram para os meus e se arredondaram antes de olharem novamente para sua sopa: — Não é necessário ficar sem por mim.

— Isso é. — Interrompi sua discussão antes que ela pudesse terminá-la. — Não vou colocar você em risco por algo simples como isso. Deixe. — Acenei com a cabeça para sua sopa verde. — O que é isso, afinal?

— Gaspacho. — Ela cantarolou enquanto dava uma mordida: — Delicioso também.

Minha tigela de sopa foi entregue e dei uma grande mordida, tentando mostrar solidariedade para com minha esposa, mesmo que eu

nunca tivesse direcionado meus desejos às necessidades de outra pessoa antes.

— Então, Capa — Leo gritou de seu assento na mesa. — Você nos tem aqui. — Ele deixou a declaração aberta e eu limpei a boca enquanto todos os olhos se voltavam para mim.

— Um Don não pode simplesmente convidar seus homens para uma refeição em família? — Eu questionei e sorri para seus olhares conhecedores. — Tudo bem, você está certo. Há negócios para tratar. Negócios na West Shores que deixei desmarcados por muito tempo.

— Porra, sim! — Leo concordou com um brinde de sua taça. — Como você está planejando cuidar disso agora?

— Rapidamente. — Eu reconheci — Severamente e sem piedade.

Observei enquanto os olhos se voltavam para Arianna e depois para mim, em incerteza, antes de Luca falar. Como um dos Bons companheiros mais antigos da família Capasso, ele teve mais liberdade para falar sem restrições do que alguns dos capitães mais jovens.

— West Shores é notoriamente pró-Rosetti, *Capa*. — Luca disse incisivamente: — Se você planeja lidar com eles rapidamente da mesma forma que fez com outros no passado, não está preocupado com... — Ele encolheu os ombros deliberadamente. — Repercussões.

— Se você quer dizer, não me preocupo que minha esposa fique com raiva de mim. — tomei um gole da minha bebida e sentei-me apoiando os cotovelos na mesa enquanto olhava para onde ele estava sentado ao lado de Arianna. — Eu não me preocupo com isso. Arianna não tem interesse nos negócios de seu pai. Há... — Encolhi os ombros da mesma forma que ele fez há pouco: — Sangue ruim aí. Minha esposa agora é Capasso e por isso se alinha comigo e com minhas decisões, independentemente da opinião de seu pai sobre o assunto.

— Isso não é inteiramente verdade. — Arianna rebateu, atraindo toda a atenção de todos os homens na sala enquanto bebia seu vinho com um olhar impassível no rosto. — Eu não diria que não levarei em consideração a opinião do meu pai sobre os assuntos, como sempre fiz,

agora que sou uma mulher casada. — Ela largou a taça de vinho e se virou para encarar os homens que a observavam com escrutínio: — Mas eu diria que agora irei automaticamente favorecer a decisão com maior probabilidade de irritá-lo completamente. E algo me diz — ela olhou para mim. — Que meu marido tem um plano em mente para irritá-lo o máximo possível. E estou ansiosa para testemunhar isso.

Luca caiu na gargalhada quando os outros capitães se juntaram: — Bem, bem, bem. — Ele ergueu a mão dela e brindou sua taça de vinho no ar com a outra: — Para adicionar um pouco de emoção necessária à vida chata que *Capa* nos fez levar nos últimos tempos.

— Hmm — ela sorriu, erguendo a taça novamente. — Mal posso esperar para aproveitar o show.



Horas depois, a refeição terminou e minha esposa, meus convidados e eu estávamos todos relaxando na sala quando o verdadeiro negócio começou a ser discutido.

— Como exatamente você está planejando derrubar a West Shores? — Luca questionou em um momento de silêncio. — Eles não cairão em silêncio.

— Você provavelmente está certo sobre isso. — eu disse, deslizando minha mão sobre a nuca de Arianna enquanto ela se sentava na poltrona ao lado de onde eu estava. — Dra. Travis está aqui para cuidar de sua mão. — Eu disse, apertando suavemente os músculos tensos sob a cortina de seu cabelo elegantemente drapeado. — Vá lá para cima e eu vou levá-la para cima.

Ela olhou para mim por cima do ombro e eu meio que esperava que ela brigasse comigo, mas ela simplesmente franziu os lábios levemente e se levantou da cadeira: — Obrigada a todos por uma noite adorável. — Ela disse educadamente para o grupo e então me encarou. — Tenha um bom restante de noite. — Ela disse com desdém e eu sorri para ela.

— Voltarei em breve. — Inclinei-me para beijar sua bochecha: — Coloque a roupa que preparei para você e esteja pronta para escolher sua recompensa. As joias ficam no lugar.

Ela me olhou com desconfiança antes de sair da sala, atraindo os olhares dos meus homens como mariposas para sua chama. E eu entendi a influência que ela tinha sobre a espécie masculina, deixando meus próprios olhos segui-la enquanto ela caminhava sedutoramente pelo longo corredor como se fosse uma passarela.

— Não tenho certeza se você é um homem de sorte ou um maldito. — Leo sorriu por trás de seu copo de uísque perto do fogo e outros repreenderam concordando.

— Sou um homem maldito — esclareci. — Todo mundo sabe disso. — Eu sorri e inclinei a cabeça para o lado: — Estou apenas aproveitando as coisas boas da vida enquanto tenho oportunidade, só isso. Mas voltando para a West Shores. — Limpei a garganta e fiquei no centro da sala, chamando a atenção. — Para ser honesto, West Shores é simplesmente a fumaça e os espelhos do meu verdadeiro plano.

Murmúrios flutuavam pela sala e rapidamente ganharam volume, então levantei minha mão para silenciá-los.

— Emilio Rosetti verá o fim do seu poder e posição. Pretendo usar West Shores para facilitar a transferência do poder para seu filho mais velho, Carmine.

Mais murmúrios e olhares de soslaio preencheram o espaço.

— Isso é um pouco... — Luca encolheu os ombros sabiamente. — Ousado.

— Você duvida da necessidade da mudança ou da minha capacidade de realizá-la?

— Nunca. Para qualquer um desses. — Ele respondeu instantaneamente e eu o observei atentamente em busca de um indício de engano. — Mas estou curioso para saber por que você esperou que sua jovem esposa saísse da sala, ou melhor ainda, a instruiu a sair antes de você tocar no assunto. Afinal, você não confia na lealdade dela para com você?

Eu zombei e tomei um gole de licor do meu copo que Manny encheu antes de a conversa começar. — Estamos casados há menos de uma semana. — Voltei a beber uma grande quantidade — Embora eu gostasse de acreditar que meu charme e boa aparência são suficientes para esconder meus maus modos e insensibilidade bruta com as mulheres algum dia. — a sala riu e eu olhei de bom coração. — Eu não sou ingênuo pelo fato de ser novo e ela não me deve lealdade. Para ser franco com todos vocês, Emilio espancou e torturou Arianna durante a maior parte de sua vida para moldá-la na bonequinha perfeita que atendessem às suas necessidades. Ele a deixou passar fome, a drogou e a isolou para mantê-la dócil e pronta para atuar para ele à vontade. Então acredite em mim quando digo que a aversão dela por ele é profunda. Mas — apoiei meu cotovelo no manto e olhei para as chamas — A adoração de minha esposa por seus irmãos, especialmente Carmine, é muito mais profunda do que qualquer carinho que ela desenvolveu por mim até agora. Ela não vai confiar em mim para não prejudicar o herdeiro Rosetti na minha mudança para Emilio. E eu não a culpo, porque ela tem razão em se preocupar.

— Então, como West Shores participa disso? — Harris, um homem da época do governo de meu pai, questionou enquanto seu filho observava, absorvendo todo o conhecimento que pôde de sua primeira refeição com Don.

— West Shores é geograficamente o mais próximo da propriedade de Rosetti e onde está alojada a maior parte dos recursos de Emilio. Seu dinheiro, seus homens, suas mulheres, mais recentemente... — deixei minha voz morrer e olhei para Luca.

— Suas armas — ele sibilou. — Maldito idiota, eu sabia que aquelas malditas caixas não estavam sendo negociadas fora do distrito. Malditos cartéis de contrabando de drogas. — Ele cuspiu com malícia.

Semanas atrás fui informado sobre movimentos dentro dos meus distritos. Movimento de armas e dinheiro muito grande para pertencer a alguém além de mim ou de alguém como Rosetti. Demorou muito mais do que deveria, mas consegui rastreá-los até meu novo sogro e fiquei atento às informações até que se apresentasse a oportunidade de formular um plano, visto que meu casamento estava próximo.

Tive a oportunidade que precisava quando me encontrei com Carmine.

— Emilio está planejando algo. Algo grande. — Dirigi-me à multidão: — Eu seria um idiota totalmente inútil se não percebesse a maneira como ele planejou e confiou que o casamento de sua filha comigo se concretizasse para eu acreditar que isso não me afeta de alguma forma.

— Então qual é o plano? — Harris se inclinou para frente olhando diretamente para mim.

De todos na sala, ele era o mais sanguinário, sempre pronto para a ordem de marcha para machucar alguém e eu podia ver a mesma excitação queimando nos olhos de seu filho enquanto ele olhava de seu pai para mim.

— Pretendo usar Carmine para conseguir essas armas e qualquer outra contrabandeada, bem como o dinheiro que será pago ao cartel para trazê-las para meu território sem minha aprovação. Então vou destruí-lo, expondo-o aos nossos aliados como o rato traidor que ele acabou por ser. Por último, vou destroná-lo. Em seu lugar, Carmine assumirá a liderança dos negócios da família Rosetti, que já provou ser muito mais parecido comigo do que seu pai.

— E sua esposa? — O filho de Harris questionou corajosamente, saindo o suficiente do lugar, meu pai teria mandado o espancar por isso, mas eu não precisava usar meus punhos para alinhar meus soldados.

Usei minha astúcia: — Minha esposa está aqui essencialmente apenas para servir a um propósito. Dar-me filhos. Acima disso, sua felicidade ou lealdade não me interessa. Se ela tem problemas comigo matando o pai dela, que pena. Mas não prevejo que ela seja um problema.

— Como você planeja garantir isso? — Leo questionou: — Mulheres como sua esposa são as que observam mais de perto, na minha opinião pessoal. Ela é o tipo de mulher que ficaria feliz em enfiar uma faca em sua garganta durante o sono, pela pura alegria de dizer que superou alguém que a surpreendeu primeiro. E se eu te conheço, você já levou a melhor sobre ela pelo menos algumas vezes. Você não tem medo de tê-la tão perto sem primeiro ter sua lealdade?

— Minha necessidade de filhos, filhos de qualquer sexo. — corrigi. — Supera em muito a maioria dos meus outros problemas atualmente. E já cuidei para iniciar esse processo, e uma vez grávida e apegada ao bebê, ela não colocará em risco a segurança ou a felicidade deles. Nem mesmo para o irmão dela.

— Você planeja usar seu próprio filho contra a mãe para mantê-la na linha? — Harris perguntou surpreso, com uma pitada de aprovação nos olhos.

— Você age como se esse não fosse o comportamento de todos os Don na história da Cosa Nostra. Farei o que for necessário para conseguir o que quero, e o que mais quero é erradicar Emilio Rosetti e o máximo possível de sua linhagem contaminada desta terra. Usar minha esposa ou nosso filho ainda não nascido, que ela em breve carregará em seu ventre, contra ele é apenas uma das maneiras pelas quais farei isso.

Encarei o homem dos velhos tempos, mostrando-lhe que não me importava se ele fizesse seu nome através de golpes e derramamento de sangue ordenados por meu pai ou não.

Eu era a porra do Don.

Porra, eu o desafiei a me questionar novamente depois desta noite.

Ele se levantou e acenou para mim com respeito: — Estou ansioso para ver seu governo florescer, Capa. — Ele inclinou a cabeça e me estendeu a mão, concedendo-me o respeito que me era devido.

— Muito bem. — Olhei para os outros capitães na sala e observei como cada um deles deu sua lealdade até que toda a sala se levantou e jurou sua lealdade recém-jurada a mim e ao meu modo de governar.

Capítulo Nove

ARIANNA



O fetiche de Nico em me vestir estava rapidamente se tornando um grande estímulo para mim.

O que era assustador.

Depois de me dizerem o que vestir e como agir durante toda a minha vida, eu teria pensado que a ideia de deixar alguém ditar coisas como meu guarda-roupa, mesmo sendo uma mulher casada, me irritaria. No entanto, com ele, a maneira como ele fez isso me deixou... animada.

Cheia de expectativa, por assim dizer.

Corri meus dedos sobre o cetim vermelho colocado na ilha no closet principal e sorri para mim mesma, sabendo que não era apenas excitante para mim. Era um afrodisíaco para meu marido também. O que não fazia sentido se ele estivesse decidido a me odiar. No entanto, às vezes, quando éramos só nós dois, eu quase conseguia fingir que ele não me odiava como disse.

Portanto, eu teria que reconhecer que talvez eu também não o odiasse, o que não estava pronta para fazer.

Tirei do corpo o vestido de renda que ele escolheu para mim e comecei a colocar o tecido vermelho rubi fresco da lingerie sobre minha pele aquecida.

Olhei no espelho até o chão e me virei para admirar a peça. Um decote frente única amarrava a peça com renda preta antes do cetim liso cair sobre meus seios em um corte em V que ia direto para minha cintura, onde se dividia e enrolava em minhas pernas e bunda, deixando a virilha completamente nua e exposta. Claro, não havia outras calcinhas preparadas para eu usar.

Velho sujo.

A gargantilha de diamantes que ele colocou com meu vestido no início da noite brilhava intensamente na luz quente do espelho, comparada ao tecido vermelho e preto, quase brilhava.

Deslizei o roupão de cetim vermelho combinando até o chão sobre o conjunto e apertei a faixa quando uma batida soou na porta do quarto. — Ari? — Molly chamou e eu fui até ela.

— Você costuma dormir, Molly? — Sorri para ela e olhei para o relógio ornamentado na parede. Eram quase dez da noite e ela havia se levantado e me atendido logo naquela mesma manhã, como faria no dia seguinte também. — Você mora aqui?

Ela riu e se afastou para que a Dra. Travis pudesse entrar no quarto com sua elegante maleta médica preta antes de responder. — Eu moro no terreno da propriedade. A maior parte do pessoal mora. E eu durmo mais do que o suficiente, obrigada.

— Hum. — Cantarolei, passando os dedos em meu cabelo liso antes de me dirigir a médica: — Olá, Dra. Travis.

— Sra. Capasso — ela acenou com a cabeça educadamente. — Como você está se sentindo esta noite? Como está sua mão?

— Está melhor — levantei minha mão e lentamente a fechei em punho, sentindo apenas uma leve pontada de dor ainda. — Estou gerenciando.

— Bom de se ouvir. — Ela sorriu e largou a maleta, estendendo a mão para a minha e gentilmente apalpando os nós dos dedos que ela havia substituído alguns dias atrás. — Parece que sarou perfeitamente. Eu esperaria que o resto da sensibilidade se resolvesse nos próximos

dias. Você pode ter alguns efeitos de longo prazo devido à lesão, como rigidez ocasional ou latejamento quando o tempo muda. — ela sorriu docemente. — Coisas assim. Mas eu não esperaria que isso atrapalhasse muito a sua vida.

— Obrigada. — Retirei minha mão e olhei para onde Molly esperava pela médica. — É isso?

— Na verdade — a Dra. Travis chamou minha atenção de volta para ela. — Preciso de uma amostra de sua urina. — Ela se virou para sua maleta e retirou um copo de amostra e uma bandeja com tiras de teste. — É uma amostra de sangue.

— Para quê? — Dei um passo para trás enquanto ela colocava um kit de coleta de sangue sobre a mesa. — O que isso tem a ver com a minha mão?

— Nada, senhora. — Ela continuou arrumando suas coisas. — Sr. Capasso solicitou.

— Para quê? — Eu rebati, odiando como ela evitou meu olhar.

— Seu físico. — Ela finalmente me encarou: — E sua análise reprodutiva.

Minhas orelhas ficaram vermelhas de vergonha e um zumbido pulsou dentro da minha cabeça enquanto as palavras dela penetravam em meu cérebro.

Análise reprodutiva.

Égua de criação.

Eu só estava aqui para lhe dar filhos.

A raiva queimou dentro do meu peito enquanto suas palavras da nossa noite de núpcias se repetiam continuamente.

— Análise reprodutiva — repeti e mesmo que tentasse, o escárnio por trás das minhas palavras era óbvio, pegando a médica desprevenida.

— Sim — ela vacilou. — Para ter certeza de que seus hormônios estão todos nivelados e para ter certeza de que eles correspondem ao ponto em que você está no seu ciclo. — Suas sobrancelhas franziram no centro de seu rosto gentil. — Sr. Capasso disse que vocês dois esperavam engravidar logo.

— Ha — zombei amargamente. — Garanto a você, apenas um de nós fez desse nosso plano. — Cruzei os braços sobre o peito desafiadoramente e andei em frente a lareira. — Quais são minhas opções para contraceptivos?

Senti-me mal pela médica quando ela me encarou, completamente despreparada para a conversa. Até Molly parecia desconfortável, mas se eu me importasse em olhar com atenção, quase poderia ver um pouco de indignação em seus olhos gentis também.

— Eu não tive permissão para lhe dar nenhum anticoncepcional. — disse a Dra. Travis finalmente, enrijecendo a coluna. — Não creio que o Sr. Capasso aprovaria dadas as suas declarações anteriores para mim.

— Eu não me importo com o que o Sr. Capasso quer. — Eu sibilei: — O que eu quero não importa?

Ela suspirou quase com tristeza e olhou para mim como uma criança errante.

Como meus pais costumavam fazer quando eu ousava recusar suas regras.

— Mesmo se eu lhe desse algum tipo de anticoncepcional, Arianna. — ela disse gentilmente. — Ele me demitiria e traria outro médico, provavelmente um homem que se importaria muito pouco com seu conforto ou bem-estar, e ele faria com que eles fossem neutralizados.

— Então não tenho escolha a não ser engravidar? — Eu rebati e desviei o olhar, odiando como minha briga não era nem com ela, mas sim com Nicolas. Que convenientemente não estava aqui para receber minha raiva. — Qualquer que seja. — Peguei o pote da mesa e caminhei

até o banheiro. — Talvez eu seja infértil, para que ele possa me deixar e encontrar outra esposa mais adequada às suas necessidades.

Bati a porta atrás de mim e encostei a cabeça nela quando uma súbita sensação de desânimo caiu sobre meus ombros.

Eu era mais uma vez apenas uma peça no jogo doentio e distorcido de outra pessoa. Meus sentimentos, desejos e necessidades não importavam.

Eu não importava.

Durante toda a minha vida, meus pais me convenceram de que tudo o que faziam comigo era para aumentar a chance de um dia ser importante para eles.

Para outra pessoa.

Mas eu não era importante. Eu não fui importante. Eu não fui amada.

Nunca amada.

Nunca querida.

Apenas usada.

Quando a madeira da porta bateu em minha testa, senti uma dureza crescendo em meu coração e em minha espinha.

Se ele pensava que eu seria apenas uma boa esposa e desempenharia o papel que ele queria, ele estava errado.

Eu não iria simplesmente me deitar e deixar que ele me usasse para atender às suas necessidades.

Posso ser uma Capasso agora, mas ainda era Arianna.

Já era hora de começar a agir como meu próprio salvador, já que estava começando a perceber que nunca teria um cavaleiro de armadura brilhante vindo me resgatar desta torre em que estava trancada.

Troquei a crueldade dos meus pais pelo cativeiro e pela exploração sexual.

Eu não tinha certeza se preferia voltar a ser drogada, passar fome e espancada do que ser manipulada por um homem que era tão bom em brincar com minha mente que o deixei brincar com meu corpo sem nem perceber o quão desigual era o placar.

Mas não mais.

Levei o copo ao banheiro, com raiva, tirei o ofensivo cetim vermelho e dei minha amostra, simplesmente porque sabia que não havia como evitar. Quando terminei, lavei as mãos e enrolei uma toalha branca limpa em volta do corpo me olhando no grande espelho e mal reconheci a raiva queimando em meus olhos.

Abri as gavetas da penteadeira até encontrar a delicada tesoura que tinha visto ali outro dia e segurei-a nas mãos, pensando em como seria eficaz para esfaquear meu marido enquanto ele dormia. No entanto, eu sabia que isso era ridículo porque as lâminas tinham apenas dois centímetros de comprimento. Será que eu era o tipo de mulher que tinha vontade de prejudicar outra pessoa, mesmo um homem tão merecedor como Nicolas Capasso?

As lâminas eram longas o suficiente para rasgar o cetim.

Peguei o roupão e o macacão e cortei-os em pedaços esfarrapados com as mãos trêmulas, até que fiquei com uma pilha de tecido completamente irreconhecível do que eram momentos atrás.

Um sorriso feroz apareceu em um lado dos meus lábios quando olhei no espelho. Talvez eu não consiga vencer meu marido em seu próprio jogo. Mas eu com certeza poderia deixá-lo tão infeliz quanto eu estava ao longo do caminho.

Puxei do pescoço a linda gargantilha de diamantes que ele me disse para deixar e joguei-a contra a parede oposta, deleitando-me com a forma como ela caiu no chão de mármore, amontoando-se.

Foda-se ele.

Foda-se seus comandos.

Foda-se tudo.

A adrenalina e a raiva pulsavam dentro de mim como algo vivo, eu precisava de uma nova saída para isso, ou ficaria louca. Saí do banheiro, ignorando completamente a médica e minha empregada, caminhei até o closet principal. Encontrei as roupas mais grossas e sem graça que tinha, um suéter preto com capuz e uma legging cinza, e as vesti por cima do corpo, protegendo-o de qualquer um que ousasse olhar para mim.

Em seguida, voltei minha atenção para as gavetas cheias de lingerie caras que meu marido gostava tanto de me instruir a usar.

Bem, como eu disse antes, foda-se ele.

Retirei pedaço após pedaço, desfiado cada um com a tesoura e jogando-os em uma pilha no chão como se estivesse me preparando para um grande incêndio. Molly entrou cautelosamente no closet e ficou na porta, observando-me destruir as roupas como se elas tivessem me ofendido pessoalmente, embora eu me sentisse poderosa por fazer isso, também me sentia infantil.

Usada.

— Na verdade, me senti bonita com elas. — sussurrei depois de um longo período de silêncio entre nós, com apenas o barulho de rasgar as roupas para preencher o espaço. — Estúpido, hein?

— Não. — respondeu Molly gentilmente, entrando no closet e ficando do outro lado do balcão, onde mutilei milhares de dólares em roupas que ela dobrou cuidadosamente e arrumou por cor para mim. — Acho que sua raiva está justificada agora.

— Hmm. — eu bufei e então parei quando ela me entregou uma nova calcinha de renda para rasgar. — Isso não te irrita? — Acenei com a cabeça para a pilha de caos diante de mim. — A bagunça de tudo isso?

Ela sorriu e encolheu os ombros: — Se eu conheço o Sr. Capasso, ele simplesmente comprará mais para você. E vou organizar essas

peças da mesma forma que estas. Se você se sentir melhor ao descontar sua raiva em alguma coisa, então eu ajudo. — Ela suspirou: — Porque não sou capaz de ajudá-la de uma forma que importe.

Deixei cair às mãos sobre o balcão e olhei para ela por cima do tampo de mármore e senti meus ombros murcharem. — Eu não quero ser mãe. — sussurrei, expressando meus sentimentos em voz alta pela primeira vez na vida.

— Para o que importa, acho que você seria ótima. — Ela sorriu gentilmente para mim.

Isso só me deixou mais triste. — Não tenho ideia de como ser uma boa mãe para alguém. — Coloquei a tesoura em cima do balcão e afastei a renda. — Eu nunca vi como é uma boa.

Ela franziu os lábios e pegou a tesoura, deslizando-a no bolso do vestido como se estivesse com medo de que eu a pegasse de volta e machucasse alguém com ela.

Ou talvez ela estivesse com medo que eu me machucasse.

Ninguém sabia.

— Há um debate secular sobre a maternidade e a natureza humana. — Ela disse, ocupando-se em empilhar a lingerie destruída. — Algumas pessoas, como você, pensam que precisam ser ensinadas a ser mãe. Que as lições precisam ser aprendidas antes que você saiba o que fazer nas situações.

— Mas você não acha isso. — Torci os cordões do meu suéter nos dedos enquanto ela simplesmente encolheu os ombros.

— Eu não. Sou do lado do debate que pensa que saber ser mãe está apenas enraizado no nosso DNA através da biologia. Acredito que criaturas, tanto humanas como animais, foram colocadas nesta terra para criar vida. — Ela olhou para mim: — Acho que a natureza tomará conta de alguém quando ele se deparar com os desafios que a criação de vida trará. Então nossos corpos simplesmente saberão o que fazer ou, pelo menos, estarão equipados com técnicas de resolução de problemas para resolver o problema. Claro que haverá muito livre

arbítrio incluído na equação, mas você não me parece o tipo de pessoa que deixa uma criança inocente sofrer por causa de circunstâncias nas quais ela não teve voz.

Mordi meu lábio inferior e olhei pela porta do closet para onde a Dra. Travis saiu do banheiro com minha amostra de urina e um monte de tiras de teste usadas.

— Você tem uma boa mãe, não é, Molly? — Olhei de volta para ela.

Um sorriso conhecedor enfeitou seu rosto doce. — Eu tenho. — Ela assentiu e riu gentilmente: — Ela é a pessoa mais doce que já conheci. — Ela deu a volta na ilha e ficou perto: — E você nunca saberia, olhando para ela ou observando seus pais, que ela era o produto de uma família desfeita e abusiva. Ela é gentil, doce e paciente. Ela ama a todos primeiro e lhes dá chance após chance de acertar as coisas.

Eu ri tristemente e desviei o olhar de seus penetrantes olhos azuis. — Eu me pergunto o quão diferente minha vida teria sido se eu tivesse uma mãe como a sua.

— Bem, vou te dizer uma coisa — ela pegou minha mão e deu um tapinha gentil nela. — Vou perguntar se ela quer adotar você. Fazemos jantares de domingo todas as semanas e você é sempre bem-vinda para provar sua gentileza, sempre que quiser.

Eu ri e sorri com sua oferta absurda. — Vejo você lá algum dia.

— Bom. — Ela sorriu de volta, orgulhosa de si mesma por me tirar da minha raiva maníaca. — Agora. — Ela fez uma careta. — Eu provavelmente deveria resolver essa bagunça antes que o Sr. Capasso se retire para dormir.

— Ach. — eu joguei meu ombro descuidadamente. — Deixe isso. E vá para casa passar a noite.

— Eu não me importo. — ela começou a argumentar, mas eu levantei minha mão.

— Eu não acho que você vai querer estar por perto quando ele estiver aqui, Molly. — Eu disse com firmeza: — Descanse quando eu lhe der um. Porque enquanto você veio de um lar amoroso e doce, eu vim de um que realmente sabe como fazer birra. E é exatamente isso que pretendo fazer. — Pisquei para ela. — E eu não quero que você testemunhe outra de minhas quedas em desgraça. — Olhei para a pilha de lingerie ainda espalhada pelo chão. — Um por dia é suficiente.

Ela riu e acenou com a cabeça: — Como desejar.

— Tenha uma boa noite. — Saí do closet com ela e depois dei atenção a médica que estava fazendo um experimento científico completo em nossa mesa de centro. — Vamos terminar este exame, certo.

Ela assentiu obedientemente e fez sinal para que eu me sentasse na cadeira enquanto colocava um novo par de luvas.

Molly saiu em silêncio e a médica cuidadosamente enrolou o torniquete em volta do meu braço depois de deslizar a manga do meu suéter folgado para cima. — Quando foi sua última menstruação? — Ela perguntou enquanto trabalhava.

— Três semanas atrás. — respondi, já tendo feito as contas enquanto estava tendo um colapso nervoso no banheiro. — O que significa que já é tarde demais para mim, não é? — Olhei para as tiras de teste de cores diferentes na barreira estéril que ela colocou sobre a mesa.

Ela engoliu em seco e bateu no meu braço, procurando minha veia: — A julgar apenas pelos seus exames de urina, parece que você ovulou recentemente. — Ela agarrou a agulha e eu desviei o olhar. — Uma pitada — Ela colocou os tubos de ensaio um por um, coletando meu sangue. — Quando foi a primeira vez que você teve intimidade com o Sr. Capasso?

— Quase uma semana atrás. — eu sussurrei.

Ela terminou de puxar os tubos e os colocou ao lado dela. — Então sim, minha opinião médica é que se isso acontecesse este mês já

teria ocorrido.

— Espetacular. — Suspirei e recostei-me na cadeira, segurando a bola de algodão sobre o local de onde ela tirou a agulha.

— Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-la...

— Não. — balancei a cabeça. — Não é sua batalha.

— Existem maneiras.... — Ela encolheu os ombros, sem olhar nos meus olhos. — Para diminuir a probabilidade de conceber, caso ainda não tenha ocorrido neste ciclo.

— O que você quer dizer? Achei que você tivesse dito que não poderia me dar anticoncepcionais.

— Não posso. — Ela suspirou e depois se sentou e olhou para mim. — Mas certas posições podem proporcionar um ângulo de penetração mais raso, tornando mais difícil para o espermatozoide chegar ao útero. Ou truques como ir ao banheiro imediatamente após a relação sexual e fazer força, expulsando o esperma o máximo possível. Ou maneiras pelas quais você talvez possa induzir seu marido a ejacular em outros lugares.

Meu rosto ficou vermelho novamente com o que ela estava insinuando, e eu balancei a cabeça em compreensão.

— Vaqueira. — Ela disse gentilmente, mantendo as mãos ocupadas: — A posição com você por cima pode ser uma das posições mais superficiais. Também deixa você no controle para se retirar antes que ele termine completamente, embora isso possa alertá-lo sobre suas tentativas.

— Entendi. — Suspirei, encarando isso de cabeça: — Alguma outra dica.

— Lubrificante espermicida. — Ela acrescentou: — Embora possa ser difícil para você conseguir isso sem que ele veja o rótulo — Ela colocou os tubos de ensaio na maleta e tirou as luvas. — Gostaria que houvesse mais que eu pudesse lhe oferecer, Sra. Capasso.

— Eu sei. — Levantei-me da cadeira e passei os braços em volta da cintura: — Sinto muito por descontar em você antes. Eu apenas me deixei esquecer da minha realidade por um momento e isso foi um jato de água fria na minha fantasia.

— Qual é exatamente a sua fantasia, Sra. Capasso? — Ela perguntou livremente: — Se você pudesse escolher seu caminho, o que você gostaria da vida?

Eu ri sem vida e me virei para olhar para as chamas da lareira enquanto respondia. — Eu escolheria o amor. — Sorri tristemente: — Eu escolheria alguém que não me quisesse apenas para o meu útero, ou para a minha família, ou qualquer outra coisa. Apenas eu. — Lágrimas queimaram em meus olhos enquanto deixei a tristeza florescer dentro de mim novamente. — A pior parte de tudo é que eu poderia ter sido feliz aqui — admiti. — Eu poderia ter construído uma vida aqui e essa vida poderia ter incluído crianças e todos nós sendo uma família. Mas nunca terei isso se for apenas o meio para um fim para o homem que deveria ser o centro do meu mundo. Esse não é um jogo que eu possa vencer. — Suspirei novamente: — O que parece ser a tendência da minha vida até agora.

— Sr. Capasso. — Dra. Travis disse surpresa. — Nós estávamos apenas.... — Olhei por cima do ombro e encontrei meu marido olhando para mim da porta com o que parecia raiva brilhando em seus olhos verdes perfeitos. — Você conseguiu o que precisava, doutora? — Ele retrucou em seu tom autoritário.

— Sim, senhor. — Ela respondeu recatadamente e pegou a última de suas coisas. — Terei os resultados para você pela manhã.

— Muito bem. — Ele se moveu para o lado, indicando a saída dela, mantendo o tempo todo os olhos fixos em mim.

Eu me virei, dando-lhe as costas enquanto olhava para as chamas. Lutei contra a raiva que queimava dentro de minhas entranhas e me concentrei mais na dor. Porque eu sabia por experiências passadas que Nico poderia pegar minha raiva e transformá-la em paixão. No entanto,

ele não conseguia transformar minha dor em nada além do que era, então usei isso para me proteger dele.

Eu o ouvi rondar lentamente pelo quarto em minha direção e o ouvi parar na porta do closet onde a bagunça de lingerie ainda estava amontoada do outro lado do quarto.

Eu nem senti vergonha por ele ter encontrado a pilha. Eu ainda me sentia derrotada.

— Você não gosta mais dos meus presentes? — Ele finalmente perguntou alguns metros atrás de mim.

— Não vejo o propósito deles. — Respondi friamente: — Lingerie é uma forma de sedução e preliminares. Minha vontade de dormir com você nunca te impediu antes, então não há sentido em disfarces.

— Você está brava comigo. — Ele afirmou claramente.

— Estou frustrada. — Eu o corrigi, finalmente me afastando do fogo. — Mas não importa o que eu sinto, não é?

— Não. — Ele respondeu, franzindo a testa para mim. — Isso não importa.

— Que bom que temos isso claro. A médica disse que eu já ovulei, então sua chance de me engravidar acabou neste mês.

Ele riu, mas não sorriu. — É por isso que você está com tanta raiva, não é?

— Isso importa?

— Surpreendentemente, sim, pequenina, é verdade.

Afastei-me dele, com raiva de mim mesma por ter aberto a boca, e fui ao banheiro lavar o rosto antes de dormir.

Ele encostou o ombro no batente da porta e cruzou os braços sobre o peito enorme enquanto eu cumpria minha rotina noturna. — Isso não é raiva — ele disse depois de um tempo. — Eu vi sua raiva, e não é isso.

— Bem, as roupas de grife no closet discordam. — Eu respondi antes de afogar meu rosto na torneira e tirar a maquiagem que apliquei meticulosamente horas atrás para ficar bem para ele. Como uma garota estúpida e tola.

Lavei meu rosto até ficar em carne viva e não tive escolha a não ser subir para respirar e encará-lo novamente. Quando sequei a pele, vi seu reflexo no espelho, ainda de pé exatamente como antes, e por algum motivo isso me frustrou ainda mais. — O que você quer? — Eu agarrei.

— Entender você.

— Por quê? — Virei-me e coloquei a mão no quadril: — Por que minhas emoções ou sentimentos são importantes? Você deixou claras suas intenções. Eu entendo exatamente onde estou e terei certeza de não esquecer isso novamente. — Eu balancei minha mão: — Então vá em frente. Volte para o seu clube de garotos importantes lá embaixo e me deixe em paz.

Ele se moveu rapidamente para um homem tão grande, atravessando o espaço em poucos passos sem esforço, deixando-me sem saída do banheiro que não envolvesse passar por ele. Eu me mantive firme, inclinando-me no balcão e o encarei.

Ele passou a mão em volta do meu pescoço e me empurrou até que minhas costas estivessem pressionadas contra a parede. Suas narinas dilataram-se e seu peito subia e descia rapidamente enquanto ele olhava silenciosamente para mim.

Mas eu não estava com medo. Minha vida já estava em suas mãos antes que ele envolvesse fisicamente a mão em volta do meu pescoço em domínio.

— Devo começar a te chamar de papai? — Perguntei desafiadoramente: — Sinto como se estivesse de volta à residência da família Rosetti.

Sua mão apertou minha garganta até que pude sentir o sangue começando a acumular-se em meu rosto enquanto ele restringia seu fluxo. — Eu nunca quis sua raiva, pequenina.

— Não, nós dois sabemos que você só queria meu corpo. — Eu sibilei: — Você prefere que eu apenas deite de costas no centro da sua cama e permaneça em silêncio e imóvel enquanto você me fode? Ou talvez curvada para que você não tenha que ver em meus olhos o desgosto que sinto por você enquanto você se apaixona por mim. Isso seria mais fácil para você? Deve ser muito trabalhoso ser um estuprador.

— Foda-se. — Ele rosnou, me sacudindo levemente e jogando meu crânio na parede. Não doeu, e eu sabia que ele estava reprimindo sua verdadeira raiva. — Você é igual ao seu pai, mas cospe suas acusações em mim. — Ele se inclinou até que seu rosto estivesse bem na frente do meu para que eu pudesse sentir o calor de sua respiração em meu rosto. — Esse sangue Rosetti é tão tóxico quanto eu sabia que era. Mesmo se eu fosse um marido doce e amoroso, sua astúcia e seu lado manipulador ainda me machucariam.

— Saia de perto de mim. — Eu o empurrei, tentando desalojá-lo enquanto sua mão apertava ainda mais meu pescoço. Ele restringiu não apenas o sangue ao meu cérebro, mas agora à minha respiração. — Faça isso. — Eu sussurrei: — Acabe com tudo. Prove que você é o grande homem aqui.

— Não preciso matar você para provar que sou o monstro maior aqui, Ari. — Ele sibilou contra meus lábios: — Mas vou matar seu querido irmão só por diversão. E então você nunca mais duvidará disso.

Reagi violentamente, empurrando, arranhando, socando e chutando ele enquanto sua mão cortava minha respiração completamente. Eu bati no rosto dele várias vezes, mas minhas mãos ricochetearam e ele nunca se encolheu enquanto minha visão escurecia e meus pulmões gritavam por ar.

Seus olhos verdes foram à última coisa que vi antes que a escuridão me tomasse completamente.

Capítulo Dez

NICO



— Você não pode fazer isso! — A cadela na minha frente gritou, jogando qualquer coisa que pudesse em minha direção.

Nada atingiu o alvo e Matteo rapidamente a subjugou. Cordas amarraram seus pulsos atrás das costas e seus tornozelos juntos, e um pano de sua cozinha de merda foi enfiado em sua boca para silenciar seus protestos.

— Finalmente. — Suspirei: — Silêncio

O marido dela estava caído aos meus pés, quase inconsciente e sangrando por causa de um ferimento profundo no abdômen que recebeu por tentar fugir quando invadimos.

Covarde.

— Agora — eu me virei para onde os três filhos do covarde bastardo estavam sentados ao longo da parede, observando seu pai sangrar e sua mãe lutar contra suas amarras com mais fogo do que todos os três tinham em suas entranhas juntos. — Qual de vocês é o mais velho?

Os três permaneceram em silêncio antes de finalmente um deles levantar a mão: — Eu sou, Sr. Capasso.

— Seu nome? — Fiz sinal para ele se levantar.

— Anthony.

— Quantos anos você tem, Anthony?

— Vinte e três.

— Bom — respondi e coloquei minha mão em seu ombro. — Velho o suficiente para fazer o que for necessário de você, mas jovem o suficiente para aprender como fazer as coisas da maneira certa. — Olhei para meus pés: — Ao contrário do seu pai aqui.

O garoto engoliu em seco, mas manteve os olhos em mim: — Sim, senhor.

— Você sabe o que seu pai costumava fazer por mim?

Ele acenou com a cabeça: — Sim, senhor.

— E você sabia que ele estava roubando de mim enquanto fazia isso?

Observei o rosto do jovem e percebi imediatamente que não. — Não, senhor.

— Bom. — Coloquei minha mão em volta de seu pescoço e forcei sua cabeça para baixo, então ele olhou para seu pai, que tinha um gorgolejo peculiar saindo de seus lábios a cada respiração. — Que esta seja a única vez que tenho para lhe mostrar o que acontece com os homens que me roubam. Porque se eu tiver que mostrar de novo, você será o único sangrando no chão enquanto sua família assiste. Entendido?

— Sim, Sr. Capasso. — Ele assentiu ansiosamente.

— Bom. — eu repeti e o soltei, empurrando-o de volta contra a parede. — Você assumirá as coletas no lugar do seu pai. Três vezes por semana você viajará até o distrito de carnes e comprará pacotes de peixe para mim. Você então os entregará em meu armazém ao longo do East River, finalmente, cuidará de seus negócios alegres nos outros quatro dias da semana, e será bem pago por isso. É um trabalho simples, muito mais fácil do que ir trabalhar em uma fábrica chata para ganhar um terço do salário de sete dias seguidos de trabalho, não é mesmo?

— Sim, Sr. Capasso. — Ele assentiu rapidamente.

— Você terá um homem observando você por um tempo, então não estrague tudo. — Pressionei a ponta do meu sapato na ferida que vazava na barriga de seu pai, fazendo-o tossir e gritar por misericórdia. — Inútil. — Voltei minha atenção balançando a cabeça para onde a mulher fervia de raiva para mim com adagas voando de seus olhos. — Você ficaria com tanta raiva de mim por matá-lo se eu lhe dissesse que ele tem outra família perto do armazém que ele visita nos dias de entrega? — Ela parou, olhando para o marido e depois de volta para mim. — Uma mulher com metade da sua idade e dois filhos nascidos diretamente da cintura dele, de seis e quatro anos. — Eu chutei seu marido inútil novamente. — Ela recebe de mim mais da metade do dinheiro que ele ganha todas as semanas, enquanto você tem sido o que presumo ser uma esposa leal ao homem por mais de duas décadas; vivendo na pobreza. — Cerrei os dentes e balancei a cabeça, olhando para Anthony e seus irmãos. — Algo me diz que vocês três farão grandes nomes sem a sombra desprezível de seu pai mantendo vocês aqui dentro enquanto ele joga os dois lados do jogo. Apenas lembre-se de quem está lhe dando a chance de fazer isso.

Eles acenaram com a cabeça, sem dúvida apenas por medo. Matteo, esperando que eu concluísse, abriu a porta da frente e saímos do apartamento em ruínas para a calçada do lado de fora. — Para onde agora? — Matteo perguntou.

— De volta à cobertura. — Deslizei para o banco de trás do carro enquanto ele entrava do outro lado antes que meu motorista partisse.

— Achei que você estaria ansioso para voltar para Armarow. — Ele me provocou enquanto eu folheava meus e-mails, tentando ao máximo ignorá-lo. — Você evitou isso por três dias.

— E daí.

— Você a evitou por três dias seguidos. Serei honesto, não pensei que você tivesse isso dentro de você.

— Foda-se. — Eu retruquei, fechando meu e-mail e colocando meu telefone de volta no bolso. — Antes que eu quebre seus dentes.

— Eh. — ele encolheu os ombros e passou a mão pelo queixo. — Eles são todos falsos neste momento de qualquer maneira. Se você quiser atirar neles para evitar reconhecer seus próprios erros, vá em frente.

— Idiota. — eu grunhi.

— Então o que você fez?

— Quem disse que eu fiz alguma coisa? — Eu argumentei, odiando que ele me conhecesse tão bem. Na verdade, fui eu quem fiz alguma coisa. Eu a sufoquei, cortando o sangue e o ar para seu cérebro por tempo suficiente para que ela desmaiasse e então carreguei seu corpo inerte para nossa cama e a deitei no centro dela.

Fiquei sobre seu corpo e observei seu peito subir e descer enquanto seu pescoço ficava vermelho com minha marca até que eu não aguentava mais olhar para ela por mais um momento.

E então fiz uma mala e fui embora.

Para a segurança dela.

Ela me transformou em um monstro que nem eu reconheci. Nunca tive a intenção de deixá-la inconsciente ou deixá-la por tanto tempo. Eu tinha imaginado que minha noite com ela seria completamente diferente. Ela tinha sido um anjo perfeito ao meu lado durante o jantar e depois, encantando meus homens e seguindo as dicas que eu dei a ela. Eu planejava me retirar naquela noite e passá-la enterrada entre suas coxas, dando-lhe tudo o que ela merecia por ser minha boa menina a noite toda.

Mas em vez disso, entrei no meu quarto e a ouvi contando a médica todas as coisas que ela fantasiava para sua vida e como tudo o que ela experimentou comigo havia fracassado e eu... me perdi no monstro dentro de mim.

Ela era a última pessoa com quem eu queria perder a compostura, mas já tinha feito isso duas vezes. Primeiro em nossa noite de núpcias, quando a inclinei sobre a cadeira para mostrar quem estava no comando, e novamente depois do jantar.

Mostrei a ela o monstro que todos sabiam que eu era, e isso me deixou inquieto.

Então eu corri.

— Nossa história de trinta anos sim. — Ele zombou.

Resmunguei e me acomodei no banco, tentando ignorá-lo e observar a cidade passar pelos vidros escuros do meu carro, mas cedi à isca. — Eu não fiz nada que não planejasse fazer. — Eu finalmente disse depois de um tempo, quando pude sentir seus olhos ainda em mim.

— Então por que isso te incomoda? — Ele questionou e eu olhei para ele: — E não diga que isso não te incomoda, porque se não incomodasse, você não estaria se escondendo na cobertura. Evitando sua esposa corada.

— Esposa corada, minha bunda. — Eu grunhi: — A mulher tem mais garras que uma leoa. Dentes também. — Esfreguei o local em meu peito que ela mordeu na primeira vez que a fodi na noite anterior ao nosso casamento. A marca havia desaparecido, mas a marca dela permaneceu bem dentro de mim.

— Isso realmente te surpreende? Afinal, ela é uma Rosetti.

— Não me lembre. — Cerrei os punhos no colo, para conter o desejo de ver as imagens de segurança dela em minha casa pela centésima vez só hoje. Dra. Travis me ligou na manhã seguinte ao exame de Arianna com seus resultados. Acontece que minha esposa não era apenas fértil, mas também estava em perfeitas condições médicas para criar e carregar meu bebê.

Bebês, se eu tivesse alguma palavra a dizer. Agora só faltava esperar mais uma semana para saber se eu já tinha conseguido engravidá-la ou não. Parte de mim esperava que sim, então a parte problemática estava resolvida, dada a sua renovada antipatia por mim.

A outra parte de mim esperava que ela não estivesse, para que talvez eu pudesse voltar para Armarow e fazer tudo certo.

Cortejá-la.

Tratá-la da maneira que ela obviamente desejava ser tratada.

Mas eu não era um homem romântico, não sabia como dar a ela as coisas que ela desejava. Principalmente porque só a ouvi dizendo a Dra. Travis o que ela queria e não tinha ideia de como dar isso a ela. E que diabos eu iria me rebaixar para perguntar a ela também.

— Então. — Matteo continuou ignorando minha raiva como só um velho amigo poderia fazer. — Derrame.

— Você já largou isso? — Eu respondi: — Incomode outra pessoa com sua intromissão e curiosidade, não tenho energia para isso

— Esquisito. — Ele refletiu: — Porque você estava cheio de energia e mais no topo do seu jogo durante toda a semana que estivemos em Armarow. No entanto, agora que você está longe da sua esposa problemática, você voltou a ser o filho da puta miserável que tem sido há anos.

— Foda-se. — Eu sibilei, virando-me para ele. — Você acha que ficar aí sentado me insultando vai conseguir o que deseja?

— Eu? — Ele ergueu as sobrancelhas surpreso: — O que é que eu quero exatamente?

— Meu palpite — desafiei. — É a calcinha daquela empregada loira de quem você não consegue tirar os olhos quando estamos em Armarow. — Eu argumentei e seu queixo tremeu: — Talvez seja por isso que você está tão ansioso para me levar de volta para lá. Então você pode pegar um pedaço da bunda daquela coisinha sexy?

— Errado. — Ele rebateu.

— Tudo bem. — Encolhi os ombros, olhando pela janela: — Então voltaremos para Armarow esta noite, simplesmente para que eu possa foder a empregada no meio da mesa da sala de jantar na hora do jantar. Você não se importaria, não é? — Olhei para ele e seu rosto era

assassino: — Deus sabe que minha esposa não vai me deixar chegar perto dela sem lutar agora, então talvez eu apenas diga a doce e inocente Molly para ficar de joelhos por mim para aliviar a tensão. — Dei de ombros: — Obrigado pela ideia.

Ele balançou a cabeça e estalou o pescoço: — Você é um verdadeiro pedaço de merda Nico, você sabe disso, certo?

— Bem ciente. — Eu concordei: — Nunca mais tente me manipular para seus próprios interesses, Matteo. Eu conheço você muito bem, assim como você me conhece.

— Eu não estava tentando manipular você.

— Chame do que quiser, mas não era genuíno. — O carro parou em frente à cobertura e eu saí e caminhei pelo saguão lotado, sentindo os olhares dos outros clientes e convidados observando cada movimento meu. Também avistei os paparazzi acampados na frente, apontando suas câmeras através do vidro frontal, tentando desesperadamente tirar uma foto minha fazendo algo interessante para vender pelo lance mais alto.

No meio do espaço, uma mulher apareceu na minha frente e eu parei, simplesmente para não atropelá-la. Ela usava um vestido vermelho-sangue que abraçava suas curvas médias e sapatos de salto alto como se ela estivesse tentando misturar negócios e prazer, mas ela errou o alvo. — Sr. Caparro. — Ela ronronou enquanto jogava o cabelo castanho por cima do ombro, expondo o corte profundo da linha do busto do vestido aos meus olhos. Propositamente, tenho certeza. — Anna Devon. — ela estendeu a mão e eu a peguei, entretendo-a. — Gostaria de saber se poderíamos conversar sobre sua recente aquisição da empresa Milton Logging.

— Srta. Devon — levantei uma sobrancelha para ela. — Que interesse você tem em minhas aquisições?

Ela sorriu sedutoramente enquanto eu deixava meus olhos pousarem nos bens que ela estava tentando exibir para mim. — Acho

que tenho algo que pode lhe interessar, Sr. Capasso. Algo que pode ser mutuamente benéfico.

— O que é? — Lutei contra a vontade de estremecer com a proeza sexual com a qual ela estava tentando me afogar e deixei cair sua mão. — E não seja vaga. — Acenei com a cabeça para a sala lotada. — Não tenho tempo para fumaça e espelhos.

Dei um passo à frente, fazendo com que ela recuasse um passo para ficar na minha frente, mantendo minha atenção. — Informação. — Ela se apressou: — Na maior competição de Milton no distrito.

— Quem?

— Devon e Filhos. — Ela disse, mais uma vez dando outro passo enquanto eu tentava continuar meu caminho até o elevador.

Fiz uma pausa, levantando uma sobrancelha para ela, finalmente interessado no que ela estava tentando vender. — Conexões familiares? — Flashes dos fotógrafos iluminaram o saguão mal iluminado enquanto eu estava com a mulher. Ela estava dando a eles o que eles esperavam receber quando acampassem esperando por mim, e isso me irritava.

— A família do meu marido. — Ela ergueu o queixo e agitou os cílios de uma maneira que tenho certeza que ela esperava ser sedutora. — Uma família que estou interessada em deixar muito desconfortável por um tempo.

Eu olhei para ela, vendo-a como ela era. — Deixe suas informações com a mesa. — eu balancei a cabeça e deslizei minha mão em volta de seu quadril para puxá-la para mais perto e me inclinei até seu ouvido. Ela engasgou e se inclinou como se estivesse derretendo ao meu toque. O que me causou repulsa positiva. — E se você se aproximar de mim em público assim de novo, eu vou te despir e te acorrentar na janela da frente. Usada e inútil para ser fotografada pela mídia quando meus homens terminarem com você. — Beijei sua bochecha como se estivesse me despedindo de uma conhecida e sorri para ela enquanto me afastava. — Agora saia do meu caminho.

Mantive meu rosto impassível, sabendo que a mídia não tinha ideia do que eu realmente disse a ela, mas sabia o que parecia ter acontecido entre nós.

Parecia que eu estava conversando com uma mulher minha em plena luz do dia. Um homem recém-casado e o Don mais temido em décadas.

Boceta.

Mas eu usaria isso em meu benefício de uma forma ou de outra.

Cheguei ao elevador e apertei o botão enquanto Matteo deslizou ao meu lado com um olhar interrogativo. — Certifique-se de que as fotos que eles tiraram apareçam na capa de cada jornal. Faça parecer que eu a entretive lá dentro. Use o nome dela.

— Por quê? — Ele perguntou, olhando por cima do ombro enquanto a mulher estava na recepção, deixando suas informações para mim. Quando a porta do elevador se abriu e ele olhou para mim, ele já sabia a resposta. — Deixe-me adivinhar, você quer que esses papéis sejam entregues a Armarow?

— E West Shores. — eu sorri. — Deixe minha esposa e seu pai verem.

— E você planeja realmente entreter a dona de casa cansada? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Porra, não. — Eu fiz uma careta: — Essa mulher cheira a desespero. E gosto de desafios.

Ele riu e balançou a cabeça, recuando em direção ao saguão para cumprir minha ordem. — Filho da puta distorcido.

— Assim como você, velho amigo. — sorri de volta quando a porta do elevador se fechou, silenciando o barulho do saguão.



Dias depois, eu ainda estava escondido na cobertura.

Pelo menos foi assim que Matteo continuou chamando, e eu parei de corrigi-lo.

Afinal, ele estava certo, embora eu não lhe contasse isso.

Era o fim de um longo dia, eu estava tomando uma bebida e pensando em um negócio que deveria ter sido óbvio, mas não conseguia me concentrar nos detalhes.

— Capa. — Matteo rosnou, correndo para dentro da sala. — Eles a perderam.

— Quem? — Eu me virei para ele enquanto ele segurava o telefone no ouvido.

— Arianna. — Ele estendeu o telefone e eu o peguei, vendo o nome de Saul na tela.

— Fale comigo.

— Ela escapou. — Saul praguejou e pude ouvir o ar correndo ao seu redor como se ele estivesse correndo. — Dio está revisando as filmagens para ver quando ela saiu e como. Nenhum de nós tem a mínima ideia de como ela escapou.

— Malditos bastardos. — Amaldiçoei, correndo para o meu computador e abrindo a filmagem da casa. — Onde ela esteve pela última vez?

— Seu quarto. Ela se recolheu às quatro, disse que estava com dor de cabeça e que não desceria para jantar. Molly foi à única que subiu lá depois disso, exatamente como você instruiu.

— O que Molly disse? — Rolei a filmagem para as quatro da tarde e assisti em tempo duplo até que o lindo corpo da minha esposa entrou pela porta do nosso quarto. Ela usava um vestido suéter azul que abraçava suas curvas e exibia a pele macia e sedosa da parte superior das coxas acima das meias com renda até o joelho. Fizeram-na parecer jovem e feminina e de alguma forma a combinação de apelo sexual e inocência fez o meu pau agitar-se nas minha calça.

— Ela está de folga nas tardes de domingo. Ela saiu um pouco depois das quatro, logo depois de verificar Arianna pela última vez.

— Mulher complicada. — Amaldiçoei, descobrindo onde minha esposa estava antes mesmo de ver a prova. — Ela está com Molly. — Saul fez uma pausa enquanto eu me levantava e pegava as coisas importantes que precisava na cobertura com Matteo em meu encalço. — Molly janta na casa dos pais todos os domingos à noite; meu palpite é que é onde minha esposa está. Vá até lá e espere do lado de fora, mas não deixe ninguém saber que você está lá, a menos que seja necessário. Estarei aí em uma hora.

— Sim, chefe.

— Molly, hein? — Matteo perguntou enquanto estávamos no elevador momentos depois, prontos para retornar a Armarow muito antes de eu estar preparado.

— Mulher intrometida que ela é. — Eu olhei para ele e ele sorriu. — Eu matei servos por muito menos.

— Sim. — ele acenou com a cabeça e saiu na minha frente quando chegamos à entrada da garagem privada onde meus carros estavam estacionados. — Mas os pais de Molly trabalham para a família Capasso há mais tempo do que qualquer um de nós está vivo. Arianna poderia ter escolhido um lugar pior para passar a noite, e acho que ela sabe disso.

Era verdade. O pai de Molly era o jardineiro-chefe de Armarow, a mãe dela tinha sido minha babá antes de ela deixar Armarow para começar a ter seus próprios filhos. Eles viviam no centro da aldeia

perto de Armarow e embora não fosse o ideal, se Arianna estivesse realmente lá com eles, ela estava relativamente segura.

Desafiadora.

Mas segura.

No entanto, isso não salvaria Arianna da lição de disciplina que eu daria a ela quando chegasse até ela. Independentemente de quem estava por perto.

Eu precisava enviar uma mensagem, até mesmo para meus funcionários leais, de que minha esposa não estava à disposição deles para ajudar. Ela pertencia a mim, e eles também. Havia regras a seguir, até mesmo para eles.

Quando estávamos a caminho, terminei de assistir a filmagem da fuga de minha esposa. Molly saiu da propriedade alguns minutos depois de ver como ela estava e minha esposa vestiu uma calça jeans e um cardigã cinza e então... desapareceu.

Eu não tinha certeza de como ela fez isso, mas ela foi ao banheiro e nunca mais voltou.

Eu escaneei as imagens de fora do quarto e depois do exterior da casa e quatro minutos depois que ela entrou no banheiro, ela saiu pela entrada do mordomo no nível inferior e caminhou direto pela entrada da garagem. Ela usava um casaco preto grosso que uma das criadas usava quando caminhava pelo terreno e manteve a cabeça baixa ao sair pelo portão dos empregados.

Perdida.

Meu intestino queimou, tentando me dizer que eu estava errado sobre onde ela foi. Talvez ela não tenha ido para a casa de Molly e tenha ido embora de verdade.

Mas eu não aguentava pensar nisso. Ela nunca teria ido tão longe, ou pelo menos sua ausência teria passado despercebida se eu estivesse na residência.

Se eu não estivesse me escondendo.

Eu conhecia pessoas, estudava-as e conseguia lê-las facilmente. Exceto Arianna. Como eu disse a ela, não conseguia lê-la. Eu não sabia o que ela estava pensando ou o que ela iria fazer como eu poderia com todos os outros.

— Você acha que Molly a ajudou? — Matteo perguntou durante a viagem, depois de ele mesmo ter assistido a filmagem.

— Acho que Molly está ciente de que minha esposa não está em casa, em nosso quarto, onde deveria estar. — Eu respondi: — Mas também não acredito que Arianna teria permitido que Molly realmente a ajudasse e colocasse em risco sua segurança e posição em Armarow.

— Por que?

— Minha esposa é muitas coisas, Matteo. Orgulhosa. Obstinada. Teimosa como o dia é longo. — Ele bufou e eu continuei. — Mas ela é gentil acima de tudo. E ela se preocupa com Molly, então não acho que ela arriscaria que minha ira fosse dirigida à sua empregada.

— Ela não é minha empregada. — Ele revirou os olhos, esfregando o queixo distraidamente.

— Qualquer coisa que você diga.

— O que você planeja fazer exatamente quando chegarmos lá?

Inclinei a cabeça para o lado e respirei fundo. — O que eu fizer vai depender do que ela fizer quando eu chegar. Então, pretendo jogar o jogo dela da maneira que ela achar melhor.

— Mal posso esperar para ver isso. — Ele sorriu e encostou a cabeça no assento. — Eu nunca conheci Nico Capasso para responder perguntas de outra pessoa, muito menos de uma mulher. — Ele piscou para mim quando eu olhei para ele. — Gosto da mudança.

Capítulo Onze

ARIANNA



— Isso tudo tem um cheiro incrível — eu disse dentro da cozinha da casa dos Bussa enquanto os pais e irmãos de Molly trabalhavam em sincronia, preparando o jantar familiar de domingo. — Tem certeza de que não há nada que eu possa fazer para ajudar? — Perguntei pela terceira vez desde que cheguei.

— Por favor, Ari. — a mãe de Molly, Isabella, sorriu abertamente. — Apenas relaxe e deixe-nos mostrar nossa linguagem de amor — Ela disse docemente.

Isabella era de longe a pessoa mais doce do mundo, assim como Molly dizia que ela era. Quando apareci na casa dela, inesperadamente e de mãos vazias, ela quase não perdeu o ritmo quando Molly me puxou para dentro e contou a todos que havia me convidado. Claro, Molly não achava que eu sairia do terreno de Armarow Estate sem ser detectada, mas mesmo assim ficou feliz com minha chegada. Mesmo que ela soubesse que eventualmente minha ausência seria notada e minha saída seria, sem dúvida, interrompida.

Quando Nico deixou a propriedade na semana passada, fiquei feliz em vê-lo partir.

Ou pelo menos aliviada por ter algum espaço para controlar meus sentimentos e emoções.

Respirei fundo pela primeira vez em dias quando percebi que ele havia partido sem nenhuma expectativa de retornar rapidamente.

À medida que os dias passavam sem ele na magnífica casa, a solidão se insinuou. O que era um absurdo, visto que a última vez que o vi ele literalmente me sufocou até ficar inconsciente depois de me dizer que iria assassinar meu irmão.

Eu estava tão fodida da cabeça que me senti mais indignada que ele saiu sem dizer uma palavra, acordando sozinha em nossa cama quando eu estava no banheiro com a mão dele em volta do meu pescoço, o que parecia ter acontecido apenas alguns momentos antes. Infelizmente, eu senti falta dele e de nossa reserva verbal à medida que os dias se arrastavam.

Senti falta do toque dele.

Eu perdi o que eu queria que nosso casamento fosse.

Perdi a chance de fazer isso.

Molly me lembrou ontem de que estava visitando seus pais no jantar de família de domingo e eu sabia que talvez tivesse minha única oportunidade de experimentar em primeira mão o amor gentil de uma família generosa.

Então, tracei um plano estúpido, com Molly, graças ao seu conhecimento do sistema de túneis secretos nas paredes de Armarow e à minha capacidade de me misturar como um ninguém.

O pai de Molly, Davide, ficou mais desconfiado com minha aparição repentina. Molly me disse que ele era o jardineiro-chefe de Armarow e sem dúvida sabia dos problemas que eu estava trazendo à sua porta. Embora ele tenha optado por permanecer quieto sobre isso, colocando um sorriso em seu rosto gentil e permitindo que eu me juntasse a sua esposa e quatro filhas.

— Diga-me, Ari — Isabella perguntou enquanto mexia uma panela de molho no fogão em sua cozinha simples, mas eficiente. — O que você tem achado do seu tempo em Armarow até agora?

— Já está... — Mordi o lábio inferior enquanto Molly levantava os olhos de sua tarefa de preparar uma salada. — Diferente. — Tentei encontrar uma maneira gentil de expressar meus sentimentos em relação à propriedade que os pais de Molly trabalharam com carinho durante a maior parte de suas vidas. — Minha casa em West Shores ficava dentro da cidade, então não cresci com as belas paisagens que cercam sua cidade.

— É muito bonito nesta época do ano, não é? — Isabella piscou.

— Gosto da serenidade que ele oferece. O barulho da cidade pode ser ensurdecedor se você permitir.

— Mas as compras são muito melhores. — Molly sorriu e acrescentou coberturas à salada.

Eu ri e balancei a cabeça: — A que distância fica a cidade mais próxima daqui?

— Cerca de duas horas. — Davide respondeu: — Se você for, não deixe de visitar o Café Rosa na praça da cidade — Ele gemeu e beijou as pontas dos dedos de uma maneira tradicional italiana e eu ri: — É o melhor.

— Foi onde nos conhecemos — acrescentou Isabella, sorrindo afetuosamente para o marido.

— Essa história de novo não, mamãe. — A irmã mais nova de Molly, Rosa, gemeu e revirou os olhos.

— Foi daí que você tirou seu nome? — Eu questionei.

— Acho que fui concebida lá. — Ela fez uma careta e estremeceu enquanto eu escondia uma risada às custas dela atrás da minha mão.

— Oh, silêncio. — Isabella deu um tapa na filha de brincadeira: — Você está envergonhando nossa convidada.

— Ela está bem, honestamente. Eu gosto da brincadeira. É revigorante ver uma família.

Davide acenou com a cabeça do seu assento na ilha com sua xícara de café. — Molly nos contou que a dinâmica de sua família é... — Ele fez uma pausa. — Tensa.

Eu ri e levantei as sobrancelhas para ele: — Tensa está falando gentilmente. O casamento dos meus pais foi de negócios. Não havia amor entre eles, e acho que nenhum amor cresceu entre eles ao longo dos anos. Portanto, não havia amor para eles compartilharem conosco enquanto crescíamos.

— Isso é uma vergonha. — Isabella parecia triste enquanto limpava as mãos no pano de prato.

— Pelo menos estou livre disso agora. — Tentei parecer tranquilizadora — É por meus irmãos que me sinto mal, eles ainda estão dentro de uma casa sem amor, com uma pessoa a menos para meus pais dispersarem sua raiva.

— Sim, mas você se casou com Nicolas Capasso — disse Rosa como se estivesse claro como o dia. — Você poderia ter feito muito pior.

— Rosa. — Molly retrucou. Foi a primeira vez que eu vi qualquer demonstração real de raiva dela antes e eu levantei minha sobrancelha para ela interrogativamente. — Ela não sabe o que acontece entre marido e mulher e não deveria comentar sobre isso.

— Obrigada. — eu balancei a cabeça, mas me virei para sua irmã mais nova, que me lembrava muito minha irmã Anita. — Você está certa, havia homens muito piores que meu pai recebia quando fazia ofertas para minha mão em casamento. — eu disse calmamente e seus olhos se arregalaram em choque. — Minha vida na Armarow é muito melhor do que aquela que eu tinha antes com meus pais.

— Mas existe amor? — Isabella perguntou baixinho com um olhar astuto.

— Mamãe. — Molly sibilou. — Não é apropriado.

— Está bem. — Sorri para ela e respirei fundo antes de responder à mãe dela. — Poderia haver, talvez algum dia. — eu disse com sinceridade. — Acho que Nico é um homem complexo que carrega

muitos fardos sobre os ombros como Don. E ser marido é um território desconhecido para ele, mas acho que ele quer ser um bom marido, mesmo que tente esconder isso.

Ela sorriu e acenou com a cabeça: — Eu estava lá no dia em que ele nasceu. — Ela balançou a cabeça lembrando-se: — Foi o primeiro parto que assisti.

— Você trabalhou na Armarow? — Eu perguntei surpresa, Molly não tinha me contado isso.

— Eu era babá dele. Ele e seus irmãos. Até que engravidei da Molly e decidi criar meus próprios bebês em vez dos bebês Capasso. Ele era uma criança tão amorosa quando era pequeno. Ele era afetuoso e gentil e absolutamente o garoto mais inteligente que já conheci.

— Caramba, valeu. — Molly revirou os olhos com um sorriso malicioso.

Isabella deu um tapinha em seu ombro ao passar por sua filha a caminho de mim: — Sempre terei um lugar especial em meu coração para Nico. — Ela sorriu e colocou a mão no meu braço apertando-o levemente: — No fundo eu sei, ele é um bom homem, Ari. Também sei que às vezes ele prefere deixar todo mundo pensar que ele é um monstro assustador, mas no fundo — ela sorriu. — Ele é bom.

— Eu acredito em você. — Admiti — Vi pequenos momentos daquele homem antes de ele partir para a cidade.

— Bem — ela deu um tapinha no meu braço e acenou com a cabeça como se o assunto estivesse resolvido. — Espero que ele retorne para Armarow em breve para que vocês dois possam continuar a se conhecer e construir algo mais do que seus pais tinham. — Ela olhou por cima do ombro para o marido: — Algo parecido com o que Davide e eu temos.

— Sinceramente, não gostaria de mais nada. Goste ou não, esta é a minha vida agora. E gostaria de aproveitar ao máximo, em vez de passar meu tempo presa na negação e na autopiedade.

— Boa menina. — Isabella sorriu: — Você também é inteligente, uma combinação perfeita para Nico. Embora se eu tivesse que adivinhar, uma que o desafiasse e o fizesse mudar quem ele é como homem também.

— Poderíamos ter esperança. — Pisquei para ela e ela inclinou a cabeça para trás e riu.

— Deus o ajude. — Davide balançou a cabeça e sorriu para sua xícara de café.



— Vocês todos se superaram. — eu disse, admirada, uma hora depois, enquanto o banquete gigante que a família Bussa havia preparado era servido na grande mesa, servido em estilo familiar. — É sempre tão luxuoso? — Sussurrei para Molly, que estava sentada ao meu lado.

Ela sorriu: — Bem, a comida geralmente é tão boa, mas não vou mentir e dizer que comemos nesta bela porcelana toda semana. Isso é tudo para você.

— Isso é mais do que eu poderia ter imaginado e estou honrada por ser incluída.

— Bom, agora coma. — Isabella instruiu, passando uma travessa para mim. — Depois que Davide consegue um prato, não há garantia de que você conseguirá algum.

Davide saiu para atender um telefonema alguns minutos antes de nos sentarmos, eu estaria mentindo se dissesse que não observei a porta da frente durante todo o tempo em que ele esteve fora, sentindo

uma desgraça iminente se apoderar de meus ossos quanto mais tempo ele estava desaparecido.

Peguei as travessas oferecidas, colocando pelo menos uma pequena quantidade de cada travessa em meu prato, ansiosa para experimentar tudo quando a porta se abriu e Davide voltou para a casa feliz.

E a desgraça que eu estava sentindo tomou conta de mim completamente quando meu taciturno marido entrou atrás dele, fixando instantaneamente seus penetrantes olhos verdes em mim do outro lado da sala. Ele usava uma calça jeans azul escura que abraçava suas coxas musculosas e um suéter cinza claro que combinava com as mechas grisalhas que começavam a colorir o cabelo ao redor de sua têmpora.

Ele era uma obra-prima, mesmo em seus piores dias, não pude negar o quanto ele era de tirar o fôlego.

— Nico! — Isabella aplaudiu animadamente, levantando-se e correndo em direção a ele. — Que surpresa agradável!

— Isabella. — ele disse calorosamente, inclinando-se para beijar suas bochechas sem nunca tirar os olhos dos meus. — Lamento interromper sua refeição.

A comida que consegui provar virou serragem em minha boca quando meu passeio pacífico chegou a um ponto insuportável.

— Absurdo! — Isabella deu um tapinha no braço dele, virando os dois em direção à mesa. — Junte-se a nós? Temos bastante.

— Eu não poderia interferir no seu tempo com a família. — Ele respondeu educadamente, finalmente desviando o olhar de mim enquanto eu tomava um gole de vinho para empurrar o pedaço de comida garganta abaixo.

Eu esperava sua raiva quando imaginei como seria se ele me encontrasse depois da minha fuga.

O que eu não esperava era educação com sua ex-babá. Ele era quase carinhoso com a mulher, algo que eu não tinha visto dele direcionado a ninguém.

Qualquer um menos eu, de qualquer maneira. Eu não tinha nenhuma falsa expectativa de que sua raiva não viria à tona no momento em que estivéssemos sozinhos.

— Por favor. — ela disse enfaticamente. — Estamos aproveitando muito nosso tempo com Ari. Presumo que é por isso que você está aqui? — Ela questionou: — Ela conseguiu escapar da propriedade e você está aqui para levá-la de volta, não é?

Meus olhos se arregalaram e olhei para Molly com curiosidade, mas ela sussurrou: — Ela sabe tudo. Nunca me safei de nada em minha vida.

Observei com horror quando Davide puxou uma cadeira até a mesa e conduziu Molly pela lateral da mesa até ela, puxando a cadeira ao meu lado. — Por favor, junte-se a nós.

Nico baixou a cabeça e tirou a jaqueta dos ombros largos. — Admito que tudo tem um cheiro delicioso. — Ao dizer a última palavra, ele ergueu os olhos e olhou diretamente para mim, fazendo meu corpo superaquecer sob seu olhar intenso. Ele contornou a mesa e puxou a cadeira que Molly havia desocupado. Antes de se sentar, ele passou as pontas dos dedos pelo meu queixo e empurrou meu cabelo por cima do ombro, expondo meu rosto e pescoço. Inclinei minha cabeça para trás para olhar para ele confusa, encontrando seus olhos hipnotizantes olhando diretamente para os meus. — Esposa. — Ele disse gentilmente enquanto se inclinava e me beijava.

O toque de seus lábios contra os meus foi elétrico e fiquei desapontada quando ele se afastou rapidamente, sentando-se ao meu lado.

Ele lambeu os lábios como se estivesse saboreando o meu gosto neles, eu respirei fundo para acalmar a reação visceral do meu corpo a isso. — Oi — sussurrei de volta enquanto a família Bussa voltava a

distribuir comida, conversando entre si enquanto estávamos perdidos em nós mesmos.

— Você está de tirar o fôlego. — Ele ainda estava com a mão na minha nuca e passou os dedos pela pele sensível algumas vezes antes de retirá-los e colocar o guardanapo no colo.

O homem conseguiu molhar minha calcinha com um simples beijo e apenas o toque das pontas dos dedos em meu pescoço, mas estava sentado lá sendo educado como se não fosse completamente afetado por mim.

— Ari nos disse que você esteve fora da cidade. — Isabella conversou. — Você voltou por um tempo ou seu negócio o levará de volta para a cidade?

— Saí da cidade cedo, inesperadamente — ele olhou para mim e eu me encolhi na cadeira sob o escrutínio. — Mas já era hora de voltar para casa de qualquer maneira. Então provavelmente ficarei por um tempo se conseguir.

— Bom de se ouvir. — Sua antiga babá sorriu para ele: — Novos casamentos exigem carinho e cuidado para crescer. Você não pode fazer isso da cidade com a doce Ari aqui sozinha.

— Doce Ari — ele ergueu uma sobrancelha, mais uma vez olhando para mim. — Não ficará mais sozinha. — Ele falou sobre mim como se eu não estivesse aqui e isso apenas alimentou o sentimento de criança errante que eu estava experimentando devido à culpa de trazer o drama para a porta dos Bussa.

Felizmente, meu marido manteve seu melhor comportamento e não me envergonhou ainda mais.

— Davide me disse que a expansão dos gramados norte será a maior reforma que Armarow já viu. — A matriarca mudou de assunto e eu peguei meu garfo, mais uma vez tentando apreciar o sabor da comida.

Nicholas respondeu, contando-lhe sobre planos dos quais eu não sabia nada e comi minha refeição em silêncio. Eu estava começando a

relaxar e deixei a conversa me atrair de volta, conversando facilmente com a família quando meu marido trocou o garfo para a mão esquerda e depois estendeu a mão e colocou a palma quente na minha coxa. Forcei o pedaço de comida para baixo e lambi os lábios, arriscando olhar para ele por baixo dos cílios, e o encontrei ignorando completamente minha reação ao seu toque.

Ele continuou conversando, encantando toda a família Bussa, inclusive Molly, com sua conversa atenciosa e natureza descontraída.

Enquanto isso, senti o suor se acumulando na minha nuca, descendo lentamente pela minha espinha enquanto ele deslizava a mão ainda mais entre minhas coxas, me forçando a descruzar as pernas para que ele pudesse caber.

Meu rosto ficou vermelho brilhante pelo efeito que ele estava causando em meu corpo e eu respirei calmamente para relaxar meu corpo tenso.

— Ari. — Isabella perguntou, chamando minha atenção de onde eu estava sentada olhando para meu garfo imóvel. — Você está bem?

— Hum. — Balancei a cabeça, agarrando minha taça de vinho com a mão trêmula e tomando um gole: — Estou muito bem, obrigada. Apenas perdida em pensamentos.

— Você parece corada. — Suas sobrancelhas franziram no centro. — É o vinho? A safra é bastante pesada.

— Provavelmente é isso. — Nico respondeu por mim, tirando a taça da minha mão antes de colocá-la na frente de seu prato. — Beba um pouco de água, pequenina. — Ele trocou o vinho tinto pelo meu copo de água e eu lutei contra a vontade de encará-lo.

Levei o copo aos lábios e deixei o líquido frio e refrescante deslizar sobre minha língua enquanto todos me observavam interrogativamente. Meu querido marido, no entanto, aproveitou a distração para deslizar a mão ainda mais para cima, pressionando a ponta do dedo mindinho firmemente contra meu centro quente e esfregando um círculo rápido ao redor dele.

Tossi e engasguei com a água, mal cobrindo a boca para conter o fluxo de água antes de fazer papel de boba.

— Desculpe. — Eu engasguei, cobrindo meu rosto com a mão enquanto meu rubor aumentava ainda mais. — Eu não sei o que aconteceu comigo.

— Talvez devêssemos ir para casa. — disse Nico, puxando meu guardanapo de seu colo e empurrando a cadeira para trás. — Peço desculpas. — Ele disse aos anfitriões.

— Não se preocupe. — Isabella e Davide se levantaram, nos tranquilizando enquanto observavam preocupados.

Fiz uma careta para Molly, que assentiu com conhecimento de causa e saí correndo de casa, positivamente mortificada.

Com raiva, caminhei pela estrada para longe da casa e olhei para onde meus guardas, Saul e Dio, estavam encostados no capô de um SUV elegante estacionado ao lado do de Nico, com seu segundo Matteo me observando atentamente do banco da frente. — Só não poderia me dar algumas horas, não é? — Gritei com eles, sem esperar resposta, que claro que eles não me deram.

— Onde você está indo? — Nico me alcançou atrás de mim e puxou meu braço para trás, me forçando a encará-lo. — Os carros estão lá atrás.

— O que há de errado com você! — Eu rebati, empurrando seu peito com raiva, mas ele simplesmente sorriu para mim.

— Eu também senti sua falta, esposa.

— Ugh! — Gemi alto e me afastei dele antes de ceder à vontade de bater nele no meio da rua escura.

Já era tarde e a rua estava vazia, mas ainda era a rua dele. Esta era a cidade dele e eu não era burra o suficiente para cutucar o monstro que havia nele na frente de seu povo.

Aprendi essa lição bastante quando criança com meu pai.

Eu o ouvi chamar meus guardas, momentos depois, os dois SUVs passaram por mim em direção a Armarow.

Eu podia ver o brilho da propriedade elaborada através das árvores, mas sabia, pela minha caminhada até o Village, que não era tão perto quanto parecia. — Apenas me deixe em paz. — Eu bufei, balançando os braços e andando pela passarela irregular de tijolos.

— Por quê? — Ele perguntou, andando alguns metros atrás de mim. — Você me queria aqui esta noite. Então, por que fingir que não?

— Eu não queria você aqui! — Virei-me para ele e enfiei o dedo em seu peito.

— Mentirosa. — Ele agarrou minha mão e prendeu-a nas minhas costas tão rápido que não tive tempo de me preparar para ele entrar no meu espaço pessoal. — Você desafiadoramente deixou Armarow e escapou para que eu voltasse para casa e trouxesse você de volta. — Suas narinas dilataram enquanto eu lutava contra ele, empurrando-o com a mão livre. — Você é uma pirralha. Você estava chateada porque eu não estava lhe dando a atenção que você deseja, então você agiu.

Estávamos sob o último poste de luz antes que a estrada ficasse quase escura e eu mal conseguisse distinguir os detalhes de seu rosto graças às sombras. Não importava, eu os tinha memorizado. — Vá se foder. — Eu fervei — Volte a fazer sabe Deus o que com Deus sabe quem na sua cidadezinha suja e me deixe em paz!

Sua sobrancelha levantou e um sorriso puxou seu lábio para trás. — É por isso que você se irritou? A ideia de eu foder minha amante na minha cobertura te incomoda, pequenina?

— Ugh! — Eu gritei, resistindo contra ele e torcendo até que ele soltou meu braço um milésimo de segundo antes de quebrar. O choque escureceu seu rosto diante da minha imprudência. — Eu não me importo com o que você faz, desde que me deixe em paz!

Eu me virei e comecei a me afastar novamente, mas ele agarrou um punhado do meu cabelo e me puxou, me apoiando até que minhas costas encostassem em uma árvore fora da luz do poste. — Mentirosa.

— Ele respirou contra meus lábios, pressionando seu corpo contra o meu e a luta que eu tinha dentro de mim se dissipou quando eu cedi contra ele. Seu aperto em meu cabelo afrouxou, mas ele não me soltou: — Eu não vim aqui para brigar com você.

— Você veio me dar ordens então, é isso? — questionei, olhando para seu queixo e deixando meus olhos se acostumarem com a escuridão até conseguir distinguir os traços de seu rosto perfeito de tão perto.

— Eu vim... — Ele fez uma pausa. — Porque você me assustou.

Engoli em seco e olhei mais para cima até encontrar seus olhos: — O que você quer dizer?

— Quando recebi a ligação de que você tinha ido embora. — ele deslizou sua coxa entre as minhas e me levantou até que meus dedos dos pés mal tocassem o chão. A casca áspera da árvore cravou em minhas costas e agarrei o tecido macio de seu suéter com os dedos. — Eu estava com medo de que você realmente tivesse ido embora.

Suspirei e observei seus olhos mergulharem no decote acima do decote do meu suéter. — Isso incomodaria você? Se eu desaparecesse?

— Sim. — Ele respondeu instantaneamente.

— Por quê? — Eu cutuquei. — Porque sou sua propriedade?

— Não, pequenina. — Ele suspirou, inclinando-se até que seus lábios mal tocassem os meus. — Porque estou obcecado por você. — Ele lambeu meus lábios e eu derreti ainda mais. — Mesmo que você me odeie.

— Eu não quero odiar você. — eu sussurrei, admitindo algo que eu nem percebi até pronunciar as palavras.

Ele sorriu e eu pude sentir: — Nós não facilitamos as coisas um para o outro, não é?

Eu balancei minha cabeça.

Ele tirou sua coxa de entre as minhas, deixando meus pés caírem no chão, e me puxou para fora da árvore. — Uma trégua então? — Ele deslizou os dedos do meu cabelo e depois o alisou suavemente. — Porque eu também não quero mais odiar você, Arianna.

— Mas você odeia.

Ele não respondeu imediatamente e recuou, me soltando completamente até ficar sob a luz novamente: — Não sei. — Ele passou a palma da mão sobre o queixo. — Acho que não.

— Acho que foi a coisa mais legal que você já me disse. — Ofereci com um pequeno sorriso, ele retribuiu, tirando-me da escuridão.

— Errado. — Ele grunhiu, virando-se para proteger Armarow e acenando para que eu caminhasse com ele. — Dizer que você tem uma boceta muito bonita foi provavelmente o mais legal.

— Bom Deus. — Eu gemi, me encolhendo. Ele inclinou a cabeça para trás e riu ao luar. Por um segundo eu apenas o observei enquanto descíamos o caminho em direção à sua casa. — Você deveria fazer isso com mais frequência — eu disse, enquanto ele olhava para mim. — Faz você parecer menos com um gnu.

— Um gnu? — Seus olhos se arregalaram e ele zombou, balançando a cabeça e deslizando a mão nas minhas costas enquanto eu tropeçava no chão irregular no escuro. Eu me inclinei para o lado dele enquanto ele me guiava e dizia a mim mesma que o friozinho na barriga era por causa do vinho. Ele culpou minha explosão anterior quando nós dois sabíamos que eu estava completamente sóbria.

— Ok, talvez mais como um boi.

— Cuidado, esposa. — Ele deu um tapa na minha bunda e me puxou para mais perto quando eu engasguei e pulei. — Ou eu vou te dar uma surra de verdade.

Capítulo Doze

NICO



Ari entrou na casa na minha frente e observei seus quadris flexíveis balançarem a cada passo. Eu não conseguia me lembrar da última vez que voltei da vila para casa, mas passar um tempo sozinho com ela na escuridão, com apenas a natureza ao nosso redor, clareou minha cabeça.

E acho que isso clareou a dela também.

Ela estava brava comigo quando saímos da casa de Davide e Isabella por envergonhá-la brincando com seu corpo bem na frente deles. Para ser honesto, eu simplesmente não conseguia manter as mãos longe dela, e foi por isso que fiz isso.

Quando entrei, esperava indignação dela. Em vez disso, o que obtive foi uma admiração silenciosa em seus lindos olhos castanhos enquanto ela olhava para mim do outro lado da sala.

Maravilha e medo.

Considerando a última vez que a vi, eu a sufoquei até deixá-la inconsciente, isso era justificado.

Ela estava esperando que eu causasse uma cena, talvez até a arrastasse para fora de casa, chutando e gritando. Eu não era um animal, no entanto.

Bem, não o tempo todo.

Em vez disso, cumprimentei amigos meus de longa data e tentei exalar a imagem da perfeição e agir como um marido amoroso, o que só serviu para chocar ainda mais a minha jovem esposa.

Algo que descobri que gostei bastante de fazer.

Agora estávamos em casa e eu a sentia se fortalecendo cada vez mais a cada passo dentro de nossa casa.

Matteo e Dio esperaram por mim no hall de entrada quando entramos, mas eu acenei para eles antes que qualquer um deles pudesse abrir a boca. — Seja o que for, descubra e resolva. Não me incomode pelo resto da noite.

Matteo sorriu e piscou para Arianna enquanto ela virava a cabeça para olhar para mim: — O que você quiser, Capa. — Então ele empurrou o silencioso Dio para fora da sala em direção à ala onde meus homens passavam a maior parte do tempo.

— O que você está fazendo? — Ari perguntou, olhando para mim enquanto eu caminhava em direção às escadas.

— Indo para a cama. — Eu a empurrei na minha frente. — O mesmo que você.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas depois a fechou e se virou, subindo as escadas correndo enquanto eu sorria para ela.

Quando chegamos ao nosso quarto, ela me olhou mais uma vez enquanto eu caminhava em direção ao closet, tirando o suéter pela cabeça.

Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu estava lá dentro, tirando os sapatos e depois desfazendo o cinto e a calça jeans.

Boa menina.

Eu não tinha passado uma única noite neste quarto com ela desde que me casei com ela. Nem uma vez eu adormeci ao lado dela, embora já estivéssemos casados há semanas.

Eu pretendia mudar isso esta noite.

Quando fiquei de cueca boxer preta, voltei, pegando-a fechando a mandíbula antes de sair correndo para a privacidade do banheiro. Ela fechou a porta atrás dela, mas eu não me importei.

Eu a segui, abrindo a porta e pegando-a parada na penteadeira se olhando no espelho. — Você se importa? — Ela perguntou em estado de choque.

— Nem um pouco. — Fui até o banheiro e levantei o assento, tirei meu pau e comecei a mijar.

Ela zombou e eu olhei para ela, encontrando seus olhos fixos no meu pau enquanto eu urinava. — Você tem um fetiche por mijo, esposa? — Eu desafiei e ela cerrou a mandíbula mais uma vez e então abriu a água, de frente para a torneira e tentando ativamente me ignorar. Eu ri dela, me sacudindo antes de terminar e caminhar até ela. — Diga-me, por que o silêncio repentino?

— Estou totalmente sem palavras. — disse ela antes de abaixar o rosto e jogar água nele, limpando-se da maquiagem leve que usou no jantar.

Quando ela voltou, peguei a toalha que ela tateou cegamente e segurei-a fora de seu alcance até que ela abriu um olho e olhou para mim até que eu a entreguei a ela. — Por que você está sem palavras?

— Incomoda você que eu não esteja gritando meus sentimentos para você? — ela respondeu por trás da toalha e então se endireitou, revelando seu rosto macio.

— Sim. Eu já disse que não consigo ler você. Você geralmente pelo menos tem a decência de gritar comigo, então eu sei o que você está pensando. — eu admiti honestamente e ela sorriu.

— Eu não grito com você.

Eu zombei e peguei minha escova de dentes e coloquei pasta de dente nela. Quando estava a centímetros da minha boca, percebi que ela estava congelada ao meu lado, me observando. Eu lentamente a afastei, olhando para ele: — O que você fez com minha escova de dente?

Seus lábios se contraíram e então ela pegou a sua, colocou pasta e começou a escovar os dentes. — Esfreguei o banheiro com isso. — Ela encolheu os ombros e eu grunhi de repulsa, fazendo-a rir.

Joguei-a no lixo enquanto ela enxaguava a boca e colocava a dela de volta na gaveta. Peguei a dela e reapliquei a pasta e comecei a escovar os dentes enquanto sorria para ela, superando-a em seu próprio jogo. Olhando para mim antes de revirar os olhos, ela saiu para o quarto, murmurando baixinho o que parecia muito com 'Neandertal'.

Terminei e a segui de volta para o quarto, perseguindo a sereia na praia, mesmo sabendo que ela tiraria sangue se eu chegasse muito perto dela. Ela ficou no closet de costas para mim, desabotoando o sutiã e tirando-o enquanto olhava timidamente por cima do ombro antes de deslizar uma camisa minha sobre seu corpo esguio.

Encrenqueira.

— Você dormiu com minhas camisas enquanto estive fora? — Eu a provoquei enquanto ela desabotoava a calça jeans e tirava-a. A camisa era tão comprida que não vi nada de bom antes de ela tirar a calça jeans e jogá-la no cesto. — Você estava sofrendo por mim, não é?

Puxei os cobertores de volta para a cama e entrei, apoiando as costas na cabeceira para poder observá-la.

— Você gostaria que eu estivesse, grandalhão. — ela desafiou corajosamente, mas eu pude ver a ansiedade em seus olhos quando ela se aproximou da cama. — Onde devo dormir?

Levantei uma sobrancelha para ela antes de puxar as cobertas do outro lado. — Bem aqui.

— Nós não... — Ela parou, mordendo o lábio.

— Eu sei. — Tive pena dela e dei um tapinha no colchão ao meu lado. — Trégua, lembra?

Ela semicerrou os olhos e brincou com a bainha da camisa antes de suspirar e caminhar para o lado dela, subindo na cama. — Você me estrangulou na última vez que compartilhamos o espaço por um

período de tempo. — Sua voz não estava com raiva, e se eu não soubesse, havia quase uma pitada de mágoa nela.

— Eu deixei você inconsciente no meio de sua raiva maníaca.

— Eu não estava com raiva. — Ela olhou para os dedos na bainha dos cobertores. — Na verdade, eu estava bastante calma naquele ponto.

Suspirei e me recostei mais nos travesseiros, sentindo o cansaço de queimar as velas nas duas pontas nas últimas semanas me recuperando. — Você se sentiria melhor se eu lhe dissesse que não foi um dos meus momentos de maior orgulho?

Ela olhou para mim com seus grandes olhos castanhos e mordeu o lábio inferior como se estivesse contemplando isso. — Talvez.

O silêncio caiu sobre nós enquanto entrávamos em território desconhecido. Eu não sabia nada sobre cuidar dos sentimentos de uma mulher, pior ainda, de uma jovem que nunca havia tido um relacionamento antes.

E eu duvidava que ela soubesse lidar com um homem que estava tão acostumado a conseguir o que queria, sempre que queria, que nem sabia mais como pedir.

Nenhum de nós realmente tinha ideia do que deveríamos fazer.

— Você gostaria de um pedido de desculpas por isso? — Eu questionei.

— Só se você realmente estivesse arrependido por isso. — Ela respondeu, virando o corpo para me encarar.

— Não estou. — respondi e respirei fundo antes de continuar. — Não sinto muito por isso, porque não me lembro de uma época da minha vida em que tenha lidado com uma mulher de outra forma que não seja como fiz naquele momento. Eu não sei nenhuma forma diferente. Mas reconheço que não deveria ter agido dessa forma com você.

Ela me observou como se estivesse tentando decidir se eu estava dizendo a verdade ou não antes de revirar os olhos e se virar na cama

para olhar para frente: — Bem, vou te contar uma coisa. — Ela alisou os cobertores em seu colo com graça: — Se você fizer isso comigo de novo, vou esfaqueá-lo enquanto você dorme.

Eu sorri para ela e ela olhou para mim com o canto do olho e depois olhou para minha diversão. — Acho que gostaria de ver você tentar, pequenina.

— Hum. — Ela se inclinou na lateral da cama até a mesinha de canto e desligou o abajur. Com a minha lâmpada ainda acesa, tive um vislumbre de seu traseiro nu quando a bainha da camisa subiu e eu lambi os lábios. Ela não tinha ideia, mas estava atraindo um urso muito necessitado. — Boa noite.

— Sem beijo de boa noite? — Perguntei enquanto ela estava deitada de lado, de costas para mim, cobrindo-se com os cobertores.

— Não. — ela colocou o 'o' no final, e eu sorri para ela.

Desliguei o meu abajur e então tirei minha boxer e joguei-a no chão antes de me virar para encará-la na escuridão. Deslizei contra suas costas e levantei a camisa que ela puxou para baixo até que meu pau nu se aninhou bem contra sua bunda e a puxou com força contra meu peito.

— Nico! — Ela ofegou.

— Shh. — eu sussurrei, deslizando meu braço sob seu travesseiro, basicamente nos moldando da cabeça aos pés. — Se você não vai me dar um beijo de boa noite, o mínimo que você pode fazer é me deixar abraçar.

Ela zombou e bufou antes de finalmente ajustar os cobertores novamente e relaxar em meu abraço. — O grande e mau Nicolas Capasso gosta de abraçar. Quem poderia ter imaginado isso?

— Errado. — Respirei fundo, inalando a fragrância doce e perfeita de seu cabelo, e apertei meus músculos para fazer meu pau se contorcer entre nós. — Eu nunca dormi ao lado de uma mulher antes em minha vida, muito menos me preocupei em abraçar. Acontece que não odeio isso até agora.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo e comecei a pensar que ela adormeceu até que ela sussurrou: — Boa noite, Nico.

— Boa noite, pequenina. — Beijeí sua nuca e a puxei ainda mais forte.

Demorou muito para ela adormecer, mas quando o fez, seu corpo relaxou ainda mais, derretendo-se em meus braços enquanto ela fazia ruídos doces e calmantes enquanto sonhava.

Eu contei a ela a verdade sobre nunca ter dormido na mesma cama que uma mulher antes, e também que ainda não estava odiando isso. Para ser honesto, gostei bastante da sensação dela em meus braços, apertada contra mim e em pouco tempo senti meu sono começando a me puxar para baixo.



Eu me senti como se estivesse em um barco, entrando e saindo das ondas, buscando a realidade, mas acenando para que a terra dos sonhos me levasse de volta. Eu não conseguia me lembrar da última vez que acordei no lugar intermediário da consciência porque geralmente não dormia o suficiente ou sempre para chegar lá.

Algo me acordou.

— Mmh — uma doce voz angelical sussurrou, eu abri meus olhos para me orientar enquanto tudo voltava para mim.

Arianna.

Minha esposa.

Deitei-me de costas e minha esposa estava esparramada em cima de mim, com a cabeça apoiada no meu peito e as pernas enroladas em uma das minhas.

Ela estava esfregando contra minha coxa. O relógio na mesa de cabeceira marcava duas da manhã e o quarto estava escuro, exceto pelo brilho dos números, mas havia luz suficiente para eu olhar para baixo e ver que seus olhos estavam fechados enquanto seus quadris se moviam para cima e para baixo.

A umidade cobriu minha coxa por baixo dela e sorri para mim mesmo na escuridão ao perceber o que estava acontecendo.

Minha esposa estava tendo um sonho molhado e me usava para dar prazer a si mesma.

Olhei para o teto enquanto a guerra começava a acontecer dentro da minha cabeça e do meu corpo. Eu poderia deixá-la em paz, permitindo que ela esfregasse sua boceta molhada contra minha perna até que ela chegasse ao clímax e nunca lhe contasse que sabia a verdade sobre o que ela fazia enquanto dormia. Ou eu poderia ajudá-la em sua busca pelo prazer até que ambos estivéssemos um pouco menos frustrados.

Já fazia uma semana desde a última vez que a tive, e nenhuma punheta conseguiu aliviar a dor dentro das minhas bolas que queria enchê-la novamente. E eu tinha tentado, uma e outra vez.

Meu pau estava duro, encostado na minha barriga e vazando pré-sêmen pela maneira como ela balançava contra ele, eu estava lutando para resistir a afundar nela.

— Nico. — ela gemeu, virando o rosto e pressionando os lábios contra meu peito enquanto deslizava mais sobre meu corpo, essencialmente montando em minha coxa como um cavalo. A julgar pela forma como seus olhos permaneceram fechados, ela ainda estava dormindo. Ou pelo menos em algum lugar entre como eu estava.

— O que você quer, esposa? — Eu sussurrei, dobrando meu joelho na perna que ela estava montada e levantando-a em seu corpo delicado,

arrancando um longo gemido de seus lábios.

— Por favor. — ela implorou docemente em seus sonhos e qualquer restrição que eu tinha desapareceu.

Rolei nós dois até que ela estivesse deitada de costas e então deslizei todo o comprimento do meu pau através de sua boceta. Seus joelhos se arregalaram, me implorando para dar a ela o que ela queria enquanto sua cabeça balançava para frente e para trás.

— Que boa menina — elogiei-a, empurrando a camisa que ela usava para expor seus seios grandes. Como eles ficariam bem alimentando meu filho em breve, imaginei enquanto me inclinava e chupava um de seus mamilos em minha boca.

Suas unhas cravaram em meu pescoço enquanto ela arqueava as costas, empurrando mais o seio em minha boca. — Por favor. — ela repetiu, levantando os quadris buscando a fricção que eu dei a ela antes.

Inclinei-me e mordi seu lóbulo da orelha, provocando um suspiro dela enquanto suas unhas cravavam mais fundo. — Acorde, pequenina, você não pode implorar pelo meu pau e alegar que não estava em seu juízo perfeito mais tarde.

Quando me afastei, seus olhos estavam abertos e ela piscava rapidamente, confusa. Voltei a baixar o quadril, deslizando o meu pau através da sua umidade novamente. — O que você está fazendo? — ela gemeu.

— Aí está você, você me acordou transando com minha perna como uma gatinha sexual carente. — Eu balancei através dela novamente. — Me implorando para te foder e te dar o que você precisava. — Sua boca abriu e fechou antes de morder o lábio inferior, sem dúvida para silenciar o gemido que eu estava tentando arrancar dela.

— Eu estava dormindo! — ela argumentou como se isso pudesse enfraquecer seu constrangimento.

Tirei a mão dela do meu pescoço e deslizei entre nossos corpos. — Sinta como você está molhada, pequenina. — empurrei seus dedos contra seu clitóris e esfreguei um círculo sobre ele antes de deixar cair meus dedos em sua entrada e empurrar dois dela para dentro dela.

— Porra! — Ela engasgou, arqueando-se para longe da invasão. — Pare, Nico.

— Não. — eu rebati seu apelo indiferente. — Você me acordou com essa boceta molhada, fazendo meu pau pulsar e vazar para você. Você vai aceitar tudo o que eu lhe der em troca.

Seus olhos se moveram enquanto ela tentava pensar em um argumento, eu poderia dizer. Então eu a empurrei ao limite para garantir que ela não me diria não. Levantei os nossos dedos da sua boceta pingando e trouxe-os para a minha boca, chupando tanto os dela como os meus para a minha boca e gemendo. — Tão doce, baby.

— Deus — ela gemeu e uma perna envolveu meus quadris, puxando-me contra ela novamente. — Você está me deixando louca.

Eu ri e alinhei a ponta do meu pau com sua entrada enquanto ela se acalmava e prendia a respiração embaixo de mim. — Você é quem fala, Ari. — Empurrei para frente e dei-lhe sete centímetros antes de recuar e fazer de novo, acrescentando outro no final. — Estou louco desde o primeiro momento em que te vi.

— Não, você não está. — ela gemeu, cedendo a mim e envolvendo a outra perna em volta da minha cintura. — Você é a pessoa menos afetada do mundo. Nada parece chamar sua atenção. Eu poderia correr por esta casa com o cabelo em chamas gritando com uma alma penada e você nem piscaria para mim. — Havia raiva em sua voz, e eu sorri enquanto empurrava profundamente novamente, dando-lhe mais, amando a forma como suas pálpebras se fecharam.

— Você quer que eu lhe diga que não consigo pensar em mais nada quando não estou com você, querida esposa? — Perguntei e empurrei para dentro do seu corpo, ultrapassando a resistência do seu corpo apertado até que as minhas lhe atingiram o rabo. — Isso, a

menos que eu esteja assim, enterrado bem dentro de você, tocando você da cabeça aos pés, eu não consigo respirar? — Rolei meus quadris e ela arqueou as costas, pressionando seu clitóris contra mim com mais força. Inclinei-me e mordi sua orelha e depois chupei até que ela gemeu e me abraçou contra o peito: — O que você prefere, pequenina? Meu ódio ou minha obsessão?

— Obsessão — ela gritou e ofegou. — Eu quero você tão louco por mim quanto eu sou por você. Porra, estou gozando.

— Boa menina — eu bati nela e rolei meus quadris. — Essa é minha boa menina, gozando no meu pau.

— Sim — ela gritou, cravando as unhas em minhas costas. — Foda-me, Nico, por favor.

Eu sorri e levantei suas pernas sobre meus ombros, adorando a maneira como seus olhos se arregalaram de medo antes de se fecharem de prazer enquanto eu entrava em seu corpinho apertado novamente: — Como você desejar, querida. Eu procuro agradar.

— Idiota. — ela sibilou, e então eu a fodi tão bem, apenas gemidos e apelos incoerentes saíram de seus lábios por horas.

Capítulo Treze

ARIANNA



Eu não entendia meu marido.

Enquanto caminhava por sua grande casa, tentei acalmar os batimentos cardíacos erráticos em meu peito, sabendo que poderia topar com ele a qualquer momento.

Era estranho tê-lo de volta em casa, embora eu nunca admitisse que gostava de tê-lo por perto novamente.

Depois da forma como ele passou a noite toda enrolado à minha volta e abraçando-me... Deus. Eu precisava me controlar, ou ele sentiria o cheiro da minha excitação no segundo em que inadvertidamente nos encontrássemos.

Ele era primitivo assim, usando suas tendências animais para me causar arrepios.

Então, em vez de permitir que o pensamento dele me despertasse, segui o cheiro de comida saborosa sendo preparada e fui para a cozinha, encontrando Mariella, a governanta de Nico, conversando com o Chef Alec enquanto ele preparava o almoço.

— Sra. Capasso — disseram os dois, baixando a cabeça quando entrei. — Você está pronta para o almoço? — Chef Alec perguntou com um sorriso brilhante.

— Estou — sorri de volta, olhando para a pasta no fogão. — Estou morrendo de fome, na verdade. — Esfreguei meu estômago, percebendo quão faminta eu estava. O café da manhã não me prendeu hoje e eu estava pronta para provar qualquer mistura deliciosa que Alec havia criado.

— Onde você gostaria de sentar hoje? — Mariella perguntou. Quando cheguei, ela arrumou um lugar para mim na mesa para as refeições, mas depois da terceira ou quarta vez que jantei sozinha, peguei meu prato e levei-o para a ilha da cozinha, preferindo a companhia deles ao silêncio da sala de jantar.

— Aqui está tudo bem, se você não se importa em me receber.

— Claro que não. — ela sorriu, pegando uma mesa posta e colocando-a para mim. — O que você gostaria de beber hoje?

— Prosecco seria ótimo, por favor. — Sentei-me enquanto ela levantava minha taça para enchê-la para mim.

— Sem vinho — uma voz profunda gritou da entrada da cozinha. Todos nós nos viramos e encontramos Nico entrando. Meus olhos o avaliaram, começando pelo cabelo escuro e desgrenhado em sua cabeça, que parecia intencional e desordenado, tudo ao mesmo tempo, e até sua camisa azul clara de botões que estava desfeita no pescoço e enrolada sobre os antebraços exibindo suas tatuagens. Finalmente, deixei meus olhos viajarem até sua calça azul marinho que abraçava suas pernas perfeitamente antes de suas palavras afundarem em meu cérebro confuso com a excitação.

— O que você disse? — Eu perguntei, franzindo o rosto enquanto suas palavras ecoavam na minha cabeça.

Ele desviou o olhar de mim e diretamente para Mariella e Alec: — Sem álcool para minha esposa até que eu diga o contrário. — Ele caminhou para o meu lado como se não tivesse acabado de falar sobre mim para sua equipe como se eu nem estivesse na cozinha e deu um beijo gentil na minha têmpora, deslizando a mão quente pelas minhas costas.

Seus toques eram gentis e confundiam a raiva que tentava crescer dentro das minhas entranhas por ser tratada como uma criança.

Virei-me para ver onde ele estava ao meu lado: — Tenho idade suficiente para beber. Ou você já começou a ficar senil?

Ele sorriu para mim e Mariella saiu da cozinha enquanto ele se sentava ao meu lado, deixando o pobre chef acorrentado ao fogão com nossa conversa embaraçosa acontecendo a três metros de distância.

— Eu sei que você tem idade suficiente para beber, Ari. — ele respondeu, não chegando ao meu nível de sarcasmo. O que acendeu aquele fogo no meu estômago. — Mas você não está mais bebendo. Pelo menos agora não.

— Por quê? — Eu rebati, olhando para ele.

Ele se virou e abriu as pernas ao meu redor, uma ao longo das minhas costas e a outra contra os meus joelhos, prendendo-me enquanto se inclinava para frente até que seu rosto estivesse bem perto do meu. — Você já está tentando quebrar nossa trégua, pequenina? — Inclinando-me para dar um beijo em meus lábios entreabertos. — Eu admito, estou aproveitando as vantagens da trégua e não estou muito pronto para deixar você com raiva de mim novamente.

— Então não tente me dizer o que fazer como uma criança.

— Não estou tratando você como uma criança, Arianna. Estou tentando pensar em nosso filho ainda não nascido. — ele olhou para minha barriga e depois ergueu a sobrancelha para mim.

Minha boca abria e fechava como um peixe fora d'água enquanto eu processava suas palavras.

Então comecei a fazer contas na minha cabeça e percebi que com seu retorno repentino para Armarow, eu tinha esquecido que minha menstruação estava marcada.

Hoje.

No entanto, eu não tinha nenhum sinal de que isso aconteceria como costumava acontecer.

— Você está em pânico. — disse ele, deslizando a mão pelas minhas costas. — Diga-me por quê.

— Você... — Fechei a boca e engoli. — Eu não... — Balançando a cabeça, desviei o olhar dele, incapaz de terminar a declaração, porque eu não sabia de nada com certeza.

— Você não está menstruada. No entanto, de acordo com o relatório da Dra. Travis, você está atrasada.

— Como você sabe? — Eu rebati, deixando meu medo me dominar.

Junto com a vontade de tirar o olhar gentil e divertido de seu rosto.

— Porque quando deslizei meu pau para fora do seu corpo. — ele levantou o pulso e olhou para o relógio. — Não mais de seis horas atrás, não havia nenhuma evidência de que ela me cobrisse.

Corei, olhando furtivamente para Alec e depois olhando para meu marido. — Pare com isso. — eu sussurrei.

— Eu não vou. — Nicolas endireitou-se, afastando-se do meu corpo. — Estou em minha casa, e minha equipe é bem paga para ignorar minhas conversas ou pelo menos ser profissional o suficiente para manter suas opiniões sobre elas.

— Nico — suspirei, olhando para ele. — Não estou grávida.

— Como você sabe?

— Não me sinto grávida. — respondi honestamente. — Não me sentiria... *diferente*?

— Eu não sei — ele disse com um encolher de ombros diferente dele. — Nunca estive grávida antes.

Revirei os olhos com sua tentativa de piada e peguei o copo de água que sua governanta havia colocado junto com meu prato.

Ele voltou sua atenção para o prato e depois para mim: — Por que você está sentada aqui para almoçar?

— Onde mais devo sentar?

— Uma mesa. — Suas sobrancelhas franziram os olhos verdes como se fosse uma pergunta idiota. — Uma das seis disponíveis dentro desta casa.

— Sozinha, sem ninguém além do papel de parede desagradável para me fazer companhia? — Eu zombei — Não, obrigada. Já passei o suficiente da minha vida sozinha. — Acenei com a cabeça para a cozinha ao nosso redor. — Gosto bastante da conversa de Alec e Mariella. Eles estão me ensinando coisas.

Ele fez uma careta, mas recostou-se. — Mariella — ele gritou — Um prato para mim também, por favor. — Momentos depois, a mulher saiu da despensa com outro prato colocado. — Que tipo de coisas você está aprendendo? — Ele me perguntou enquanto ela arrumava seus utensílios e depois se afastou.

— Coisas domésticas. — eu disse e balancei a cabeça — Por que você está sentado comigo?

Ele zombou, levantando o copo de água e tomando um gole. Meus olhos observaram os músculos fortes de seu pescoço trabalharem o líquido para baixo e eu peguei a borda de um arranhão vermelho na parte de trás de seu pescoço, causando arrepios por todo o meu corpo.

Eu fiz isso.

Enquanto ele fazia tantas coisas deliciosas com meu corpo a noite toda.

Porra, Ari, controle sua cabeça. Eu me castiguei silenciosamente.

— Devo sentar-me à mesa sozinho, apenas com o papel de parede que minha doce e falecida mãe cuidadosamente escolheu e amou, para me fazer companhia? — Ele ergueu uma sobrancelha para mim e olhou pelo canto do olho enquanto eu me encolhia na cadeira com meu erro. — Em vez disso, vou ter sua companhia hoje. — ele concluiu, me deixando fora de perigo.

— Hmm. — eu cantarolei, mas fui poupada da necessidade de responder quando Alec trouxe nossos pratos com o almoço. — Alec — eu gemi, inclinando-me para cheirar. — Você está me mimando.

Em cada um de nossos pratos estavam as fatias de pizza mais lindamente elaboradas com manjerição fresco e pedaços de mussarela derretidos na perfeição, combinados com uma bela salada verde recheada com vegetais frescos e frutas vibrantes.

— Foi um prazer, senhora. — disse Alec, baixando a cabeça uma vez enquanto limpava as mãos no avental. — Eu borriftei limão na pizza, já que você gostou da última vez. Não se esqueça de me contar como você o acho hoje.

— Oh, eu vou. — Engoli em seco, ansiosa para experimentar. Minha boca encheu de água quando olhei para o queijo pegajoso. — Muito obrigada.

— Aproveite — ele respondeu e saiu da cozinha para nos deixar em privacidade.

Comi na cozinha para desfrutar da companhia deles, mas com a presença de Nicolas ao meu lado, tanto Alec quanto Mariella me abandonaram.

Traidores.

Cobri meu colo com o guardanapo e percebi que Nicolas estava em silêncio ao meu lado, então olhei para ele.

Encontrando-o fazendo cara feia para mim.

— E agora? — Eu gemi. — Só esse rosto está tentando arruinar esta refeição para mim e vou ficar com raiva se você conseguir.

— Você gosta do meu chef? — ele perguntou com firmeza: — Vocês dois estão excessivamente confortáveis um com o outro.

— Oh, pare com isso. — Revirei os olhos com desdém e peguei minha pizza, percebendo meu erro tarde demais.

De repente, fui puxada do banco e sentei-me diretamente no balcão na frente de Nicolas, que moveu por pouco o prato e os utensílios antes de eu engoli-los com minha bunda. — Nico! — Eu engasguei em estado de choque: — O que há de errado com você?

— Você está transando com meu chef? — ele retrucou, olhando diretamente nos meus olhos, graças à sua altura.

— Você honestamente acha que estou transando com seu chef? — Eu respondi — Simplesmente porque ele é legal comigo? Você nunca foi legal comigo, mas eu ainda te fodo. É evidente que as sutilezas não são o que me excita.

Ele se levantou e abriu minhas pernas, ficando entre elas enquanto eu me inclinava para trás para manter espaço entre nós enquanto o medo e a excitação pulsavam pela minha espinha.

Não, não foram as sutilezas que me motivaram.

— Ninguém toca no que é meu. — ele rosnou, apoiando as mãos na bancada de mármore debaixo da minha bunda. — Pensei ter deixado isso explicitamente claro quando tirei sua virgindade.

— Eu não sou uma prostituta, Nico — argumentei de volta. — Não sou como você.

Ele ergueu as sobrancelhas e seu lábio superior se ergueu em um sorriso sinistro. — Você está me chamando de prostituta, esposa?

— Acho que os tabloides fizeram isso por mim recentemente. — Eu sibilei e imediatamente me arrependi.

Na semana passada, quando ele passeava pela cidade, paparazzi o fotografaram no saguão de sua cobertura com uma mulher. Ela estava vestida com esmero e cheia de apelo sexual, enquanto olhava nos olhos dele como se ele fosse o homem mais sexy do mundo.

O que ele pode muito bem ser.

A história dizia:

O notório empresário Nicolas Capasso foi visto entretendo a esposa de um de seus rivais no saguão de seu prédio. Fontes próximas ao empresário confirmaram que a mulher passou a noite várias vezes na suíte da cobertura recentemente.

Certa manhã, fiquei tão furiosa quando li o jornal que estava no chão, do lado de fora da porta do meu quarto, que o rasguei em pedaços e joguei-o no vaso sanitário.

Seção de quadrinhos e tudo.

Horas depois, quando Molly finalmente conseguiu descobrir o que havia de errado, ela sorriu para si mesma e tirou o telefone do bolso.

— Eu poderia me meter em grandes problemas por causa disso. — ela me disse enquanto puxava uma mensagem de um contato listado simplesmente como 'Problema'.

Se ficar fora de controle, garanta à sua amante que o lobo está simplesmente tentando sacudir sua gaiola. Nada mais.

— A princípio não entendi do que ele estava falando, mas acho que agora entendi melhor. — disse ela, confirmando minha intuição de que a história foi inventada.

A mulher no jornal parecia vestida com esmero, não como se estivesse fazendo a caminhada da vergonha, e outra coisa me fez pensar que ela não era o tipo de Nico.

Quando perguntei a Molly quem era sua fonte, suas bochechas ficaram vermelhas e ela mordeu o lábio. — Ninguém com quem eu tenho que conversar. — Tinha sido a resposta dela, então deixei ir depois de agradecer pela informação.

Nicolas tentou armar para mim, simplesmente para me irritar e me deixar com ciúmes.

Funcionou até que a lógica abriu caminho através da névoa da raiva porque eu sabia o que era melhor.

Mas isso não significava que eu não jogaria isso na cara dele quando ele tentasse me atrair agora.

Ele sorriu como se tivesse ganhado um prêmio, o que me irritou. Eu odiava quando os homens tentavam me manipular para dar-lhes o que queriam.

Era algo que meu pai fazia há décadas.

Em vez disso, me inclinei para frente e deslizei minha mão sobre a protuberância em sua calça que eu sabia que nossa discussão teria dado a ele, e apertei, acariciando-o enquanto levava meus lábios até a borda de sua orelha.

— Exceto que nós dois sabemos que minha boceta é a melhor que você já teve e ninguém, especialmente nenhuma mulher chata e desgastada como ela, jamais prenderá sua atenção novamente. É por isso que você veio correndo no segundo que eu quis, você simplesmente não conseguia o suficiente. Você precisava de mais de mim. Você me desejou. — Eu o empurrei para trás, usando o choque que sem dúvida o deixei para me ajudar. Deslizei do balcão e sentei em meu banquinho, cruzando as pernas sedutoramente e recolocando o guardanapo. — Agora se sente e coma a refeição que seu simpático chef preparou para você antes que ela vá para o lixo. — acrescentei para dar um chute extra em suas bolas viris enquanto pegava minha pizza e dava uma mordida, gemendo com a delícia.

Mantive a máscara de domínio no lugar até que ele se sentou no banco e se virou para mim. — Você se sente como um cachorro grande agora, Arianna? Como um rei entre os camponeses. — perguntou ele com uma voz destinada a ser ouvida pelos homens antes de ele acabar com suas vidas. Olhei para ele e levantei uma sobrancelha, mas ele se inclinou para frente, passando a mão em volta do meu pescoço e me puxou até que nossos rostos estivessem quase se tocando. — Não se engane, esposa, quando você era uma Rosetti, você não teria sonhado em falar assim com alguém tão perigoso quanto eu. — Ele lambeu meus lábios e apertou a mão em volta da minha garganta. — Mas eu enchi sua boceta tão cheia de DNA de Capasso que você finalmente está começando a agir como uma. — Ele lambeu meus lábios novamente, mordendo meu lábio inferior e sugando-o em sua boca enquanto eu

abria para ele, dando-lhe o que ele queria. — Você ainda será uma boa esposa, pequenina.

Agarrei-me a cada palavra sua como um carnívoro desesperado por outro pedaço de carne. Eu queria mais.

Mais elogios.

Mais aspereza.

Mais toques.

Mas ele se afastou, tirando a mão da minha garganta, e voltou-se para o balcão como se não tivesse abalado meu mundo. Fiquei ali sentada, ofegante e ansiando por mais dele enquanto ele pegava sua pizza com desdém e dava uma mordida.

O filho da puta me deu um xeque-mate enquanto eu tentava preparar um jogo de damas.

Lembrando-me rapidamente que ele não seguia as regras de ninguém, mas sim as suas próprias, e eu precisava entrar rapidamente na mesma página que ele.



— Sra. Capasso — Dra. Travis chamou enquanto entrava no meu quarto.

— Doutora — respondi friamente. — Sem ofensa, mas estou realmente começando a temer suas visitas.

Ela acenou com a cabeça com conhecimento de causa, colocando a maleta na mesa de centro. — Isso é justo. Estou aqui para coletar uma amostra de urina.

— Para ver se estou grávida, correto?

— Correto.

Respirei fundo e estendi a mão para pegar o copo de amostra que estava acostumada a encher para ela. — Vamos acabar com isso então.

Ela me deu o copo e eu entrei no banheiro, fechando a porta atrás de mim e evitando olhar meu reflexo na penteadeira espelhada. Coloquei o copo na parte de trás do vaso sanitário e comecei a desabotoar minha calça jeans quando ouvi uma leve batida no painel da parede no final do chuveiro.

O painel da passagem secreta sobre a qual Molly me contou antes de eu fugir para jantar na casa dos pais dela. Abotoei rapidamente minha calça jeans e silenciosamente corri até ela, procurando a trava quase invisível atrás da parede de azulejos, e abri o painel.

— Molly? — Sussurrei quando ela passou pela abertura e levou o dedo aos lábios.

— Shh. — ela sibilou. — Você já fez o teste?

— Não. — Acenei com a cabeça para o copo na parte de trás do vaso sanitário. — Por quê?

— Bom! — Ela correu pelo banheiro, tirando um copo de amostra do avental e trocando-o pelo vazio.

— Isso é xixi? — Eu me encolhi quando ela se virou para mim e revirou os olhos. — O que você está fazendo?

— Pensei que talvez você quisesse descobrir em particular. Então você poderia decidir o que fazer com essas informações e quando. — Ela puxou um recipiente de plástico do outro bolso do avental e me entregou.

Um teste de gravidez.

— Estou confusa.

— Esse é o meu xixi. — Ela acenou com a cabeça para o copo enquanto me devolvia o copo vazio. — Garanto a você que não estou

grávida. — Ela sorriu: — Mas você provavelmente está, e no segundo que a Dra. Travis testar seu xixi, ela vai contar ao Sr. Capasso e então seu relacionamento já tenso vai piorar. Então entrega meu xixi para ela, faça o teste negativo dela e ganhe algum tempo. Faça o outro teste em particular depois que ela sair para ter certeza. Mas pelo menos você ficará responsável pelo resultado por um tempo.

Agarrei seus ombros e a puxei para um abraço apertado, tentando expressar o quanto seu ato de desafio significou para mim. — Você deve realmente odiar seu trabalho para continuar colocando isso em risco por mim. — Eu disse depois de um tempo: — Mas obrigada.

Ela me abraçou de volta, apertando-me com força antes de se afastar: — Eu amo meu trabalho muito mais desde que você chegou, para ser sincera. Mas eu tenho moral e você merece ter alguém assumidamente ao seu lado.

Uma leve batida soou na porta: — Sra. Capasso, está tudo bem aí? — Dra. Travis perguntou e os olhos de Molly se arregalaram.

— Depressa, esconda o teste e o copo vazio e volte lá. O Sr. Capasso estava voltando para dentro quando cheguei aqui.

— OK. — Coloquei o bastão e o copo no fundo da minha gaveta de maquiagem enquanto ela abria o falso painel de azulejos na parede. — Obrigada. — eu sussurrei.

Ela piscou e desapareceu na escuridão.

— Estou chegando! — Falei, pegando o copo cheio e respirando fundo antes de sair para o quarto onde a médica esperava.

Com meu marido.

— Eu pego isso, Sra. Capasso — disse a Dra. Travis enquanto eu permanecia paralisada na porta, hesitante em trair Nico.

Mordi o lábio para manter a boca fechada enquanto ela o levava para a estação de teste e se ocupava mergulhando as tiras na urina. Evitei o olhar de Nico e fui até a janela para me distrair.

Eu não queria mentir para ele. Mas eu também não estava pronta para ser completamente bombardeada por ele. Uma parte de mim sabia que, se eu estivesse grávida, no segundo que ele descobrisse, ele iria reforçar as restrições já rígidas que havia colocado na minha vida. Porque ele era primeiro um protetor, isso era fácil de dizer. Ele me protegeria para proteger seu filho ainda não nascido, até demais.

Eu simplesmente não estava pronta para desistir da pouca liberdade que ganhei em meu tempo na Armarow.

Eu faria o teste depois e descobriria a verdade, e se estava grávida. Eu contaria a verdade a ele eventualmente.

Só que ainda não.

Eu só queria um pouco mais para ser... eu.

Antes eu era simplesmente o navio que transportava o futuro Don.

— O que é? — Nico me assustou quando falou diretamente atrás de mim, colocando a mão no meu ombro: — Você parece nervosa.

Dei de ombros, recusando-me a encará-lo. — Só esperando pelas notícias.

— A ideia de ser a mãe dos meus filhos ainda te dá tanta repulsa? — ele perguntou e eu não pude mais lutar contra a vontade de olhar para ele.

Virei-me e olhei para ele, sentindo a raiva e a rejeição irradiando dele. — A ideia de ter filhos com você nunca me causou repulsa, Nico. — eu disse gentilmente.

— Então me diga o que é que te deixa tão chateada.

Abaixei seu olhar e olhei para um botão de sua camisa, deixando meu dedo subir para sentir o metal frio sob as pontas dos dedos. — Nunca fantasiei em ser a égua reprodutora de alguém. — Sua mão deslizou sobre a minha, pressionando-a contra seu abdômen. — Eu queria significar mais para alguém. — Olhei para cima: — Isso é tão difícil de imaginar?

— Os testes estão feitos. — Dra. Travis interrompeu antes que ele pudesse responder e eu tirei minha mão de seu abdômen e respirei fundo.

A mandíbula de Nico cerrou, mas ele permaneceu em silêncio, virando-se para dar atenção à médica enquanto eu olhava pela janela já sabendo o que ela estava prestes a dizer.

— É negativo.

— Obrigado. — Nico respondeu friamente, como se a notícia tivesse sido algo tão simples quanto o chef declarando o cardápio do jantar, em vez de algo pelo qual ele era tão apaixonado.

— Podemos iniciar os hormônios para cronometrar melhor a ovulação e aumentar as chances de gravidez em duas semanas. — Ela disse, mas Nicolas a interrompeu.

— Não. — Ele disse com firmeza: — Obrigado pelo seu tempo esta noite, doutora, isso é tudo.

— Muito bem. — Ela disse, arrumando suas coisas enquanto eu olhava pela janela, sentindo como se o mundo tivesse começado a girar mais rápido e se inclinar para o lado enquanto o engano queimava em minhas entranhas.

Ela saiu do quarto e uma onda de náusea tomou conta de mim quando a culpa se tornou insuportável. Eu não era uma mentirosa. Não era da minha natureza e fazer isso com Nico parecia errado. Abri a boca para contar a verdade quando sua voz sem emoção me interrompeu.

— Vou mandar Molly ajudar você a fazer as malas.

Eu me virei para encará-lo tão rápido que meu mundo girou enquanto a descrença rolava através de mim. — O quê? — Ele estava me expulsando. Porque não engravidei no primeiro mês. Ele estava falando sério?

— Partimos em duas horas. Então seja rápida.

— Eu não entendo. — gaguejei enquanto um suor frio escorria pela minha pele. — Você está me fazendo ir embora?

Espere, nós? Ele disse nós?

Ele respirou fundo e observei seus ombros abaixarem visivelmente, como se ele estivesse se forçando a relaxar. — Sim, Arianna. — ele respondeu, diminuindo a distância entre nós e levantando a mão até meu queixo. Estremeci quando ele me tocou, embora seu toque fosse gentil e não tivesse qualquer raiva que eu esperava. Sua testa franziu e suas narinas dilataram-se enquanto seu polegar passava levemente pela minha bochecha. O toque desmentia a emoção que eu podia ver queimando por trás de seus olhos verdes e isso me deixou ainda mais incerta. — É difícil levar você em lua de mel sem sair de casa.

— Lua de mel? — Sussurrei em completo choque, balançando suavemente a cabeça enquanto tentava compreender o que havia acontecido nos últimos minutos.

— Sim, esposa. — ele deslizou a mão pela minha nuca e me puxou contra seu peito. — Três semanas navegando pelo Mediterrâneo, de Ibiza a Atenas. Isso lhe agradaria?

— Eu pensei... — Engoli em seco e respirei fundo. — Achei que você estava me expulsando.

— Eu sei. — ele suspirou, apertando meu pescoço com mais força. — No final da nossa viagem, você provavelmente desejará que eu tivesse feito isso. Não se engane, pequenina. — Ele deslizou o polegar sob meu queixo e inclinou minha cabeça ainda mais para trás, colocando pressão na traqueia exposta em minha garganta, afirmando seu domínio sobre mim de uma forma que fez meus joelhos fracos e minha calcinha molhada. — Não tenho planos para as próximas três semanas além de encher seu útero com meu filho. — ele rosnou e eu agarrei a camisa que cobria seu abdômen duro para me apoiar enquanto suas palavras me transformavam em mingau. — Mas vou fazer isso da maneira certa. Então não planeje fazer muito além de repetir meu pau enquanto eu janto e bebo vinho de ilha em ilha. Entendido?

— Sim. — eu sussurrei, chocada demais para dizer qualquer outra coisa.

— Bom. — ele se inclinou e pressionou seus lábios nos meus, me dando um beijo quente e de expectativa, que eu retribuí ansiosamente. — Certifique-se de que as lingerie novas estejam na sua mala. Você não precisará de muito mais.

Mordi o lábio e me afundei ainda mais nele, incapaz de sequer fingir que tudo o que ele dizia não estava me transformando em mingau para ele.

Ele estava tentando.

À sua maneira dominadora e controladora.

— Sim, senhor. — eu disse e lutei com um sorriso quando seus olhos escureceram antes que ele se inclinasse para me beijar novamente.

— Apresse-se agora, pequenina.

Com isso, ele saiu do quarto e momentos depois Molly entrou correndo, com os olhos arregalados. — O que diabos eu perdi? Uma lua de mel? — ela ofegou tão confusa quanto eu.

— É mais como uma missão de fazer bebês, mas vou apreciar a vista dos mares enquanto o inevitável acontece.

— Se ainda não. — ela sorriu e acenou com a cabeça para minha barriga antes de balançar a cabeça e respirar fundo. — Tudo bem, vamos fazer as malas para você engravidar.

— Jesus Cristo. — eu gemi, mas sorri para mim mesma, mesmo assim.

Capítulo Quatorze

NICO



Observei o rosto de Arianna enquanto subíamos o cais até onde meu iate estava esperando por nós, antecipando qual seria sua reação.

Eu tinha feito planos de levá-la para uma lua de mel de disfarce por alguns dias, decidindo que, independentemente do que o teste dela dissesse, iríamos nos afastar por um tempo.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estou aliviado e desapontado por minha esposa ainda não estar grávida. Parte de mim queria começar a construir minha família, mais cedo ou mais tarde. Enquanto a outra parte de mim queria fazer isso da maneira certa. De uma forma que não envolvesse mentiras e força.

Mesmo que eu não conhecesse outra maneira de fazer nada.

Eu estava disposto a tentar.

— Uau. — ela sussurrou, observando a embarcação toda iluminada no céu noturno.

— Gostou disso? — Eu perguntei, ansioso pela resposta dela.

— É incrível.

— É maior que o do seu pai. — eu disse, odiando o modo como estava tentando impressioná-la com meus bens.

Ela encolheu os ombros, deslizando a mão na minha quando eu a ofereci para ajudá-la a subir na passarela. — Eu não saberia, nem sabia que ele tinha um.

Eu a segui até o iate onde o capitão, o bóson e o mordomo-chefe esperavam por nós. — Boa noite, Sr. Capasso — disse meu capitão antes de pegar a mão de minha esposa e apertá-la. — Sra. Capasso, meu nome é Reck e serei seu capitão durante toda a viagem. — Ele se virou e apresentou Martin, o bóson, e Cher, o mordomo-chefe.

Havia outros a bordo, mas apenas a elite de cada departamento teria algo a ver conosco. Essa era a única maneira de garantir que o padrão de serviço que eu esperava fosse atendido, dentro e fora do iate.

Observei enquanto Arianna encantava a todos, aceitando suas saudações e dando as suas como a esposa perfeita de Don, e o orgulho cresceu em meu peito.

— Quando partimos? — Eu perguntei, desviando a atenção de todos da minha encantadora esposa.

— De manhã — confirmou Rex. — Ao amanhecer, embarcaremos e iniciaremos sua jornada pelo mar.

— Perfeito — virei-me para Cher. — Faremos nossa refeição no sky lounge esta noite. — Deslizei minhas mãos sobre o ombro de Arianna e a conduzi mais fundo no elegante salão. — Está ficando frio.

— Muito bem, Sr. Capasso. — Cher fez uma reverência. — Vou pedir ao chef que prepare suas refeições agora. Seus quartos estão prontos.

— Obrigada. — Arianna gritou enquanto eu a conduzia em direção à escada para meus aposentos privados. — Isso é tudo nosso? — Ela perguntou, andando pelo corredor até a porta do quarto principal.

— Sim, há apenas outros três quartos a bordo além das cabines da tripulação.

— Isso parece menos do que eu esperaria em um iate deste tamanho. — ela refletiu.

— É — afirmei. — Não costumo convidar outras pessoas comigo para o mar. Se eu não tiver quartos vazios, será mais fácil deixá-los todos para trás.

— E o que você faz quando está no mar?

— Trabalho, principalmente. — admiti enquanto entrávamos em nosso quarto. — Raramente tiro folga.

— Você planeja trabalhar nessas três semanas? — Ela perguntou timidamente, eu vi a forma como a incerteza enchia seu olhar enquanto ela tentava fingir que observava a mobília.

— Haverá momentos em que estarei atendendo a negócios.

— O que vou fazer enquanto você trabalha?

— O que lhe agrada. Você pode tomar sol, ler, dormir, relaxar. — Dei de ombros: — Tenho mimos planejados em cada doca para você, tanto em terra quanto a bordo. Há lojas e restaurantes disponíveis em cada parada também.

— E se eu quisesse apenas ficar em mar aberto e ignorar a existência do resto do mundo? — Ela me encarou e passou os braços em volta do abdômen como se estivesse se consolando de alguma forma.

— É isso que você quer, pequenina? — Abaixei-me em uma poltrona na área de estar em frente à cama e abri bem as pernas antes de estender a mão para ela, acenando para que ela se aproximasse.

Ela hesitou, engolindo em seco enquanto seus olhos passavam da minha mão para o meu rosto e vice-versa.

Coloquei a mão no joelho e suspirei: — É isso, não é? — Eu questionei: — Nossa trégua termina quando começamos nossas férias?

— Você disse que estava trabalhando em nossa viagem — ela rebateu. — Então não diga que são férias.

— Isso te incomoda?

— Não. — ela respondeu instantaneamente e mordeu o lábio inferior enquanto eu deixava o espaço após sua resposta vazia. — Talvez. — ela finalmente admitiu e suspirou. — Sim.

— Por quê?

— Eu não poderia nem começar a te contar. — ela respondeu, eu percebi que era honesto.

— Então por que você não me conta como você imaginou que seria nossa viagem antes de chegarmos? — Passei a ponta do polegar sobre meu lábio inferior enquanto ela refletia sobre sua resposta antes de dar.

— Como é uma lua de mel? — ela encolheu os ombros. — Porque eu não teria a menor ideia.

— Romance — respondi, inclinando a cabeça enquanto ela me observava de perto, como se não esperasse essa resposta. — Intimidade — acrescentei. — Conexão.

Seus ombros murcharam ligeiramente e ela desviou o olhar. — Certo, é por isso que esta será uma viagem de trabalho então. Entendi. — Ela passou os dedos pela testa e se ocupou em abrir gavetas e armários no armário enquanto eu a observava.

— Você acha que não posso lhe dar essas coisas enquanto trabalho?

— Eu não acho que você possa me dar essas coisas, ponto final. — ela respondeu sem esforço, mas eu vi o jeito que ela ficou tensa depois que as palavras saíram de sua boca.

Minha esposa era um enigma para mim.

Completamente desconhecido e não estudado antes, me deixando questionando cada instinto que eu tinha no que dizia respeito a ela e constantemente questionando o que ela queria ou precisava.

Mas percebi que não precisava adivinhar muito se me incomodasse em perguntar a ela.

Porque embora minha esposa fosse um mistério para mim, ela era um livro aberto para si mesma. Quando ela era aberta e honesta consigo mesma, eu conseguia explorar essa conexão e lê-la melhor do que em qualquer outro momento até agora.

— Venha aqui. — eu ordenei a ela, fazendo com que suas costas enrijecessem enquanto ela tentava ignorar minha diretriz e o desejo natural de seu corpo de obedecer. — Agora, Arianna.

Ela olhou para mim por cima do ombro antes de se virar: — Por quê? — Ela continuou mordendo o lábio. — O jantar estará pronto em breve. — ela respondeu.

— Nossa refeição estará pronta somente quando estivermos prontos para comer.

— Isso é rude com a equipe que trabalha tão incansavelmente para atendê-lo. — ela bufou, desviando a conversa.

— Arianna — Levantei minha mão novamente: — Venha aqui, não vou falar de novo.

— Você não me perguntou da primeira vez. — Ela sussurrou.

— Esposa. — eu rosnei e seu pé deu um passo à frente, trazendo-a para mais perto de mim. — Melhor.

Ela olhou para a porta da cabine e depois para minha mão enquanto atravessava o quarto. — O que você quer de mim?

— Para você vir aqui. — Deslizando minha mão ao redor de seu quadril quando ela finalmente chegou ao meu alcance, puxei-a para meu colo. Levantei seus pés sobre o braço da cadeira e a acomodei, então ela não teve escolha a não ser se apoiar em meu peito e olhar para mim, que era o que eu queria.

— O que você realmente quer? — ela sussurrou, brincando com a bainha de seu vestido esvoaçante em cor pastel, onde ele caía até o joelho. Era o vestido perfeito para uma noite quente de verão a bordo,

mas era outono e ainda não estávamos no sul o suficiente para aproveitar o calor da estação. Levaria alguns dias até chegarmos tão longe e sua pele se arrepiou enquanto eu olhava para suas pernas nuas estendidas sobre meu colo.

— Para dizer o quão linda você é. — eu disse claramente, deslizando a palma da mão pela sua panturrilha nua para tirar o sapato do seu pé delicado. — Para lhe dizer como é doloroso para mim olhar para a sua beleza e saber que você não vê nem uma fração dela no espelho quando olha para ela no seu caminho. — Tirei seu outro sapato e peguei seu pé em minha mão, apertando-o e passando a ponta do polegar sobre o arco até que ela gemeu baixinho.

Então eu fiz isso de novo.

— Você conta histórias lindas. — ela sussurrou, brincando distraidamente com um botão da minha camisa antes de morder o lábio novamente para esconder outro gemido quando eu apertei.

— Dito com os lábios de uma deusa.

— Aparências são maldições — ela rebateu. — Você mesmo disse, minha aparência foi o que fez você decidir continuar com o casamento comigo.

— Você ainda acredita que casar comigo foi à aposta perdida? — Eu perguntei, sustentando seu olhar enquanto mudava para o outro pé. — Achei que já tínhamos ultrapassado essa mentira.

— Eu não disse que era a pior opção. — ela desafiou e eu sorri, deslizando minha mão por seu tornozelo e panturrilha, alisando a pele fria enquanto eu avançava.

— Você disse a médica que poderia ter sido feliz no casamento comigo. — Passei meus dedos sobre seu joelho. — Você fez parecer que não acreditava mais nisso.

— Eu não.

— Então por que você ficaria chateada comigo trabalhando em nossa lua de mel? — Eu implorei.

Suas narinas dilataram e ela cerrou a mandíbula, tendo sido pega na mentira, e desviou o olhar de mim.

Inclinei sua cabeça para trás com meu dedo sob seu queixo até que seus olhos calorosos encontraram os meus. — Eu lhe contarei minha teoria sobre isso, se você quiser. — Ela não respondeu, mas continuei mesmo assim: — Acho que você ainda acredita que poderia ser feliz comigo. Eu acho que quando você manda seu cérebro se foder e deixar seu corpo assumir o controle, bem aqui — deixei meus dedos deslizarem por seu peito até que eles descansassem acima do decote que me provocava em seu decote e batia em seu esterno. — Com seu coração, que você sabe que está feliz comigo. — Inclinei minha cabeça para o lado e beijei sua bochecha, deixando meus lábios permanecerem ali. — Acho que você quer se permitir tudo o que lhe ofereço, mas sente que precisa protestar por alguma obrigação com sua independência feminina. — Abaixei meus lábios até sua orelha e ela virou a cabeça, me dando melhor acesso. — Acho que você precisa admitir que o prazer que lhe dou vale a pena abandonar a luta.

Ela riu e rapidamente se mexeu em meus braços até montar em meu colo e passar as unhas na minha nuca. — Do que você está desistindo, estando comigo? — Deslizei minhas mãos sob seu vestido e agarrei suas nádegas, puxando-a contra minha virilha. — Porque nós dois sabemos que não vou apenas dar, dar, dar, sem receber um pouco.

— Estou desistindo de muito mais do que você imagina, pequenina. — Eu a embalei contra mim, ela inclinou a cabeça para trás e girou os quadris, esfregando-se contra o meu corpo.

— Diga-me. — ela sussurrou com os olhos fechados. — Dê-me as palavras.

— Eu vou. — Passei meus dedos por seus longos cabelos e forcei seu rosto de volta para o meu: — Algum dia. Quando puder confiar em você.

— Mentiras. — ela sibilou e lambeu os lábios. — Se você vai mentir para mim, o mínimo que você pode fazer é me foder enquanto faz isso, para que eu não perceba.

Agarrei o elástico de sua calcinha e arranquei-a de seu corpo, jogando-a no chão antes de colocá-la para trás em meu colo. — Seja uma boa menina e tire meu pau se você quer tanto.

Seus olhos escureceram quando ela olhou para mim. — Não aja como se você não me quisesse. — Ela parou em minhas mãos. — Já é a segunda vez que você finge que poderia conseguir isso em outro lugar, de alguém menos incômodo. — Seu corpo vibrava de raiva. — Você quer possuir meu corpo com pouco cuidado para meu conforto, tudo bem. Você quer ir e vir quando quiser e espera que eu seja obediente e espere seu retorno, tudo bem. Você quer que eu seja uma boa esposa e implore para que me dê filhos, tudo bem. Mas não se atreva a tentar fingir que não está tão fodido da cabeça por minha causa quanto eu estou por você.

Lá estava ela.

Minha deusa, revelando a si mesma e seus sentimentos para eu ler.

Peguei a mão dela de onde ela estava com as unhas cravadas em meu pescoço e abaixei-a até o zíper, agarrando meu pau duro como pedra através da calça. — Parece que não sou afetado por você, esposa? — Seus dedos me apertaram e eu gemi. — Você estava certa mais cedo na cozinha quando desmascarou meu blefe. — Envolvi minha mão livre em torno de sua garganta e puxei-a para frente até que seus lábios roçaram os meus. — Nenhuma outra boceta jamais se sentiu tão bem enrolada em meu pau quanto a sua. Nenhum outro conjunto de lábios teve um sabor tão bom quanto o seu. Nenhum outro gemido jamais teceu um canto de sereia em minha cabeça como o seu. — Eu a beijei e ela instantaneamente abriu os lábios e deixou minha língua entrar. — Estou fodido da cabeça por você também, Arianna. Se é isso que você quer que eu diga, então você precisa me dizer isso.

— Eu quero isso — ela gemeu. — Não suporto quando você age como se eu não fosse o suficiente. — Ela puxou meu cinto e desabotoou minha calça, liberando minha ereção e acariciando-a em sua mão. Foi a

primeira vez que ela me tocou livremente e meus olhos se cruzaram de prazer. — Eu posso ser o suficiente para você, Nico.

— Você é — afirmei deslizando as alças para baixo de seus ombros para expor seus seios perfeitos aos meus olhos. — Bem assim. — Levantei seus quadris e alinhei meu pau com sua entrada molhada. — Aberta e honesta comigo, Ari, você é mais que suficiente.

— Sim — ela sibilou enquanto se abaixava na cabeça do meu pau, esticando-se.

— Boa menina, pequenina. — elogiei, apertando minhas mãos em sua bunda e me inclinando para chupar um de seus mamilos rosados. — Pegue meu pau como uma boa garota.

— Eu não sei que porra estou fazendo. — ela gemeu, mesmo enquanto se abaixava ainda mais. — Eu não sei como fazer isso.

— Te peguei. — Eu a levantei e deixei sua umidade revestir meu pau antes de empurrar em seu corpo, indo mais longe do que antes. — Seu corpo sabe o que fazer. Ele sabe do que precisa se você simplesmente ceder.

— Você. — Ela lambeu os lábios e olhou para mim enquanto sua boceta apertava ainda mais meu pau. — Meu corpo precisa de você — ela gemeu e jogou a cabeça para trás como se estivesse frustrada. — Você me transformou em uma prostituta por você.

Eu sorri para minha esposa sexy, de topless e montando meu pau, embora ela jurasse que não sabia como, com a cabeça jogada para trás em autoaversão enquanto sua boceta escorregava mais ao meu redor. — Então seja minha boa putinha, Ari, e tire o que quiser de mim.

Tirei minhas mãos de seu corpo e as coloque atrás da minha cabeça, inclinando meus quadris para ela enquanto ela deslizava o resto do caminho até que sua bunda segurasse minhas bolas.

— Deus, você é tão grande, Nico. — Ela gemeu, colocando as mãos espalmadas em meus peitorais e inclinando-se para frente para deslizar para cima e para baixo.

Ela era uma deusa.

E ela era minha.

— Você é perfeita. — Deixei cair minhas mãos, incapaz de mantê-las longe dela enquanto ela me montava hesitantemente. — Montando meu pau como uma boa menina. Tão sexy, Ari, você é absolutamente deslumbrante assim.

— Enlouquecida? — Ela sorriu, abrindo os olhos para olhar para mim antes que eles se fechassem quando ela balançou para frente, esfregando-se contra meu osso púbico. — Puta merda — ela engasgou.

— É isso, baby. — Balancei-a para frente e para trás com o meu pau enterrado profundamente dentro dela, esfregando o seu clitóris e o seu ponto G ao mesmo tempo.

— Oh meu Deus. — Ela balançou mais rápido, inclinando-se para frente e me dando o acesso aos seus mamilos que eu precisava. Eu os chupei, alternando para frente e para trás com sucção profunda e mordidas intensas até que ela tremeu em meus braços, desesperada por seu orgasmo. — Não pare, por favor, por favor, por favor — ela implorou. — Por favor, não pare.

Eu não parei, porra.

Mantive o mesmo movimento e estimulação até que ela congelou completamente no meu colo, arqueando as costas e gritando para o teto quando gozou.

Então eu a comi como um louco.

Eu bati em seu corpo enquanto ela convulsionava ao meu redor e observava seus seios tremerem com cada estocada punitiva enquanto ela cravava as unhas em meu peito através da minha camisa. Arrependi-me de não ter nos despido quando não pude sentir a pele dela contra a minha, mas não esperava que nossa conversa invocasse uma reação tão primitiva.

Eu estaria condenado se parasse agora só para ficar nu.

— Mais forte — ela engasgou, abrindo os olhos e olhando para mim enquanto eu fodia sua boceta apertada. Pude sentir a humidade do seu orgasmo cobrindo as minhas bolas e elas apertaram-se à medida que me aproximava do meu orgasmo.

— Cuidado, baby — eu grunhi. — Ou vou te foder e te deixar dolorida por dias.

— Sim — ela gemeu, dobrando os cotovelos e inclinando-se ainda mais sobre mim. — Foi assim que me senti depois da primeira vez que você me tomou — ela sussurrou. — Quando você entrou furtivamente no meu quarto e me abriu, marcando meu corpo como seu. — Seu queixo caiu relaxado e seus olhos rolaram: — Eu senti você dentro de mim o tempo todo em que me preparei para o nosso casamento no dia seguinte, como se você ainda estivesse enterrado profundamente, eu nem sabia quem você era. Achei que estava desejando um homem santo que me deu meu primeiro orgasmo real.

— Foda-se — eu grunhi e rugi enquanto a sentia apertar ao meu redor novamente, ordenando meu orgasmo do meu corpo com o dela.

Ela desabou no meu peito enquanto eu continuava a transar com ela, então passei meus braços em volta dela enquanto ela enterrava o rosto no meu pescoço e gemia sonhadoramente até eu terminar.

— Oh, meu Deus — ela suspirou, deitada molemente em meus braços enquanto eu afrouxei meu aperto sobre ela e suguei o ar.

— Eu te disse naquela noite que eu era seu deus agora.

Deslizei minha mão pela parte de trás de sua cabeça, alisando seu cabelo e ela riu levemente em meu pescoço.

— Que coisa certa de se dizer — ela repreendeu e eu bati em sua bunda, fazendo-a se sacudir e depois gemer.

Ela saiu do meu pau e eu segurei seu vestido fora do caminho para ver nossos orgasmos mútuos pingando no meu pau quando ela estava livre de mim.

Uma batida soou na porta da cabine e Cher pigarreou profissionalmente antes de anunciar suavemente: — O chef está pronto para servir o jantar quando você estiver, Sr. Capasso.

Os olhos de Ari se arregalaram enquanto ela cobria os lábios com as pontas dos dedos, envergonhada.

Pisquei para ela e gritei: — Estaremos de pé em quinze minutos

— Sim, senhor. — Cher respondeu, retirando-se para o alojamento de serviço.

— Quinze minutos? — Ari questionou: — Isso é rude se o jantar estiver pronto. — Um rubor coloriu seus seios que ainda estavam nus e queimou seu pescoço até a doce maçã de suas bochechas.

Eu zombei e a peguei, virando-me, então a coloquei de volta na cadeira com a bunda na beirada do assento. — Não, seria rude se eu fizesse você passar uma refeição inteira com uma bagunça entre as coxas. — Guardei meu pau e arrumei minhas roupas enquanto ela inclinava a cabeça em confusão. Ajoelhei-me a seus pés e empurrei seus ombros para trás até que ela se reclinasse na cadeira antes de levantar as pernas de trás dos joelhos e abri-las, revelando sua boceta rosa gotejante aos meus olhos famintos. — Agora, seja uma boa esposa e deixe-me limpá-la para que possamos comer nossa refeição sem que eu tenha que me preocupar com você manchando as cadeiras da sala de jantar.

Inclinei-me para frente e passei minha língua pelo botão apertado de seu clitóris enquanto seus olhos se arregalavam. — Nicolas! — Ela engasgou antes de gemer quando eu chupei em minha boca e empurrei minha língua em sua boceta, provando nós dois ali. — Puta merda. — Ela desabou na cadeira e abriu as pernas para mim enquanto eu comia a refeição mais saborosa que poderia pedir.

Boa menina.

Capítulo Quinze

ARIANNA



As ondas rolavam ao nosso redor enquanto navegávamos em mar aberto. A terra desapareceu há dias e raramente víamos outros barcos nas nossas viagens.

Eu adorei cada segundo disso.

Viver simplesmente porque você escolheu, mas não para mais ninguém no mundo, foi muito revigorante. Ninguém além daqueles a bordo importava. Eles simplesmente não existiam.

Deitei-me no terraço na proa do iate e deixei o vento refrescar minha pele bronzeada enquanto fantasiava sobre meu marido sexy como o pecado. Ele era importante, não havia como negar isso agora.

Nico era a imagem da perfeição conjugal desde que embarcamos, e lutei contra a vontade de começar a antecipar as consequências de toda a felicidade que estava sentindo. Eu nunca tinha tido coisas tão agradáveis na vida antes, então temia continuamente que tudo parasse bruscamente a qualquer momento.

— Arianna. — Cher chamou da borda das almofadas que cobriam o grande deck e eu abri os olhos e me sentei para dar-lhe minha atenção. — Estaremos atracando em Ibiza em mais ou menos uma hora.

Olhei para bombordo do iate, com certeza, a terra decorava o horizonte.

— Já? — Deixei a palavra escapar antes de lhe oferecer um sorriso de desculpas e balançar a cabeça: — Obrigada. Há algum plano para quando atracarmos?

— Sr. Capasso providenciou para que vocês dois saíssem do iate à tarde. Ele tem jantar e sair à noite planejados.

Eu balancei a cabeça, aceitando a notícia com ansiedade e entusiasmo: — Obrigada, Cher. Suponho que irei procurar meu marido e pedir-lhe mais detalhes.

— Ele estava no escritório da última vez que o vi. — Ele saiu e eu me deitei na espreguiçadeira, observando o porto iminente se aproximando a cada minuto que passava.

Eu nunca tinha viajado muito além de algumas viagens pela Itália ou pelo Reino Unido com meus pais quando lhes convinha, e admito que a ideia de explorar Ibiza me entusiasmou. Fazer isso com Nico me excitou ainda mais.

Eu simplesmente não estava pronta para deixar mais ninguém entrar em nossa pequena bolha de silêncio e tranquilidade.

Mas parecia que eu não tinha escolha, então forcei meus pés sobre a borda do assento, enrolando meu sarongue em volta da cintura antes de ir até o escritório estupidamente grande que Nicolas havia equipado para si mesmo a bordo. Uma das outras maneiras de evitar espaço para cabines extras.

O que foi bom para mim.

Molly, Saul e Dio estavam a bordo conosco, junto com o restante da equipe que trabalhava exclusivamente no iate. Fiquei mais do que feliz por ter a companhia deles, não precisava da companhia de mais ninguém.

Sacudi a tristeza dos meus ombros quando cheguei à porta do escritório, batendo suavemente antes de abrir a porta.

Nicolas ergueu os olhos da tela do computador e recostou-se na cadeira quando entrei. Mesmo com todo o tempo que passamos juntos

nos últimos dias, eu estava nervosa em entrar em seu espaço e interrompê-lo. Eu sabia que, como sua esposa, tinha permissão para ficar perto dele, mas ele ainda era um paradoxo para mim.

— O sol está sendo gentil com sua pele jovem. — disse ele em vez de uma saudação, e inclinei a cabeça ao me aproximar dele. Quando ele fazia comentários assim ou me chamava de Pequenina, eu me lembrava da grande diferença de idade entre nós. Com exceção dos poucos cabelos grisalhos nas têmporas, ele não agia como um homem de quase trinta anos. Ele também não agia como jovem, ele desafiou completamente os rótulos.

— Não tenho ideia do que isso significa.

— Isso significa que a cor bronze que cobre seu corpo me faz doer ao ver onde fica a pele mais clara por baixo do seu biquíni pequeno.

— Quem disse que eu tenho marcas de bronzeado? — Eu desafiei e seus olhos escureceram.

— Você está tentando me fazer pensar que esteve deitada nua na proa do meu iate?

— A ideia disso faz alguma coisa com você?

— Sim. — Ele estendeu a mão e me puxou para ele, colocando-me na mesa na frente dele e colocando meus pés no assento de sua cadeira. — Isso faz coisas ruins para mim.

— Elabore.

— Se você estivesse nua para os vinte e sete tripulantes a bordo verem, eu teria que matar cada um deles. Nenhuma pergunta será feita. E então nossa lua de mel terminaria.

— E se eu te dissesse que queria ficar nua na frente deles? — Mordi meu lábio inferior para vendê-lo, e seus olhos caíram para ele com expectativa. — Ou pelo menos alguns deles.

— Porque você iria querer isso?

Inclinei-me para frente até ficarmos cara a cara. — Porque a ideia de você me foder com uma audiência me *excita*.

Suas narinas se alargaram e ele pressionou a palma da mão contra a frente da minha garganta enquanto ficava em pé, me dominando com sua força e poder. — Você quer que alguém veja você ser fodida?

Encolhi os ombros, fingindo indiferença. — Talvez.

— Mentirosa. — Ele desafiou, apertando a mão em volta da minha garganta.

— Você está certo. — Eu cedi, sorrindo para ele enquanto passava minhas mãos pela frente de seu peito, que estava nu através da abertura de sua camisa de linho. — Eu não quero que ninguém me veja além de você.

— Encrenqueira.

— Mais como uma dona de casa entediada que recorreu a atrair a atenção do marido.

— Mais mentiras — disse ele habilmente. — Você está prosperando na paz que nos foi proporcionada a bordo. E só estou trabalhando há duas horas.

Dei de ombros, deslizando meus dedos na faixa de seu short. — Ok, tudo bem. Dona de casa excitada que deseja voltar. Já se passaram horas desde a última vez que você me fez ter orgasmo.

— Agora isso, eu realmente acredito. — Ele sorriu, afrouxando a mão em volta do meu pescoço e me beijando. — Mas sua boceta faminta terá que esperar porque temos compromissos a cumprir.

Ele sorriu, causando meu olhar enquanto me puxava para fora de sua mesa e do escritório com a mão na minha. — Temos que sair? — Eu estiquei meu lábio inferior.

Eu nunca fiz beicinho. Mas eu estava me sentindo particularmente mal-humorada e nem um pouco interessada em me misturar com outras pessoas quando, nas últimas quarenta e oito horas, estive

felizmente nua e satisfeita por permitir que a trégua entre meu marido e eu me beneficiasse.

— Você quer um anel para o seu dedo? — ele questionou com um olhar superficial por cima do ombro: — Porque se não, então podemos pular a primeira consulta. Mas o segundo e o terceiro são inegociáveis.

— Anel? — Eu congelei no meio do passo, fazendo com que ele parasse e se virasse para olhar para mim.

— A esposa do Don não pode andar por aí sem uma representação visível do nosso casamento.

— Certo. — Eu sussurrei, me chutando mentalmente por pensar em outra coisa sobre isso. Eu olhei para minha mão esquerda inúmeras vezes desde que disse 'sim' e me perguntei como seria minha aliança de casamento perfeita em um universo alternativo onde eu me casasse com o homem que amava. Mas nunca pensei em um nesta vida. — Entendi. — Comecei a andar novamente, até que ele me parou com a mão em meu quadril, me fazendo encará-lo enquanto tentava ler meu rosto.

Isso era algo que eu havia percebido ultimamente. Quando Nico tentava me entender, ele me estudava atentamente, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça.

— Você não gostou dessa resposta. — Afirmou.

— Não era o que eu esperava, só isso. — Eu endureci minha coluna e tentei a indiferença. — Faz sentido agora que penso sobre isso. Existem imagens para proteger.

— Errado. — Ele balançou a cabeça e se agachou ligeiramente até que eu o olhei nos olhos. — Eu poderia ter mandado entregar qualquer anel em Armarow antes ou depois do nosso casamento, Ari, se fosse simplesmente o metal físico em seu dedo que me preocupava. Mas não é por isso que vamos comprar um para você agora.

— Então me explique para que eu entenda.

— Os Diamantes Rasul aqui em Ibiza são algumas das joias de melhor qualidade do mundo. A classe da pedra é incomparável e eu nem consideraria escolher o anel que você usa de outra pessoa. Você quer saber por quê?

— Por quê? — Eu o agradei, dando-lhe o que ele queria, simplesmente porque estava carente das respostas que ele oferecia gratuitamente.

— Porque comecei a gostar muito de você desde que decidimos nos dar bem e aproveitar a presença um do outro. — Ele deu um passo à frente e passou a ponta do polegar pela minha bochecha. — Apesar do que você pensa de mim como homem ou Don, estou tentando descobrir como ser um bom marido. Então quero dar a você o que há de melhor nisso, como um sinal do início de algo verdadeiro.

— Nico — eu sussurrei, impressionada com a sinceridade do que ele estava me dizendo.

— Vamos escolher um anel que signifique algo para nós dois, juntos.

— Ok — eu concordei porque nunca antes na minha vida alguém me fez sentir como se eu fosse o centro do mundo deles como Nico fez quando ele foi gentil comigo daquele jeito. — Tudo bem — eu disse novamente, com mais convicção.

— Ok. — Ele se inclinou e me beijou, eu aprofundei ansiosamente, tentando expressar a profundidade do que estava sentindo com o toque.

Palavras e honestidade nem sempre foram nosso forte, mas o toque era inegável entre nós.

Nossos corpos diziam tudo que não sabíamos ou não queríamos vocalizar. Desde a primeira noite em que ele me tocou, as mentiras e enganos do nosso relacionamento não conseguiram esconder as verdades do que sentíamos fisicamente. Então, eu confiaria nessa parte do nosso relacionamento e permitiria que suas palavras parecessem tão honestas quanto seu toque.



— Nicolas, meu cliente mais fiel. — Um homem com um terno bege chamativo entrou na sala privada com três mulheres em vestidos brancos imaculados carregando grandes malas nas mãos que tinham facilmente metade do tamanho delas.

Não fazia mal nenhum que cada uma delas fosse do tamanho de galhos com figuras aprimoradas profissionalmente.

Tentei ignorá-las completamente no meu lugar com Nicolas ao meu lado, em vez de criticar minha aparência em comparação com a delas. Ele escolheu um vestido de verão verde sálvia e um par de sandálias de cor creme para eu usar quando nos arrumássemos e porque ele acalmou o fogo dentro de mim com suas palavras doces logo antes disso, eu permiti que ele me vestisse sem reclamar.

Sentado ao meu lado, recostado casualmente no sofá de camurça, vestindo calça creme e uma camisa de linho preta desabotoada até o esterno com as mangas arregaçadas nos braços, parecendo absolutamente diabólico e delicioso, tudo embrulhado em um. Fiquei feliz por estar vestida como ele queria.

— Roberto — disse Nico, levantando-se e abraçando o homem antes de deslizar a mão por cima do meu ombro e olhar para mim. — Conheça minha linda esposa, Arianna.

— Ah. — Roberto abraçou minha mão entre as suas. — Que mulher linda você é, minha querida. — Ele sorriu abertamente antes de dar a volta na mesa à nossa frente e sinalizar para a mulher largar as malas. — Então — ele bateu palmas com entusiasmo. — trouxe para você apenas o melhor dos melhores e meus joalheiros estão todos

esperando ansiosamente para criar a obra-prima que você constrói hoje, para que você possa tê-la pronta antes de partir de Ibiza em dois dias.

— Perfeito. — Nico respondeu, sentando-se ao meu lado e deslizando a palma grande entre minhas pernas cruzadas acima do joelho, e sorrindo para mim. — Não quero passar mais tempo com você parecendo disponível.

Eu sorri para ele e me inclinei para ele, mantendo minha resposta sarcástica dentro de mim por causa da audiência que tínhamos.

As mulheres trabalhavam em silêncio, abrindo as caixas e tirando bandeja após bandeja de lindos diamantes cintilantes e infinitas faixas e anéis de mostruário para olhar. Finalmente ignorei a maneira como as mulheres olhavam Nico de cima a baixo com apreciação, graças aos diamantes perturbadores colocados diante de mim.

O que provavelmente era bom para as mulheres, porque a vontade de lhes dizer para voltarem a olhar para a cabeça crescia a cada pestana agitada. Elas sorriam e flertavam com Nico, então olhavam para mim no segundo seguinte, de uma forma que só uma mulher verdadeiramente conivente poderia dominar. E todas as três tinham dominado isso, se a forma como meus ombros encolhiam a cada minuto passado na presença delas indicava alguma coisa.

O monstro verde no meu ombro estava crescendo junto com o mau humor que senti antes.

— Temos algum requisito ou restrição? — Roberto perguntou a Nicolas.

— Cinco quilates ou mais. Apenas platina. E algo que combine bem com joias combinando para serem adquiridas no futuro. O corte e a forma ficam por conta do Ari.

Roberto empurrou com entusiasmo as bandejas que continham pedras menores enquanto colocava as três bandejas com os diamantes maiores bem na minha frente. Atrás deles ele colocou os exemplos de

anéis e faixas que segurariam pedras tão grandes, explicando coisas sobre peso e robustez que não significavam nada para mim.

Desviei o olhar da beleza deles e olhei para meu marido, que me observava de perto enquanto a incerteza tomava conta de mim.

Eu nunca tinha escolhido uma joia antes na minha vida, mas não queria admitir isso na frente de mulheres que já estavam olhando para mim como se eu não fosse digna de sentar ao lado de Nico.

— Mande embora suas mulheres, Roberto, esta sala está muito lotada. — disse Nico com firmeza, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Claro — Roberto acenou com as mãos para suas assistentes. — Xô, xô.

— Respire fundo — disse Nico contra minha têmpora enquanto eu olhava de volta para as bandejas. — Apenas me diga quais deles chamam sua atenção e o que você gosta neles.

— Eles são todos tão *grandes*.

Nico sorriu e passou a mão nas minhas costas. — Para combinar comigo.

Revirei os olhos, mas deixei sua brincadeira incomum me relaxar. Ele estava tentando tornar isso mais fácil para mim, eu poderia dizer. Então eu também não queria tornar isso difícil para ele.

Respirei fundo e me inclinei sobre a mesa para observá-los mais de perto, deixando meus olhos me dizerem qual estilo pelo menos eu mais gostava.

— Redondos — eu disse, olhando para Nico. — Eu gosto dos redondos.

Roberto mexeu em um monte até que só restassem os redondos nas bandejas.

— Que tipo de fixação é atraente para você? — Ele apontou para as diferentes opções, nomeando-as até chegar àquela da qual eu não

conseguia desviar o olhar.

— Esse — sorri para ele. — É perfeito.

— Muito atemporal — disse o homem chamativo com uma piscadela. Ele pegou uma aliança de platina com pontas em forma de diamante solitário e depois olhou para Nico. — Qual pedra?

Nico olhou para mim, mas eu simplesmente dei de ombros: — Todos eles parecem positivamente idênticos para mim. Sua vez.

— Um Royal Asscher com a mesa maior. — respondeu Nico sem esforço. Ele poderia estar falando grego e eu não saberia a diferença, e foi por isso que quis que ele escolhesse. Ele claramente sabia mais sobre isso do que eu. — Aquele — apontou ele quando Roberto reduziu a seleção mais uma vez.

— Uau. — O diamante que saiu diante de mim, depois que seus oponentes foram eliminados como num jogo de Adivinha Quem foi de tirar o fôlego.

— Seleção perfeita — disse Roberto, pegando o diamante e o anel que havíamos selecionado e segurando-os com suas ferramentas para mostrar como ficaria depois de concluído. — Este diamante é um dos mais raros que temos, tem quase sete e três quartos quilates, com lapidação e clareza ideais. Posso garantir que você nunca encontrará outra pessoa com esse mesmo anel.

— Perfeito. — Nico meditou, beijando minha têmpora mais uma vez. — O que você acha?

— É digno de uma rainha. — Eu pensei, de repente me sentindo inadequada novamente.

— Não. — Nico inclinou minha cabeça para trás com o dedo sob meu queixo. — Uma deusa, Arianna. É uma combinação perfeita para você. Uma deusa tem poderes e imortalidade, enquanto uma rainha simplesmente se senta no topo de um trono até ser decapitada por meros homens. Uma deusa reina com sua própria força.

— Nico. — eu sussurrei, não tendo absolutamente nenhuma outra palavra para fazer justiça ao que ele mesmo acabou de dizer.

— Vamos terminar isso para que possamos chegar à nossa próxima parada, pequenina. — Ele voltou sua atenção para Roberto como se ele não tivesse me presenteado com a coisa mais legal que alguém já tinha me dito antes e seguiu em frente.

Enquanto eu estava sentada lá, tentando nomear e controlar as emoções que passavam por mim.

Descrença.

Excitação.

Temor.

Esperança.

Preocupação.

Adoração.

A maior de todas, a dúvida. Mas tive que deixar isso se estabelecer em algum lugar bem dentro de mim para que pudesse enterrá-lo e prosperar nos sentimentos que estava experimentando. Eu merecia isso.

Eu merecia felicidade e realização, independentemente das dúvidas que foram plantadas e crescidas dentro de mim quando criança.

— Farei com que seja entregue em seu iate, o mais tardar amanhã à noite. — disse Roberto quando o negócio foi concluído entre os homens.

— Perfeito — respondeu Nicolas, apertando a mão do homem antes de me levar para fora da sala. — Vamos para a nossa próxima parada.

Andamos em um carro alugado pela cidade em um silêncio tranquilo enquanto eu observava a paisagem pela janela do carro. Em

pouco tempo paramos em outra loja com decorações elaboradas revestindo as janelas.

— O que é este lugar?

— Espere para ver, esposa. — disse ele, ajudando-me a sair do carro com a suavidade calma que o inibia desde a nossa trégua.

Quando entramos na loja, as funcionárias correram até nós e cumprimentaram meu marido.

— Sr. Caparro! — Uma mulher disse, é claro, que a loja só empregava mulheres, pois apertou a mão dele ansiosamente. — Meu nome é Elina, muito obrigada por nos escolher para suas necessidades de decoração. Estamos muito entusiasmadas em trabalhar com você em seu projeto de renovação.

— Estou ansioso para ver se você tem o que procuramos. — ele respondeu, mantendo o braço apertado em volta da minha cintura. — Minha esposa, Arianna, ficará encarregada de tudo. Todas as decisões precisarão passar por ela.

— Claro! — Elina emocionou-se, finalmente voltando sua atenção para mim e estendendo a mão para eu apertar. — Estou ansiosa para ver suas visões e levá-las do papel à realidade para você.

— Eu também — respondi friamente, fingindo saber do que diabos ela estava falando antes de levantar uma sobrancelha para meu marido.

— Dê-nos um momento para dar uma olhada e então poderemos começar. — disse Nico com um breve aceno de cabeça.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei em um tom abafado. — E por que você insiste em me manter no escuro sobre tudo?

Ele revirou os olhos e sorriu enquanto caminhávamos em direção a uma parede que estava coberta do chão ao teto com painéis de azulejos. — Você é uma mulher difícil de impressionar, sabia disso? — Ele refletiu.

— Nicolas. — eu avisei, nivelando-o com meu melhor olhar.

— Você está renovando Armarow, esposa. — Ele acenou com a cabeça para a parede e depois para os outros ao nosso redor. — Elina será a designer-chefe que trabalhará com arquitetos e engenheiros e depois entrará diretamente em contato com você para aprovação de tudo.

Minha boca ficou aberta enquanto suas palavras fervilhavam dentro da minha cabeça: — Renovando o Armarow? — Balancei a cabeça e tentei entender o que ele estava me dizendo. — O que há de errado com a forma como está atualmente?

Ele ergueu a sobrancelha para mim e sorriu mais uma vez: — Você quer dizer, além do papel de parede ofensivo na sala de jantar, que queima tanto seus olhos que você não aguenta comer lá? — Revirei os olhos para ele e depois o encarei. — Ele precisa de um toque novo e quero que esse toque seja seu.

— Por quê? — Eu questionei: — Você quase não gosta de mim, por que diabos você quer que eu mude sua casa? Não sei se você percebeu ou não, mas sou uma inútil pra caralho na hora de decidir as coisas. Eu não consegui nem escolher um anel porque nunca tive escolha antes.

Ele deu um passo à frente rapidamente, me apoiando na parede de azulejos atrás de mim antes de deslizar a mão ao redor do meu rosto. Para aqueles ao nosso redor, provavelmente parecia romântico e apaixonado, mas o que eles não conseguiam ver era como o polegar dele cavou o pulso na base da minha mandíbula enquanto ele inclinava minha cabeça para trás, me dominando até que eu me submetesse a ele. — Não se desrespeite assim nunca mais, Arianna. — ele ordenou com uma carranca. — Só porque algo é novo para você, não significa que você irá falhar nisso. Você é extremamente engenhosa e quando decide fazer algo, não encontra obstáculos que não possa superar. Nunca mais diga algo tão humilhante sobre você. — Ele abaixou seu rosto até o meu e beijou meus lábios entreabertos, permanecendo ali. — Ou eu colocarei você sobre meus joelhos, independentemente de onde estivermos, e lhe ensinarei a lição que você precisa desesperadamente aprender. Não há mulher mais poderosa que você, pequenina. Por

direito como minha esposa, você é intocável. Mas você não precisava do meu sobrenome para ganhar seu título, pois nasceu para isso. — Ele me beijou novamente: — Mesmo que tenha sido aos pais errados que lhe prestaram um péssimo serviço durante os primeiros vinte anos de sua vida. Guarde minhas palavras aqui e agora, pretendo nutrir esse poder natural que vive dentro de você até que você acredite também.

— E o que acontece se eu pegar esse poder e virá-lo contra você?
— Eu desafiei estupidamente: — Você mesmo disse, o Rosetti está profundamente dentro de mim.

Ele sorriu, me beijando mais uma vez antes de inclinar a cabeça para beijar a marca em meu pescoço depois de soltar o polegar da minha jugular, ficando de pé novamente. — Eu vou morrer sorrindo se você me vencer, pois se você fizer isso, isso significará que você mereceu. — Ele deu um passo para trás e se abaixou, ajustando sua ereção que crescia obscenamente na perna da calça, como se ele não se importasse que a loja estivesse lotada de curiosos enquanto ele se agarrava. — Agora vamos começar esse projeto antes que eu leve você para o carro e te foda para aliviar a dor que você causou em minhas bolas.

— Eu? — Eu perguntei inocentemente, agitando meus cílios para ele.

— Sim, você. — ele arqueou uma sobrancelha. — Você sabe que poupar com você me deixa duro. É por isso que você insiste em ser um pé no saco diariamente.

— Ha. — inclinei minha cabeça para trás e zombei dele com uma risada maníaca até que ele bateu na minha bunda enquanto eu me afastava, transformando aquela risada em um grito e um gemido. — Isso não é uma luta justa.

— Eu não estava lutando. — ele sussurrou em meu ouvido atrás de mim, pressionando sua ereção na minha bunda. — Vou guardar essa energia para esta noite.

Capítulo Dezesseis

ARIANNA



— Fazer compras deve ser divertido, não assustador. — bufei, saindo de uma boutique que cheirava a um bordel.

Molly riu enquanto caminhava ao meu lado em direção à próxima loja que iríamos. — Você apenas está com uma atitude amarga hoje, só isso.

— Eu estou, não é? — Eu bufei, tirando minha franja do rosto dramaticamente. Estava quente demais e passamos a manhã inteira entrando e saindo de lojas, mas o sol estava alto no céu e eu estava cansada.

— É de se esperar quando você dorme tão pouco, graças ao seu marido atencioso. — Ela sorriu com um olhar de soslaio enquanto eu a cutucava.

— Não sei do que você está falando. — Revirei os olhos e pisquei para ela.

Ela usava uma saia preta e uma camisa de colarinho marrom para combinar com as cores do iate em que estávamos navegando pelo Mediterrâneo, mas eu sabia que ela devia estar com muito mais calor do que eu com meu vestido leve de verão.

— Você está tentando se parecer com a tripulação do iate de propósito? — Eu perguntei, apontando para seu guarda-roupa.

Ela encolheu os ombros e ajeitou a bolsa no ombro: — Seria estranho se eu usasse meu vestido de empregada de Armarow nas ruas de Ibiza. O Sr. Capasso espera que haja uma espécie de aparência uniforme onde quer que sua equipe esteja.

— Parece estranho você usar mangas compridas e uma saia até os joelhos neste calor horrível. — eu disse e então uma ideia passou pela minha cabeça. — Vamos consertar isso.

Ela parou de andar e semicerrou os olhos para mim. — Eu não gosto do som disso.

Sorri para ela e peguei sua mão, arrastando-a enquanto ela lançava um olhar interrogativo para Saul e Dio, que apenas deram de ombros e nos seguiram. — Isto será muito divertido.



— Não. De jeito nenhum, absolutamente não. — disse Molly de dentro do vestiário, uma hora depois.

— Mostre-me. — exigi com entusiasmo da cadeira de veludo que assumi enquanto ela experimentava todas as roupas, instruí os lojistas a separarem para ela.

— Não.

— Sim.

— Não está na descrição do meu trabalho.

— Agradar-me está na descrição do seu trabalho, e isso me agrada tanto que é alarmante. — Eu ri.

— Ari. — Ela gemeu. — Eu não posso usar isso!

— Mostre-me!

— Ugh! — Ela arrancou a cortina e saiu furiosa para a sala privada que confiscamos. Os vendedores ficaram mais do que felizes em ajudar a esposa do Sr. Capasso com o que eu quisesse depois que Saul fez as apresentações. Deveria ter me revoltado o fato de eles terem sido pouco prestativos antes de saberem meu sobrenome, mas decidi utilizar sua superficialidade em benefício de Molly.

Não fez mal nenhum o fato de eu não ter limite de gastos no cartão preto que Saul carregava em sua carteira com o nome de Nico também.

Vantagens de esposa, eu suponho.

— Oh, meu Deus. — Assobieei e cobri meu sorriso cheshire com a mão.

— Eu sei, é terrível. — Molly gemeu, virando-se para voltar.

— Está perfeito! — Eu gritei, levantando-me para persegui-la. — Absolutamente perfeito.

Seu rosto se contorceu quando ela olhou para mim. — Para quê? Não tenho onde usar isso.

— Uh, olá! — Eu cantei — Temos duas semanas e meia restantes a bordo.

— E?

— E você está com seu novo uniforme. — eu disse claramente. O vestido de tênis azul-petróleo que ela usava era muito mais útil do que eu adoraria vê-la, mas estava tentando aquecê-la com a ideia de se sentir mais confortável com roupas mais adequadas à sua idade e beleza. O vestido era sem mangas, com uma saia justa que ia até o meio da coxa e um short por baixo para dar modéstia e atividade. Era fofo, divertido e sedutor, e ela parecia uma garota de vinte e poucos anos usando-o. Não havia razão para ela se esconder atrás de mais roupas do que uma freira, especialmente quando estávamos de férias, pelo amor de Deus.

Eu queria que parecesse que estava passeando com uma amiga, não com um membro da equipe. Como eu não tinha nenhuma amiga além de Molly, precisava que ela fosse igual a mim quando estivéssemos sozinhas e livres para sermos apenas nós.

Eu precisava disso.

— Você vai receber — eu insisti. — Um de cada cor para estar a bordo do navio, e então encontraremos vestidos de verão para os dias em que estivermos fora fazendo coisas assim, e... — Fiz uma pausa e então a agarrei com ainda mais emoção. — Trajes de banho!

— Não! — Seus lindos olhos azuis se arregalaram de medo enquanto eu ria com entusiasmo. — Sem chance!

Fiz uma pausa e mordi o lábio inferior: — Você pode tomar sol comigo, Molly, é permitido.

— Não, não é. É exatamente o oposto, posso perder meu emprego! — ela sibilou.

— Molly! — Agarrei seus braços para impedi-la de se desfiar em uma estrada de histeria. — Você me ajudou a sair de Armarow usando passagens secretas e depois me ajudou a trapacear em um teste de gravidez usando os mesmos segredos. — Eu brinquei enquanto ela empalidecia ainda mais: — Para onde foi aquela garota corajosa?

— Há limites para o que posso fazer na minha posição.

— Eu concordo — eu disse calmamente. — Mas essas limitações nem sequer começam a cobrir o que posso fazer na minha posição. Nico sabe que eu te adoro, não há nada que você possa fazer para comprometer sua posição ou emprego se isso for feito para me fazer feliz. — Eu olhei para ela — E você sabe disso.

Ela mordeu o lábio em contemplação e depois relaxou os ombros tensos ao perceber que eu estava certa. — Vestidos de tênis, sim. Trajes de banho, não.

— Tudo bem. — dei de ombros, virando-me para sentar novamente em minha cadeira. — Mas vestidos de verão são um sim,

então. — Ela abriu a boca para discutir, mas eu levantei meu dedo, impedindo-a. — Eu já contei que vi Matteo a bordo antes de partirmos esta manhã? — Eu perguntei, observando-a de perto para ver a reação que eu esperava que aquela notícia tivesse nela.

Seus olhos caíram no chão enquanto um rubor subia por suas bochechas enquanto ela brincava com a barra da saia. — Sêrio?

— Sim. — Apertei o 'm' e inclinei a cabeça. — Nico disse que se juntaria a nós por um tempo. Algo relacionado com negócios na Sicília. — Ela me observou enquanto eu simplesmente sorria para ela. — Parece um problema para mim, hein? — Usei o nome do informante em seu telefone que lhe disse que Nico estava apenas tentando me irritar com a mulher em sua cobertura quando saiu de Armarow. A mesma pessoa com quem ela alegou que não tinha nada que conversar, mas parecia que não conseguia encará-lo sempre que ele estava na propriedade.

— Como você descobriu? — Ela perguntou baixinho como se sentisse envergonhada.

Voltei para ela e coloquei minhas mãos em seus ombros, dando-lhe um aperto e um sorriso gentil. — Posso ser nova no casamento, mas não sou nova no afeto e na maneira como os homens olham para as mulheres, com as quais estão completamente absortos.

— Não, ele não... — Ela começou, mas eu balancei a cabeça, silenciando-a novamente.

— Não há problema em deixar alguém ter uma queda por você, Molly.

— Ele está fora do meu alcance.

Eu fiz uma careta e deixei cair minhas mãos. — Ele é bonito, claro. — Dei de ombros — Mas nem de longe quão bonita você é.

— Não, quero dizer classificação. — Ela suspirou — Sou apenas uma empregada doméstica. E ele é... — Ela fez uma pausa — Ele é o segundo em comando da Cosa Nostra.

— E? — Eu brinquei.

Ela revirou os olhos e desanimou ainda mais. — E ele poderia ter qualquer mulher que quisesse.

— Ele quer você. Não entendo o que está impedindo você de explorar isso. Você obviamente quer.

— Eu simplesmente não vejo sentido — ela bufou. — Mesmo que ele esteja interessado, ele ficará entediado e *desinteressado*. Rapidamente.

— Escute-me. — eu disse claramente e puxei-a para o sofá grande onde eu estava sentada enquanto ela se recusava a sair do provador. — Não vou mentir e fingir que não sei nada sobre Matteo, exceto que Nico confia nele e que ele parece um homem muito intenso.

Ela riu: — Isso é um pouco.

— Mas eu conheço você. — Segurei a mão dela na minha. — E eu acho que você é fenomenal. Você é linda, gentil, altruísta e incrivelmente humilde e eu adoro isso. Foi o que me atraiu em você naquela primeira manhã em que te conheci. Mas você quer saber o que mais me atraiu?

— Acho que não. — ela brincou com um pequeno sorriso.

— Sua força. Você olhou para minha mãe. Uma mulher da qual literalmente me acovardei durante toda a minha vida. E você fez isso sem pensar duas vezes. Então você me ajudou em meus momentos de necessidade, duas vezes agora. Isso é algo que você não encontra em qualquer pessoa, e acho que Matteo pode ver isso. Acho que é provavelmente o que o atrai em você também. Acho que você merece tentar pelo menos ver se há algo que valha a pena entreter.

Ela respirou fundo e lentamente expirou. Eu a tinha, eu sabia que sim.

— Talvez.

— Bem, até você decidir, de uma forma ou de outra, estamos acolchoando seu guarda-roupa para ficar mais confortável neste calor

de qualquer maneira. — Eu a enxotei de volta para o provador com um sorriso e ela riu enquanto se levantava e voltava. — Com licença! — Gritei, segundos depois, duas vendedoras entraram correndo na sala, ansiosas para cumprir minhas ordens. — Vamos precisar de um vestido de cada cor e de mais uma dúzia de estilos diferentes como esse. E pelo menos duas dúzias de vestidos casuais também.

Molly revirou os olhos e fechou a cortina atrás dela, isolando-se da conversa enquanto as vendedoras assentiam e se viravam para sair.

— E biquínis também! — Eu gritei atrás delas. — Em todas as cores!

— Ari! — Molly sibilou e as vendedoras correram para pegar os itens enquanto eu me sentava no sofá com um sorriso malicioso.

Eu iria usar meu novo “poder” como meu marido o chamava, para beneficiar aqueles que são importantes para mim.

Talvez então eu me sentisse confortável fazendo isso sozinha.



— Nossa, está quente. — Coloquei o copo de água coberto de condensação na testa e tive vontade de despejá-lo na cabeça para esfriar, mas me contive, considerando que estávamos no meio de um restaurante sofisticado lotado.

— Você está bem? — Molly perguntou, inclinando-se sobre a mesa para me olhar mais de perto. — Você está muito pálida.

— Estou? — Eu perguntei — Eu teria presumido que estava vermelha pelo quão quente estou por dentro.

— Talvez devêssemos voltar para o iate. — disse Molly, sinalizando para o nosso garçom pedir a conta. — Acho que você precisa se deitar e relaxar.

— Acho que foi a melhor coisa que você disse o dia todo. — concordei, já imaginando como seria bom sentir os lençóis frescos dentro da cabine principal. Passamos o dia todo fora, dando tempo para Nico fazer negócios com associados na cidade, mas eu tinha terminado.

— Vamos — disse Molly, levantando-se e ajustando seu novo vestido rosa bebê. Ela estava magnífica com seu lindo cabelo loiro preso em um penteado elegante.

Mas quando me levantei para ir com ela, o rosa de seu vestido escureceu para uma cor malva enquanto os limites da minha visão escureceram e uma sensação de tontura tomou conta de mim. — Uau — eu disse, mas parecia que minha voz estava em câmera lenta quando me inclinei para o lado.

— Ari! — Molly gritou, saltando para frente quando eu caí de volta na cadeira e me segurando antes que eu a derrubasse para trás comigo nela. — Oh meu Deus. — Eu não conseguia vê-la, e sua voz parecia distante, mesmo quando senti suas mãos frias agarrarem minha nuca e me firmarem. — Dio, entre aqui.

Presumi que ela estivesse ao telefone, mas não sabia. Um pano frio tomou o lugar de suas mãos, e alguém me puxou para frente para colocar minha cabeça na direção dos joelhos enquanto minha visão começava a voltar.

— Sra. Capasso — disse Dio ao meu lado, agachando-se. — Olhe para mim, o que aconteceu — Virei-me e tentei focar em seu rosto, mas ainda estava embaçado.

— Acho que fiquei tonta. — Sentei-me um pouco mais ereta e peguei quase todos os pares de olhos no restaurante lotado olhando para mim. — Tire-me daqui. — sussurrei para Dio em absoluto horror.

— Vamos. — Ele se levantou, me aconchegou nos braços e me levantou sem esforço contra seu peito, saindo pela porta lateral do

pátio em direção ao calor sufocante da cidade. Mas fiquei feliz porque estava longe da multidão. — Abra a porta. — ele rosnou para Saul, que estava com o carro parado no meio-fio e no instante seguinte eu estava no banco de trás, e envolta em privacidade graças aos vidros escuros.

— Ar. Preciso me refrescar. — implorei, alcançando a ventilação no teto enquanto Molly pulava ao meu lado.

Eles trabalharam rapidamente, apontando todos os ventiladores do carro na minha direção e ligando o ar condicionado no máximo.

— O que aconteceu? — Saul perguntou e Molly respondeu depois de me passar uma garrafa de água gelada.

— Ela ficou superaquecida o dia todo e depois que comemos ela começou a ficar cada vez mais pálida e então se levantou e desmaiou. Eu mal a peguei antes que ela batesse a cabeça na mesa.

— Vamos levá-la de volta para o iate. Ligue para Reck e peça para ele chamar um médico agora.

Eu escutei enquanto todos trabalhavam ao meu redor, mas permaneci em silêncio. Fiquei extremamente envergonhada com a fraqueza que acabei de mostrar a todo o restaurante e não queria nada além da privacidade do meu quarto a bordo, onde pudesse descansar e me refrescar.

— Eu simplesmente exagerei — eu finalmente disse enquanto nos aproximávamos do cais. — Eu não deveria ter ficado fora tanto tempo e acho que não bebi água suficiente.

— Vamos dar uma olhada em você para ter certeza. — disse Molly incisivamente, e eu sabia o que ela estava pensando sem que ela precisasse dizer nada.

Ainda não sabíamos se eu estava grávida ou não. Porque eu não tinha começado minha menstruação nem feito o teste extra depois que Nicolas nos interrompeu com a fuga improvisada. Eu tinha o único bastão de teste enterrado no fundo do meu kit de maquiagem no banheiro a bordo, mas não o peguei.

Simplesmente porque tinha medo do resultado.

Será que foi por isso que fiquei tão tonta?

Eu estou grávida?

— Aqui estamos — disse Molly quando o carro parou logo atrás do luxuoso iate. — Vamos colocar você a bordo.

— Nico está aí?

Saul me ajudou a sair do carro e me firmou enquanto eu me inclinava um pouco novamente quando meus pés estavam em terra firme. — Ainda não tenho certeza — disse ele. — Ele esteve entrando e saindo das reuniões o dia todo

— Não o incomode se ele não estiver aqui. Estou bem agora, me sinto muito melhor. Eu só estou cansada.

Ele não concordou, mas assentiu obedientemente.

Molly pairou perto com a mão no meu cotovelo enquanto caminhávamos pela sala a bordo. Quando nos aproximamos do salão, vozes atravessaram a porta aberta para o convés panorâmico e eu me encolhi, mas segui em frente, ignorando Molly.

Eu tinha que passar pelo salão para chegar à escada privada até a cabine principal, a menos que quisesse dar a volta completa até a escada de serviço dos alojamentos da tripulação, e parecia que Nico estava se divertindo lá.

Quando cruzei a soleira, uma nuvem de fumaça de charuto me assaltou, fazendo-me estremecer e tossir.

— Arianna. — Nico levantou-se de onde estava sentado em uma espreguiçadeira cercado por homens em ternos caros, todos bebendo bebidas alcoólicas e fumando charutos. — Eu não esperava que você voltasse tão cedo.

— Hum. — Sorri fracamente, tentando evitar respirar toda a fumaça. Meus olhos lacrimejaram enquanto tentava parecer despreocupado. — Eu não vou incomodar você. Só vou descer um

pouco. — Ele se aproximou e beijou minha têmpora com uma ruga nas sobrancelhas.

— Tudo certo? — Ele perguntou baixinho e eu balancei a cabeça, sem vontade de mentir diretamente.

— Só estou cansada, vou descansar um pouco.

— Você está bem? — Ele inclinou minha cabeça para trás para olhar nos meus olhos.

— Volte para a sua — fiz uma pausa, olhando por cima do ombro para os homens que pareciam bastante alegres e nada profissionais. — Reunião. Eu vou ficar bem.

— Vou descer quando terminar. — Ele disse enquanto eu me desvencilhei de seu aperto. Era a maneira dele de dizer que não acreditava, mas eu tinha que me afastar dele e dos olhares curiosos.

— Com licença. — Sorri educadamente para os homens que acenaram de volta em saudação e fui até a escada antes de respirar fundo o ar fresco. — Jesus. — Eu gemi, descendo correndo os degraus com Molly em meu encalço.

— Ele não vai esperar muito antes de descer. — Ela disse calmamente.

— Eu sei. Só preciso tomar banho e ir para a cama.

— OK. — Ela abriu a porta e segurou-a para mim e eu entrei correndo.

E então congelei enquanto observava a visão diante de mim, fazendo Molly bater em minhas costas.

Uma mulher deitada no centro da minha cama, nua, com a cabeça apoiada no cotovelo, sorrindo sedutoramente para a porta, como se esperasse alguém. Quando ela me viu, ela simplesmente ergueu uma sobrancelha e sentou-se, nem mesmo se preocupando em cobrir o corpo. — Olá.

— Quem é você? — Eu rebati com raiva.

Ela sorriu, levantando-se da cama e caminhando até a mesinha de canto, onde pegou uma cigarreira de metal prateado e tirou um cigarro fino dela, batendo a ponta nele casualmente. — Você tem um isqueiro? — Ela ronronou — Parece que perdi o meu.

— Quem diabos é você? — Eu exigi novamente. Molly agarrou meu braço com força enquanto eu dava um passo à frente, mesmo sem perceber.

A mulher revirou os olhos e sacudiu o pulso para mim com desdém: — Ninguém que você conhece.

— Então dê o fora do meu quarto. — A raiva floresceu através do meu corpo, substituindo qualquer pedaço de fraqueza ou fadiga que estava me atormentando antes. Ela era bonita. Absolutamente de tirar o fôlego, com um corpo alto e magro que parecia que ela passava todos os dias na academia para mantê-lo perfeito. Seu cabelo loiro platinado estava longo e solto sobre os ombros em ondas perfeitas.

E mesmo que eu tentasse não notar, seus seios eram do tamanho da minha cabeça e perfeitamente esculpidos por um cirurgião para desafiar a física e parecerem leves.

Ela era uma Barbie ambulante e falante e eu odiava tudo nela.

A mulher finalmente deixou a máscara fria em seu rosto deslizar enquanto ela revirava os olhos e pegava um roupão de seda na ponta da cama, fazendo barulho para mim. — Ora, ora, amor. — ela ronronou novamente com seu forte sotaque exótico. — Não se rebaixe a mentiras reivindicando qualquer coisa a bordo aqui. Nós duas sabemos que é a cama de Nicolas e eu estava calorosa por ele. — Ela deslizou os braços para dentro do roupão, mas não se preocupou em amarrá-lo. — Embora eu esteja surpresa ao ver que ele convidou você também, você não é o tipo dele.

— Saia! — Eu sibilei, afastando Molly. — Saia deste quarto agora mesmo, Deus me ajude, vou arrastar você para fora pelo seu cabelo falso! — Eu gritei.

O estresse do dia e minhas inseguranças me transformaram em uma pessoa violenta que não reconheci. Ou talvez tenha sido meu ciúme ao descobrir que Nicolas tinha essa mulher esperando por ele em nossa cama quando ele esperava que eu ficasse fora por mais horas.

Tudo tinha sido tão perfeito entre nós.

Ou pelo menos eu pensei que fosse.

— Não. — A mulher deu um passo à frente ameaçadoramente. — Estou com Nicolas há anos. Você não vai se livrar de mim tão facilmente. Não me importa se ele está namorando você ou não, não vou a lugar nenhum. Você não será a primeira pequena socialite que tentou amarrá-lo, sem sucesso, enquanto ele ainda me mantinha em seu braço.

— Você precisa ir embora. — Molly disse com firmeza. — Sr. Capasso ficará zangado ao descobrir que você está incomodando a esposa dele. — Ela abriu a porta da cabine que havia se fechado atrás de nós e foi para o lado, indicando para a mulher sair.

— Esposa? — ela zombou, não aceitando a oferta de Molly. — Não é possível. — Ela olhou para mim com desprezo. — Você é a última pessoa com quem Nicolas se casaria. A última porra, eu lhe garanto.

Eu surtei.

Essa foi a única palavra que encontrei para descrevê-lo. Num segundo, eu estava parada perto da porta com as mãos nos quadris, exigindo que a irritante mulher que estava nua no meu quarto fosse embora, e no seguinte, eu estava voando em direção a ela com os punhos cerrados.

Eu conectei meus dois punhos ao rosto dela em rápida sucessão antes de perceber que tinha me movido, então simplesmente não me importei por estar sendo fisicamente violenta com alguém pela primeira vez na minha vida.

A cadela merecia.

A mulher gritou, lutando para cobrir o rosto enquanto o sangue cobria meus dedos enquanto eu os enterrava em seu cabelo perfeito e a puxava do chão e a colocava de joelhos.

Ela poderia ter mais de trinta centímetros de altura, mas de joelhos, eu me elevava sobre ela.

— Você me escute, sua boceta e ouça bem. — Virei à cabeça dela para trás enquanto Molly gritava por ajuda da porta. Eu sabia que Saul e Dio iriam terminar isso a qualquer momento, mas ainda não terminei. O cabelo da prostituta se afastou de seu crânio quando as extensões foram arrancadas, mas eu agarrei seu cabelo verdadeiro com mais força e inclinei sua cabeça ainda mais para trás para ter certeza de que ela estava olhando diretamente para mim. — Se você olhar para o meu marido novamente, vou arrancar seu rosto da porra do seu crânio e dar para os cachorros. — Eu a balancei, envolvendo sua garganta com uma mão para dar ênfase. Seus olhos se arregalaram de medo. — Você me entendeu? — Eu gritei.

— Arianna! — Mãos fortes agarraram meus pulsos enquanto um corpo pressionou contra minhas costas e me puxou para longe.

Nico. Seu cheiro familiar que costumava me aquecer, me revoltava agora.

— Não me toque — eu zombei, soltando o cabelo e a garganta da boceta e empurrando-a para trás, de bunda, lutando para sair do aperto do meu marido. Eu me virei para ele e olhei para ele com olhos selvagens. — Tire sua prostituta do meu quarto.

Seu peito subia e descia com uma raiva mal contida, seus olhos verdes eram puro fogo líquido enquanto se dirigiam para a mulher no chão, finalmente segurando seu roupão fechado. — Levante-se. — Ele agarrou-a pelo cotovelo e levantou-a.

— Nicolas — a mulher ofegou e se jogou contra seu peito. — Ela me atacou! Completamente não provocada, ela está desequilibrada.

— Vou te mostrar desequilibrada! — Eu gritei, avançando em direção à cadela novamente enquanto ela gritava e tentava se esconder

atrás de Nico, que efetivamente a empurrou para fora de seus braços e para os de Dio, me pegando e me puxando em direção ao banheiro.

— Tire-a deste maldito iate! — Ele gritou para seus homens, enquanto eu lutava contra ele. Ele era muito mais forte do que eu e consegui me levar até o banheiro, batendo a porta atrás de nós e colocando as costas contra ela. Trancando-me lá dentro para manter sua prostituta segura.

— Fique longe de mim — aponteí meu dedo para ele com ameaça. — Seu filho da puta.

— O que aconteceu? — Ele ajeitou a camisa e cruzou os braços sobre o peito grande enquanto eu começava a andar furiosamente pelo grande banheiro.

— Sua esposa interrompeu seu caso da tarde com sua puta, foi isso!

— Eu não sabia que ela estava aqui. Eu não a convidei aqui.

— Besteira! — Eu gritei para ele com um olhar furioso em uma das minhas voltas. — Ela estava nua na sua cama esperando por você!

— Eu não sabia que ela estava aqui — ele repetiu com muito mais calma do que eu, mas eu não era idiota o suficiente para pensar que ele estava perto de relaxar. Ele era um animal enjaulado, esperando para atacar na primeira oportunidade, eu podia ver isso em seus olhos. Ele estava irritado.

Sim, eu também, amigo.

— Eu não ligo! — Eu gritei, jogando minhas mãos para o alto. — Eu não me importo se você a convidou ou não. Eu me importo que ela esteja aqui!

— Sinto muito, pequenina.

— Qualquer que seja. — Eu bufei, cruzando os braços sobre o peito enquanto parei de andar e me afastei dele para olhar pela janela sobre a banheira. A adrenalina estava passando e o cansaço estava voltando.

— Você fez isso na cara dela? — Ele perguntou e eu olhei por cima do ombro para ele e revirei os olhos.

— Com certeza não foi Molly. — Ele sorriu e eu o ignorei. — Você transou com ela?

— Não há meses. — Ele descruzou os braços e se inclinou para fora da porta.

Estendi a mão e inclinei a cabeça, avisando-o: — Não me toque.

Ele deu alguns passos lentos em minha direção: — Você vai me dar um soco como fez com Edna?

— Edna? — Eu bufei — Que nome feio para uma mulher tão bonita. — Ele revirou os olhos e eu me virei para encará-lo, me preparando. — Estou falando sério, Nico, não me toque agora.

— Por quê?

— Porque estou enojada.

— Comigo? — Ele parou bem na minha frente. — Porque você conheceu uma mulher com quem eu costumava foder?

— Cuidado — eu respondi. — Estou enojado porque ela estava nua na sua cama, onde você me fodeu esta manhã.

— Nossa cama. — ele me corrigiu e cerrou a mandíbula como se estivesse tentando controlar sua raiva. — Nossa cama, Arianna.

— Não. — balancei a cabeça. — Acabei de perceber que tudo é seu e sou apenas uma convidada.

— Foda-se. — Ele deslizou a mão pelo meu cabelo na nuca e apertou-o em punho, forçando minha cabeça para trás. — Você é minha esposa. Não falo com ela há meses, não sei como ela entrou ou mesmo soube que eu estava aqui. Eu prometo a você que não toquei nela. Sua visita indesejada não muda nada.

— Isso mudou tudo.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas uma batida suave veio da porta atrás dele quando a voz de Molly interrompeu o espaço. — Ari, o médico está aqui.

Meus olhos se voltaram para Nico quando sua testa franziu e sua mandíbula cerrou. — Por que há um médico aqui?

— Não importa. — eu disse, tentando afastá-lo, mas ele apertou a mão no meu cabelo, me mantendo como refém. — Solte-me.

— Molly, entre. — ele gritou e um segundo depois, a porta se abriu, minha empregada e minha amiga estavam na porta. — Por que um médico está aqui?

Eu podia ver uma multidão atrás dela, a equipe de tripulação de Cher tirando os lençóis da cama e limpando tudo que estava à vista.

Os olhos de Molly se voltaram para os meus por uma fração de segundo antes de voltar para os de Nico, onde ele olhou para ela por cima do ombro. — Arianna desmaiou em um restaurante há uma hora, Dio teve que carregá-la até o carro de tão fraca. Chamamos o médico para examiná-la.

A mão de Nico apertou dolorosamente antes de afrouxar e envolver minha nuca enquanto seu outro braço envolveu minha cintura, me puxando para sua frente e suportando meu peso. — Desmaiou? Por que não fui informado? — Ele perguntou a ela, mas eu a venci.

— Provavelmente porque você estava ocupado entretendo sua prostituta.

— Esposa. — ele retrucou e então suspirou, deixando cair sua testa na minha. — Trégua, lembra?

Cerrei a mandíbula para não dizer a ele que a trégua havia acabado, porque a verdade era que eu não queria que nosso progresso retrocedesse.

Mas eu estava com raiva.

Então, suspirei e forcei meu corpo a relaxar em seus braços e ele beijou minha têmpora em resposta.

— Estaremos no meu escritório em um momento para ver o médico. — Nico respondeu a Molly, que deu um breve aceno de cabeça e saiu do banheiro, fechando a porta atrás dela. — O que aconteceu para fazer você desmaiar?

— Eu não sei. — eu gemi, me afastando para ter espaço. — Acho que foi o calor, não sei.

Sua testa franziu novamente, mas ele guardou para si a réplica de desacordo. — Eu não deveria ter deixado você sair o dia todo. Eu deveria estar lá com você.

Acenei e recostei-me no balcão, enquanto as emoções borbulhavam em meu peito. Mas então senti algo apertar meu abdômen e me afastei dele quando a compreensão me ocorreu.

— O que é? — Ele perguntou, me olhando no espelho — Ari, o que há de errado?

Balancei a cabeça enquanto meu nariz queimava com lágrimas estúpidas e inúteis. — Nada.

— Diga-me. — ele exigiu, ficando ao meu lado enquanto eu abaixei a cabeça e cedi à vontade de chorar. — Ei — ele passou a mão nas minhas costas suavemente enquanto as lágrimas caíam na bancada de mármore. — Fale comigo.

— Estou com cólicas. — eu disse, me sentindo estúpida e patética por estar chorando por causa disso. — Isso significa que minha menstruação começará em breve.

Ele respirou fundo e passou os braços em volta de mim, me puxando para seu peito e eu fui de boa vontade, francamente, porque estava muito cansada para lutar contra seu conforto. — Menstruar está te incomodando? Achei que a ideia de estar grávida te incomodava.

Encolhi os ombros enquanto implorava para que as lágrimas parassem. — Os hormônios às vezes são uma merda.

— Você poderia estar um pouco chateada por não estar grávida, afinal? Mesmo que o teste já tenha nos dito que você não estava.

— Não, isso é estúpido. — respondi e gemi — Pare de falar comigo.

Ele riu e passou as mãos para cima e para baixo nas minhas costas. — Vamos fazer um check-out e partiremos daí.

— Tanto faz. — eu suspirei, me sentindo um pouco melhor por ter sido rude com ele quando ele não merecia. Como eu disse, os hormônios eram estranhos.

Capítulo Dezessete

NICO



Sentei-me na poltrona ao lado da cama e observei Arianna dormir. Eram quase quatro da manhã e eu a deixei dormir á algumas horas, então ela estava positivamente em coma. Ela estava deitada de bruços com os braços estendidos de cada lado, nua e coberta com o lençol branco e fresco para evitar que ficasse superaquecida novamente.

Seu novo conjunto de aliança de casamento brilhava em seu dedo anelar e vê-lo deixou meu pau duro, independentemente de quão gasto estivesse nos últimos dias. Depois desta noite sozinho, eu ficaria em carne viva por dias. Eu sabia que não era certo usar o corpo dela para aliviar o medo dentro de mim, mas não tinha outra opção.

Quando ouvi Molly gritar por socorro depois que ela e Ari desceram para o nosso quarto no início da tarde, meu coração deu um nó no peito. Não importava com quem eu estava no meio da reunião, eu pulei e corri em direção a ela. Só quando coloquei os olhos em Ari, viva e bem, é que respirei fundo.

Fiquei com medo de que algo tivesse acontecido com ela.

Eu não esperava encontrá-la com os nós dos dedos ensanguentados no nariz de uma mulher com quem tive um caso casual antes de nos conhecermos, isso era certo. Mesmo assim, tive que tirar a mão de Arianna da garganta de Edna para que ela a soltasse.

Acho que foi nesse momento que percebi que estava me apaixonando por ela.

Minha esposa.

Minha inimiga uma vez.

E agora minha aliada.

Ou pelo menos eu a considerava minha aliada, mas ela estava pronta para cortar completamente os laços quando pensou que eu havia convidado Edna a bordo quando ela se foi.

Eu sorri para mim mesmo, lembrando-me do fogo queimando dentro dela quando descobri o que a irritou tanto.

Ela estava com ciúmes.

O primeiro vislumbre de afeto por mim fora do relacionamento físico em que havíamos caído. A primeira indicação de que ela sentia algo por mim mais do que apenas a sua inclinação para me deixar dar-lhe orgasmos.

Ela cuidava de mim também.

Mas essa descoberta foi apreciada logo depois de descobrir que Arianna só voltou ao iate mais cedo porque desmaiou na hora do almoço. Então não senti nada além de preocupação.

O que era tão estranho para mim que nem me reconheci.

O médico a examinou, diagnosticando-a com exaustão pelo calor e desidratação. Ela disse que sua menstruação começou com cólicas mais cedo e talvez isso tenha aumentado o estresse do dia, embora eu não estivesse convencido. Ele deu a ela uma intravenosa e uma bolsa de eletrólitos e a instruiu a ficar longe do sol por alguns dias.

Mas isso não aliviou a preocupação dentro de mim. Acrescente o fato de que eu estava desembarcando por três dias enquanto Arianna continuava navegando até nossa próxima parada, onde a encontraria novamente, eu estava inquieto e irritado.

O que me levou a sentar na cadeira e observá-la deitada na cama, dormindo, quando eu ainda deveria estar enrolado nela, deixando sua calma me aliviar.

— Não — a voz melódica de Ari cortou a luz fraca do quarto enquanto seu rosto enrugava acima da testa. — Por favor, não.

Pesadelo.

Eu me desdobrei da cadeira enquanto seus dedos agarravam o lençol debaixo dela e seu corpo ficava tenso.

— Pequenina. — Passei meus dedos pelos cabelos dela e deslizei de volta na cama ao lado dela, puxando seu corpo contra o meu. — Shh, estou com você. — Ela enterrou o rosto no meu pescoço e subiu pelo meu corpo até se deitar no meu peito com as pernas enroladas nas minhas. Eu sorri para mim mesmo na escuridão com a facilidade com que ela se entregou a mim durante a noite, quando ela não lutou contra o desejo do seu corpo de estar perto de mim.

— Que horas são? — Ela sussurrou, acordando o suficiente para sair de seu pesadelo.

— Quase amanhecendo. Você estava tendo um pesadelo. O que foi isso?

Ela gemeu e apertou minha perna com a dela. — Não tenho ideia. — ela respondeu antes de se alongar. — Não estou pronta para me levantar. Você me manteve acordada até tarde.

Não acreditei que ela não se lembrasse, mas deixei passar por enquanto. — Você vai ficar na cama o dia todo. Não quero que você se levante para fazer outra coisa senão comer e depois volte para a cama para descansar. — Tracei toda a extensão de sua coluna com meus dedos, e ela balançou os quadris, esfregando-se contra minha coxa como se tivesse feito uma noite enquanto dormia, me fazendo sorrir novamente.

— Eu provavelmente poderia ser persuadida a ficar na cama o dia todo se você ficasse comigo.

— Não posso — suspirei. — Estou voando para Milão em algumas horas. Estarei fora por três dias. — Ela enrijeceu, mas permaneceu em silêncio. — Isso te chateia?

— Achei que fosse uma lua de mel. — Ela finalmente disse baixinho.

— Isso é. Mas algo aconteceu e não posso deixar isso de lado pelo resto da viagem. Estarei de volta em apenas alguns dias, então serei seu.

— Me leve com você.

— Você estaria sentada sozinha na minha cobertura enquanto eu conduzia os negócios, Ari, você não preferiria estar aqui a bordo relaxando?

— Não. — ela disse e respirou fundo. — Talvez.

Rolei e deslizei até que nossos rostos estivessem alinhados antes de deslizar minha mão pela parte de trás de seu pescoço para ancorá-la onde ela estava. — Você sentirá minha falta?

— Sim — ela disse sem hesitação, eu a recompensei com um beijo. — Você me tornou uma viciada em você.

— Hmm. — eu sorri e a beijei novamente, deslizando minha língua sobre seus lábios. — Eu meio que gosto da ideia disso.

— Porque isso não é presunção nem nada. — ela sorriu na escuridão, e eu bati em sua bunda, balançando-a para frente contra minha virilha. — Hum, de novo. — Ela cravou as unhas em meu ombro enquanto jogava a perna sobre meu quadril e apoiava a bunda mais alta para uma visão mais clara.

— Você quer que eu bata em você, pequenina? — Esfreguei minha palma sobre sua bochecha quente.

— Não estou muito orgulhosa para implorar por isso, Nico.

— Bom. — Eu dei outra surra em sua bunda por sua honestidade. Ela gemeu e pressionou os lábios no meu pescoço enquanto eu

deslizava minha coxa com mais firmeza entre as dela. — Você deveria estar dormindo.

— Você acabou de me dizer que tenho que ficar sem você por três dias. Você foi gentil comigo a noite toda, mas eu quero mais. Não quero suas gentilezas, lembre-se. — Ela passou a língua pela pulsação do meu pescoço e depois mordeu a pele hesitante. Ela estava ficando mais ousada sexualmente e eu adorei ter tirado isso dela. — Serei uma boa menina e dormirei durante esses três dias.

— Hmm. — eu cantarolei novamente e rolei sobre seu corpo até que ela se deitou de bruços comigo de costas. Peguei os dois pulsos dela e os preendi acima da cabeça. — Não os mova.

— Sim, senhor. — ela choramingou e mordeu o lábio inferior enquanto tentava olhar para mim por cima do ombro. Corri meu pau nu entre suas nádegas exuberantes e bati nela novamente, observando a carne flexível ondular e avermelhar. — Sim. — Ela sibilou e suspirou como se algo liberasse dentro dela.

Sentei-me em suas costas e puxei seus quadris para cima. — Mantenha o peito apoiado na cama e abra as pernas. — Ela se mexeu e abriu as pernas alguns centímetros, mas manteve as costas curvadas em incerteza. — Mais amplo. — Bati em sua nádega novamente e pressionei minha mão na parte inferior de suas costas. — Arqueie-a em direção à cama, levante essa bunda deliciosa para mim, baby.

Ela abriu bem os joelhos e abaixou as costelas na cama, me dando exatamente o que eu queria dela. — Assim? — ela ronronou, olhando para mim sedutoramente.

— Perfeita. — Eu elogiei, sacudindo suas nádegas em minhas mãos antes de espancá-las e depois espalhá-las para ver sua linda boceta rosada. — Você é perfeita. — Apoiei-me nos cotovelos e passei a língua por toda a extensão de sua fenda, surpreendendo-a. Ela se inclinou para frente antes que eu a puxasse de volta para o meu rosto e chupasse seu clitóris em minha boca.

— Porra! — ela engasgou e então recuou ainda mais, abrindo ainda mais as pernas e arqueando ainda mais para mim. — Sim, Deus, sim.

— Você tem um gosto divino. — Eu lambi sua boceta e bati em sua bunda até que ela gozou no meu rosto, ofegando e implorando por mais.

— Por favor, Nico.

— Eu peguei você. — eu disse, ficando de joelhos atrás dela e passando a cabeça do meu pau através de suas dobras, cobrindo-o antes de deslizá-lo em seu buraco apertado. — Deus — eu gemi, inclinando minha cabeça para trás enquanto me enterrei dentro dela. — Você me aceita tão bem, pequenina.

— Foda-me. Por favor, pare de falar e me foda. — ela implorou e eu bati nela novamente antes de sair e bater de volta, fazendo nós dois gemermos.

— Eu vou te foder tão bem, baby. Você vai ficar dolorida pelos próximos três dias, lembrando o quanto eu dei isso para você.

— Sim — ela sibilou e empurrou-se contra mim. — É tão bom assim.

Envolvi meus dedos em torno de sua cintura fina e comecei a empurrar com força, dando a ela exatamente o que ela pediu, mesmo quando meu próprio orgasmo começou a crescer mais rápido que o normal. Toda vez que eu estava com Arianna eu lutava contra a vontade de explodir cedo como um idiota de uma forma que eu não fazia desde que era uma criança e molhava meu pau pela primeira vez.

— Seja uma boa menina e goze no meu pau. Eu sei que você quer. — eu grunhi, sentindo seu corpo apertar mais a cada golpe. Eu bati em sua bunda e enrolei seus longos cabelos escuros em volta do meu punho para me apoiar e bati nela com tanta força que a cama balançou contra a parede.

— Estou gozando! — ela gritou nos travesseiros — Porra, estou gozando, com tanta força.

— Boa menina. — eu a elogiei e senti sua boceta apertar com força ao meu redor, espremendo a vida do meu pau e acentuando cada centímetro de fricção. — Porra. — Inclinei minha cabeça para trás e rugi para o céu enquanto a enchia com cada gota que restava dentro de mim. Eu já transei com ela três vezes desde que o médico saiu, mas não fui capaz de conter minha necessidade por ela quando ela estava aberta e pedindo por isso como fez esta noite. — Minha boa garota.

— Sim — ela suspirou, girando os quadris depois que parei de empurrar, estendendo seu prazer até que ela caiu de barriga com um grunhido e um sorriso malicioso em seus lindos lábios. — Nada mal para um homem tão velho. — ela brincou e eu bati nela uma vez de brincadeira antes de cair de costas ao lado dela.

— Tenha cuidado, ou este velho vai deixar você dolorida por muito mais tempo do que apenas os três dias que estou fora.

— Hum. — Ela rolou para o lado, levantando o quadril e expondo seus seios perfeitos aos meus olhos. — Sim, tudo bem. — ela disse enquanto eu olhava para sua beleza com saudade. — Tudo o que você disser, garotão.



— Você tem certeza disso? — Luca perguntou enquanto dirigíamos pela cidade de West Shores.

— Com certeza — respondi, verificando novamente a hora em meu telefone. Tivemos que calcular o acerto perfeitamente ou nenhum de nós teria certeza de nada.

Porque estaríamos mortos.

— Boas notícias — Harris transmitiu pelo rádio pelo alto-falante.
— O alvo foi localizado. Estamos prontos para ir.

Peguei o rádio e respondi. — Ótimo, espere minha chegada e siga conforme planejado.

Olhei para Luca e seu largo sorriso de merda, pronto para morder a carne dos traidores do nosso círculo, e acenei de volta. Era calmante ter um bom companheiro ao meu lado me acompanhando, mesmo que eu normalmente preferisse ter Matteo ao meu lado.

Ele ainda estava a bordo do iate com Arianna, Molly, Dio e Saul. Não que eu não confiasse em Dio e Saul, mas tendo-a viajando internacionalmente, eu queria outro homem a bordo em quem confiasse minha própria vida.

Apenas no caso de alguma coisa dar errado aqui em West Shores.

Se tudo desse certo, eu estaria de volta a bordo amanhã à noite com ela e tudo ficaria perfeito novamente.

Assim que roubasse de volta as armas que o pai dela contrabandeou para o meu território.

— No local, Capa — disse meu motorista, trazendo-me de volta à realidade enquanto dirigíamos pelo beco escuro em direção ao armazém que meus homens já cercavam.

— Vamos. — Assim que o carro parou na porta da frente, homens armados flanquearam todas as entradas e janelas do prédio, alertados da chegada de alguém.

— Quem está aí? — Um homem gritou da janela do segundo andar quando eu saí do banco de trás do meu carro.

— A porra do Don — zombei abertamente dele. — Abaixei a porra da sua arma, a menos que queira que a garganta da sua mãe seja cortada por seu desrespeito.

Observei enquanto os homens olhavam entre si, baixando ligeiramente os canos dos rifles, em incerteza. Eu não era o chefe deles. Mas eu era o chefe do chefe deles.

— Faça isso agora! — Luca gritou ao meu lado e os homens obedeceram. Eu não parecia uma ameaça para eles, considerando que só Luca e eu chegamos, mas eles sabiam que não deviam acreditar que eu não estava carregando mais soldados do que eles podiam ver.

A porta se abriu e um homem que reconheci saiu para me cumprimentar.

Cristian.

Irmão mais velho de Arianna e segundo na linha de sucessão ao trono.

— Nicolas — disse ele com um leve aceno de cabeça para seus homens, que baixaram as armas. — Ouvi dizer que você estava no exterior.

— Era com isso que você estava contando, *Irmão*? — Aumentei o título e observei seus olhos se arregalarem ligeiramente diante da ameaça por trás deles.

Ele era irmão da minha esposa, mas eu não conhecia nem um pouco seu caráter. Eu nunca tinha conversado com ele antes desse momento para lê-lo como fiz com Carmine.

Com o irmão mais velho de Arianna, pude perceber sua sinceridade e caráter pela maneira como ele se comportava.

Cristian era mais reservado.

Manter as cartas mais próximas do peito, embora isso fosse admirável e uma boa característica para se possuir como soldado, era uma característica ruim de se encontrar em um possível oponente.

E encontrá-lo aqui, com quase três milhões de dólares em armas contrabandeadas em meu território, das quais eu não fui informado, não era um bom presságio para ele.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça e estendeu as mãos nas laterais da cintura. — Apenas uma observação feita através da longa videira de Armarow a West Shores, é tudo. — Ele ajustou o paletó. — O que o traz tão longe da minha adorável irmã esta noite? — Ele acenou com a

cabeça para o carro atrás de mim. — A menos, é claro, que você a tenha arrastado nesta visita?

— Minha esposa não pôde comparecer esta noite, mas ela enviou lembranças. — Levantei uma sobrancelha para ele. — Você está planejando explicar as armas escondidas lá dentro ou seu pai está por perto para fazer isso?

Fui direto ao assunto, encontrando o desejo de acabar com isso mais cedo ou mais tarde.

Seu rosto empalideceu um pouco, mas ele não deu nenhum outro sinal externo de angústia. Só esse. E a maioria das pessoas teria perdido isso.

Mas eu não.

— Eu não sabia que estávamos escondendo alguma coisa de você, Nicolas.

— Você vai me chamar de Don ou Capa. — Dei três passos à frente até que ele estivesse perto o suficiente para alcançá-lo, se eu quisesse. — Você ainda não conquistou o direito de me chamar pelo meu nome de família, garoto. — Cuspi no chão ao lado dos sapatos dele. — Agora saia do meu caminho antes que minha paciência desapareça além do que até mesmo o desejo de Arianna de mantê-la segura pode controlar. — Contornei-o e parei na porta aberta enquanto ele se virava para me observar com medo nos olhos. — Esperançosamente, no final desta conversa, estaremos do mesmo lado em tudo isso. — encolhi os ombros. — Porque seu pai terá um filho a menos de um pacote de cinco se não estivermos.

Não expliquei qual dos filhos do Emílio estava em risco, esse era o sentido da ameaça.

— Depois de você. — Ele ergueu a mão, gesticulando para que eu fizesse o que já estava prestes a fazer.

Luca assentiu, olhando discretamente para o horizonte dos edifícios ao nosso redor antes de me seguir para dentro.

As caixas de armas foram fáceis de encontrar no armazém, escondidas entre o maquinário que não funcionava há décadas e exatamente onde eu as teria escondido se estivesse no lugar de Cristian.

Mas não no de Emílio.

Ele os teria escondido melhor.

Parei em um deles e peguei um pé-de-cabra de uma pilha de paletes de sucata, enfiando a ponta sob a tampa trancada e forçando-a para abri-la. A fechadura bateu no chão de cimento quando olhei para onde Cristian estava com seus homens armados, nos observando de perto. — Última chance de confessar tudo.

Ele engoliu em seco, olhando de mim para a caixa e vice-versa. — Não fui informado de que você não conhecia o conteúdo.

— Eu sempre soube o conteúdo, *irmão*. — Balancei a cabeça em decepção. — Seu pai acabou de me dizer que elas estavam sendo negociados para fora do distrito. — Empurrei a tampa, revelando armas militares de alta potência que só foram adquiridas pelo cartel ou pelos russos. — E isso foi há meses.

Cristian não respondeu.

Cerrei os dentes e agarrei o pé-de-cabra com a mão fechada enquanto olhava de volta para o caixote e depois para os outros. — Veja, quando armas ou mercadorias são trazidas para meus distritos e depois negociadas, eu recebo uma parte do negócio. — Virei-me para encarar o jovem Rosetti, que, para seu crédito, permaneceu alto e forte, mesmo diante do perigo. — Mas quando eles são trazidos e mantidos por outros motivos, como talvez — eu joguei o pé de cabra no ar, virando-o de ponta a ponta como um taco de beisebol e pegando-o novamente. — Para ganho pessoal de quem os contrabandeou, para começar, não ganho nada com esse negócio. — Dei um passo em direção a ele. — Você vê o problema aqui?

— Sim, Capa. — Ele acenou com a cabeça uma vez, permanecendo ereto e forte.

Qualidade honrosa.

— De onde Emilio as conseguiu? — Cristian abriu a boca para responder, mas eu rapidamente levantei minha mão para impedi-lo. — Não se engane, Cristian, esta é sua única chance de se alinhar no lado certo da conversa. Depois disso, as rodas do destino já estarão em movimento e nem mesmo eu irei pará-las quando isso acontecer. Então responda com cuidado.

Se ele admitisse que vieram do Cartel, isso significaria que Emilio e o Cartel estariam na minha lista de alvos, como traidores. Dois inimigos poderosos para fazer por si mesmo. Mas se ele mentisse e dissesse dos russos, estava admitindo lidar com a única organização criminosa que poderia rivalizar com a minha, os nossos maiores concorrentes.

E ele estaria incriminando o inimigo ainda mais poderoso, assinando sua certidão de óbito.

— Acredito que o cartel e meu pai fizeram o acordo, mas eu não estava aqui — respondeu ele com sinceridade, revelando os dois traidores.

Sorri e olhei para as caixas, sinalizando para Luca com um único aceno de cabeça. Ele pegou o telefone e fez a ligação.

— Essas caixas agora são minhas. — anunciei em voz alta para seus guardas armados ouvirem. — Sugiro que qualquer pessoa que queira permanecer em minhas boas graças abaixe as armas e ajude meus homens a carregá-las.

Ao mesmo tempo, os compartimentos superiores que cobriam toda a extensão das paredes externas abriram-se ruidosamente, revelando meus homens, armados e prontos para a luta.

Por uma fração de segundo, antecipei uma briga.

Bastaria um idiota deixar uma bala voar para iniciar um massacre total de todos os envolvidos esta noite. Para o nosso bem, as armas permaneceram em silêncio.

— Bom. — Olhei nos olhos do meu cunhado e acenei com a cabeça para o escritório ao lado. — Provavelmente deveríamos terminar esta

conversa em particular. — Esperei, mas ele não andou na minha frente como indiquei. Eu olhei para ele. — A menos, é claro, que você queira que todos os seus homens vejam você levando uma surra?

Sua mandíbula cerrou enquanto seus homens olhavam entre si, incertos, antes de se afastarem para ajudar a carregar as armas com meus homens.

Seus homens.

Afinal, deveríamos estar todos no mesmo time. Provavelmente noventa por cento deles não escolheriam Emilio em vez do Don numa guerra total. Mas dez por cento deles o fariam.

E isso era um maldito problema.

Emilio era um maldito problema que precisava ser erradicado.

Quando entrei no escritório, puxei a cadeira e me joguei nela, colocando os pés em cima da mesa onde Emilio e Cristian sentaram quando estiveram aqui.

O Rosetti mais jovem entrou, fechando a porta atrás de si e colocando as mãos nos bolsos da calça enquanto ficava no centro da sala.

— Emilio quer uma guerra comigo?

— Não que eu saiba. — ele respondeu instantaneamente.

— Você?

— A guerra com o Don é a última coisa que quero.

— Você tem alguma ideia de quão perto da guerra você está agora? — Passei o polegar pelo lábio inferior enquanto o observava. — Quão perto você está neste segundo de não existir mais. Qualquer outro homem estaria ofegante enquanto sua traqueia se enchesse de sangue no chão agora por causa disso.

— Então por que não estou? — ele questionou uniformemente.

Eu o observei, sustentando seu olhar enquanto deixava o espaço se arrastar como se estivesse contemplando a resposta. — Fácil. — Tirei os pés da mesa e me inclinei para frente com os cotovelos apoiados nos joelhos para olhar para ele. — Arianna.

— Estou surpreso que você se importe com os sentimentos da minha irmã tão cedo. — ele respondeu — Nunca houve rumores de que você fosse gentil com ninguém, muito menos com uma mulher.

— Errado. — Levantei-me e ajustei meu paletó. — Eu não sou gentil com Arianna. Tenho certeza que se você perguntasse a ela, ela diria que eu sou a reencarnação do diabo. — Seus olhos se estreitaram em especulação enquanto ele tentava descobrir exatamente o que acontecia entre sua irmã e eu em nossa casa. — Mas isso não significa que desejo puni-lo pelos pecados de seu pai. Da mesma forma que também não gosto de puni-la pelos pecados dele.

— Você a pune? — ele retrucou, antes de cerrar a mandíbula como se a explosão não fosse intencional.

Bingo.

Encolhi os ombros e contornei a mesa. — Eu faço o que é permitido a mim como marido dela. O que seu pai me permitiu fazer quando concordou em casá-la comigo. — Parei quando fiquei bem na frente dele. — O que é permitido de mim como o maldito Don. — Algum dia eu daria crédito ao garoto por ficar de pé comigo a apenas alguns centímetros de distância, porque ele nem sequer vacilou enquanto eu exercia meu poder. Ele era corajoso ou era burro. De qualquer maneira, ele sangraria por isso. — Quando tudo isso estiver dito e feito, quero que você se lembre de quem é a culpa. — eu disse segundos antes de bater minha testa na dele, esmagando seu nariz e fazendo-o cair para trás com a força disso.

— Porra. — Ele sibilou quando pousou contra a porta.

Eu não dei a ele a chance de estancar o sangramento do nariz antes de balançar e acertar outro golpe em sua bochecha. Os ossos estalaram sob os nós dos meus dedos, enviando uma onda de

adrenalina pelo meu corpo, mesmo quando senti um gosto amargo na boca por ter sangrado o irmão de Arianna.

Ele olhou para mim, cuspidando um bocado de sangue no chão antes de se levantar e ajustar o paletó. — Quem é o chefe por aqui? — Eu zombei.

— Você. — ele respondeu instantaneamente com seu silvo.

Eu golpeei meu punho no ar, desferindo um golpe em sua mandíbula, fazendo-o voar de volta para a porta novamente antes que ele caísse de bunda, atordoado e desorientado.

— Ninguém rouba de mim na porra da minha própria casa. — Agarrei-o pelo colarinho, pus de pé e bati-o contra a porta, sacudindo as dobradiças e os dentes. — Nem mesmo família. — Eu o empurrei para fora da porta novamente, gostando e odiando o baque denso que seu crânio fez ao bater na madeira. Inclinei-me para frente até que meu rosto estivesse pressionado contra o dele e falei diretamente em seu ouvido. — Da próxima vez que alguém da sua família tentar de novo, você será a primeira pessoa que eu procurarei. E desta vez vou amarrá-lo e fazê-lo gritar por misericórdia antes que eu o desfigure tanto que nem mesmo sua própria mãe inútil será capaz de reconhecê-lo. — Eu bati meu punho em seu estômago, dobrando-o enquanto todo o ar sibilava entre seus dentes. — E então eu vou matar você e o resto dos seus irmãos só por se divertir. Não me tente de novo, Cristian. — Eu o joguei no chão, longe da porta, em uma pilha, limpando o sangue do meu dedo quebrado na perna da calça. — Não posso ser seu aliado e inimigo ao mesmo tempo, Cristian. E deste momento em diante, Emilio Rosetti é o inimigo número um. — Ele ofegou e olhou para mim através do sangue escorrendo de seu rosto com uma expressão de medo. — Só você pode escolher de que lado ficará pela manhã.

Abri a porta, aproveitando sua chance de responder, e saí para o armazém. Seus homens me observaram atentamente, vendo o sangue respingado em meu rosto e em minhas mãos, mas ninguém se mexeu.

— A linha na areia agora está traçada. — anunciei em voz alta, fazendo com que todos parassem o que estavam fazendo. — Não há

chance de voltar a essa linha depois de cruzá-la. Escolha sabiamente. — Saí pela porta superior até o carro que me esperava e entrei com Luca mais uma vez ao meu lado.

O carro partiu e meus homens terminaram de carregar as caixas em nossos caminhões enquanto eu me dirigia para a cobertura para passar o resto da noite.

— Hoje foi um dia monumental, Capa. — disse Luca ao meu lado enquanto pegava a garrafa de bourbon e servia um copo para cada um de nós.

— Por que? — Eu questionei, pegando o copo dele — Porque fiz inimigos com meu outrora maior aliado?

— Não. — Ele balançou a cabeça com um sorriso malicioso no rosto. — Porque você assumiu totalmente seu poder e sua força ao romper o vínculo com o peso morto e assumir seu domínio do seu jeito. As maldições geracionais terminarão sob o seu governo.

— Hmm — eu cantarolei, bebendo a dose de um só gole e segurando-a para outro. — Algo me diz que isso vai piorar antes de melhorar.

— Os maiores aumentos de poder sempre acontecem, Capa. — ele refletiu, engolindo sua bebida e ficando em silêncio ao meu lado.

Capítulo Dezoito

ARIANNA



Deitei-me na cama, recusando-me a mover um único centímetro durante as doze horas seguintes.

Dentro de doze horas, Nicolas voltaria ao iate quando atracássemos na Sicília, e dizer que eu estava ansiosa por seu retorno era um eufemismo.

Embora os últimos dias sem ele tenham sido relaxantes, eles se arrastaram enquanto eu observava o proverbial relógio na parede tiquetaqueando a cada momento que passava sozinha sem ele. Eu não menti quando disse que ele tinha me transformado em uma viciada por ele.

Não era apenas sexual, eu ansiava por sua presença e sua energia agora também. Eu estava fodida da cabeça, mas ele também. Estávamos ambos obcecados, dois parceiros improváveis numa união que nenhum de nós queria, mas ambos aceitamos isso em algum momento ao longo do caminho.

Acho que aceitei na noite em que ele apareceu na casa dos pais de Molly e desafiou as expectativas que eu tinha em relação a ele, ao me carregar da casa deles, chutando e gritando. Em vez disso, ele os encantou e jantou conosco como se fosse a ocorrência mais normal do mundo.

A realeza na modesta mesa de jantar, como uma noite aleatória de terça-feira.

Desconhecido.

No entanto, ele fez isso; para mim.

Esse foi o ponto de virada na minha cabeça, antes mesmo de ele declarar a trégua entre nós, quando comecei a pensar nele menos como um inimigo e mais como uma contraparte.

Um aliado.

E senti falta do meu aliado, meu marido.

Mas ele estava voltando para mim esta noite, eu já havia perguntado repetidamente a Matteo nas últimas quarenta e oito horas seguidas, para ter certeza de que ele estava seguro e que tudo estava no caminho certo para trazê-lo de volta para mim.

O pobre homem não teve um momento de descanso a bordo entre meu questionamento impulsivo e as provocações tentadas de Molly.

Ok, para ser justa, Molly não estava brincando com ele de propósito.

Eu, no entanto, estava facilitando a provocação como forma de entretenimento porque o segundo em comando de Nicolas era hilário de assistir quando ele estava perdido observando Molly.

Seus novos uniformes foram um sucesso, além disso, o biquíni que finalmente consegui ameaçá-la para colocar ao meu lado no terraço fez o homem vibrar positivamente de necessidade. Mesmo que ela estivesse tão cega para isso o tempo todo.

— Bom dia, Ari. — Sua doce voz angelical chamou da porta da minha cabine como se meus próprios pensamentos a tivessem chamado. — Como você está nesta manhã?

— Ansiosa para atracar — eu disse, me curvando de lado e puxando os cobertores até os ombros. — Não vou sair da cama até que Nico volte a bordo.

— Você está bem? — Ela fez uma pausa com as sobrancelhas franzidas, preocupada.

— Estou com tesão — eu disse claramente, apreciando a maneira como seu rosto ficou vermelho enquanto ela revirava os olhos. — E cansada. — Bocejei novamente pela centésima vez desde que acordei uma hora antes. — Estou descansando o máximo que posso hoje porque duvido que consiga esta noite.

Ela sorriu e caminhou até a janela, abrindo as cortinas e arrancando um gemido meu quando mergulhei sob as cobertas um milésimo de segundo tarde demais. — Bem, embora eu normalmente encorajasse você a descansar. Acho que você deveria passar o dia no convés.

— Por quê? — Eu perguntei do meu casulo.

— Porque hoje estamos viajando ao longo da costa até o nosso porto e é uma bela vista.

— Hmm — cantarolei, não convencida. — Mal posso esperar para voltar à terra firme.

Ela riu e esvoaçou pela minha cabine, ignorando meus comentários destinados a dissuadir sua tarefa de me tirar da cama. — É melhor subir ao convés, saborear uma omelete e um pouco de iogurte com um bom café quente e começar a viagem até o seu príncipe encantado.

— Eh — eu gemi, odiando a maneira como sua descrição dos alimentos do café da manhã que eu adorava fez meu estômago revirar. — Sem café da manhã.

— Você tem que tomar café da manhã, Arianna. — ela bufou de bom coração. — Essas foram às instruções explícitas do Sr. Capasso para mim antes de partir. Você tem que comer todas as refeições sem falhar e dobrar a ingestão de água para não desmaiar novamente. — Ela puxou meus cobertores e eu me refugiei debaixo do travesseiro. — Se não for uma omelete, que tal um bagel? Temos aquele cream cheese de cebolinha que você adora, ou posso pedir ao Chef para preparar uma

torrada francesa ou algo assim. Ele só reclamou um pouco quando você espalhou calda de morango em sua obra-prima da última vez.

— Pare de falar. — ordenei puxando minha cabeça de debaixo do travesseiro e me sentando.

— Ari. — ela gemeu. — Café da manhã, almoço e jantar. Essas eram as regras.

— Pare. — eu sibilei, mas era tarde demais. Suas palavras permearam meus ouvidos, meu cérebro e diretamente ao meu estômago, que estava azedando cada vez mais a cada momento. — Mova-se! — Eu chorei, me jogando para fora da cama e correndo para o banheiro, vomitando no vaso sanitário milissegundos depois de cair de joelhos na frente dele. Não havia muita coisa no meu estômago àquela hora, mas o que restava da noite anterior queimava ao subir e sair.

— Oh céus. — Molly agarrou meu cabelo e puxou-o do meu rosto enquanto outro movimento sacudia meu corpo, causando agonia. — Calma agora — ela murmurou suavemente enquanto os vômitos diminuía e depois paravam completamente, deixando-me cansada e esgotada. — Vamos limpar você.

Levantei-me e fui até a pia e enterrei o rosto na água fria, enxaguando a boca. Quando me levantei e sequei minha pele, Molly estava ao meu lado com a mão estendida em expectativa.

— O quê? — Desviei o olhar de seu reflexo no espelho e olhei para sua mão, vendo o teste de gravidez embrulhado em plástico que ela me deu há mais de uma semana, quando a Dra. Travis parou para verificar se Nicolas tinha tido sucesso em sua tarefa de me procriar.

— Você ainda não menstruou e agora está vomitando só de mencionar comida. Você dormiu quase todo o tempo em que Nicolas esteve fora e acho que é hora de encarar a música. — Ela inclinou a cabeça enquanto eu simplesmente olhava para ela.

— Mas eu tive cólicas. — sussurrei defensivamente.

— Embora *sejam* um sinal do seu ciclo menstrual, também são um sinal de gravidez precoce. — Ela colocou o teste no balcão e me virou

para encará-la. — E, além disso, você não preferiria ter certeza antes que seu marido se junte a você esta noite?

— Ugh. — eu gemi, jogando minha cabeça para trás em derrota. — Sinto que toda a minha vida girou em torno da possibilidade de um feto crescer dentro de mim há semanas.

— Então descubra com certeza e você não precisará mais se preocupar.

— Ou me preocupar é tudo o que farei novamente. — retruquei, pegando o teste e levando-o ao banheiro.

Molly encolheu os ombros e sorriu. — Ouvi dizer que isso também nunca acaba.

— Oh, vá se foder. — reclamei de bom coração e ela sorriu ainda mais para mim, virando-se para me dar um pouco de privacidade enquanto eu fazia o teste.

Quando terminei, coloquei-o no balcão virado para baixo e lavei as mãos. Ela me observou com o quadril apoiado no mármore enquanto eu evitava olhar para o teste. — Você quer que eu vá embora enquanto você olha para isso?

— Sem chance — respondi, respirando fundo e me forçando a pegá-lo. Encontrei seus olhos por cima brevemente e ela me deu um sorriso tranquilizador enquanto eu virava para ler o resultado.

Grávida.

— Santo inferno — eu sussurrei em completo choque antes de deixar cair à mão na minha barriga lisa, como se embalar aquela área na minha mão pudesse de alguma forma fazer com que parecesse real.

— Uau. — ela concordou, balançando a cabeça e agarrando minha mão livre enquanto nós duas olhamos para o teste. — Ok, sente-se antes de desmaiar.

Afundi cegamente no chão com ela ao meu lado e descansei minhas costas contra a penteadeira enquanto meu mundo começava a girar. — Não sei ser mãe. — admiti para ela pela segunda vez.

— Eu sei. — ela concordou novamente, apertando minha mão em seu colo e respirando fundo como se estivesse acalmando nós duas. — Mas já passamos por isso. Você vai confiar no instinto da sua natureza humana e esquecer todas as coisas que lhe ensinaram sobre a maternidade. Você vai escolher abraçá-la e permitir que seja uma coisa boa, porque você não pode mudar isso agora.

— Prometa-me que você vai me ajudar. — Olhei para ela enquanto as lágrimas se acumulavam na linha dos meus cílios. — Você vai me ajudar a descobrir tudo, certo?

— Certo — ela acenou com a cabeça enquanto seus próprios olhos ficavam embaçados. — E acho que é hora de minha mãe sair da aposentadoria, já que todos os seus filhos cresceram e se mudaram. — Ela sorriu brilhantemente. — Nós vamos ajudar você, Arianna, eu prometo. Você não fará isso sozinha. Estaremos lá com você e Nicolas durante todo o processo.

— Santo inferno. — Afundei novamente na penteadeira ao perceber que precisava contar ao meu marido. — Ele vai ficar tão bravo quando eu contar que menti para ele.

— Você não sabe disso — ela me assegurou. — Ele ficará feliz com a notícia de tudo isso, e você terá que aproveitá-la o máximo que puder enquanto ele processa tudo.

— Certo — repeti a palavra que ela usou para parecer tão segura. — Ele ficará feliz.

— Você está feliz? — Ela sussurrou enquanto eu olhava para longe.

— Acho que sim. — admiti. — Em algum lugar abaixo de todo o medo e dúvida. — dei de ombros. — Claro. Acho que estou um pouco feliz.

— Bom — ela sorriu e respirou fundo. — Porque pronta ou não, seu relógio começou e não há como pará-lo agora.

— Caramba, valeu. — Eu gemi, cutucando-a com meu ombro, fazendo-a rir.

— Vamos levantar do chão e levá-la para a mesa do café da manhã. — Fiz uma careta e olhei para ela, mas ela ergueu a mão e me impediu de recusar. — Vou fazer um smoothie de frutas para você. — disse ela com as sobrancelhas levantadas. — Minha mãe usou frutas frescas durante os primeiros estágios da gravidez, para combater os enjoos matinais — Ela esperou que eu decidisse, e a ideia de um smoothie de morango não me causou repulsa total. — Como isso soa?

— Como se fosse melhor você ter um balde pronto, só por precaução — eu gemi, deixando-a me levantar do chão frio. — Mas não é a pior ideia que você já teve.

Ela bufou e me puxou para um abraço. — Nunca tive uma má ideia na minha vida.

— Ah! — Eu ri, deixando-a me aquecer e relaxar a ansiedade que tentava me levar a um ataque de pânico total.

Com ela ao meu lado, eu descobriria.

Eu só esperava que Nicolas estivesse lá também.



— Estamos ancorados. — Molly disse horas depois enquanto enfiava a cabeça no meu banheiro, onde apliquei o resto da minha maquiagem no espelho e respirei fundo para me acalmar.

— Alguma notícia sobre quando Nico estará aqui? — Eu perguntei, mas ela não teve chance de responder quando meu marido entrou no quarto atrás dela, silenciando tudo o que eu tinha a dizer.

Deus, ele parecia magnífico. Ele usava uma calça jeans azul clara e uma camiseta branca que abraçava seus enormes bíceps e peito largo, revelando a tatuagem em ambos os braços pela qual eu me apaixonei.

— Agora mesmo. — Molly piscou e saiu da porta, fazendo uma pequena reverência a Nico enquanto passava antes de fechar a porta do quarto atrás dela.

— Oi. — eu sussurrei ansiosamente de onde eu estava congelada no balcão do banheiro.

— Você vai me fazer ir ao banheiro para te dar um beijo de olá ou vai se juntar a mim aqui? — Ele perguntou com um pequeno sorriso em seu rosto perfeito.

Saí do balcão e caminhei em direção a ele sem pensar nisso e parei quando meus dedos encontraram os dele. — Melhor?

— Muito melhor. — Ele levou a mão ao meu rosto e minhas pálpebras se fecharam quando me inclinei para ela. — Você sentiu minha falta, pequenina? — Sua voz era baixa e grossa, o que gritava apelo sexual.

— Você sabe que sim. — respondi com sinceridade. — Você estava com saudades de mim?

Ele se inclinou e roçou seus lábios quentes nos meus, inclinándose um centímetro para trás quando eu os abri e tentei aprofundar. — Cada segundo que estivemos separados. — Ele passou a ponta da língua sobre meu lábio inferior, eu agarrei seu pulso, onde sua mão ainda segurava meu rosto para me estabilizar enquanto eu afundava ainda mais nele. — Com cada parte do meu ser.

— Deus. — eu gemi, derretendo em uma poça aos seus pés.

— Sim? — ele sorriu atrevidamente antes de finalmente me dar o que eu queria e me beijar com aquela fome que sempre estava diretamente sob seu exterior duro.

Abri para ele, ansiosa para deixar seu domínio me consumir e levar embora todas as preocupações que cresceram dentro de mim ao

longo do dia, antecipando seu retorno ao iate. Vinte minutos atrás eu estava nervosa quando o iate iniciou seus procedimentos de atracação no porto italiano. Preocupando-me em contar a ele nossas novidades e qual seria sua reação.

Agora, nada disso importava nem um pouco.

— Venha aqui — ele ronronou, puxando-me com ele enquanto se sentava na beira da cama até que eu montasse em seu colo. Suas mãos deslizaram instantaneamente sob a bainha do meu vestido branco curto, agarrando minha bunda com força. — Você tem um cheiro divino. — ele rosnou, abaixando os lábios até meu pescoço, beijando a pele sensível abaixo da minha orelha e chupando-a.

— Sim. — eu gemi, balançando em seu colo, desesperada para senti-lo profundamente dentro de mim. — Eu preciso de você. Por favor.

— Como você me quer? — Ele continuou sua trilha de beijos e mordidinhas no meu pescoço até vislumbrar o decote acima do meu vestido.

— Assim. — Deslizei minhas mãos entre nós e puxei sua camisa até que ele não teve escolha a não ser levantar os braços e me deixar arrancá-la dele. — Eu quero que você puxe minha calcinha para o lado e me foda. Agora mesmo.

— Ari. — Ele rosnou quando eu puxei o botão de sua calça jeans e abaixei o zíper, sentindo a pressão de sua ereção. — Cuidado com o que você pede. Não serei gentil se você exigir assim.

— Eu não quero suas gentilezas. — eu sibilei. Mordendo a mandíbula enquanto o desespero tomava conta de mim. — Mal posso esperar. Por favor, por favor, por favor, não me faça esperar. — eu choraminguei ansiosamente.

— Porra. — Ele levantou os quadris enquanto eu puxava seu pau para fora e o cerrava antes que ele entrasse em ação. Ele agarrou minha calcinha e puxou-a, mergulhando as pontas dos dedos em minha boceta

e rosnando quando já me encontrou molhada. — Você estava brincando com essa boceta doce antes de eu chegar aqui?

— Apenas a cada segundo desde que você saiu. — Eu provoquei, balançando contra seus dedos enquanto acariciava seu pau até virar aço. — Meus pobres dedos estão tão cansados de esfregar meu clitóris.

— Sirigaita. — ele sibilou, levantando-me sobre seu pau e esperando que eu o alinhasse antes de me puxar para baixo em sua espessura. — Filha da puta. — ele rosnou com os dentes cerrados, fechando os olhos como se estivesse com dor física. — Você está tão apertada, enrolada em mim.

— A culpa é sua. — eu engasguei, levantando e empurrando para baixo até que meu clitóris esfregou contra seu osso púbico. — Seu pau é tão grosso. Nunca vi um pau tão grande antes.

Ele grunhiu, me levantando e me jogando de volta sobre ele. — Quantos paus você viu, esposa?

Eu ri e rolei meus quadris, cravando minhas unhas em seu pescoço enquanto jogava minha cabeça para trás de puro prazer. — Um pouco.

Sua mão deslizou da minha cintura e deu um tapa na minha bunda antes de se abaixar e esfregar os lábios esticados de minha boceta em volta de seu pau enquanto eu o montava. — Mentirosa.

— Não. — ofeguei. — Eu assistia alguns filmes pornôs antes de me casar. — Rolei meus quadris novamente, esfregando meu clitóris nos movimentos descendentes. — Eu queria saber no que estava me metendo.

— Foda-se isso. — Ele nos girou, me jogando de costas na cama e abrindo minhas pernas quando ele bateu em mim, fazendo com que um grito saísse dos meus lábios, seguido por um gemido profundo e gutural. — Chega de olhar para outros paus. Se você quiser ver um pau, me diga e eu lhe mostrarei o meu. — Ele estava completamente selvagem enquanto me fodia, e meu corpo encharcou seu pau ainda mais ao perceber que eu fiz isso com ele.

— E se eu dissesse que queria aprender a chupar seu pau. — ronronei sedutoramente. Eu não tinha ideia de onde consegui a coragem ou a estupidez para cutucar o urso já enlouquecido, mas estava no auge da excitação sexual e não podia ser detida. — Você me deixaria brincar com o seu, testando o que vi nesses vídeos?

— Eu vou te ensinar. — Ele rosnou. Envolvendo uma mão em volta dos meus tornozelos e empurrando-os para trás para que meus joelhos ficassem pressionados contra meu peito enquanto ele mudava de ângulo, empurrando mais fundo e fazendo meus olhos rolarem para trás. — Vou manter sua cabeça imóvel e empurrar meu pau tão fundo em sua garganta que você não terá outra escolha a não ser me engolir. Minhas coxas ficarão com as marcas de suas garras por dias.

— Sim. — eu sibilei, deixando-o usar meu corpo como um maestro de uma orquestra, comandando o show e fazendo uma música doce. — Eu gosto de marcar você. Da mesma forma que gosto de ver suas marcas em mim.

Ele soltou meus tornozelos e deitou-se contra meu corpo, envolvendo uma mão em volta da minha nuca, mantendo-me ancorada no lugar enquanto ele girava os quadris repetidamente, me empurrando para a felicidade. — Eu preciso que você goze no meu pau, pequenina. Suas palavras sujas e suas proezas sexuais estão tornando impossível para mim me conter por mais tempo. Estou a um passo de encher você.

Suas palavras e o movimento de balanço de seus quadris funcionaram, empurrando-me ao limite do meu orgasmo enquanto seus movimentos eram espasmódicos causados por seu próprio prazer. — Boa menina. — Ele gemeu, recuando e cerrando os dentes quando começou a gozar. Inclinei-me e envolvi meus dentes em torno do músculo grosso e tenso de seu beijo e mordi. Espelhando o que fiz na primeira noite em que estivemos juntos, isso o levou ainda mais ao limite.

Eu, é claro, não tinha ideia do que estava fazendo naquela noite, apenas querendo abafar meus gritos. Mas esta noite, depois de algumas

semanas com ele, entendi como a dor e o prazer se misturavam aos espasmos da paixão, intensificando cada sentimento.

— Porra! — ele gritou — Mais forte, baby. — Ele bateu fundo novamente enquanto eu apertava meus dentes nele a ponto de ficar preocupada em sentir o gosto de seu sangue se fosse mais forte e ele disparou uma longa linha de palavrões, expondo seus desejos antes de se acalmar dentro de mim. Eu gentilmente soltei sua carne e tracei minha língua sobre a impressão de meus dentes antes de deixar cair minha cabeça de volta na cama e olhar para ele sonhadoramente, enquanto ele descia de sua euforia.

— Você me transformou em uma lunática. — eu sussurrei com um sorriso e um ah quando ele rolou nós dois até que eu deitei em cima de seu peito largo, seu pau ainda enterrado dentro de mim.

— Idem. — Ele suspirou, com um sorriso malicioso nos lábios. — Acho que vou tatuar sua impressão dentária em meu peito para que você tenha um lugar para apontar esses lindos dentes quando eu estiver em cima de você desse jeito.

— Hum. — Eu pensei, traçando a marca com a ponta do dedo. — Como é romântico.

Ele bufou e bateu na minha bunda antes de me tirar de seu pau. — Vamos nos limpar e ir comer. Cher disse que você planejou toda a refeição com o Chef para esta noite.

Corei, rolando para fora dele e ficando de pé enquanto ele se levantava. A sensação sedosa entre minhas coxas me fez querer esfregar seu corpo duro pelos próximos três dias, mas me contive, ficando animada para que ele visse a refeição que planejei. — Eu fiz. — Dei de ombros, fingindo indiferença. — Achei melhor começar a contribuir para alguma coisa por aqui antes que você fique entediado comigo e me jogue no mar.

— Ah. — Ele sorriu, sentando-se na beira da cama e me puxando para frente entre suas longas pernas. — Você está fazendo muito mais do que imagina, simplesmente existindo.

— O que isso significa? — Eu sussurrei, tentando manter meu batimento cardíaco estável enquanto meu corpo queria fugir com suas palavras românticas e deixá-las significar algo mais do que realmente significavam.

— Talvez um dia eu te conte. — Ele piscou e eu revirei os olhos, odiando sua resposta habitual quando pedia para ele esclarecer suas palavras.

— Talvez. — Eu gemi, me virando e caminhando até o banheiro para me limpar. — Algum dia.



— Isso estava delicioso. — Nico suspirou, recostando-se na cadeira com uma taça de vinho nos dedos enquanto me observava. Sentamo-nos em uma pequena mesa que normalmente não é usada para jantares, mas a intimidade dela parecia certa.

Ele me tocou de alguma forma, durante toda a refeição. Às vezes eram seus dedos ao longo do meu joelho nu sob a mesa, ou contra meu pescoço enquanto ele passava meu cabelo por cima do ombro. Se ele não estivesse me tocando fisicamente, seus olhos me acariciariam a luz das velas.

— Como foi seu negócio enquanto você estava fora? — perguntei, girando meu copo de água com gás nos dedos como se ele estivesse fazendo isso.

— Foi — ele hesitou, baixando meu olhar. — Tão bem quanto poderia

— Isso pareceu evasivo. — levantei uma sobrancelha para ele, desafiando-o por mais informações.

Ele sorriu para mim e tomou um gole de seu vinho. — Você não vai gostar da resposta completa se eu der a você.

— Por quê?

— Porque fiz algo de que não me orgulho, mas foi necessário.

O pavor encheu meu estômago enquanto eu ponderava o que ele queria dizer. — Envolveu outra mulher? — Perguntei baixinho, baixando seu olhar enquanto me preparava para a resposta.

Ele se inclinou para frente, levantando meu queixo com os dedos até que eu encontrrei seu olhar novamente. — Não, Arianna. Isso não aconteceu.

Engoli e forcei o ar a entrar em meus pulmões, o que não consegui até que ele me respondeu. — Então me conte o que aconteceu.

Sua boca se abriu, mas as portas da sala se abriram e ele fechou os lábios voltando-se para a interrupção.

— O que é? — Nico perguntou a Matteo enquanto a porta se fechava atrás dele silenciosamente.

Matteo olhou para mim com um aceno educado, antes de se inclinar para o lado de Nico e sussurrar para ele. Os olhos de Nico encontraram os meus enquanto seu segundo se levantava, antes de assentir, tomando um gole de seu vinho.

— Já vou — Nico disse a ele e Matteo recuou, dando-me um leve sorriso antes de voltar para fora da sala.

— O que está acontecendo? — questionei, odiando que eles tivessem algum tipo de conversa bem na minha frente, sem me incluir nela.

— Ainda não sei. — disse ele, levantando-se e inclinando-se sobre mim, fazendo-me inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. Ele

baixou seus lábios até os meus castamente. — Vá para o salão de popa, estarei lá em breve.

— Por que...? — Eu perguntei, mas ele balançou a cabeça.

— Apenas faça o que lhe foi dito, Arianna. — Ele respirou fundo e suspirou: — Por favor.

— Tudo bem. — Levantei-me da cadeira, descartando o guardanapo sobre a mesa, e saí da sala sem olhar para trás.

Algo estava errado, mas ele ainda não confiava em mim o suficiente para compartilhar isso comigo.

Quando cheguei ao salão, Molly entrou com um xale nos braços. — O que está acontecendo? — Eu perguntei, sabendo que ela teria mais informações do que eu.

— Alguém subiu a bordo que não era esperado — ela respondeu rapidamente. — Não sei quem foi, mas sei que isso deixou Matteo nervoso. — Ela colocou o xale sobre meus ombros, passando as mãos para cima e para baixo em meus braços quando sentiu o frio na minha pele. Momentos atrás eu estava queimando de dentro para fora por meu marido sexy, mas agora estava congelada de pavor.

— Você estava com ele? — Eu questionei enquanto Dio e Saul entravam na sala, montando guarda em cada entrada. — O que está acontecendo? — Eu gritei para eles, notando a maneira como eles examinaram de perto a sala e as saídas.

— Nada, senhora — respondeu Saul.

— Besteira. — eu rebati novamente. Eu sairia furiosa e investigaria por mim mesma se achasse que teria alguma chance de passar por eles. Mas eu sabia melhor.

Eles não estavam lá apenas para manter o intruso afastado, eles estavam lá para me manter dentro.

Os minutos se transformaram em dez. Então vinte. Andei de um lado para o outro enquanto lutava para conter minha raiva e medo. Mesmo as brincadeiras doces de Molly não conseguiram me distrair.

Quando a porta se abriu novamente, virei à cabeça e minha respiração ficou presa na garganta quando Nico entrou com o “intruso” ao lado dele.

— Carmine? — Sussurrei em estado de choque, antes de correr e me jogar em seus braços. Seu cheiro familiar me envolveu e respirei fundo, tentando me convencer de que ele era real.

Eu não via ninguém da minha família há quase um mês, o período mais longo que já estive longe. E eu não percebi o quanto sentia falta dele até aquele momento. — Calma, Raio de Sol. — ele riu, usando meu apelido de infância. — Você vai quebrar minhas costas me apertando com tanta força.

— O que você está fazendo aqui? — Recostei-me olhando para seu rosto, tentando lê-lo em busca de qualquer sinal de angústia. Olhei para meu marido, que nos observou com uma carranca no rosto, mas não ofereceu mais nada.

— Eu estava na área e queria passar por aqui. — Carmine piscou para mim e deixei cair os braços ao lado do corpo.

— Hum. — Eu zombei de sua mentira óbvia.

Ele revirou os olhos e cutucou meu ombro. — Eu tinha negócios para discutir com Nicolas.

Voltei minha atenção para meu marido, que ainda estava ao nosso lado com uma expressão sombria no rosto. — E você não poderia fazer isso comigo na sala?

Nicolas encolheu os ombros, sem revelar mais nada sobre seu comportamento. — Eu não queria estragar o ambiente da noite com negócios chatos.

— Hum. — Repeti, franzindo os lábios antes de olhar para Carmine. — Você vai ficar conosco?

Ele riu e balançou a cabeça. — Seria rude estragar uma lua de mel.

— Que bom que concordamos com isso. — Nico grunhiu sem humor, eu me encolhi com o constrangimento.

— Venha, sente-se. — Afastei a presença do meu marido e puxei Carmine para o sofá enquanto Molly, Dio e Saul saíam da sala. — Está todo mundo bem? — Eu questionei assim que sua bunda bateu no sofá.

— Todo mundo está bem. — disse ele, arriscando um olhar para Nico, que estava encostado no bar alto com os braços cruzados sobre o peito.

— Você está planejando pairar sobre nós o tempo todo? — Eu gritei com meu marido, e suas sobranças se ergueram ligeiramente, expressando sua antipatia pelo meu tom.

Nico mexeu a mandíbula para frente e para trás algumas vezes, desviando o olhar do meu irmão para mim, então se levantou do bar. — Vou dar a vocês dois algum tempo para uma visita. — ele lançou um olhar penetrante para meu irmão. — Mas não muito tempo. Afinal, é a nossa lua de mel.

— Sim, sim. — Carmine acenou com a cabeça. — Não vou mantê-la por muito tempo.

— Bom — disse Nico, mas em vez de se virar e sair da sala, ele caminhou em nossa direção até ficar em cima de mim e se inclinou, deslizando suavemente a mão pela frente da minha garganta para inclinar minha cabeça para cima. — Dez minutos, pequenina. — Ele instruiu. — Não me faça procurar por você. — Ele me beijou, inclinando minha cabeça do jeito que ele gostava e aprofundando até que eu abri meus lábios para ele e cedi às suas exigências.

O beijo não era para mim, eu não era estúpida o suficiente para pensar que era. Era uma demonstração de domínio sobre mim e meu irmão. Ele pretendia lembrar a Carmine a quem eu pertencia agora.

E funcionou. Porque quando ele saiu da sala, meus olhos permaneceram grudados nele enquanto eu tentava acalmar meu batimento cardíaco errático. Quando ele finalmente desapareceu de vista, senti os olhos do meu irmão na lateral do meu rosto e um rubor subiu pelo meu pescoço.

— Interessante. — Carmine refletiu ao meu lado e eu olhei para ele. Seu sorriso divertido desapareceu de seu rosto tão rapidamente quanto apareceu quando ele pegou minha mão. — Você está bem?

— O que você quer dizer? — Eu perguntei, confusa com sua pergunta.

— Ele te trata bem? — ele esclareceu — Você está segura?

— Eu estou... — Fiz uma pausa, balançando a cabeça. — Sim. Estou bem.

— Bem? — ele pressionou.

— Por quê? — Balancei a cabeça, franzindo o cenho para ele enquanto sua mão apertava a minha. Ele olhou ao redor da sala antes de se aproximar e baixar a voz para um mero sussurro.

— Você quer sair deste casamento?

Joguei minha cabeça para trás quando uma onda violenta de emoções tomou conta de mim. — O que você quer dizer?

— Se você quiser sair, eu te ajudo. — afirmou, com o mesmo tom abafado. — Há uma maneira.

— Eu não quero sair. — respondi com firmeza, admitindo algo que eu ainda não tinha percebido.

Carmine sibilou, me puxando para mais perto. — Abaixar a voz ou você vai me matar antes que eu tenha a chance de sair deste iate.

— Então me diga o que diabos deu em você. — eu sibilei de volta, em um sussurro.

Ele cerrou a mandíbula e olhou em volta novamente antes de sussurrar para mim. — Eu vim aqui para lhe dar uma escolha. E um aviso.

— Sobre o quê?

— Nicolas declarou guerra à nossa família ontem à noite. — ele disse claramente, observando minha reação. — Ele não te contou,

contou?

Senti meu rosto pálido quando me afastei para olhar para ele com mais facilidade. — Eu não entendo.

— Depois de seu casamento, Nicolas me puxou de lado, irritado com o tratamento que você recebeu de nossos pais. Ele fez comentários sugerindo que iria tirar o poder do Pai.

— O que isso significa? — Eu sussurrei quando o medo começou a encher meu corpo. Meu pai era incrivelmente rico, e muito dinheiro como esse comprava grande poder.

— Ele aludiu a eu assumir o trono — respondeu Carmine com cautela. — Ele disse que seu poder e aliados poderiam ajudar a facilitar a transferência.

— Não há como o pai simplesmente desistir de seu poder, Carmine! — Eu sibilei. — Você sabe disso.

— Eu sei.

— Então como Nicolas está planejando tirar isso dele? O que aconteceu ontem para levá-lo a declarar guerra? — Eu estava em pânico, deslizando por uma encosta íngreme de incerteza quanto mais conversávamos.

Carmine ergueu as sobrancelhas e encolheu os ombros, sem expressar sua ideia em voz alta. Mas ele não precisava.

Nicolas estava planejando usar violência para fazer a transferência.

— O pai contrabandeou milhões de dólares em armas para West Shores pelas costas do Don. Nicolas apareceu ontem à noite, levando-as de volta e enfrentando Cristian por causa disso.

— Não — eu sussurrei, já sabendo o que deve ter acontecido com meu outro irmão.

— Ele acabou no hospital, Ari.

— Não. — Eu chorei, fechando os olhos com força e deixando cair à cabeça em agonia. — Não, não, não.

— Não sei como isso vai acabar, mas meu palpite é que vai acabar em derramamento de sangue — alertou ele. — Mas há mais.

— Jesus. — eu gemi, esfregando os dedos na testa enquanto uma enxaqueca acontecia.

— Três dias atrás, papai se encontrou com Matthew Rizzio. — O nome parecia familiar, mas tive dificuldade em identificá-lo com todo o resto girando em meu cérebro. — Não fui convidado para a reunião, mas o pai me contou o que foi discutido depois. — Ele fez uma pausa, esperando que eu olhasse de volta para ele. — O pai terminou o encontro com um aperto de mão.

— A quem? — Eu engasguei, vendo os rostos da minha doce irmã mais nova atormentando minha mente. Elas eram muito jovens para serem expulsas deste mundo. Não era justo, elas não estavam prontas.

Eu não estava pronta e era mais velha que elas.

— Para você, Ari. — ele sussurrou.

Eu me afastei dele enquanto suas palavras me agrediam fisicamente. — Nico não vai se divorciar de mim, Carmine. — Eu sibilei. — Ele é muito orgulhoso e possessivo. — Balancei a cabeça, mordendo a língua para manter o resto dos atributos de Nico para mim.

Ele era muito dependente do bebê que eu já carregava na barriga, sem nem saber da sua existência ainda.

— Papai não planeja casar você como divorciada, Raio de sol. — Carmine raciocinou: — Ele planeja casar você novamente como viúva.

— Não! — Eu chorei, cobrindo minha boca em estado de choque. — Ele não pode. — Meu mundo girava ao meu redor e me senti tonta enquanto tentava processar tudo. — Ele não consegue fazer isso! — Eu gritei, levantando-me com raiva. Carmine fez uma careta e me puxou de volta para o sofá ao lado dele.

— Pare de gritar! — ele sibilou. — Eu não contei a Nico sobre o plano do pai ainda porque queria que você tivesse uma escolha primeiro. — Eu olhei para ele, mas me forcei a respirar fundo e me acalmar. — Se você ficar com Nico, haverá guerra entre nossa família e toda a Cosa Nostra. — Meus olhos se arregalaram diante da implicação e da culpa que ameaçava me consumir, mas ele não terminou. — Nossos irmãos não estarão a salvo da briga Arianna, há uma chance real de que um ou mais deles se machuquem no processo.

— E se eu não ficar com Nico — sibilei. — Ele vai morrer!

— E toda a Cosa Nostra estará em guerra conosco por isso.

Eu gemi, caindo de volta nas almofadas. — Então o que diabos devemos fazer?

— Ser mais esperto que o papai em seu próprio jogo. — disse Carmine claramente. — Papai não vai esperar que você escolha Nico em vez dele. Ele está louco ao pensar que você ficará revoltada com a vida que tem com o Don e escolherá com prazer voltar para casa em vez de continuar casada com um homem tão perigoso. Meu palpite é que ele irá inventar quaisquer mentiras que acredite que irão convencê-la a seguir seu plano. Mas se você avisar Nicolas sobre o plano, poderemos ser mais espertos que ele, antes que esta guerra reivindique mais alguém.

— Você está falando sobre matar o pai.

— Se o retirarmos da equação, a Cosa Nostra e os Rosetti poderão viver em paz comigo liderando a família. Você pode ser feliz em seu casamento com um homem por quem claramente está se apaixonando, e nossa conexão de linhagem garantirá uma vida longa e próspera para nossos irmãos e filhos que virão.

— Você faz isso parecer tão fácil. — brinquei, impressionada.

— Pode ser, se trabalharmos juntos. Se é isso que você realmente quer. — ele ergueu a mão para a sala em que estávamos sentados. — Se você está feliz como a Sra. Capasso e quer viver esta vida com todo o

valor, ajudarei a garantir que Nico continue vivo e no poder para você fazer isso.

— E o Cristian? E Amelia e Anita? — Eu questionei. — O que acontecerá com eles se você matar o pai.

— Amelia e Anita podem escolher o amor. — ele respondeu honestamente. — Elas nunca conhecerão o medo e o desespero dos quais não pude salvá-la, Raio de Sol. A bárbara cerimônia de bênção e os casamentos arranjados terminam com o seu.

— E Cristian? Ele permitirá que você usurpe o pai e mantenha Nico no lugar depois de colocá-lo no hospital?

— Sim. — Carmine respondeu instantaneamente. — Porque Nico estava no seu direito e teve chance mais que suficiente de matar nosso irmão ontem à noite pelo que o pai fez. Nosso pai sabia disso e foi por isso que instruiu Cristian a aparecer no armazém sem motivo na noite passada. Ele armou para ele, tentando forçar você a aderir ao plano dele. Ele sabia que você escolheria a família em vez de Nicolas se seu marido fosse o responsável pela morte de seu irmão. Nosso pai sacrificou voluntariamente nosso irmão para vencer Don.

— Então por que ele não o matou? — Perguntei em voz alta, embora já soubesse a resposta.

— Você, Ari. — Carmine confirmou. — Nicolas o poupou por você. Porque, independentemente do que ele queira que todos pensem, acho que seu marido está tão enredado na sua teia quanto você na dele. — Revirei os olhos com um gemido quando Carmine continuou. — Isso não é uma coisa ruim, Raio de Sol. Isso significa que você tem uma chance real de felicidade aqui.

— Não quero que mais ninguém se machuque — afirmei.

— Eu sei, eu também não.

Fiquei quieta enquanto processava tudo o que ele havia me dito, até que fiquei com apenas uma opção. — Eu tenho que contar a Nicolas. — Levantei-me do sofá, olhando para meu irmão. — Eu tenho que avisá-lo.

Ele acenou com a cabeça, levantando-se e deslizando os braços em volta de mim. — Você tem meu apoio, Ari, não que você precisasse dele.

— Sim — eu sussurrei, perdida em pensamentos. — Esperemos que isso não mate nenhum de nós.

Capítulo Dezenove

NICO



— Você acha que ele está contando a ela sobre Cristian? — Matteo perguntou da cadeira à minha frente na minha mesa.

Virei meu terceiro copo de bebida desde que deixei Ari e Carmine para conversar no salão, doze minutos atrás.

Doze.

Quando eu a instruí que ela só tinha dez.

— Provavelmente — eu fiz uma careta, lutando contra cada coisa dentro de mim que estava tentando me fazer invadir o salão e expulsar Carmine do iate. Ela estava com raiva de mim? Ferida? Ela estava planejando arrumar suas coisas e tentar me deixar enquanto eu estava sentado aqui e preocupado?

— O que você acha que ela fará? — Ele tomou um gole de sua bebida, fingindo estar calmo muito melhor do que eu.

Quando Carmine fez uma visita inesperada, eu esperava que ele aparecesse com armas em punho. Mas ele não o fez. Ele subiu a bordo para discutir o que aconteceu ontem à noite no armazém com Cristian. Ele me garantiu que nem ele nem seu irmão sabiam das armas até ontem à noite, a essa altura, eu já estava em cima delas.

Eu acreditei nele, odiando isso. Eu não queria que ele falasse a verdade, porque meu plano sempre foi eliminar toda a linhagem

Rosetti, começando em Emilio e descendo, poupando apenas Arianna se fosse vantajoso para eu fazê-lo.

Mas então ocorreu a inesperada cerimônia de bênção, então o ferimento de Arianna e o tratamento dispensado por Emilio a Carmine no casamento mudaram completamente o jogo em minha cabeça.

E eu odiei isso.

— Ela vai me matar ou se alinhar comigo de uma vez por todas, abandonando seu próprio sangue.

— Faça ou morra — ele murmurou em seu copo com um aceno de cabeça. — Para que lado você acha que isso vai acontecer?

— Foda-se se eu sei — admiti. Por mais próximos que Arianna e eu conseguimos chegar nas últimas semanas, seus irmãos e irmãs eram sua vida inteira. Basicamente, sua única família, eu não sabia se ela viraria as costas para eles por mim.

Por nós.

A resposta de Matteo foi interrompida quando a porta do meu escritório se abriu e uma Arianna esgotada apareceu na abertura. — Vou sair. — Matteo acenou para mim. — Esconda as facas. — ele sussurrou para mim colocando seu copo sobre a mesa antes de se curvar para Arianna ao passar, fechando a porta atrás dele.

Os olhos castanhos de Arianna brilharam de emoção enquanto ela olhava para mim, imóvel da porta. — Você ia me dizer que bateu em Cristian ontem à noite? — Ela perguntou, mas não havia raiva por trás da pergunta.

— Sim — respondi instantaneamente porque era a verdade.

— Você deveria ter me contado imediatamente quando voltou. Primeira coisa — ela engoliu em seco e entrou no escritório, parando em frente à mesa. — Você deveria ter confiado em mim pelo menos uma vez na *sua maldita vida*. — Ela fechou os olhos e balançou a cabeça em tristeza. Quando ela abriu os olhos para olhar para mim novamente, lágrimas nadaram neles. — Por que você não confia em mim?

— Eu confio. — Levantei-me da cadeira, mas ela ergueu a mão, interrompendo meu movimento antes que eu pudesse contornar a mesa e chegar até ela. Engoli minha refutação furiosa, tentando permitir que seus sentimentos fossem validados, mesmo que estivessem errados. — Eu confio em você, é por isso que eu ia te contar mais tarde. — Contornei lentamente a mesa enquanto ela olhava para mim através das lágrimas não derramadas, e odiei como isso fez meu peito se contrair fisicamente, como se eu não conseguisse respirar fundo. — É tão errado da minha parte querer aproveitar meu tempo com você, só por um tempinho, antes de trazer mais escuridão entre nós?

Ela baixou meu olhar e olhou para o chão, deixando as lágrimas caírem no tampo de madeira da mesa. Com cada gota de tristeza, algo dentro de mim rachava e fraturava até que eu estava quase desesperado para fazê-las parar.

— Meu pai planeja matar você — ela sussurrou. — Ele já encontrou e fez um acordo com um novo homem para me casar quando você morrer. — Minhas mãos se fecharam ao meu lado enquanto a raiva fervia em meu sistema. Mais lágrimas caíram de seus cílios escuros enquanto sua testa se enrugava, mas ainda assim, ela não olhava para mim. — Carmine veio me avisar para que eu pudesse decidir com quem me aliaria. — Ela respirou fundo e olhou para mim, deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto cheio. — Se eu escolhesse você, meus irmãos sofreriam a raiva do Don por causa de quem é nosso pai. — Ela inclinou a cabeça enquanto seus ombros pendiam em derrota. — Mas se eu os escolhesse, estaria sentenciando você à morte.

Eu não conseguia ficar parado nem mais um momento enquanto uma raiva violenta vibrava dentro do meu corpo. Deslizei ambas as mãos sobre suas bochechas, segurando seu rosto e enxugando suas lágrimas com os polegares. Ela agarrou meus pulsos e se aproximou ainda mais de mim enquanto seu pequeno corpo tremia de angústia. Ela fechou os olhos e sussurrou: — Mas eu escolhi você.

A euforia correu em minhas veias enquanto um orgulho avassalador me consumia, olhando para minha esposa perfeita.

Ela era uma deusa, a parceira perfeita para o Don, e muito mais do que eu esperava que ela fosse em tão pouco tempo. Sempre esperei que algum dia pudéssemos viver amigavelmente quando eu concordasse com o casamento. Eu nunca imaginei que ganharia minha cara-metade com isso.

— Eu te amo — respondi, surpreendendo a nós dois, mas falando sério em cada palavra. — Não posso explicar isso para você, Arianna, em palavras. Mas isso — encostei minha testa na dela. — Entre nós, é mais do que eu merecia quando fui até sua cama naquela primeira noite. Nunca imaginei que estaria me alinhando com minha própria alma gêmea.

Seus ombros tremeram novamente enquanto mais lágrimas caíam de seus olhos perfeitos antes de se fecharem enquanto eu beijava seus doces lábios. Ela cravou as unhas em meu pescoço, ancorando-se totalmente em mim enquanto eu rosnava em sua boca enquanto ela a abria para mim.

Eu me deleitei com tudo que ela me ofereceu, ainda assim, não era o suficiente. Nada jamais seria suficiente quando se tratasse da minha pequena deusa.

— Tem mais — ela sussurrou, separando-se apenas o suficiente para desembaraçar uma das minhas mãos de seu cabelo antes de deslizá-la pelo seu corpo. Meu pau se mexeu, pensando que ela estava planejando deslizá-lo sob a bainha do vestido com ousadia, mas ela parou em seu abdômen, virando nossas mãos para deitarmos contra sua parte inferior do abdômen. Eu me afastei para poder ver seu rosto enquanto ela olhava para mim com seus olhos lacrimejantes e mastigava o lábio inferior. — Estou carregando seu filho.

Meus ouvidos zumbiam enquanto o sangue na minha cabeça corria violentamente pelo meu cérebro, tentando processar as palavras dela e o que elas significavam. — Você está grávida?

Ela assentiu com a cabeça, o medo evidente em seu rosto perfeito. — Eu menti no dia em que fiz o teste em Armarow. Foi à urina de Molly que a Dra. Travis testou. — ela falou correndo. — Eu queria poder

descobrir em particular, para poder processar o que isso significava não só para nós, mas também para mim. Eu planejava fazer o teste mais tarde naquele dia, mas você me acionou a viagem e não tive oportunidade. E então deixei o medo tomar conta de mim e evitei descobrir com certeza, embora minha menstruação ainda não tivesse aparecido — ela divagou — Mas esta manhã o enjoo matinal começou a aparecer. E o cansaço me atormenta há dias. — Ela encolheu os ombros em derrota mais uma vez. — Não pude mais negar a prova, então fiz um teste e deu positivo.

— Você está grávida — eu repeti como um idiota.

— Diga mais alguma coisa — ela sussurrou; seu medo é evidente. — Você queria tanto isso antes, mas as coisas mudaram entre nós.

Eu não disse mais nada, mesmo sabendo que ela precisava que eu dissesse. Porque eu estava a um segundo de chorar como um bebê por causa da montanha-russa de emoções que assolavam meu corpo.

Então usei minhas ações para contar a ela tudo o que pude, sem palavras.

Caí de joelhos a seus pés, envolvendo minhas mãos em torno de seus quadris pequenos e encostando minha testa em sua barriga, respirando-a e me recompondo. Seus dedos vagaram hesitantemente pelo meu cabelo enquanto ela tremia sob meu toque. — Você está me dando a maior bênção conhecida pela humanidade, Pequenina. — Eu finalmente forcei a saída entre meus lábios ressecados. — Não há presente maior que uma mulher possa dar a um homem do que o seu amor e criar vida dentro de si para ele. — Limpei a garganta — Com ele.

Ela acenou com a cabeça, soluçando e sorrindo para mim. — Eu te amo, Nico. — ela sussurrou. — Mesmo que você me tenha forçado no começo, eu não consegui impedir que isso acontecesse. Eu não consegui impedir o destino.

Levantei-me e beijei-a como se minha vida dependesse disso. Absorvendo cada gemido e suspiro enquanto nos agarrávamos um ao outro. Quando nosso beijo fervoroso diminuiu e nós dois recuperamos

o fôlego, eu a peguei e a coloquei na minha mesa, então ficamos quase cara a cara. Eu queria seus olhos junto aos meus enquanto prometia meu compromisso com ela.

— Seu pai não vai tirar você de mim, porque mesmo na morte você sempre será minha. Eu prometo a você, aqui e agora, vou matá-lo por ousar tentar.

— Eu escolhi você, Nico, e escolhi nosso bebê. Mas não quero que meus irmãos sofram. Carmine quer se alinhar com você. Ele quer o que você ofereceu a ele no dia do nosso casamento. — Ela balançou a cabeça. — Eu não quero que minhas irmãs mais novas sofram o que eu sofri nas mãos do meu pai, porque tive sorte com você. Superei as probabilidades e encontrei o amor, mas sei que elas não terão tanta sorte.

— Eu mantenho minha palavra, Ari, farei Carmine rei da família Rosetti. Eu prometo.

— Eu acredito em você. — ela fungou e respirou fundo. — Mas eu preciso que você me mostre à prova, confiando em mim com isso e tudo mais daqui em diante. Chega de segredos e respostas veladas. Deixe-me ser sua parceira na vida, Nico, por favor.

— Você nunca será apenas minha parceira, Arianna, porque você é muito mais do que eu jamais serei. Mas começaremos com isso, exatamente como você pediu, e partiremos daí.



Meus homens se reuniram em torno da grande sala da minha cobertura, descansando nos móveis e bebendo minha bebida.

Convoquei a reunião com meus homens superiores depois do aviso de Arianna ontem à noite sobre a visita de Carmine.

Emilio Rosetti estava fazendo movimentos para me assassinar.

Sua filha me avisou, condenando à morte seu pai e qualquer outra pessoa de sua família que estivesse no caminho, porque ela estava desenvolvendo vida dentro de sua barriga.

Minha vida.

Nossa criança.

Ela estava brilhando, mesmo que ninguém no mundo soubesse que ela estava grávida ainda. Depois da nossa descoberta na noite passada, eu a levei direto para a cama, fazendo amor lento e doce com ela, como se ela fosse delicada, então a segurei a noite toda enquanto ela dormia. Fiquei ali deitado, imaginando cada pior cenário que poderia ocorrer a ela e ao nosso filho ainda não nascido, com o peso da guerra pesando sobre meus ombros.

Então, esta manhã, antes mesmo de seus olhos se abrirem, ela se jogou da cama e correu para o banheiro graças ao enjoo matinal. Segurei seu cabelo para trás, evitando seus golpes para me afastar enquanto seu pequeno corpo era sacudido até que ela ficasse imóvel novamente. Então eu a carreguei de volta para a cama e a admirei até que Molly assumiu.

Aparentemente, Molly tinha alguns truques na manga para ajudar sua amiga porque, dentro de uma hora, Arianna estava de volta ao normal e tomando café da manhã com um lindo vestido rosa de verão, não parecendo pior.

Agora, tarde da noite, na cobertura que eu mantinha para assuntos de negócios que me trouxeram à cidade, ela sentou-se ao meu lado, enfrentando meus homens e mostrando-lhes onde estava sua lealdade.

— Antes do final deste mês. — dirigi-me ao grupo, silenciando a conversa que continuavam até que todos olhassem para mim. — Emilio Rosetti estará morto.

Sobrancelhas levantadas e sorrisos diabólicos passaram pelos rostos dos meus homens enquanto Luca falava. — Presumo que algo mais aconteceu desde a outra noite, quando espancamos Cristian pelas armas. — Ele olhou para Arianna após sua declaração com uma leve careta, mas ela não se encolheu. Carmine garantiu a ela que Cristian se recuperaria dos ossos quebrados que dei a ele na outra noite. E eu assegurei a ela que consertaria o relacionamento quando todas as brigas terminassem.

— Fui informado de que foi elaborado um plano, pelo próprio Emilio, para me assassinar. Ele já fez um acordo com Matthew Rizzio para tomar Arianna como esposa quando eu morrer. — Murmúrios de raiva encheram a sala enquanto meus homens digeriam essa informação. — Obviamente isso não vai acontecer, porque mesmo quando eu estiver morto, contarei com todos vocês para proteger minha esposa e cuidar dela como se fosse sua.

— Claro, Capa. — Luca assentiu com firmeza antes de se virar para Arianna. — Seu pai não vai mais ditar sua vida.

— Bom. — Ela acenou de volta com um sorriso gentil. — Porque eu realmente odiaria ter que assombrar todos vocês depois de pular de uma varanda para evitá-lo novamente.

Uma risada suave respondeu à sua piada e ela relaxou na cadeira. — Então, quais são os planos? — Luca perguntou.

— A primeira linha de ataque será matar o homem de fome. Toda e qualquer linha de recursos para West Shores será encerrada esta noite. Sem drogas, sem armas, sem dinheiro e acima de tudo, sem trabalhadores. Darei ordem após esta reunião para que qualquer pessoa vista dentro de West Shores ajudando Emilio Rosetti seja imediatamente considerada traidora da Cosa Nostra e executada no local.

— Por que não executar o próprio bastardo? — Harris perguntou, sempre sanguinário.

— Porque ele se escondeu. — eu zombei. — Assim que ele soube que eu sabia sobre as armas armazenadas no armazém, ele sacrificou seu segundo filho para minha ira e foi para a clandestinidade. Portanto, o plano de interromper todas as suas vias de fluxo de caixa não só irá irritá-lo, mas irá irritar todos os associados que lhe restam quando de repente ele não puder fornecer o que precisa, de acordo com os seus acordos. E cumprirei ansiosamente as partes que faltam em suas operações para garantir que todos se lembrem de quem é o maior Lobo do jogo.

— Faça dos inimigos dos seus inimigos seus aliados. — Luca sorriu maliciosamente. — Eu gosto disso.

— Carmine Rosetti está do meu lado, como já comentei anteriormente. Não sei como ele consegue passar despercebido na casa de Emilio, mas, pelo que sei, ele está seguro lá. Vou retirá-lo assim que sentir que sua segurança está em risco por estar lá.

— E os outros? — Harris perguntou — Especificamente a boceta de sua esposa. — Os homens riam ao seu redor e ele sorriu. — Não é segredo que Mina Rosetti foi responsável por dificultar minha vida há trinta anos. Só estou me perguntando se há espaço para eu conseguir um pouco de justiça dela por isso. — Ele brincou com indiferença.

Senti a reação violenta de Arianna à sua declaração, mas ela não deu nenhuma expressão externa de desgosto. — Mina Rosetti será tratada como Arianna achar melhor. Estou deixando isso para ela. — Eu respondi facilmente.

Arianna olhou para mim especulativamente, mas mais uma vez manteve seus pensamentos para si mesma.

— Então, qual é a segunda parte do seu plano? — Luca voltou a conversa para as partes importantes e fiquei feliz por isso. Eu teria odiado ter que quebrar a mandíbula de Harris na frente de seus colegas por deixar minha esposa desconfortável.

— Depois que apertarmos seu cinto com tanta força em sua própria garganta, ele não terá escolha a não ser sair do esconderijo para

consertar algumas dessas conexões. Quando ele fizer isso, nós o levaremos.

— E o que você fará com ele então? — Luca perguntou com uma sobrancelha levantada e um sorriso malicioso nos lábios.

— Digamos apenas que a morte dele não será rápida — afirmei. — Pretendo dedicar meu tempo com ele, fazer dele um exemplo para qualquer pessoa que pense que ir contra o novo Don é uma coisa viável. Porque não é. Erradicarei cada traidor, um de cada vez, até que tudo o que exista sejam homens leais nas minhas ruas. Eu recompenso bem a lealdade, no final, essas recompensas serão muito maiores com a redução da gordura da família.

Todos assentiram e concordaram com o plano, aproveitando a perspectiva de cortes maiores em suas negociações com a Cosa Nostra por serem leais a mim.

Ergui minha taça e brindo aos homens reunidos. — Então vamos beber à nossa boa sorte e ao fim de uma era ditada por homens indignos de liderar.

A teoria velada estava lá para eles lerem com bastante facilidade. Meu pai governou com mão de ferro, mas apenas nas formas que eram mais lucrativas para ele pessoalmente. Muitos homens bons lutaram sob seu poderoso governo, simplesmente porque ele era ganancioso.

Daí por que ele era um aliado tão bom de Emilio, ele se aproveitou da fortuna Rosetti que os avós de Arianna haviam feito, em troca, Emilio funcionou sem controle por muito tempo.

Fazendo coisas como permitir que sua filha fosse estuprada por um padre e atormentar seus outros filhos em nome do poder.

Maldito porco. Era hora de levá-lo ao matadouro.



— Você acha que o próprio Emilio se revelará quando suas negociações começarem a fracassar? — Matteo me perguntou depois que todos os outros foram embora. Arianna retirou-se para o quarto principal para se preparar para dormir, o cansaço era evidente em seu lindo rosto, e fiquei para encerrar a reunião com o meu segundo.

— Eu acho que ele vai. Ele é ganancioso demais para deixar isso para seus filhos e Emilio sabe que o cartel e outros não negociarão com ninguém além do topo. Então ele irá emergir eventualmente.

— O que você fará enquanto isso?

— Vamos nos retirar para Armarow novamente pela manhã e esperar que ele passe. Não quero Arianna na cidade por mais tempo do que o necessário. Já é ruim o suficiente que eu não possa continuar nossa lua de mel com ela atualmente porque preciso poder ir e vir conforme necessário, mas não vou mantê-la acorrentada nesta torre entre a podridão e a poluição da cidade.

Ele ergueu as sobrancelhas surpreso e sorriu. — Você age como se ela fosse uma flor delicada.

— Ela é tão forte quanto um carvalho, Matteo. — eu desafiei. — Mas o bebezinho que ela carrega na barriga é uma flor delicada e não vou arriscar a segurança de nenhum deles.

Seu queixo caiu quando eu lhe contei à notícia que guardei para mim nas últimas vinte e quatro horas e tentei ignorar como era bom contar a alguém. — Arianna está grávida? — Ele esclareceu.

— Sim. Seis semanas ou mais. A Dra. Travis confirmará quando retornarmos a Armarow.

— Uau. — Ele balançou a cabeça, com um sorriso de merda no rosto antes de caminhar até mim e bater a mão nas minhas costas. — Não acredito que você vai ser pai. — Ele balançou a cabeça novamente. — Não consigo pensar em ninguém mais merecedor do que você, mas ainda assim, não pensei que veria isso em minha vida. A menos que você tenha engravidado alguma peça secundária como Edna.

— Oh, vá se foder. — Eu dei de ombros enquanto ele ria de sua própria piada. — Eu te asseguro. Eu teria matado Edna antes de permitir que ela carregasse o bebê do Don.

— Mas você está feliz por Arianna estar grávida de seu filho? — ele pediu esclarecimentos.

— Extasiado — confirmei. — Comecei a tentar engravidá-la na primeira vez que a tive. Essa sempre foi minha intenção. E se eu tiver alguma palavra a dizer, este será o primeiro de muitos bebês que ela trará ao mundo para mim.

— Bem, porra — ele sorriu novamente. — Estou feliz por você.

— Bom, porque você vai ficar aqui na cidade na minha ausência no futuro imediato. O que significa que você sentirá falta de ver o resto do novo guarda-roupa de Molly.

Ele revirou os olhos, abandonando o sorriso. — Você é impossível, cara. Eu já te disse, nada está acontecendo lá.

— Certo. — eu balancei a cabeça, me afastando dele em busca de minha esposa. — E eu sou o papa.

— Não, apenas um sumo padre aqui para deflorar a virgem Maria. — ele gritou quando eu saí da sala, e eu o ignorei.

Capítulo Vinte
ARIANNA



Deslizei a camisola de seda sobre o corpo e olhei no espelho que ia até o chão, alinhado em um dos lados do closet principal. Virei-me para o lado e deslizei a palma da mão sobre meu abdômen plano, imaginando como seria quando começasse a inchar de vida.

— Você vai ficar de tirar o fôlego com uma barriguinha de bebê. — a voz calorosa de Nico chamou atrás de mim um segundo depois que senti sua presença.

— Para alguém que afirma não ter ideia do que passa pela minha cabeça, você com certeza leu muito bem. — eu disse, olhando por cima do ombro para ele antes de olhar novamente no espelho. Meus seios estavam inchados e sensíveis e eu estava exausta, mas fora isso, ainda não tinha outros sinais visíveis de gravidez.

— Hmm — ele cantarolou, deslizando seu grande corpo contra minhas costas e embalando suas próprias mãos sobre as minhas contra minha barriga. — Talvez eu esteja melhorando em ler você, afinal.

— Ótimo, lá se vai meu grande plano para derrubar o reino. — Eu brinquei e ele sorriu antes de descer os lábios até meu pescoço, cortando qualquer outra coisa que eu fosse dizer.

— Venha para a cama, esposa, você parece positivamente morta. — Ele disse, antes de me pegar nos braços e me levar para o quarto. Esta foi a primeira vez que pisei em sua cobertura, e odiei o ciúme que

senti olhando ao redor do quarto, sabendo que ele recebia outras mulheres aqui.

— Mal posso esperar para voltar a Armarow. — Pensei enquanto ele me colocava na cama e que Molly habilmente arrumou do jeito que eu gostava.

— Amanhã, amor. — Ele beijou minha têmpora antes de se levantar e afrouxar a gravata. — Vamos nos retirar para o campo amanhã de manhã e você não terá nada além de ar fresco e felicidade para preencher seus dias.

Deitei-me nos travesseiros, me ajustando até ficar confortável, observei ele começar a desabotoar a camisa. — E você? — Eu questionei. — Você preencherá seus dias de felicidade em Armarow? Ou você vai embora e voltará para a cidade sempre que puder?

Ele tirou a camisa e jogou-a no banco na ponta da cama e depois tirou os sapatos e começou a colocar o cinto. Meu corpo esquentou instantaneamente observando cada centímetro de sua pele magnífica se revelar aos meus olhos famintos. — Não tenho planos de ficar longe de você durante a noite, se puder evitar. — Ele respondeu, trazendo-me de volta ao presente.

— Hum. — Eu cantarolei, de repente lutando contra a boca seca enquanto ele puxava o botão e o zíper da calça. Mais uma vez revelando sua pele nua por baixo. — Você tem algum problema com roupas íntimas? — Perguntei — Não que eu me importe com a vista, mas estou apenas curiosa.

Ele deu aquele sorriso diabólico e sarcástico enquanto baixava a calça pelas pernas e se libertava, jogando-as no banco com o resto. — Gosto de ir do ponto A ao ponto B o mais rápido possível. A roupa íntima é apenas mais um obstáculo para conseguir o que quero. — Ele se ajoelhou na cama, e eu assisti com êxtase enquanto seu pau inchava onde ficava pendurado sob seu corpo, como uma arma se preparando para ser usada contra mim.

— E o que você quer exatamente? Qual é o prêmio no ponto B?

— Você. — ele rosnou, inclinando-se sobre meu corpo até que seu rosto pairou sobre o meu e seu pau sacudiu contra o tecido de seda da minha longa camisola. — Com suas pernas abertas e gritando meu nome enquanto eu me enterro dentro de você uma e outra vez, enchendo sua linda boceta.

Mordi meu lábio para conter o gemido que queria escapar apenas de suas palavras e sorri para ele. — Eu só serei seu prêmio se você tirar as luvas de pelica esta noite e me foder como nós dois realmente queremos que você faça. Eu não vou quebrar, e esse bebê também não.

Suas narinas dilataram-se e seus olhos verdes escureceram, mas seu corpo ainda estava suspenso sobre o meu. — Puxe seu vestido e me mostre sua boceta.

Eu instantaneamente peguei a saia da minha camisola em minhas mãos e levantei meus quadris, puxando-a para cima até envolver minha barriga conforme ele instruiu. — Assim? — Eu brinquei com ele, mordendo meu lábio sedutoramente e piscando para ele.

— Perfeito. — Ele rosnou — Agora abra as pernas e me mostre o quanto você me quer, pequenina.

Abri bem os joelhos e observei seus olhos descerem até meu centro exposto e então sua língua varreu seus lábios como se ele estivesse se preparando para provar sua refeição favorita.

— Brinque com você mesma. — Ele instruiu, fazendo com que minha bravata diminuísse. Ele viu o momento de incerteza cair sobre mim e estava ali para suportar o peso e empurrá-lo. — Passe seus lindos dedinhos sobre o clitóris antes de deslizar um dentro de você. — Ele se levantou para se ajoelhar entre minhas pernas abertas e sentou-se sobre os calcanhares enquanto me observava atentamente. Ele colocou as mãos na parte interna dos meus joelhos e empurrou-os mais até que eu estava deitada de costas com minha bunda levantada para fora da cama, aberta e exposta. — Faça isso.

Meus dedos deslizaram pelo meu corpo até o centro molhado e eu os rolei sobre meu clitóris, como costumava fazer debaixo do cobertor à

noite e minhas pálpebras se fecharam enquanto o prazer corria através de mim.

— Diga-me como é. — Ele ordenou com voz rouca e meus olhos se abriram, observando as veias que saltavam ao longo de seu pescoço e braços, onde mantinham minhas pernas abertas. — Diga-me o que você está pensando.

— Isso é tão bom. — Admiti. — Mas continuo comparando isso com a sensação da sua língua naquela primeira noite. — Eu gemi, segurando um dos meus seios com a mão e brincando com meu mamilo através do tecido de seda. — A textura úmida e acidentada da sua língua era algo que eu nunca tinha imaginado antes. Foi tão bom.

Seus olhos estavam oscilando entre o que eu estava fazendo entre minhas pernas e o que eu estava fazendo com meus seios, como se ele não conseguisse decidir o que queria assistir mais. — Puxe sua camisola para cima. — ele grunhiu, acenando para meu peito. — Mostre-me seus seios.

— Sim, senhor. — Eu gemi e sorri para mim mesma quando sua mandíbula se apertou novamente. Deslizei para baixo da minha camisola até que ambos os seios caíram livres e instantaneamente rolei o mamilo com o qual estava brincando entre os dedos, puxando-o e torcendo antes de passar para o outro. — Você gosta de me ver brincar comigo mesma mais do que você mesmo gosta de brincar comigo?

Seu controle impressionante escorregou e ele soltou um joelho para empurrar lentamente um dedo dentro da minha entrada agora encharcada. Inclinei minhas costas, empurrando sua mão com mais força e gemi. — O que você acha, esposa?

— Acho que você gosta dos dois. — Eu ronronei. — Mas acho que você gosta de me fazer gozar mais, Nico.

Seus olhos se estreitaram enquanto ele abaixava o rosto até minha boceta, puxando minha mão dela e prendendo-a em meu seio negligenciado. — Brinque com seus mamilos enquanto eu brinco com

sua boceta, garotinha. Não pare até cobrir meu rosto com seu orgasmo. Então veremos o que eu gosto mais.

— Porra, sim. — Eu gemi, beliscando e rolando meus mamilos enquanto ele girava sua língua sobre meu clitóris, arrastando-a para baixo e empurrando-a para minha entrada antes de girá-la de volta para meu clitóris novamente. Eu sibilei, arqueando meus quadris para frente para empurrar mais contra seu rosto e ele agarrou minhas coxas, prendendo-as em sua cabeça e apertando enquanto me empurrava em direção às chamas do prazer. — Não pare. — Eu ofeguei, beliscando meus seios com mais força antes de espalhá-los e juntá-los. — Por favor, não pare, baby.

— Chame-me assim de novo. — Ele sibilou, os olhos vivos e brilhantes enquanto balançava a boca sobre meu clitóris, chupando-o com força.

— Baby. — Eu gemi. — Exatamente como aquele baby.

Ele gemeu e empurrou dois dedos dentro de mim, curvando-os para frente em direção ao ponto de prazer que eu não sabia que existia antes de conhecê-lo, e me balançou em sua mão. — Goze para mim, pequenina. Goze na minha cara e cubra sua boceta para o meu pau.

— Porra! — Eu gritei, me enrolando e cavalgando em seu rosto enquanto disparava para um orgasmo de proporções épicas e ele cantarolava, lambendo-me até que eu caísse na cama como se estivesse sendo eletrocutada.

— Boa menina. — Ele elogiou, beijando a parte interna das minhas coxas e depois minha barriga, permanecendo ali e sussurrando algo na carne.

— Você acabou de falar com nosso filho ainda não nascido depois de me comer como uma prostituta? — Eu perguntei em estado de choque.

Ele sorriu, subindo pelo meu corpo até pairar sobre mim novamente e piscar. — Eu disse a ele para tapar os ouvidos porque sua mãe estava prestes a ir à igreja e orar a Deus com palavras obscenas.

Revirei os olhos, bufando com sua brincadeira, e então fiz uma pausa: — Espere, 'ele'?

Ele sorriu novamente com aquele grunhido diabólico antes de descer os lábios até meu pescoço e chupar, morder a carne e me marcar. — Nosso primogênito será um menino. Então teremos algumas garotas para mantê-lo alerta. — Eu gemi quando o prazer e o medo floresceram com seu toque e palavras. — Por último teremos mais alguns meninos só para completar a família.

— Meu Deus, Nico, você faz isso parecer tão fácil.

— É, baby. — Ele ronronou, abaixando os quadris até que seu pau deslizou contra meu clitóris molhado. — Apenas abra essas lindas coxas para mim e eu lhe darei todos os bebês que você deseja.

— Continue fazendo isso. — eu cavei minhas unhas em sua nuca enquanto levantava meus quadris para criar mais fricção contra seu pau. — E eu vou deixar você fazer o que quiser comigo.

Eu não percebi isso naquele momento, mas isso foi à coisa errada a dizer.

Aquele sorriso maligno enfeitou seus lábios segundos antes de ele rolar de cima de mim e cair de costas ao meu lado na cama. — O que eu quero é que você rasteje até aqui e aprenda como enfiar meu pau na sua garganta. — Senti meus olhos saltarem das órbitas de surpresa, mas ele não perdeu tempo em deixar o medo ou a autoconsciência tomarem conta de mim. Ele puxou meu braço até que eu pousei entre suas coxas poderosas, olhando para seu corpo de Adônis e seu pau enorme que repousava pesadamente contra seu abdômen. — Vamos, amor, você vai ficar tão bonita com esses lábios em volta de mim. — ele disse, passando o polegar sobre meu lábio inferior, puxando-o entre meus dentes.

— Eu não sei o que fazer. — eu disse honestamente, olhando para onde seu pau se sacudiu e vazou.

— Comece tocando nele. Envolve-o com a mão e deslize-o para cima e para baixo.

Lambi os lábios, respirei fundo e segui em frente, fingindo coragem. Mas minha mão tremia quando deslizei as pontas dos dedos sobre a haste, levantando-a de seu abdômen.

Fiquei surpresa com o quão macia a pele era, ao mesmo tempo que combinava com a pura força de sua dureza. Quando passei minha mão em torno dele, não cheguei perto de tocar meus dedos e olhei para ele por baixo dos cílios.

— Você é tão grande. — Eu sussurrei.

— Envolve as duas mãos em volta de mim, querida. — Eu fiz e observei enquanto ele engolia rapidamente antes de seu pau pular em minhas mãos. — Deslize-os para cima e para baixo. — Eu hesitantemente deixei minhas mãos deslizarem sobre a pele e observei seu rosto, deleitando-me com o puro show erótico que se desenrolava em suas feições enquanto ele olhava para minhas mãos como se eu estivesse fazendo a coisa mais prazerosa do mundo. Quando na realidade eu mal estava dando um soco nele.

— Mais apertado ou mais leve? — Perguntei.

— Mais apertado. — Ele envolveu a minha mão, apertando-a e deslizando-a para cima e para baixo ao redor dele comigo. — Agora cuspa na cabeça e esfregue. — Ele instruiu e meus olhos se arregalaram com o ridículo de seu comando. — Faça isso, Arianna — ele ordenou. — Use a coisa grossa do fundo da sua garganta e cuspa direto em mim.

— Oh meu Deus. — Eu gemi, revirando os olhos, mas me abaixei até minha boca pairar bem acima dele e fiz o que ele disse, me sentindo obscena.

— Essa é uma boa garota. — Ele rosnou. — Esfregue e molhe tudo. — Fiz o que ele disse e ele gemeu, deitando a cabeça no travesseiro enquanto seus quadris empurravam seu pau através do meu punho apertado.

— Qual é a sensação? — Eu sussurrei, deixando-o foder seu pau em minhas mãos enquanto eu observava com êxtase.

— Como se eu estivesse perto o suficiente para tocar o céu, mas não consigo senti-lo. — Ele zombou, lambendo os lábios com os olhos fechados antes de acalmar os quadris e olhar para mim. — Eu quero que você passe sua língua na minha cabeça. Como se você estivesse comendo uma casquinha de sorvete em um dia quente de verão e ela estivesse derretendo.

— Por que isso é tão sexy? — Eu anunciei necessitadamente. Inclinei-me para frente e passei a ponta da minha língua em torno dele, esperando que um gosto avassalador me atacasse, mas isso não aconteceu. Ele tinha um gosto salgado como seus lábios em um dia quente, mas não era insuportável. — Hmm. — Eu cantarolei, lambendo a lateral da cabeça dele como se fosse um sorvete antes de girar em torno de tudo.

— Porra. — Seus quadris estremeceram e ele apertou os lençóis com os punhos, o que me encorajou a explorar mais. Eu o acariciei com meus punhos apertados enquanto continuava a lamber sua cabeça, mergulhando mais abaixo com minha boca e lambendo seu eixo entre os golpes até que ele estava se contorcendo embaixo de mim na cama.

— É o bastante. — Ele rosnou. — Suba em cima e me coloque nessa porra de boceta apertada.

— Mas eu pensei que você queria seu pau na minha garganta? — Sorri maldosamente antes de gritar quando ele agarrou meus quadris, me puxando para cima em seu corpo em um ataque surpresa. Ele puxou a camisola pela minha cabeça e me deixou nua em seu colo enquanto flexionava maliciosamente os quadris e empurrava a cabeça de seu pau contra minha entrada.

A umidade mista de nós dois tornou tudo sedoso e atraente.

— Monte meu pau como uma boa menina, e talvez eu deixe você engasgar comigo depois.

— Hmm. — Eu sorri, levantando meus quadris enquanto ele segurava sua ereção sob mim enquanto eu me abaixava. — Tão romântico da sua parte. — Antes que eu terminasse, ele empurrou para

cima de mim em um impulso lento e tortuoso até que eu me inclinei para frente com as mãos em seu peito, circulando meus quadris para acomodar sua invasão. — Porra.

— É isso, baby. — Ele me elogiou, olhando para mim com ternura e necessidade brilhando em seus olhos verdes. — Você me leva tão perfeitamente. Não consigo lembrar como era antes de ter você agora. Você substituiu completamente todas as outras.

— Quando foi a última vez que você teve outra mulher antes de mim? — Perguntei, inclinando a cabeça para trás e gemendo enquanto ele flexionava seu pau dentro de mim, colocando mais pressão na carne sensível.

— Por que você perguntaria isso? — Ele me observou de perto, levantando-me e tirando-me de seu pau.

— Porque eu quero saber.

— Isso não muda nada, Arianna.

— Sim, é verdade. — Argumentei, imaginando os piores cenários quanto mais tempo ele passasse sem me responder.

— Não vou falar sobre outras mulheres quando estiver dentro de você. — Ele respondeu com autoridade, e isso despertou a raiva em minhas entranhas.

— Tudo bem. — Eu me levantei rapidamente até que seu pau se libertou do meu corpo e caiu de bruços antes de me abaixar para moer meu clitóris por toda a extensão dele. — Agora me diga.

— Porra. — Ele rosnou, apertando as mãos em volta da minha cintura enquanto eu balançava para frente e para trás contra ele.

— Diga-me e eu te levarei de volta para dentro de mim. — Inclinei-me e beijei seu peito, tentando convencê-lo a me dar o que eu queria.

— E se eu não fizer isso? — Ele desafiou.

— Então vou deitar de costas e acabar com os dedos antes de adormecer.

— Mentirosa. — Ele contestou, rolando-nos em um movimento rápido antes de me virar de bruços e puxar meus quadris para cima. — Você não é o chefe. — Ele sibilou em meu ouvido enquanto colocava seu corpo forte nas minhas costas. — Eu sou.

O ar deixou meus pulmões quando ele me empalou com seu pau grosso, abrindo mais minhas pernas para acomodar seus joelhos antes de sair e bater de volta em mim. — Oh, porra, sim! — Eu gritei, colocando a palma da mão contra a cabeceira da cama e empurrando-o de volta, arqueando as costas mais profundamente para obter o ângulo de penetração que ambos desejávamos. — Bem desse jeito.

— Meu pau sempre será melhor do que seus dedos, pequenina.

— Diga-me a verdade de qualquer maneira. — Eu sibilei, jogando adagas nele com os olhos por cima do ombro. Ele bateu na minha bunda, duas vezes em rápida sucessão, arrancando gritos e depois gemidos dos meus lábios antes de alcançar meu corpo e dedilhar os dedos sobre meu clitóris. — Por favor, Nico.

— Por que você quer ficar chateada? — Ele perguntou gentilmente no meu ouvido enquanto continuava me fodendo e brincando com meu clitóris. — Você tem que saber que não vai gostar da resposta.

— Eu sei. — Eu engasguei, me abaixando e passando meus dedos sobre o dele no meu clitóris, esfregando-o. — Mas eu preciso disso.

Uma longa pausa encheu o ar, deixando apenas o som de seu corpo se juntando ao meu para cortar o silêncio antes de seu suspiro fazer cócegas em meu ombro, onde seus lábios estavam. — Na manhã em que você veio para Armarow.

Meu cérebro falhou enquanto eu tentava me concentrar no que ele dizia enquanto brincava habilmente com meu corpo, mas em pouco tempo a compreensão me ocorreu. — Espere. — Eu engasguei, balançando a cabeça. — Você me fodeu na minha primeira noite lá.

— Eu sei. — Ele suspirou novamente, parecendo quase resignado com isso.

— Jesus. — Eu sibilei, arrancando meu corpo do dele enquanto entendia o que isso significava. — Você fodeu outra mulher no mesmo dia em que tirou minha virgindade? — Virei-me para encará-lo de joelhos. Ele era magnífico, ajoelhado com seu pau duro projetando-se de seu corpo e uma leve camada de suor cobrindo sua pele tatuada. — Horas antes de você foder sua futura esposa.

— Eu não sabia que estaria transando com você, Ari. Não até chegar a Armarow e conversar com seu pai sobre a cerimônia. Mas vou ser sincero, mesmo que tivesse feito isso, não teria mudado o que fiz naquela manhã. Você não significava nada para mim naquela época, você era apenas... — Ele parou, suspirando e passando a mão pelo rosto.

— Sua égua reprodutora — eu rosnei.

— Sim. — Ele respondeu honestamente e isso doeu ainda mais. — Para começar, nunca menti para você sobre quais eram minhas intenções, Ari. — Ele baixou o tom, para reprimir sua raiva que tentava se igualar à minha. — Isso foi antes das coisas mudarem entre nós.

— Entendi. — Eu balancei a cabeça, rastejando para fora da cama enquanto minha pele endurecia devido à fúria fria que corria através de mim. — Essa foi provavelmente a pior resposta possível que eu poderia ter recebido. — Dei de ombros: — Não, acho que poderia ter sido pior se você me dissesse que transou com alguém logo antes da cerimônia. Suponho que tive sorte de ter acontecido horas antes. — Eu fumeguei e congelei, virando-me para encará-lo, onde ele estava sentado na beira da cama. — Espere. — Eu levantei meu dedo para ele. — É por isso que você não estava lá no jantar? Você faltou porque estava transando com outra pessoa, em vez de me conhecer e ser um ser humano decente? — Minha voz aumentou.

— Eu já te disse. Eu estava lá naquela noite; você simplesmente não me viu. — Ele respondeu uniformemente.

— O que isso significa?

— Isso significa que eu observei você pelas câmeras de segurança do meu escritório o tempo todo que você esteve fora do seu quarto. Eu simplesmente não me juntei a vocês na mesa.

— Por que não? — Eu respondi — Você não se importou com quão assustada eu estava? Quão aterrorizante foi todo o processo? Você não percebe que poderia ter aliviado um pouco isso para mim apenas sendo uma pessoa decente e aparecendo para comer comigo?

— Eu não pude me juntar a você, Ari, porque, desde o primeiro segundo em que você saiu do quarto, fiquei tão impressionado com você que não conseguia pensar direito. — Ele respondeu, endireitando-se na cama e diminuindo lentamente a distância entre nós. — Eu estava tentando jogar um jogo de xadrez de nível especialista e não podia deixar você se aproximar de mim ou estragaria tudo no segundo em que seus olhos castanhos perfeitos pousassem em mim. Eu teria caído de joelhos aos seus pés ali mesmo e lhe dado tudo o que você quisesse.

Meu queixo se fechou enquanto tentava dizer a mim mesma que ele estava mentindo, inventando a história para me apaziguar. Mas quando ele parou bem na minha frente, eu sabia no fundo que ele estava dizendo a verdade. — Será que cair de joelhos teria sido uma coisa tão ruim? — Sussurrei. — Pense em toda a raiva e dor que poderíamos ter salvado um ao outro naqueles primeiros dias.

Ele me observou atentamente antes de levantar a mão para o lado do meu rosto e passar o polegar sobre a maçã do meu rosto. — Eu não poderia permitir que isso acontecesse antes de saber que tipo de pessoa você era, Arianna. — Ele bateu o dedo no meu peito. — Aqui. Era tão importante para mim chegar ao topo que tive que jogar direito. E curvar-se diante de você na frente de seu pai naquele momento teria sido o fim de termos uma chance real de felicidade. Ele a teria manipulado e infestado com seus motivos.

— Eu sei. — Suspirei tristemente, odiando que ele estivesse certo. — Não significa que eu deva gostar que o suco da boceta de outra mulher estivesse em você quando você tirou minha virgindade.

— Suco de boceta? — Ele arqueou uma sobrancelha para mim e sorriu. — Eu usei proteção com todas, menos com você. Você é a única mulher com quem sempre quis um futuro. E você acha que eu não tomo banho?

— Houve momentos em que você cheirava pior do que outros, então é difícil dizer. — Eu brinquei, sentindo a tensão se dissipar em meus ombros.

— Você é uma encrenqueira. — Ele apertou os dedos em meu cabelo selvagem e puxou minha cabeça para trás para olhar para ele. — E eu adoro isso, na maioria das vezes.

— Mas agora não?

— Não. — Ele respondeu. — Não quando isso me deixou com um pau duro e você ausente do orgasmo que estava perseguindo.

— Hum. — Eu cantarolei, deslizando minhas mãos por seu peito nu para circular sua nuca enquanto ele me levantava em seus braços. — Mas você ainda me ama, certo?

Ele caminhou até minhas costas encostarem a parede de vidro com vista para a cidade abaixo de nós e o nítido contraste da superfície fria contra meu corpo superaquecido causou arrepios em meu sistema. — Mais que qualquer coisa. — Ele suspirou — E não pense que eu já não sei que você usará isso contra mim em nossa vida juntos.

Lambi meus lábios enquanto ele puxava os quadris para trás e se alinhava, afundando em mim com lenta perfeição até que ele foi enterrado completamente. — Pense só, quando houver alguns minis eu circulando conforme você planejou, você nunca se livrará daquela sensação de estar enrolado no dedo de alguém.

Ele puxou os quadris para trás e depois bateu em mim novamente com um sorriso malicioso nos lábios ásperos. — Isso parece delicioso. Acho que é melhor praticar fazê-los, então estou pronto para ir logo depois de você dar à luz este.



Nico estava trabalhando sem parar para encontrar meu pai. Ele se escondeu logo antes de Carmine nos avisar sobre seus planos.

Passei meu tempo sozinha na paz e tranquilidade de Armarow e imaginei constantemente os possíveis resultados de toda aquela bagunça sórdida. Alguns envolviam Nico causando a morte do meu pai. E alguns envolviam o pai do meu filho ainda não nascido, que morreu nas mãos do meu pai.

E fiquei fisicamente magoada com apenas uma dessas duas possibilidades.

Eu não tive nem um pouco de vergonha de dizer que se algo de ruim acontecesse com Nico, eu ficaria arrasada, mas não piscaria duas vezes se meu pai falecesse.

Meu pai tinha feito sua cama no que me dizia respeito, e eu não perderia o sono por causa dele depois que ele partisse. Minha mãe também era uma mulher procurada. O que foi novidade para mim quando um dos homens de Nico perguntou sobre o que seria feito com ela quando tudo estivesse dito e feito. Algo na maneira como ele disse isso, junto com a declaração sobre ela ter arruinado sua vida anos atrás, pareceu ameaçador.

Eu não gostava da minha mãe, mas também não a odiava particularmente. Houve momentos em que eu estava crescendo, que eu tinha pequenos vislumbres da outrora jovem que foi casada como gado, forçada a passar pela cerimônia de bênção e depois usada para reproduzir herdeiros do testamento de meu pai. E quando eu conseguia esses pequenos fragmentos de humanidade dela, eu sentia pena dela.

Empatia com o que ela havia passado.

Mas foram tão fugazes e inconsistentes que o sentimento de compaixão por ela agora, depois de tudo o que aconteceu, não veio.

Mas quando me vi decidida a deixá-la encontrar seu destino nas mãos dos homens de Nico, lembrei-me de como carregava a vida dentro de mim e uma pequena parte da minha alma doeu para que meu bebê tivesse uma avó.

Os pais de Nico faleceram, primeiro a mãe quando ele era menino e depois o pai há alguns anos. Ele tinha meio irmãos, de mulheres com quem seu pai namorou antes mesmo de sua mãe morrer, mas pelas pequenas informações que Nico me deu quando perguntei, ele não manteve relacionamento com nenhum deles depois que cortou o relacionamento com suas mães com o falecimento de seu pai.

Ele não gostava muito de falar sobre isso e eu não o pressionei. Ele amava sua mãe, e a maneira como seu pai a tratou enquanto eles eram casados queimou profundamente em suas entranhas. Eu entendi sua antipatia pelos envolvidos naquele tratamento, mesmo que eles próprios fossem crianças inocentes na época.

Eu tinha meus próprios irmãos que estariam na vida do bebê se eu pudesse evitar.

Anita e Amelia iriam se derreter por causa de um bebê para estragar, eu só tinha que mantê-las seguras durante toda a escuridão que vinha em nossa direção, graças ao nosso pai.

— Esposa. — A voz calorosa de Nico me tirou dos pensamentos torturantes que estavam me consumindo quando ele entrou na biblioteca onde eu estava descansando. Olhei para ele quando ele se aproximou da cadeira onde eu estava lendo e imediatamente me senti nervosa com o olhar sombrio em seus olhos. — Você tem um telefonema.

Ele estendeu um telefone celular para mim. — Quem é?

— Carmine — disse Nico, sem oferecer mais nada.

Peguei o telefone dele e coloquei no ouvido. — Carmine? — Senti Nico parado acima de mim, mas não olhei para ele.

— Ei, Raio de sol — meu irmão respondeu e eu pude ouvir o sorriso em sua voz. — Como você está, miúda?

— Estou bem, como você está? — Eu perguntei enquanto a ansiedade subia pela minha espinha. — Por que você está ligando?

Nico colocou a mão no meu ombro, esfregando os músculos tensos e dando apoio físico.

— Tenho algumas novidades e gostaria de compartilhá-las com você pessoalmente — disse Carmine e pude sentir a mudança sombria em seu humor. — O pai sabe que Nico emitiu sua sentença de morte. E ele sabe que você se alinhou com seu marido, em vez dele.

— Como?

— Há um informante no círculo íntimo do Don, embora eu não saiba quem.

— Caramba. — Amaldiçoei, e a mão de Nico ficou tensa em meu ombro antes que ele deslizasse pela minha frente e me pegasse antes de se sentar na cadeira comigo em seu colo. Coloquei a ligação no viva-voz e a segurei entre nós. — Você está no viva-voz e Nico está aqui, então repita, Carmine.

Meu irmão suspirou e depois riu: — Pacote entregue, entendi. — Ele brincou. — Meu pai sabe de sua intenção de matá-lo e sabe que Arianna escolheu ficar ao seu lado, em vez do dele. Sua informação está vazando.

— Onde ele está? — Nicolas perguntou, ignorando todo o resto. Não era novidade para ele se eu tivesse que adivinhar.

— Ele não vai dizer. — Carmine suspirou. — Ele não confia em ninguém agora que Arianna provou que seu próprio filho lhe dará as costas.

— Você está seguro? — Perguntei. — Ele sabe que você está nos ajudando? E quanto aos outros?

— Ele ainda confia em mim com as coisas do dia-a-dia, então acho que ele não tem ideia de que sou a toupeira em sua própria casa.

Os outros não têm ideia do que estou fazendo, então estão seguros.

— Eles não estão seguros, Carmine, ele sabe que minha única fraqueza eram vocês. Se ele quiser se vingar de tudo, ele machucará um de vocês para conseguir isso. Veja o que ele fez com Cristian. — Eu chorei, enquanto o pânico se instalava.

— Calma, raio do sol. — Carmine arrulhou e Nico passou a mão pelas minhas costas. — Estou controlando tudo. Vou mantê-los seguros.

— Precisamos encontrá-lo, Carmine, quanto mais cedo ele for cuidado, mais cedo todos poderão respirar melhor. — Coloquei a mão na barriga, embalando o bebezinho que já estava com quase oito semanas. O tempo voava enquanto eu vivia à beira da incerteza.

— Eu sei, vou descobrir. Eu só tenho que fazer isso da maneira certa, para não estragar tudo. — Carmine respondeu.

— Carmine. — Nico interrompeu. — Não temos tempo para deixá-lo vivo e sem controle. Arianna está grávida. Não permitirei que ela e nosso filho sejam seu alvo.

Ainda não tínhamos contado a ninguém sobre nossas novidades, além de Molly e Matteo. E eu olhei em choque para meu marido enquanto ele contava ao meu irmão sem falar sobre isso primeiro.

— Uau. — Carmine assobiou na linha. — Parabéns vocês dois.

— Obrigada. — respondi gentilmente, sentindo-me melhor por ter alguém sabendo de nossas novidades, mas também com medo de divulgá-las para o universo.

— Esse estresse não é bom para ela, Carmine. — Nico respondeu friamente. — Então, talvez de agora em diante, quando você me ligar, você leve isso em consideração e apenas me diga o que você tem para compartilhar, como eu lhe disse para fazer uma dúzia de vezes.

Carmine riu levemente. — Anotado, Capa. Eu só queria ter certeza de que Arianna entendesse tudo e não fosse deixada de fora da tomada de decisão. Considerando que isso a envolve.

— Sim, bem, agora você sabe melhor. — Nico retrucou. — Não ligue de volta a menos que tenha notícias que realmente nos ajudem. — Ele apertou o botão encerrar e eu olhei para ele em estado de choque.

— Isso foi rude. — Eu brinquei. — Eu nem disse adeus.

— Algo me diz que ele ligará de volta em breve. — Nico revirou os olhos, jogando o telefone na mesa ao lado da cadeira. — Como você está se sentindo? — Ele perguntou, passando os dedos pela minha nuca e pelo cabelo da parte inferior da minha cabeça, massageando a tensão.

— Mmh. — eu gemi. — Shh, sem falar. Apenas me esfregue. — Fechei os olhos e deixei seu toque me derreter até que me inclinei contra ele pesadamente. — Tenho estado sozinha ultimamente. — Eu estiquei meu lábio inferior em um beicinho para adicionar humor e tentar aliviar o que a declaração me fez sentir.

Eu me senti patética.

E carente.

E chorosa.

E emocional.

E muito diferente de mim.

— Tenho estado ocupado tentando encontrar seu pai. — Nico respondeu gentilmente. — Mas minha primeira prioridade é sempre você. Então me diga o que você precisa.

— Só você. — Deitei minha cabeça em seu ombro, colocando-a sob seu queixo. — Isso é legal.

— É, esposa. — Ele se recostou ainda mais na cadeira, me reclinando em seus braços para que eu ficasse mais confortável enquanto ele continuava a massagear meu couro cabeludo. — É quase hora do jantar, vamos passar o resto da noite em nosso quarto depois de comermos. Estarei tão perto de você que você estará cansada de mim pela manhã.

— Você poderia ficar enterrado dentro do meu corpo pelas próximas vinte e quatro horas seguidas e eu não acho que vou me cansar de você, Nico. — eu ronronei, apreciando a forma como seu corpo se apertou debaixo do meu.

— Acho que gostaria de tentar isso. — ele riu, beijando minha têmpora antes de me puxar para sentar. — Mas primeiro vamos comer, para que eu saiba que você tem energia para me levar profundamente em seu corpo.

— Hmm, essa não é a pior ideia do mundo. — Pisquei e me levantei. — Você pode me dizer quais avanços você fez em todo o seu tempo longe de mim ultimamente enquanto jantamos.

Capítulo Vinte e Um

NICO



Arianna sentou-se à minha frente na pequena mesa no canto da cozinha onde jantávamos quase todas as noites. A sala de jantar estava em reforma, com nova pintura, papel de parede, iluminação e móveis escolhidos a dedo por Arianna e a equipe de design de Dubai.

Mas algo me dizia que continuaríamos a jantar na cozinha mesmo depois de pronto. Minha esposa tinha um talento especial para conversar com os funcionários enquanto eles trabalhavam e odiava ficar isolada das pessoas ocupadas, mesmo que me tivesse como companhia.

Ela era uma pessoa sociável.

Foi uma das coisas que me atraiu na primeira vez que a vi em Milão, há tantos anos.

— Em que quarto ficará o berçário? — ela perguntou baixinho quando apenas Molly e o Chef Alec permaneceram do outro lado da cozinha, discutindo o cardápio do dia seguinte.

— Qualquer quarto que você quiser — respondi, bebendo meu vinho para limpar meu paladar antes de começar o próximo prato.

— Que cômodo sua mãe usava como berçário quando você era pequeno?

— Um dos que estão do outro lado da residência, em frente ao quarto deles — dei de ombros. — Não saberia dizer qual exatamente.

Suas sobrancelhas franziram enquanto ela limpava a boca, sinalizando que havia terminado o prato. Manny apareceu do nada e retirou nossos pratos e Alec começou a preparar o próximo prato.

Minha equipe trabalhou com mais eficiência desde a chegada de Arianna, e não duvidei nem por um segundo que isso acontecia porque eles queriam impressioná-la e mimá-la por sua gentileza e generosidade para com eles em todos os momentos.

— Você não tinha um quarto na mesma ala que seus pais? — ela perguntou, sem abandonar o assunto como eu gostaria que ela fizesse.

— Não.

— Que tal quando você era mais velho?

— Eu não mudei para a ala primária até assumir toda a Cosa Nostra, Arianna.

— Por quê? — Ela balançou a cabeça em confusão.

— Porque meu pai era um filho da puta presunçoso, mas amava sua esposa — dei de ombros. — E ele se recusou a compartilhá-la com alguém, até mesmo comigo.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios rosados se separaram. — Isso é terrível — ela sussurrou.

Dei de ombros. — Eu não sabia de nada diferente.

Ela desviou o olhar da mesa e seus olhos ficaram ligeiramente embaçados enquanto ela olhava pela janela escura para o pátio. — Nossos filhos saberão diferente, Nico — ela sussurrou com tristeza. — Eles conhecerão amor e carinho incondicional. — Ela fechou os olhos e uma lágrima escorreu por sua bochecha antes de respirar fundo e olhar para mim. — Temos que aprender a ser mais do que nossos pais foram. Temos que encerrar o ciclo.

— Já estamos, Arianna. — Inclinei-me sobre a mesa e peguei a mão dela, embora meu corpo doesse para tirá-la completamente da cadeira e segurá-la na minha. — Já amamos nosso bebê mais do que nossos pais jamais nos amaram. Já estamos mudando tudo. Juntos.

Ela me deu um sorriso lacrimejante antes de respirar fundo novamente e se recostar enquanto Manny colocava dois pratos diante de nós, limpando a garganta suavemente. — Tortellini com pesto. — Ele informou com uma reverência e um sorriso para sua amiga, que retribuiu.

— Um dos meus favoritos — ela deu um tapinha afetuoso em seu braço. — Obrigada, Manny.

Ele recuou com um aceno de cabeça para mim e nós dois começamos a nos aprofundar, optando por deixar a tristeza da conversa para trás enquanto comíamos a deliciosa refeição. — Isso é bom. — comentei enquanto ela dava uma mordida gigante e depois ria.

Quando ela terminou de mastigar. — Não me olhe assim, estou morrendo de fome.

— Bom. — eu sorri de volta. — É bom ver você comendo pela primeira vez.

Ela revirou os olhos e deu outra mordida. — Sinto que tudo que faço é vomitar e comer. — Ela sorriu. — Bem, isso e dormir.

— E foder. — Acrescentei, gostando do jeito que ela corou e olhou para a cozinha, onde nossa equipe estava nos ignorando ativamente.

— Nico. — Ela sibilou e balançou a cabeça. — Nenhuma dessas coisas está mais sob meu controle. É tudo culpa dele. — Ela bateu na barriga com um encolher de ombros e eu sorri.

— Então parece com o pai dele. — Eu concordei, gostando de como ela passou a chamar nosso bebê de menino nos últimos dias, em vez de brigar comigo por causa de meus desejos.

Para ser honesto, eu ficaria em êxtase com um menino ou uma menina, não importava. Mas tive a sensação de que era um menino.

Arianna revirou os olhos e deu outra grande mordida, segundos depois tossiu, cobrindo a boca educadamente. Ela pegou seu copo de água e tomou um gole antes de tossir novamente enquanto suas sobancelhas se franziam.

— Você está bem? — perguntei, largando o garfo enquanto ela limpava a boca com o guardanapo, engolindo e tossindo novamente. — Arianna! — Eu rebati enquanto a ansiedade apertava minha espinha. — O que está errado?

Molly, Alec e Manny pararam o que estavam fazendo quando Arianna olhou para mim com pânico nos olhos e agarrou sua garganta.

— Peixe. — Ela se esforçou enquanto as lágrimas se acumulavam em seus olhos novamente.

— Molly! — Eu gritei, olhando para a mulher um segundo antes de ela sair correndo pela cozinha em direção a um dos kits que eu havia estocado pela casa em lugares estratégicos. — Rápido. — Empurrei minha cadeira para trás, derrubando-a enquanto Arianna agarrava a borda da mesa com os nós dos dedos brancos. Joguei a mesa longe de nós, espalhando a comida e o vinho por todo o chão enquanto me ajoelhava na frente de Ari. — Respire fundo, baby. — Coloquei minhas mãos em cada lado do rosto dela enquanto ela olhava em volta em pânico. — Concentre-se em mim, querida. Olhe para mim e concentre-se. Se você entrar em pânico, vai piorar. — lembrei a ela.

Depois que ela me contou sobre sua extrema alergia a mariscos, fiz uma extensa pesquisa sobre a doença, treinei minha equipe para identificar alérgenos e como administrar tratamento a ela, e abasteci a casa com todos os medicamentos conhecidos pelo homem para essa situação.

— Minha garganta está fechando — ela disse asperamente, tossindo e tentando limpar o bloqueio em sua garganta por instinto, mas foi em vão. Seu rosto ficou vermelho, o inchaço em sua boca piorou quando Molly derrapou e parou ao nosso lado, jogando o kit no chão e rasgando-o.

— Aqui. — ela me entregou a caneta, eu arranquei a tampa e empurrei o vestido de Arianna para cima, expondo sua coxa, e a esfaqueei com ela.

Arianna sibilou e franziu o rosto enquanto eu injetava o remédio em sua perna. Ela agarrou minha camisa com seus pequenos punhos enquanto ela queimava seus músculos.

— O que está acontecendo? — Matteo gritou, correndo para a cozinha com Saul e Dio seguindo. Foi só então que notei o sistema de alarme disparando pela casa.

Foi o alarme médico que programei para disparar assim que o kit EpiPen fosse removido de sua base.

— Havia peixe na comida dela. — Molly chorou, lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto Arianna lutava para respirar.

— Como? — Matteo rosnou para o Chef que estava rasgando tortellini espalhados no chão do prato de Arianna com os dedos nus.

— Eu não faria isso. — Alec balançou a cabeça em puro medo e descrença. — Não guardo nenhum marisco em casa. Não desde aquela primeira noite com a sopa de lagosta. — Ele olhou para mim onde eu ainda segurava Arianna, esperando a medicação fazer efeito. — Juro que não coloquei nada na comida dela.

— Descubra o que é e então poderemos descobrir quem fez isso. — retruquei, olhando para minha esposa. — Já deveria estar ajudando. — eu respondi, xingando quando notei o tom azul em seus lábios. — Porra! — Eu rugi, rasgando o kit para outra rodada.

— Vou levar o carro até a porta. — Matteo correu da cozinha para a garagem, homens saíram atrás dele para iniciar o comboio que precisaríamos para chegar ao hospital em tempo recorde.

Eu apunhalei outra rodada de medicação na coxa de Arianna enquanto sua cabeça começava a pender para frente e para trás enquanto um chocalho borbulhante começava a escapar de seus lábios. Molly segurou-a contra o peito, falando calmamente em seu ouvido e acariciando seus cabelos, implorando para que ela continuasse

respirando. Assim que a medicação terminou de ser administrada, peguei Arianna em meus braços e corri pela casa até a porta da frente.

— Manny! — Gritei enquanto corria. — Descubra quem fez isso!

— Sim, senhor. — ele acenou com a cabeça, trabalhando com Alec para dissecar a comida em busca de evidências do que foi usado contra minha esposa.

Matteo derrapou até parar em meu SUV e mais quatro se juntaram à fila, estacionando na frente e atrás do carro em um comboio. Pulei para dentro com Arianna em meus braços e Molly deslizou ao meu lado antes que os carros saíssem da garagem.

— Fique comigo, baby — eu sussurrei, olhando em seus olhos vidrados enquanto ela estava deitada em meus braços.

— A medicação já deveria ter feito efeito. — Molly chorou em pânico. — Por que não fez efeito?

— Eu não sei — admiti derrotado. — Eu prometo que vou descobrir. — Beije a testa de Ari, enxugando o suor que grudava em sua testa enquanto ela se agarrava a mim.

Matteo e os outros guardas dirigiram como profissionais, levando-nos ao centro de trauma em tempo recorde.

Mas quando corri para a sala de emergência com Arianna nos braços, ela estava inconsciente. — Minha esposa foi envenenada — disse aos médicos que nos esperavam quando chegamos. — Ela está em choque anafilático, dei-lhe duas rodadas de Epi, mas ela ainda não consegue respirar. Ela está grávida.

— Sr. Capasso — um dos médicos tentou chamar minha atenção enquanto os profissionais médicos cercavam Arianna na maca, conectando monitores, iniciando soros e administrando medicamentos. — Vamos cuidar dela, mas você deve sair enquanto fazemos isso.

— Não. — Tirei a mão dele do meu braço. — Faça o que tiver que fazer, mas não vou a lugar nenhum.

— Senhor, precisamos fazer a intubação. — Ele tentou novamente.
— Não é agradável de assistir.

Virei-me para ele e ele recuou um passo quando comecei a gritar.
— Alguém tentou matar minha esposa! Eu não vou sair do lado dela!

— Sim, senhor. — Ele finalmente concordou, virando-se para sua equipe e gritando ordens.

Encostei minhas costas na parede no final da cama e observei cada coisa que eles fizeram com ela. Parecia que horas se passaram enquanto eles tentavam coisas diferentes para neutralizar a reação que ocorria dentro de seu corpo, cutucando-a e esfaqueando-a com medicamentos repetidas vezes. O monitor na parede mostrava que o coração dela estava batendo, mas eu não era burro o suficiente para pensar que isso significava que ela estava bem.

— Salve-a — eu resmunguei com minha garganta seca quando senti que não aguentaria nem mais um segundo. — Por favor, não importa o que aconteça. Você tem que salvá-la.

Ninguém na sala me reconheceu, exceto o médico-chefe com quem gritei quando entramos. E até ele apenas olhou para mim por cima do corpo frágil e suspirou.

Alguém tentou matar minha esposa.

E enquanto observava aquele inchaço no monitor subir e descer a cada batida do coração dela, prometi dizimar todos os envolvidos.



— Capa. — uma voz chamou da porta do escuro quarto de hospital de Arianna horas depois. Ela foi transferida para a UTI depois que a combinação de medicamentos que os médicos finalmente descobriram funcionou para reverter o inchaço em seu corpo.

Mas ela ainda estava intubada e sedada, para que seu corpo pudesse continuar a se recuperar. Os médicos disseram que analisaram o sangue dela e não encontraram vestígios de epinefrina em seu sistema quando ela chegou. Eu injetei nela duas vezes, mas nenhum de nós conseguiu descobrir por que ela não apareceu em sua corrente sanguínea vinte minutos depois.

Eu odiava não ter respostas para perguntas simples. Isso me deixou me sentindo inútil e desanimado.

Olhei para a porta e vi meus dois cunhados esperando atrás de Matteo no corredor.

Ninguém entrou no quarto sem permissão, inclusive o pessoal do hospital. Dra. Travis examinou pessoalmente a equipe de elite autorizada a entrar com o Chefe de Segurança antes que alguém a tocasse depois que ela saísse do pronto-socorro.

— Deixe-os entrar — eu disse cansado, apertando minha mão em torno de Arianna do meu assento ao lado de sua cama.

Carmine e Cristian entraram silenciosamente com olhares de horror em seus rostos enquanto olhavam para sua irmã mais nova deitada em uma cama de hospital, ainda mal conseguindo sobreviver.

— Ela vai ficar bem? — Carmine perguntou baixinho enquanto se sentava do outro lado dela, pegando a mão dela.

— Ela deve se recuperar — respondi, olhando para minha esposa.

— E o bebê? — Cristian perguntou de onde ele estava, ao pé da cama.

— Aguentando tudo isso — suspirei. — Maldito milagre, se você me perguntar.

— Ari é forte. — Carmine me observou atentamente enquanto eu finalmente prestava atenção a qualquer um deles. — Não me surpreende que o bebê dela também seja.

Cristian puxou uma cadeira ao lado do irmão e apoiou a mão na panturrilha de Ari. — Você já sabe como isso aconteceu? — Os cortes em seu rosto estavam enfaixados e o inchaço era bem menor do que antes, mas ele ainda parecia uma merda.

Balancei minha cabeça solenemente. — Farei isso antes que o sol nasça no céu. Mesmo que eu tenha que fazer isso sozinho.

— Acho que nosso pai estava por trás disso. — admitiu Carmine. — Não tenho provas, mas faz mais sentido.

— Acordado.

— Mudei Anita e Amelia para uma casa segura. — Ele suspirou. — Não posso arriscar que ele nos varra da face da terra.

— E vocês dois? — Eu balancei a cabeça para eles. — Vocês pareceriam alvos maiores do que suas irmãs mais novas.

O Rosetti mais velho encolheu os ombros e o mais novo sorriu sadicamente antes de afirmar. — Eu sobrevivi à ira do Don. Eu gostaria de vê-lo tentar.

— Senhor. — Matteo interrompeu da porta. — Temos novidades. — Atrás dele, Saul e Dio estavam ameaçadores com a morte nos olhos. Eles levaram para o lado pessoal que alguém atacou Arianna em sua própria casa, bem debaixo de seus narizes, e eu pretendia deixá-los usar essa raiva a favor dela para resolver toda essa confusão.

— Mande Molly entrar. — respondi, acenando para Carmine e Cristian saírem do quarto antes de me inclinar e beijar a testa de Ari. — Estarei lá fora, pequenina. Eu te amo.

Eu não tinha saído do lado dela desde que tudo começou, mas precisava eliminar a ameaça à segurança dela, e não precisava fazer isso na frente dela, caso ela pudesse nos ouvir. Eu não queria que nada a perturbasse.

Molly entrou e sentou-se no meu lugar, pegando a mão de Ari e acenando para mim.

Ela a tinha.

A lealdade da jovem para com minha esposa era feroz e não havia sentimento melhor no mundo do que saber que Ari tinha alguém assumidamente ao seu lado ao meu lado.

— Eu volto já. Dio e Saul estarão na porta. — Caminhei em direção ao corredor quando sua voz gentil me chamou de volta.

— Faça doer, Nico. — Molly olhou para minha esposa, mas eu sabia que era ela quem falava. — Quem fez isso com ela. — Ela voltou seu olhar para mim com os olhos enevoados. — Faça doer em troca.

— Eu vou, Molly. — Baixei a cabeça e saí, sentindo-me abalado por sua crueldade. Ela sempre foi calma e gentil, mas ficou tão abalada com tudo isso quanto eu. E se ela precisasse de violência para estabelecer seu equilíbrio, eu daria isso a ela.

Havia uma sala vazia do outro lado do corredor, e eu segui Matteo, Carmine e Cristian até ela, onde todos ainda podíamos ver o quarto de Ari.

— Foram necessários nove caras para revisar as imagens de segurança das últimas duas semanas, mas descobrimos quem fez isso, e sequencialmente, descobrimos que a toupeira vazou informações para Emilio. — disse Matteo, conectando seu telefone à TV e exibindo a foto de uma mulher em um dos uniformes da nossa empregada. — O nome dela é Valentina Shaw. Embora ela usasse o nome de Valentina Harlow quando se candidatou ao emprego como empregada doméstica em Armarow. Ela foi examinada, mas o pseudônimo não foi identificado.

A raiva queimou dentro de mim quando vi o rosto da mulher responsável por machucar minha esposa e meu bebê ainda não nascido. — Mostre-me.

Os irmãos de Arianna ficaram tensos ao meu lado enquanto assistíamos às imagens de segurança da cozinha enquanto Alec preparava o jantar. Ele estava misturando a massa no balcão quando

Molly entrou, seguida pela equipe de refeições que trazia mantimentos para a propriedade algumas vezes por semana. Alec se afastou da comida e pegou a lista de Molly enquanto a equipe desempacotava os itens e começava a guardá-los.

Um dos funcionários de refeições era a mulher da foto.

Valentina.

Ela levou algumas cargas diferentes de mantimentos da cozinha até a despensa, a cada vez, olhava ao redor da cozinha e depois para a mistura deixada sozinha no balcão. Em sua última viagem pela massa, ela passou a mão por cima, parando apenas por uma fração de segundo e despejou algo na massa.

— Toque de novo. — eu disse, e Matteo rebobinou a fita, ampliando a mixagem em si e reproduzindo quadro a quadro enquanto a mulher passava.

Na abertura da manga, um frasco de vidro se projetava sob sua mão, quando ela sacudiu o pulso, um líquido transparente derramou-se na massa.

Eu assisti repetidamente, para frente e para trás, tentando descobrir que alguém poderia tirar três segundos e meio de sua vida e chegar perto de matar Arianna por causa disso.

Foi isso.

Três segundos e meio do início ao fim antes que todos os vestígios do líquido dentro da massa desaparecessem.

Depois que as refeições foram entregues, Alec voltou ao balcão e terminou de preparar a massa para ser prensada e enrolada em tortellini para o nosso jantar.

— O chef estava envolvido nisso? — Carmine perguntou.

— Não — respondi imediatamente. — Ele adora sua irmã. — Eu balancei minha cabeça. — A refeição dele foi apenas a arma que aquela mulher usou.

— Tem mais. — Matteo disse severamente, chamando nossa atenção de volta para ele da tela. — Quando os caras estavam assistindo a filmagem da cozinha, eles se depararam com isso.

Ele trocou os videocliques e assistimos suas novas filmagens.

A cozinha estava ocupada, a preparação matinal estava acontecendo por todo o espaço enquanto empregadas e mordomos entravam e saíam do espaço. — Quando foi isso? — Perguntei.

— O dia em que você e Arianna voltaram para Armarow. — respondeu Matteo. — Observe o canto superior esquerdo.

Segundos depois a mesma empregada entrou na sala com uma pilha de lençóis nas mãos, abrindo a porta do armário da despensa do mordomo para guardá-los.

O mesmo armário onde estava guardado o kit de medicamentos de Arianna.

Aproximei-me da tela para ver melhor a mulher parada atrás da porta do armário, obscurecendo o que estava fazendo. — Troque as câmeras.

Matteo passou para a outra câmera de dentro da despensa, capturando a mesma cena na tela. Desta vez, quando ela escondeu suas ações de todos os outros na cozinha atrás da porta, tivemos uma visão clara.

Ela abriu a tampa do kit médico de Arianna, tomando cuidado para não desalojá-lo do suporte ao qual estava preso e que acionou o alarme. Então, depois de uma rápida espiada por cima do ombro, ela removeu as duas canetas do estojo e as substituiu por réplicas exatas.

— Ela os substituiu por insucessos. — Matteo respondeu à pergunta não feita. Então, dois outros cliques apareceram um ao lado do outro na tela, mostrando-a fazendo a mesma coisa com outros kits pela casa no dia em que voltamos para a propriedade. — Ela garantiu que Arianna não receberia os cuidados de que precisava depois de envenená-la.

— Jesus, porra. — Cristian amaldiçoou. — Você tem alguma ideia de quão sortuda ela é por estar viva, não apenas por ter sido exposta ao seu alérgeno, mas por ter vivido vinte minutos sem medicação para reverter isso? — Ele andou pela sala. — Ela teve um episódio anafilático uma vez quando éramos crianças, e foi à coisa mais assustadora que já vivi. — Ele balançou a cabeça horrorizado.

— Onde está a mulher agora? — Carmine perguntou.

— Detida — respondeu Matteo, chocando a todos nós. — Ela estava tentando fugir da aldeia quando Davide Bussa se aproximou dela.

— O pai de Molly pegou a mulher? — Eu pedi esclarecimentos.

— Um alerta em massa foi enviado a todos os funcionários após identificá-la, revelando a tentativa de assassinato de Arianna. Momentos depois ele a viu correndo entre os prédios, ainda de uniforme. Ele a abordou e alertou a segurança sobre seu paradeiro.

— Cuide para que ele seja recompensado — respondi com firmeza. — Em grande parte.

— Sim, Capa. — Matteo assentiu. — A mulher, Valentina, está protegida em Armarow. Como você quer que isso seja tratado?

— Eu vou fazer isso. Pessoalmente. — Suspirei, esfregando a mão no rosto, tentando descobrir como estar com minha esposa e, ao mesmo tempo, vingar esse ataque cruel à vida dela.

— Eu ficarei. — disse Carmine, notando minha mente perturbada. — Leve Cristian com você para cuidar da empregada, eu irei atualizá-lo imediatamente se algo mudar.

Eu refleti sobre isso na minha cabeça, dividido entre não confiar mais em ninguém perto dela e a queimação dentro de mim pedindo derramamento de sangue e respostas. Embora presumíssemos que fosse Emilio Rosetti, precisávamos ter certeza antes de descartar a possibilidade de ser outra pessoa.

— Dio e Saul ficarão com você — eu finalmente concedi, confiando no favor de Arianna para com seus irmãos. — Matteo e Molly também.

— Tudo bem — Carmine assentiu. — Gosto muito do charme de Molly. — Ele piscou, ignorando o olhar que Matteo enviou para sua nuca antes de voltar pelo corredor para o lado de sua irmã.

— Não o mate por flertar com a pobre garota — ordenei a Matteo, arrancando um olhar curioso de Cristian. — Deixe-o flertar e distrair Molly do perigo que ela está sentindo agora, se ele quiser. Não vai doer nada e pode até ajudar a pobre menina.

— Tanto faz. — Matteo retrucou, seguindo o homem como se estivesse com medo de deixá-lo sozinho na presença de Molly. Dei um tapinha nas costas de Cristian e saí, parando brevemente para olhar minha esposa ainda adormecida antes de ir em direção ao carro.

— Vamos antes que eu mude de ideia.

— Acho que vou gostar bastante de estar deste lado da raiva do Don. — Ele sorriu, caminhando ao meu lado.

Capítulo Vinte e Dois

ARIANNA



DOZE ANOS DE IDADE

As folhas de cores vivas estalavam sob minhas botas enquanto eu caminhava pelos jardins elaborados. Disseram-me para ficar por perto, para não vagar e incomodar ninguém, mas eu nunca soube quais eram esses limites de espaço e comportamento até já cruzá-los.

Era como um jogo que meu pai gostava de jogar para me manter alerta.

Não faça nada de errado.

Mas não vou dizer o que é certo ou errado até que o jogo termine.

Nem lhe direi o castigo até que o aplique.

Às vezes, era o pior tipo de tortura, dentre todos os seus jogos doentios. Isso era dizer alguma coisa porque tortura era sua coisa favorita.

Pelo menos no que me diz respeito.

Ter doze anos era difícil.

Segundo meu pai, eu não era mais uma criança, era um ativo empresarial. Um para ser trocado e negociado como propriedade para

ele obter algo que ele queria mais do que eu. O que poderia ser qualquer outra coisa no mundo, porque o homem nem gostava de mim.

Acho que ele nunca fez isso.

Para testar o destino que já estava destinado à raiva, caminhei pela propriedade, vagando mais longe do que normalmente faria. Porque, por que não?

Eu seria punida de qualquer maneira.

Poderia muito bem explorar um pouco, mesmo que estivesse frio como gelo. O vestido branco com babados que minha mãe me fez usar no velho castelo pouco ajudou a afastar o frio do outono, mas eu não ia deixar isso me impedir.

As árvores eram as mais brilhantes que eu já tinha visto antes, eu queria ficar olhando para elas para sempre. Não tínhamos árvores assim na cidade.

Elas eram de tirar o fôlego.

Enquanto vagava por um elaborado jardim da propriedade Armarow, imaginei como seria viver entre a natureza, além das místicas muralhas do castelo. Seria mágico e emocionante? Ou seria solitário e isolado como em qualquer outro lugar que eu fosse?

Aposto que seria mágico.

A aventura das encostas onduladas, espalhadas até onde a vista alcançava, me levaria a grandes aventuras. Eu simplesmente sabia disso.

Eu ansiava por viver aqui entre a equipe educada e as pessoas gentis da aldeia que conhecemos no caminho.

Era uma diferença tão grande para a cidade que eu ansiava por me afogar nela.

— Acertei.

Eu congelei com um pé levantado no ar enquanto a voz chegava até mim por entre as árvores. Lentamente baixei a bota até o chão e me

abaixei para olhar por entre as árvores densas.

— Você acertou — uma voz diferente voltou à primeira. Pareciam dois meninos, logo depois da primeira camada de árvores.

Olhei ao meu redor, procurando a melhor maneira de fugir das árvores sem ser detectada, porque algo queimava em minhas entranhas que me dizia que eu havia encontrado o limite da distância e do comportamento, e se eu fosse mais longe, eu o cruzaria.

E não tive vontade de levar uma surra hoje.

Eu me virei e silenciosamente contornei a maioria das folhas secas, tentando evitar que os gravetos recuassem, quando ouvi um barulho lamentável vindo de dentro das árvores que me deixou paralisada.

Miau.

Silvo.

— Porra, basta bater a cabeça, isso está ficando chato. — Uma voz diferente reclamou enquanto um arrepio percorreu minha espinha.

Eles estavam machucando um gato.

Antes que eu pudesse pensar duas vezes, estupidamente abri caminho através da linha das árvores e tropecei em uma clareira de onde vinham as vozes. O trio de adolescentes não me notou, mas quando um deles levantou a bota sobre a cabeça de um gatinho, gritei. — Pare com isso!

Três cabeças iguais de cabelos escuros e olhos azuis brilhantes viraram-se em minha direção e o medo explodiu em meu cérebro.

Corra.

Foi à primeira coisa que me veio à cabeça, mas já era tarde demais.

Virei-me em direção às árvores e dei apenas um passo e meio antes que um par de mãos se enroscasse em meu cabelo e me arrancasse da segurança da folhagem e me jogasse no chão, no centro

da clareira. Caí no chão ao lado do gato que estava amarrado por uma coleira a uma estaca no chão, lutando com a vida para sair.

— Bem, bem, bem. — O mais velho zombou de mim enquanto eles me circulavam. Foi ele quem me agarrou e me jogou no chão. — Quem temos aqui?

Os outros dois pareciam igualmente ameaçadores enquanto andavam ao meu redor, com as botas pesadas pisando na terra.

— Ela é a rainha da Inglaterra? — o do meio brincou. — Você pensaria assim, pela forma como a equipe agiu antes da visita dela.

— Talvez ela seja o bobo da corte. — O mais novo zombou de mim. — Ela parece engraçada.

Mas o mais velho é aquele em que fiquei de olho enquanto ele estava aos meus pés com os braços cruzados sobre o peito. Ele era mais velho que Carmine, se eu tivesse que adivinhar, diria dezoito anos. Talvez mais velho.

Os outros dois tinham entre dezesseis e quatorze anos.

Todos os três eram mais velhos e muito maiores do que eu. E eu não sabia o que fazer.

Eu deveria ter mantido minha boca estúpida fechada ou corrido de volta para a propriedade para buscar ajuda.

O silvo ao meu lado me lembrou de que o gato ainda estava preso, e eles o teriam pisoteado até a morte com as botas se eu tivesse ficado quieta.

Eu não tive escolha.

— Meu nome é Arianna. — Levantei meu queixo como se não estivesse com medo pela minha vida naquele segundo. — Meu pai é...

— Nós sabemos quem é seu pai. — o mais velho retrucou, me interrompendo. — Você sabe quem é o nosso?

Ele se ajoelhou na minha frente e eu deslizei alguns centímetros para trás para fugir da loucura que vi em seus olhos. — Dominic

Capasso?

Para ser sincera, eu não tinha ideia de quem eram os meninos. Mas se eu tivesse que adivinhar, considerando que estávamos na casa do Don, eles pertenciam a ele.

— Bingo. — O mais velho disse com um grunhido. — E foi você quem eles trouxeram, para estragar tudo.

— O que você está falando? — Eu sussurrei, entendendo um pouco melhor seu desdém aberto por mim agora, embora eu não soubesse o que tinha feito para causar isso.

— Pequena Rosetti, querida, está aqui para se casar com o lobo mau e garantir que nenhum de nós jamais veja o trono. — ele protestou e depois cuspiu em meus pés. Recuei do movimento ofensivo e corri para longe dele.

— Não sei o que isso significa. — Tentei manter minha voz calma e serena, como fazia quando meu pai estava em alvoroço. Às vezes isso ajudava a manter os punhos para si. Na maioria das vezes isso não acontecia, mas geralmente atrasava o inevitável.

O mais velho mordeu os dentes e se levantou, olhando para mim ameaçadoramente antes de olhar para seus irmãos que me flanqueavam. — O que você acha que o lobo faria se pisoteássemos o rosto de sua linda noiva como os gatos? Você acha que papai teria que começar todo o processo de encontrar uma esposa para seu amado filho novamente?

Minha boca se abriu em choque absoluto segundo antes de meu cérebro começar a funcionar.

E usei o poder do meu cérebro para expulsar dos pulmões o grito mais alto da minha vida. O barulho saiu dos meus lábios como um vulcão violento em erupção, mas o ato impressionante durou apenas alguns segundos antes que o mais velho se lançasse sobre mim, cobrindo minha boca com a mão e prendendo minha cabeça no chão.

— Cale a boca — ele sibilou, empurrando meu rosto na terra e na pedra, cortando minha bochecha. — Cale a boca ou corto sua garganta.

Lutei contra o peso dele enquanto ele subia nas minhas costas, empurrando os joelhos contra minha coluna. A agonia floresceu em meus pulmões enquanto seu peso tornava impossível respirar. Eu não conseguia gritar de novo, mesmo que sua ameaça não tivesse me assustado e silencioso. Eu não conseguia nem recuperar o fôlego para permanecer viva.

Ele ia me matar por asfixia.

As ameaças de facas e botas eram irrelevantes.

— Cara, saia de cima dela. — disse o mais novo depois de um tempo. — Você não está realmente falando sério, está?

— Sim, cara — o do meio empurrou o ombro do mais velho, mas isso não o desalojou. — Papai vai te matar por interferir nos planos dele.

— Vocês dois não entendem? — o garoto nas minhas costas estalou quando minha visão escureceu. — Se ele se casar com alguém, ele terá filhos e eles ficarão com tudo o que vem na fila. Estaremos tão longe do trono que nem o veremos mais.

— De qualquer maneira, nunca conseguiremos, Diego. — Um deles gritou, empurrando o que estava nas minhas costas novamente, mas eu estava tão perto da inconsciência que não conseguia mais decifrar a diferença em suas vozes. Minhas unhas cravaram-se na terra, curvando-se para trás enquanto eu lutava para me livrar da pressão em meus pulmões. — Papai nunca vai nos reconhecer do jeito que queremos, ele é muito antiquado. Apenas saia de cima dela.

— Não. — respondeu Diego, o mais velho, empurrando com mais força minha nuca e minha cabeça até que pude sentir o calor do sangue se misturando com a terra fria sob meu rosto. — Acho que quero deixar de matar animais de rua e ver como é matar um humano.

— Diego! — Um dos outros irmãos gritou novamente antes de, de repente, o peso nas minhas costas se intensificar por um milésimo de segundo antes de diminuir completamente.

Respirei fundo, sugando sujeira e detritos enquanto tentava me sentar no chão, mas meu corpo protestou como se meus membros ainda estivessem presos.

Avistei o irmão mais novo fugindo da clareira enquanto uma briga acontecia atrás de mim, mas eu ainda estava tão concentrada em respirar que não ousei olhar por cima do ombro.

— Eu pensei que tinha dito a vocês, bastardos, para aprenderem o seu lugar. — Uma voz profunda de barítono que eu não tinha ouvido antes repreendeu antes do irmão do meio voar pelo ar, pousando ao longo da linha das árvores em um monte de galhos e gritos.

— Foda-se! — Diego gritou quando finalmente coloquei meus braços para trabalhar e me deitei de costas para ver o que estava acontecendo.

Um homem alto como uma árvore e largo como um caminhão estava parado perto do garoto que havia decidido me matar por causa de alguém chamado lobo e estava apertando as mãos em volta da garganta. O rosto de Diego estava vermelho derretido e mais roxo a cada segundo enquanto ele balançava os punhos em direção ao rosto e aos braços do homem maior, tentando desalojar seu aperto, mas eles simplesmente ricochetearam como se ele não os sentisse.

Observei com horror o corpo do meu atacante ficar mole antes que o recém-chegado finalmente soltasse a garganta e o deixasse cair no chão. O garoto do meio havia fugido em algum momento, despercebido, e agora éramos apenas nós três na clareira.

E eu temia o grandalhão ainda mais do que os outros três juntos.

Como se sentisse meu medo, ele se virou e finalmente olhou para mim, onde eu estava encolhida no chão, coberta de sangue e sujeira. Seus olhos verdes eram tão vibrantes que brilhavam através da fraca iluminação da floresta.

— Você está bem? — ele rosnou para mim, eu me encolhi, apoiando-me nas mãos e no traseiro. Ele gemeu, revirando os olhos e suspirando antes de limpar as mãos nas calças do terno preto e

caminhar em minha direção. — Eu não vou machucar você. — Ele ergueu as mãos enquanto se aproximava.

Balancei a cabeça com medo, incapaz de forçar as palavras a saírem da minha boca seca. Ele se agachou aos meus pés e lentamente levou a mão ao meu rosto, usando apenas as costas de um dedo sob meu queixo para virar meu rosto para que ele pudesse ver minha bochecha machucada.

— Isso foi tudo que eles fizeram com você? — Seus olhos verdes escureceram e sua mandíbula cerrou quando eu olhei para ele estupidamente. — Eles tocaram em você em algum outro lugar, pequenina?

— Não. — eu sussurrei, finalmente entendendo o que ele quis dizer. — Eles simplesmente me jogaram no chão.

Ele acenou com a cabeça uma vez e depois tirou a mão do meu queixo. — Vamos levar você de volta para casa.

— Você é o lobo? — Eu perguntei enquanto ele me ajudava a levantar. Ele parecia muito mais velho que o irmão mais velho do trio, mas não velho como meu pai. Ele se parecia com os homens que meu pai pagava para nos proteger; alto, forte e poderoso. — Eles falaram sobre eu pertencer ao lobo, mas não entendi o que queriam dizer. — Ele não respondeu, mas separou os galhos da árvore para eu passar e eu congelei, finalmente me lembrando do que começou tudo isso. — Espere! O gatinho.

Voltei para o centro e procurei no chão de terra pelo gatinho com listras laranja que havia sido preso como sacrifício, como eu, mas ele havia sumido. Levantei a corda amarrada à estaca e descobri que a ponta estava desgastada e desamarrada.

Ele se foi.

— É por isso que você estava aqui para começar? — O homem acenou com a cabeça para a corda em minha mão.

— Eles iam matar o filhote. — eu disse com tristeza, jogando a corda de volta na terra e olhando em volta em busca da coisinha. —

Você acha que estará a salvo deles? — Olhei de volta para ele, esperançosamente.

Um lado de seus lábios se puxou para trás no que pensei ser uma tentativa de dar um sorriso malicioso, mas não consegui dizer. Suas feições escuras eram tão sérias e difíceis de discernir. — Você escapou por pouco da sua morte e está preocupada com a vida de outra pessoa? De um gato? — ele questionou antes de suspirar e acenar para eu passar pelas árvores que ele ainda mantinha abertas.

— Minha vida já foi escrita para mim. — dei de ombros. — Nada vai mudar o que já está planejado.

Ele ficou em silêncio enquanto eu caminhava por entre as árvores, estremecendo levemente enquanto meu corpo cansado se curvava para passar pelos galhos.

— Vou pedir ao zelador que procure o gato e o proteja. O que isso se parece? — Ele finalmente disse enquanto caminhava ao meu lado. Tentei descobrir quem ele era enquanto caminhávamos, ele estava bem vestido, tinha uma aparência elegante e parecia um pouco com o trio de garotos que me aterrorizara, mas seus olhos eram de cores opostas. E eles não agiram relacionados.

O trio eram os filhos do Don, mas quem era esse?

— Era um gato rajado laranja. — eu finalmente disse, sacudindo a árvore genealógica tentando se pintar dentro do meu cérebro.

Primos, talvez?

— Farei o que puder. — Ele respondeu rispidamente.

— Você nunca respondeu minha pergunta. — Virei-me e olhei para ele quando chegamos à entrada da trilha que levava ao pátio. Ele parou de andar como se fosse o fim do seu caminho e eu deveria percorrer o resto do caminho sozinha. — Quem é você? E ele? — Acenei de volta para a floresta onde o garoto inconsciente ainda estava deitado.

Ele colocou as mãos nos bolsos da calça e balançou sobre os calcanhares, olhando para a casa diante de nós. — Eu não sou ninguém.

— Você é o lobo, não é? — Eu desafiei. Eu não sabia quem era esse 'lobo', mas parecia que os meninos estavam intimidados por ele, isso combinava com a vibração que esse homem estava emitindo. O homem a quem eu supostamente pertencia.

Ele suspirou como se eu o estivesse irritando, algo que Cristian fazia o tempo todo quando eu o repreendia com perguntas, então olhou para mim. — Não se preocupe com os Lobos Maus, Arianna. — Ele respondeu enigmaticamente. — Nunca acabou bem para Chapeuzinho Vermelho. — Ele acenou com a cabeça em direção ao caminho mais uma vez. — Entre antes que você morra congelada. Certifique-se de contar aos seus pais exatamente o que aconteceu aqui.

— Eles não se importariam de qualquer maneira. — Olhei para os meus pés e os fiz começar a se mover em direção ao castelo e para longe do homem que me intrigava e me assustava, tudo ao mesmo tempo. — E você entendeu errado meu conto de fadas. — Virei-me em círculos alguns metros adiante, segurando meu vestido manchado de lama e a pele suja, inclinando a cabeça para o lado e lançando lhe um último olhar. — Sou a filha esquecida que mora no sótão com os ratos.

Andei mais adiante no caminho, mas me virei quando sua voz me seguiu. — Ela não se torna uma princesa no final?

Eu ri e encolhi os ombros. — Altamente improvável. A menos que você acredite que velhas loucas podem transformar abóboras em carruagens e ratos em cavalos. — Ele não respondeu e parecia bobo ficar a quinze metros de distância e continuar uma conversa, então dei-lhe um leve aceno com uma das mãos e voltei para a propriedade.

Quando olhei para o topo da escada da casa, ele havia sumido. E eu não tinha certeza do porquê, mas senti falta da presença dele.

E foi como se eu imaginasse toda aquela coisa bizarra como um sapatinho de cristal esquecido.

Capítulo Vinte e Três

ARIANNA



O peso da escuridão que estava me segurando finalmente começou a desaparecer, deixando meu cérebro lutar através da névoa do tônico da minha mãe.

Devo ter me sentido mal porque desta vez foi uma dose especialmente forte.

— Hum. — Cantarolei, lutando contra o peso das minhas pálpebras como se fossem as coisas mais pesadas do mundo.

— Arianna. — a voz profunda de Nico vibrou contra minha têmpora segundos antes de seus lábios quentes pressionarem um beijo nela. — Abra seus olhos para mim, baby.

— Hum. — Cantarolei de novo, incapaz de tirar a língua do céu da boca enquanto abria um olho. Seu rosto perfeito estava embaçado quando ele se inclinou bem na minha frente, e a confusão sacudiu meu cérebro lento.

O que ele estava fazendo aqui?

Onde estavam meus pais?

Por que eu estava drogada com o tônico, se Nico estava aqui?

— Vamos, pequenina — ele disse novamente. — Abra esses lindos olhos para mim. Já faz muito tempo que não os vejo.

Forcei ambos os olhos a se abrirem, usando toda a minha força, então pisquei algumas vezes para limpar o borrão deles. — Nico.

Seu rosto áspero se ergueu com um sorriso de alívio de tirar o fôlego enquanto ele segurava o meu em suas mãos, esfregando os polegares em minhas bochechas. — Bem-vinda de volta à terra dos vivos, querida — ele disse, me beijando suavemente e depois encostando sua testa na minha e me respirando.

— O que aconteceu? — Levantei minha mão até seu peito e passei meus dedos sobre o tecido macio de sua camisa, me firmando enquanto o pânico tentava se infiltrar pelas rachaduras em minha memória.

— Você teve uma reação alérgica no jantar. — ele respondeu, afastando-se para olhar para mim. — Você se lembra disso?

Minha testa franziu enquanto eu tentava lembrar o que levou até aquele momento, e então tudo voltou.

Pânico.

Ansiedade.

Asfixia.

— O bebê? — Eu engasguei, agarrando o cobertor colocado sobre meu corpo para tirá-lo. Eu não conseguia movê-lo debaixo de seu quadril, onde ele estava sentado na beira da cama e se debatendo. — Ele está bem?

— Shh. — Nico arrulhou, puxando o cobertor e depois levantando a camisola que eu estava usando para que eu pudesse passar a mão sobre a pele nua do meu abdômen. — Ele está perfeitamente bem. Os médicos têm monitorado vocês dois durante todo o tempo que estivemos aqui.

Esvaziei-me de volta nos travesseiros com a mão embalando minha barriga enquanto lágrimas queimavam em meus olhos. — Ele está realmente bem? — Eu questionei, hesitante em acreditar.

— Eu prometo, ele está bem. — Ele cobriu minha mão com a sua e depois me cobriu de volta, mantendo-me aquecida pelo ar frio do

quarto.

Um quarto de hospital.

— Há quanto tempo estou aqui? — Eu me perguntei em voz alta enquanto seu polegar desenhava pequenos círculos ao redor do meu umbigo.

— Dois dias — ele suspirou. — Você estava quase sem vida quando cheguei aqui. — Ele engoliu em seco e mexeu a mandíbula para frente e para trás antes de fechar os olhos e pressionar a testa na minha novamente. — Eu morri uma e outra vez os vendo trabalharem em você, querida. Nunca mais quero me sentir assim.

— Desculpe. — Dei um tapinha em sua bochecha e o beijei suavemente. — Como isso aconteceu?

Ele balançou a cabeça, mantendo-a contra a minha. — Seu pai contratou uma mulher para assassinar você. — Recuei dele quando o peso de sua declaração me atingiu. — Ela se infiltrou na equipe de Armarow e esperou pelo momento perfeito para atacar. Ela contaminou sua refeição com uma forma concentrada de seu alérgeno e depois trocou todas as canetas alergênicas por insucessos. — Sua mandíbula estalou com a força com que ele a apertou enquanto sua raiva aumentava. — Eu te dei duas doses e nada aconteceu, então corremos para cá. Você estava completamente inconsciente e azul quando finalmente recebeu a medicação. Você estava pendurada pelo fio da vida, Ari.

— Não acredito que ele fez isso — eu disse com tristeza. — Quer dizer, posso, mas... — Balancei a cabeça, não precisando usar outras palavras para expressar meus sentimentos.

Nico sabia.

— Carmine transferiu Anita e Amelia para uma casa segura. Interrogamos a mulher que atacou você e temos informações sobre onde seu pai estará em dois dias. — Ele disse com firmeza. — Vamos atacar então.

— Você e Carmine?

— Sim. Ele e Cristian estiveram aqui. Ele ficou com você e Cristian me ajudou a obter as informações que precisávamos da mulher.

— Cristian ajudou você a torturá-la, você quer dizer? — Estremeci e então flashbacks do sonho que tive voltaram. — Espere. — Agarrei sua camisa novamente enquanto reproduzia o sonho, tentando decifrar se era real ou não. Parecia uma imagem nebulosa no limite da minha visão que eu não conseguia focar. — O gato.

— Que gato? — Nico perguntou confuso com uma carranca. — Estamos falando do seu pai, pequenina.

Sorri para ele enquanto a névoa se dissipava, revelando o sonho para mim completamente. — Você me chamou assim na primeira vez que te conheci. — Sua testa franziu-se ainda mais à medida que sua confusão aumentava. — Na floresta de Armarow. Você salvou minha vida.

Ele sentou-se e me observou de perto. — Achei que você tivesse esquecido disso.

— Sim — admiti. — Eu não me lembrava de nada. Tive uma estranha sensação de déjà vu na primeira vez que andei pelos terrenos de Armarow, mas não consegui encontrar o lugar de onde veio. Mas então eu tive um sonho, eu acho.

— Um sonho? — Ele inclinou a cabeça.

— Uma memória? — Dei de ombros, passando a mão em sua bochecha. — Você era tão jovem. — Suspirei melancolicamente. — E bonito. — eu sorri quando ele gemeu e ignorou.

— Esses anos já se foram.

— Errado. — Tirei minha mão da minha barriga e segurei seu rosto em ambas. — Acho que você está absolutamente deslumbrante agora, assim como estava antes. Você é forte e sábio. Resistido à vida que você vive, mas não de uma forma negativa. — Passei meu dedo sobre as linhas de expressão formadas entre suas sobrancelhas enquanto ele me observava clinicamente: — Você poderia sorrir com mais frequência, mas acho que nosso bebezinho vai ajudar com isso.

Ele sorriu e suspirou, pegando minhas mãos nas suas e beijando ambas enquanto respirava fundo. — Esse foi o dia em que nossos pais concordaram com o contrato de casamento. Você era um maldito bebê e eu já era um homem adulto.

Eu olhei para ele. — Faltava três meses para ser adolescente. E isso não importa, porque mesmo nessa idade você ainda era meu príncipe encantado.

Ele bufou e balançou a cabeça. — Eu ainda sou o lobo mau. — Passando a mão pelo meu cabelo. — Você ainda é a pequena Cinderela perfeita.

— Finalmente a princesa que você sempre pensou que eu era. Mesmo com uma cicatriz. — Passei o dedo na linha branca que eu sabia que marcava minha bochecha por algo que eu havia bloqueado da minha memória. Mas agora eu tinha as respostas que sempre procurei. — Espere. — Fiz uma pausa, pensando naquele dia terrível. — Esses meninos eram seus irmãos?

— Os filhos do meu pai. Mas nenhum irmão meu. — Ele zombou.

— Por uma mulher que não era sua mãe. — Eu esclareci. — A mulher que ele roubou de você de forma egoísta, mas ainda não permaneceu fiel a você, quer dizer?

— Algo parecido. — Ele concordou. — Meu pai gerou oito filhos que reivindicou durante sua vida. Mas ele só foi casado com minha mãe.

— E quando ele morreu você... — fiz uma pausa, levantando as sobrancelhas interrogativamente.

— Erradiquei aquela infestação. — Ele respondeu uniformemente. — Os três eram os únicos que viviam nas terras de Armarow. A mãe deles era empregada doméstica quando conheceu meu pai e depois conseguiu morar na propriedade porque continuou a abrir as pernas para meu pai e a lhe dar mais filhos. — Ele zombou. — Eles não mereciam nada do que receberam ao longo dos anos. Eles eram ameaças, torturar animais e desrespeitar a equipe. Mais de uma vez, as empregadas se levantaram e desistiram com hematomas nos pulsos e

pescoços por causa de um dos trios que foi rude com elas. Eu não aguentei. E, a não ser bater em seus traseiros todas às vezes, eu não tinha poder para puni-los por serem degenerados.

— Então você esperou até ser Don e então os removeu.

— Eu os destruí. E a mãe prostituta deles. — Ele declarou. — Ela era particularmente vil, ridicularizando minha mãe constantemente e minando-a a cada passo, como se ter que viver com a prostituta do marido não fosse punição suficiente. — Ele se levantou da cama enquanto a tensão se transformava em energia dentro de seu corpo. — Eu a fiz se arrepender de tudo que fez à minha mãe antes de sua morte.

— A prostituta ou a da sua mãe? — Pedi esclarecimentos, mas já sabia a verdade.

— Sim — Nico respondeu evasivamente, dando-me a resposta sem admitir abertamente.

— Observado.

— Não aja como se isso fosse terrível, pequenina. — Ele voltou para a cama e se inclinou sobre mim. — Porque farei muito pior com qualquer um que cruzar seu caminho.

— Eu sei que você vai — eu confirmei e respirei fundo, decidindo não fugir de seu domínio e escuridão. — E eu te amo por isso.

— Você? — Ele questionou, passando o polegar sobre meu lábio inferior. — Ou isso te assusta?

— Isso me excita — respondi, mordiscando seu polegar com os dentes e chupando-o na boca. Eu sabia que era o oposto de sedutora em uma bata de hospital e com odor corporal de dois dias, mas também sabia que meu marido era tão viciado em mim quanto eu nele. — Isso me deixa louca de necessidade.

— Arianna — ele rosnou, abaixando a mão até meu pescoço, colocando o peso contra ele, mas sem apertar. — Tenha cuidado ou vou dar um choque em toda a equipe do hospital quando eu te foder aqui mesmo, com força suficiente para fazer você gritar por misericórdia. —

Engoli em seco e sorri para ele, admitindo cansadamente a derrota. — Já se passaram dois dias desde que senti seu corpo contra o meu, amor. Sou um homem muito estimulado agora, então recomendo que você não me tente.

— Sim, senhor. — Deitei-me no travesseiro e pisquei para ele. — Que tal você me levar para casa e eu deixar você fazer amor lento e doce comigo, o que você adora fazer, mesmo que você não admita isso e prejudique seu exterior de bad boy.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu alto antes de sorrir para mim novamente. Eu podia ver o cansaço em seus olhos, mesmo quando ele estava alto e forte sobre mim. Os últimos dias pesaram muito sobre ele, mesmo que ele não admitisse. — Vamos trabalhar para levar você para casa e então podemos partir daí.

— O que quer que você diga, Lobo. — eu sorri descaradamente e ele balançou a cabeça exasperado.

— Você é um problema, pequenina.



Fiquei deitada no sofá da sala com a televisão ligada ao fundo, mas não estava prestando atenção nela. Esta noite era à noite em que Nico planejou atacar meu pai, matando-o e entregando toda a fortuna Rosetti ao meu irmão, Carmine. Isso acabaria efetivamente com o reinado aterrorizante de Emilio e Mina Rosetti e garantiria que meus outros quatro irmãos nunca mais corressem perigo.

Mas havia muita coisa em jogo, deixando-me nervosa e inquieta enquanto Nico se preparava para a batalha.

— Bem, uma garota poderia se acostumar com esse tipo de vida.

Virei minha cabeça em direção à entrada e gritei de alegria quando minhas irmãs entraram.

Pulei do sofá e agarrei as duas, abraçando-as com força enquanto algo poderoso passava entre nós. Como se todas pudéssemos sentir o peso de hoje enquanto tentamos aproveitar a presença umas das outras.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Eu me afastei e olhei para as duas. Amelia estava linda em um jeans skinny escuro e um suéter creme e Anita usava uma calça de veludo cotelê cor de vinho e uma camisa verde-sálvia. Nem uma vez nenhuma de nós foi autorizada a usar calças fora de casa.

Parte do controle dos meus pais, forçando-nos a usar vestidos modestos sempre que saíamos pela porta da frente.

— Estamos aqui para mantê-la entretida. — Amelia encolheu os ombros. — Seu marido acha que você vai enlouquecer hoje. — Minha irmã de dezoito anos era uma daquelas almas velhas, independentemente da idade, e isso transparecia quando ela falava tão casualmente assim.

— E estávamos enlouquecendo. — acrescentou Anita com um sorriso malicioso. — Carmine nos trancou com mais força do que nossos pais.

— É para nossa segurança. — Amelia revirou os olhos e depois olhou para mim. — Como vai você? — Ela olhou para minha barriga com um olhar aguçado. — Há algo que você gostaria de nos contar?

Puxei-as comigo para o sofá e sentei-me com uma de cada lado. — Quem te contou?

— Acredite ou não, Cristian. — respondeu Amelia. — Acho que o quieto está realmente animado por ser tio.

— Ele tagarelou e Carmine deu um tapa nele por isso. — Anita brincou. — Por que você não nos contou?

— Apenas aconteceu e com todo o resto acontecendo... — eu disse monotonamente. — Eu simplesmente não tive chance.

— Você está animada? — Anita perguntou.

— Extremamente — respondi instantaneamente, pegando suas mãos nas minhas. — Tive sorte com esse casamento, pessoal. É diferente de tudo que eu poderia ter imaginado.

— Ele definitivamente fez uma lavagem cerebral nela. — Anita sussurrou na minha frente para nossa irmã do meio como se eu não estivesse a sete centímetros de distância. — Como podemos quebrar o feitiço?

— Oh, pare com isso. — Eu golpeei as duas. — Não vou mentir e dizer que foram só arco-íris e borboletas. Na verdade, nós nos odiamos desde o começo, independentemente de... — Congelei, olhando para Anita. — Deixa para lá.

— Não, não. — Amelia apressou-se. — Você tem que terminar essa frase. Eu tenho que ouvir isso.

Meus pais nunca falaram de relacionamentos físicos entre parceiros. Nunca conversamos sobre sexo ou aprendemos nada sobre nossos corpos além das piadas de nossos irmãos mais velhos quando pensavam que não estávamos ouvindo. Ou o que o Google poderia sugerir se decifrássemos a senha do Wi-Fi, que mudava com mais frequência do que o clima.

— Temos uma *conexão* forte. Isso é tudo. — Tentei ser educada.

— O sexo é bom. — Amelia acenou com a cabeça. — Entendi.

— Ai credo. — Anita franziu o lábio superior e recostou-se.

— Ver. — Olhei para Amelia, que apenas ergueu uma sobrancelha, divertida. — Decidimos fazer uma trégua. Nenhum de nós realmente escolheu o casamento, mas fomos forçados a isso por diferentes razões, e depois de brigar quase sem parar e de nós dois estarmos infelizes, nós simplesmente decidimos... nos dar bem. — Dei de ombros. — Depois disso, as coisas *melhoraram*.

— E agora você está grávida do herdeiro da Cosa Nostra e de repente nosso pai quer você morta por frustrar o plano dele de assassinar seu marido e casá-la com outra pessoa, uma vez que ele percebeu que não seria capaz de fazer isso usando você para controlar o Don. Em troca, nossos irmãos e seu marido vão assassinar nossos pais e nos tornar órfãos. — Amelia continuou falando como se estivesse listando uma lista de compras. — Perdi mais alguma coisa?

— Não. — Eu apertei o 'o' dramaticamente. — Isto resume tudo.

— Bom. — Amelia bateu palmas e levantou-se. — Então vamos nos concentrar em mantê-la feliz e relaxada pelas próximas horas para que tudo aconteça sem que os homens se preocupem com sua condição delicada e então todos nós possamos continuar com nossas vidas.

— Você não precisa ser tão rude com isso. — Anita engasgou, largando minha mão e cruzando os braços olhando para nossa irmã, que fez tudo parecer normal. — Vocês podem concordar em serem órfãos, mas eu não. — Meu coração doeu por minha irmã mais nova enquanto lágrimas cobriam seus cílios inferiores. Ela cruzou os braços sobre o peito e recostou-se no sofá. — Eu sei que mamãe e papai não foram os melhores pais para vocês, e gostaria de entender por quê. Mas eles não foram ruins para mim.

— Eu sei, inseto. — Suspirei, puxando-a para meus braços. — Mas se você soubesse pelo menos uma fração do que eles fizeram a todos nós, você estaria menos inclinada a permitir que o favoritismo deles obscurecesse sua mente.

— Eu sei. — Ela passou os braços em volta da minha cintura e me abraçou. — Estou simplesmente dividida.

— Isso é justo. — eu admiti. — Que tal simplesmente não falarmos sobre isso, bom ou ruim? A galera vai fazer o que precisa ser feito, independente de como a gente se sinta. Essa é a alegria de ser o Don. — Eu a lembrei. — Então, que tal termos um dia juntas em que não nos preocupemos com tudo.

— Ok. — Ela acenou com a cabeça. — Eu realmente senti sua falta desde que você se foi.

— Você parece surpresa com isso. — Eu bufei e Amelia sorriu para nossa irmã mais nova.

— Bem, você foi tão fria antes do casamento. — Anitta fez uma careta. — Era como se você já tivesse partido antes de se mudar para cá.

— Duh, Anitta. — Amelia retrucou. — Porque eles a drogaram para mantê-la quieta

— Amelia. — Eu a calei.

— Eles o quê? — Anita perguntou inclinando-se para trás para olhar para mim. — Eles drogaram você?

Olhei para minha inocente irmãzinha e me perguntei o que ela sabia e do quanto ela era ingênua. — Não se preocupe com isso hoje. Vamos apenas aproveitar o nosso dia. — Beije seu cabelo e olhei para Amelia. — Certo?

Amelia parecia triste, mas ela acenou com a cabeça, fazendo cara de corajosa e concordando comigo. — Certo.

Capítulo Vinte e Quatro

NICO



Minha esposa era de tirar o fôlego.

Sozinha, a mulher mais bonita do mundo.

Ela sentou-se na ilha da cozinha com suas irmãs, ajudando o chef a preparar sobremesas para a maratona noturna de filmes que Ari havia planejado para se distrair do que faríamos ao mesmo tempo.

A mulher que tentou matar Arianna acabou confessando quem era seu contato na segurança da Rosetti, revelando quem lhe deu as instruções a seguir. Acontece que o homem foi gentil com a mulher desonesta, com um pouco de ajuda dela, conseguimos marcar um encontro com ele esta noite.

O guarda pensou que ele estava se encontrando para uma atualização de status e uma rápida trepada atrás de alguma lixeira na cidade. Quando na realidade ele seria capturado e forçado a nos levar até meu chorão sogro.

Que estava convenientemente agendado para se encontrar com o homem com quem ele planejava casar Arianna antes de decidir matá-la.

Valentina nunca teve a chance de alertar os Rosetti de que o atentado contra a vida de Arianna havia sido frustrado, então, pelo que sabiam, ainda estávamos dois passos atrás deles.

Quando na realidade estávamos logo atrás deles.

Emilio estava se encontrando com Matthew Rizzio, o futuro marido de Arianna, para garantir ao rapaz que as coisas estavam indo muito bem em seus planos de me matar e oferecer sua filha a ele.

De acordo com Carmine, Matthew era obcecado por Arianna há anos, o que o tornava o alvo perfeito para casar com uma noiva “contaminada” depois da minha morte.

Emilio não planejava contar a Matthew que ele estava tentando ativamente matar sua filha antes de me matar e provavelmente estava apenas sugando-o até que a verdade se revelasse.

Matthew descobriria esta noite o quão errado ele estava ao conspirar contra mim com Emilio.

Eu o mataria por sua disposição de pensar com o pau e não com o cérebro. Dar livre curso ao seu desejo de ter Arianna em vez do medo do Don iria custar-lhe a vida.

E eu iria gostar de tomá-lo.

Quase tanto quanto eu iria gostar de levar o de Emilio e Mina.

Não gostei de deixar Arianna para trás, mas Armarow era impenetrável, e o exército de homens que eu estava deixando para protegê-la era mais do que capaz de protegê-la. Eu precisava acabar com todo esse caso sórdido com os pais dela para que pudéssemos seguir em frente com nossas vidas.

A escuridão que pairava sobre nós desde que descobrimos que Emilio estava usando seus filhos para ganhar terreno na Cosa Nostra havia esgotado as boas-vindas. Era hora de sentir a porra do sol novamente.

Entrei na cozinha, deslizando a mão pelo pescoço de Arianna enquanto ela cortava morangos para fazer um bolo e pressionava meu corpo contra o dela. Eu não me importava se as irmãs dela assistissem, eu iria me despedir adequadamente da minha esposa antes de partir para a guerra. — Eu preciso sair.

Ela enrijeceu um pouco antes de pousar a faca e se virar para mim. Seus olhos falavam milhares de palavras, embora ela não permitisse que nenhuma cruzasse seus lábios.

Seria inútil dizer-me para ter cuidado ou tentar me convencer a ficar para trás enquanto meus homens cuidavam do assunto.

Eu era o Don.

Eu era o Capo.

Era eu quem acabaria com tudo esta noite e solidificaria a transferência de poder que considerasse adequada.

Arianna passou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para baixo, beijando-me com aquela paixão silenciosa que eu podia ler em seus olhos. Minhas próprias mãos envolveram sua cintura fina e a puxaram com mais força contra mim, deleitando-me com a maneira como seu corpo se fundiu ao meu toque.

Não muito tempo atrás, a reação do corpo dela em relação a mim era a única maneira de saber o que ela estava sentindo.

Eu não tinha ideia do que ela estava pensando naquele momento, mas sabia o que ela estava sentindo.

E com o tempo, aprendi a ler a linguagem corporal da minha esposa para decifrar também o que ela estava pensando. Cimentando o vínculo entre nós.

— Eu te amo. — falei contra seus lábios quando ela finalmente afundou de volta nos calcanhares e deslizou as mãos pelo meu peito.

— Eu também te amo. — Ela sussurrou, olhando para o local no meu beijo onde seus dentes marcaram permanentemente minha pele por baixo da camisa. — Vá para casa, para nós. — Ela finalmente ergueu os olhos para os meus. — Precisamos de você aqui.

— Não há uma força nesta terra que possa me manter longe de você agora, Pequenina. Homem ou celestial incluído. Você é minha.

— Sim. — Ela sorriu, mas o ato não alcançou seus olhos. — Vá. Antes que meus hormônios da gravidez me façam implorar por algo que você não vai me dar.

— Eu te daria o mundo. — Sussurrei contra seus lábios. — Começando amanhã.

Ela riu, finalmente deixando-o florescer em um ato sincero, e suspirou. — Eu vou cobrar isso de você.

— Bom. — Beije sua testa e me afastei. — Vejo você quando terminar.

Acenei com a cabeça para suas irmãs que olhavam do outro lado do balcão e elas sorriram de volta. A mais nova, Anita, me observou com algo mais profundo do que sua irmã Amelia, fazendo com que os cabelos da minha nuca se arrepiassem brevemente antes que Molly e Matteo entrassem na cozinha, me tirando do transe.

— Pronto? — Matteo perguntou enquanto Molly contornava-o com a cabeça inclinada para baixo.

Olhei para ele e acenei para sua camisa com um sorriso malicioso. — Você perdeu um botão.

Ele rapidamente percebeu o botão desabotoado de sua camisa e rapidamente o corrigiu, olhando para Molly uma vez, que estava olhando para seus pés com tanta intensidade que eu teria me preocupado que ela estivesse dormindo se não fosse pela maneira como seus dedos se enrolavam em sua saia repetidas vezes.

— Deixe-os em paz. — Arianna avisou com um olhar furioso. — Despedidas são difíceis.

— Hum. — Eu cantarolei, piscando para ela. — Mas olá é muito mais gratificante. — Ela sorriu e empurrei Matteo porta afora antes que ele tentasse pular na empregada mais uma vez.

Quando entramos no carro e saímos com a cavalaria, olhei para ele, mas ele não olhou nos meus olhos.

— Então Molly finalmente deixou você entrar?

— Não estou falando sobre isso.

— Não temos mais o que conversar na viagem para lá. Poderíamos muito bem falar sobre a mulher por quem você está apaixonado desde sempre. — Eu conversei.

Ele revirou os olhos. — Você parece uma velha bruxa fofocando em um salão de cabeleireiro. — Inclinei a cabeça para trás e ri, surpreendendo ele e os outros homens no veículo. — Arianna fez algo na sua cabeça. — Ele resmungou, olhando pela janela.

— Sim. — dei de ombros. — Ela fez. A mesma coisa que Molly fará com a sua, se você tiver sorte. — Eu respondi enquanto ele deixava o silêncio se estender enquanto nos aproximávamos do nosso alvo.



— Você está bem? — Matteo perguntou mais tarde, quando estávamos sentados em nosso ponto de encontro, esperando que alguém visse Emilio antes de nos mudarmos.

— Sim — respondi, olhando pelo binóculo para a propriedade que Matthew Rizzio acabara de comprar.

Ele não sabia, mas comprou de mim, dando-me convenientemente informações privilegiadas sobre as idas e vindas da propriedade. Eu conhecia os homens que trabalhavam na propriedade durante décadas antes da chegada e eles permaneceram leais a mim mesmo após a transição.

Eu não sabia o quanto isso seria útil até hoje.

Um carro parou ao nosso lado e olhei por cima do ombro quando Cristian saiu e caminhou para o meu lado. — Qualquer atualização?

Ele balançou a cabeça, ajustando seu terno preto. — Carmine recebeu um telefonema de Emilio há uma hora para encontrá-lo aqui. É isso.

— Parece suspeito que Emilio revelasse seu paradeiro a alguém com tanta antecedência. — eu disse, semicerrando os olhos enquanto especulações enchiam meu estômago.

— Concordo. — Ele respondeu, olhando para Matteo e depois para o terreno. — Acha que é uma armadilha?

— Acho que Emilio é bom demais em ser uma cobra para não ter um plano alternativo. Só não sei se a armadilha era seu plano original ou não. — Eu resmunguei, odiando a incerteza.

— O que nós vamos fazer? — Matteo perguntou.

— Espere pela confirmação de que ele está aqui. — respondi. — E então vamos sentir isso. O pior acontecer, vamos explodir a porra da casa com ele dentro dela. — Dei de ombros. — Mas esse é o plano B porque quero ver a expressão nos olhos dele quando eu matá-lo.

Uma hora depois, recebemos nossa resposta quando Luca comunicou-se pelo rádio de sua posição do outro lado da propriedade. — O chefe Rosetti chegou, com o segundo Rosetti a reboque.

— Entendi. Aguarde ordens. — Matteo respondeu e depois olhou para mim. — O que você me diz, chefe?

Usei o binóculo e observei o carro descer a ampla calçada e parar na porta da frente, com seu exército de veículos. Emilio saiu da traseira de seu SUV e Carmine saiu atrás dele, seguindo seu pai para dentro de casa.

Segundos antes de entrar, ele olhou para a linha das árvores, sem ter certeza de onde estávamos, mas de que estávamos lá, e acenou com a cabeça uma vez.

— Sem armadilha. — Cristian interpretou para nós.

— Isso ele sabe, pelo menos. — respondi, largando o binóculo.

— Ou que ele está disposto a nos contar. — Matteo resmungou ao meu lado, me olhando atentamente.

Ele não confiava em Carmine e Cristian, e eu entendia. Afinal, eles eram o sangue e a carne do homem que estávamos caçando.

Mas eu confiava em Arianna, e ela confiou neles.

Então eu teria que dar a eles o benefício da dúvida até que mostrassem o contrário.

— Vamos embora. — Acenei com a cabeça para Matteo e depois para Cristian. — Você vai comigo.

Ele me deu um breve aceno de cabeça, entendendo que se fosse necessário, eu o usaria em uma armadilha, mas permitiria isso, o que seria bom a seu favor.

Antes mesmo de dar um passo em direção ao carro, tiros e explosões ecoaram por toda parte. O caos se seguiu, gritos rasgaram o ar noturno enquanto meus homens e eu atiramos na escuridão, usando o flash brilhante das balas vindo em nossa direção para rastrear até os canhões disparando os tiros.

Não!

Os homens caíram de joelhos e continuaram atirando até que seus corpos não funcionassem mais. A morte girava ao meu redor enquanto persistíamos em lutar.

Uma bala atravessou meu ombro no mesmo segundo em que Matteo caiu no chão, sangrando por causa de um ferimento na cabeça. — Retirada! — Eu gritei, tentando salvar o maior número possível de meus homens.

Era uma armadilha.

Mas a armadilha veio até nós, em vez de cairmos nela.

A pólvora queimou minhas narinas enquanto mais explosões lançavam terra e metal dos carros para o ar, fazendo chover mais armas

sobre nós enquanto caíam. — Vamos! — Cristian gritou, agarrando meu braço enquanto eu disparava contra um dos homens de Emilio, acertando-o na cabeça e derrubando-o. — Temos de ir!

— Saia daqui garoto. — gritei acima do barulho dos tiros. — Salve-se.

Olhei para ele por cima do ombro enquanto uma figura vestida de preto se aproximava por trás dele e acertava a coronha de seu rifle na parte de trás de sua cabeça, nocauteando-o, segundos antes de alguém fazer o mesmo comigo.

Quando a escuridão começou a tomar conta da minha visão, gemi, caindo no chão enquanto o nome da minha esposa era colocado em meus lábios pela última vez. — Arianna.

Capítulo Vinte e Cinco

ARIANNA



— Seu ritmo está me deixando enjoada. — Amelia gritou com nossa irmã mais nova enquanto ela andava de um lado para outro na frente da TV. — Você já está fazendo isso há vinte minutos e eu vou te nocautear se você não parar.

Anita nem sequer a reconheceu enquanto andava de um lado para o outro, roendo a unha. Chamei a atenção de Molly enquanto ela também observava minha irmã mais nova com um olhar pensativo.

Algo estava errado.

— Anita. — Eu chamei, lentamente me levantando do ninho de cobertores que eu tinha feito no sofá. Ela não respondeu, apenas continuou andando. — Anita. — Eu gritei mais alto e ela pulou, ficando imóvel e olhando para mim. — O que você sabe?

— Eu não... — Ela balançou a cabeça com os olhos arregalados como pires antes de entregá-los para Amelia, que se levantou do outro lado da sala e olhou para ela. — Só estou preocupada.

— Você não tem nenhuma participação no jogo. — comentou Amelia, andando ao redor de nossa irmã com os braços cruzados. — Você não tem motivos para se preocupar tanto. Mesmo Arianna não está em pânico como você.

— Eles são nossos pais, Amelia! — Anita chorou e depois cobriu a boca e olhou para mim com os olhos arregalados.

— Oh meu Deus. — Empalideci, sentindo todo o sangue sumir do meu rosto quando percebi que nossa irmã mais nova estava do lado deles. — O que está acontecendo?

Anita balançou a cabeça, antes de deixar cair às mãos e cerrar a mandíbula, fortalecendo a coluna em desafio. — Vou ficar fora disso.

Atravessei a sala em uma fração de segundo, mal vencendo Amelia para chegar à nossa irmã. Agarrei seus ombros e a girei para empurrá-la de volta contra a parede. — Você tem dois segundos para me contar tudo o que sabe antes que eu comece a bater em você! — Eu ameacei. — Se você acha que estou brincando, não se engane, irmã, vou recorrer a lesões corporais para proteger meu marido e nossos *irmãos*! — Eu gritei, lembrando a ela que não era apenas Nico contra nosso pai. Nossos irmãos estavam lá e envolvidos também.

— Anita! — Amelia gritou, me empurrando e empurrando nossa irmã contra a parede. — Ele é o Don! Você tem alguma ideia do que os homens dele farão com você se você o trair?

— Pior do que o que ele vai fazer com nossos pais? — Anita gritou.

Agarrei minha testa em desespero enquanto a ansiedade agarrava meu coração e encontrei Molly. — Dio! — Eu gritei a plenos pulmões, passando pela minha irmã teimosa desesperada para proteger Nico.

Dio e Saul correram para a sala com outros soldados. — O que é isso? — Dio perguntou, observando a cena.

— Ligue para Nico. — eu exigi. — Anita sabe de algo, mas não diz. Acho que é uma armadilha. — Eu me apressei, apertando minhas mãos para ele enquanto ele se atrapalhava com seu telefone. — Ligue para ele!

Ele segurou o telefone no ouvido enquanto Saul discava o seu, olhando para mim enquanto eles tocavam e tocavam.

— Sem resposta. — Dio amaldiçoou.

— Matteo também.

— Porra! — Eu gritei, sentindo um ataque de pânico tomar conta do meu corpo.

Corri de volta para minha irmã mais nova e dei um tapa no rosto dela, chocando-a enquanto lágrimas brotavam de seus olhos. — Diga-me o que você sabe! Papai e mamãe não pensarão duas vezes antes de deixar você aqui para sofrer a ira da Cosa Nostra por isso! É sua única chance de salvar sua própria vida!

— Não posso. — Ela chorou, balançando a cabeça para frente e para trás enquanto Amelia continuava segurando-a contra a parede. — É tarde demais. Está feito.

— Que merda! — Eu agarrei. — Diga-me!

— Eles iam emboscá-los! — Ela gritou na minha cara enquanto soluçava. — Eu ouvi Diego contando isso a um dos outros antes de Cristian nos levar para a casa segura.

— Diego? — Balancei minha cabeça em confusão. — Quem é Diego?

— Seu guarda. — Amelia gemeu. — Um homem com uma alma tão negra quanto seu cabelo. Ele odeia o Don, percebi isso em minhas poucas interações com ele.

— Espere. — Andei de um lado para o outro, quase hiperventilando, e olhei para Dio e Saul. — Diego como filho ilegítimo de Dominic?

— Porra. — Dio sussurrou enquanto as peças se encaixavam.

— Você o conhece? — Amelia perguntou, liberando nossa irmã.

— Ele tentou me matar quando cheguei a Armarow, quando era criança. — Eu andei. — Eu não me lembrava disso até recentemente. Nico cortou Diego e seus irmãos após a morte de Dominic.

— Qual era o plano de emboscada? — Dio exigiu de Anita, fazendo a jovem murchar sob sua raiva dominante. — Diga-me agora!

— Eles iriam esperar até que meu pai chegasse e então atacar o Don e levá-lo junto com seus homens para dentro da casa.

— Então o quê? — Eu perguntei, embora meu coração já soubesse a resposta.

— Eles vão matá-lo. — Ela sussurrou enquanto mais lágrimas caíam por seu rosto. — Como ele ia fazer com o papai.

— Temos que chegar lá. — Eu me virei para Dio.

— Não podemos. — Ele balançou a cabeça enquanto os homens começavam a se movimentar pela propriedade, preparando-se para se dispersar até o ponto de encontro para tentar de qualquer maneira. — Temos instruções estritas do Don sobre o que fazer se ele for capturado ou morto. Devemos removê-la para um local seguro e trancá-la até que a Cosa Nostra possa garantir sua segurança.

— Não! — Eu gritei de frustração, puxando meu cabelo. — Eu não me importo com o que ele disse! Ele ainda pode estar vivo! Meu pai não vai matá-lo rapidamente! Ele está doente e demente, ele vai arrastar isso e torturá-lo.

— Temos nossas ordens, Sra. Capasso. — Ele respondeu com tristeza, mas Saul não parecia tão facilmente convencido.

— Por favor. — Virei-me para ele e implorei. — Tem que haver uma maneira. — Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu implorava pela vida do meu marido. — Nós temos que fazer alguma coisa.

— Troque-se. — ele acenou com a cabeça. — Vamos formular um plano no caminho. — Virou-se e gritou ordens aos homens, dizendo-lhes que se preparassem para resgatar o Don.

Fiquei ali em estado de choque por meio segundo antes de Molly agarrar minha mão e me puxar para fora da sala.

— Precisamos vestir você e ir embora. — Ela disse, subindo as escadas correndo. — Eu sei como podemos salvar Nico e Matteo.

— Graças a Deus. — Eu chorei, correndo para o meu closet enquanto ela vestia seu tradicional uniforme de empregada que eu insisti que ela parasse de usar por ser monótono. Ela tinha um plano. — Por favor, deixe-nos chegar a tempo. — Eu orei em silêncio. — Por favor, por favor, por favor.



Saímos do comboio enquanto eles circulavam pela propriedade, ficando mais longe do ponto de encontro original de Nico que foi atacado.

Finalmente recebemos a notícia, a cerca de vinte minutos da propriedade de Matthew Rizzio, de que os homens de meu pai atacaram o grupo de Nico onde esperavam.

Não havia sobreviventes no local, mas Nico, Matteo e Cristian não estavam lá.

O que significava que eles foram levados e possivelmente ainda vivos.

Tive que colocar a cabeça para fora da janela e vomitar quando recebemos a notícia, pois a náusea e o pânico forçaram todas as sobremesas que eu havia comido antes. Mas me recusei a parar com o plano.

Os outros dois grupos de homens de Nico não atacaram depois que o Don foi capturado porque sabiam que isso significaria morte certa para ele. Em vez disso, esperaram e formularam uma abordagem mais ampla à propriedade que os deixaria melhor sem serem

detectados. Somando-se aos cem homens que trouxe de Armarow comigo, a força era forte para enfrentar tudo o que meu pai tinha.

— Diga-me o que você vai fazer de novo. — Saul ordenou do banco da frente.

Não foi fácil convencer Dio a nos acompanhar e permitir que eu participasse do grupo de extração, mas ele finalmente cedeu. E então, no caminho, elaboramos um plano graças à habilidade insana de Molly de ouvir fofocas e conversa fiada como militar.

Era um bom plano, como a propriedade era propriedade de Capasso antes, Molly conhecia o funcionamento interno das passagens secretas que eram quase idênticas às de Armarow.

— Vou até a porta da frente e ajo como se pertencesse àquele lugar — repeti. — Como se eu estivesse encontrando meu pai.

— Certo, e depois?

— E então vou distrair meu pai por tempo suficiente para que você faça algo. — Confirmei, respirando fundo quando a propriedade apareceu. — Isso tem que funcionar, certo? — Perguntei a Molly enquanto ela apertava minha mão em seu colo.

— Estarei lá o mais rápido que puder. — Ela me tranquilizou e eu balancei a cabeça, sabendo que ela não me decepcionaria.

— OK. — Respirei fundo para me acalmar quando o portão apareceu e homens armados saltaram de cada sombra escura, circulando nosso carro enquanto Dio parava e baixava a janela.

Limpei minhas mãos nervosas na frente da calça e fiz uma cara de pôquer enquanto os homens espiavam pelas janelas, usando suas lanternas para ver todos no carro.

Parte um do plano.

Entre no portão da propriedade.

— Arianna Rosetti está aqui para ver o pai dela, Emilio. — disse Dio friamente.

Os guardas olharam entre si e para mim antes que um deles transmitisse a mensagem pelo rádio para outra pessoa.

O que significava que meu pai saberia que eu estava aqui e que teria a chance de me matar, assim como a meu marido. Eu sabia que ele era vaidoso o suficiente para aproveitar a oportunidade.

Segundos depois, o guarda-chefe acenou com a cabeça uma vez para Dio e o portão se abriu lentamente, permitindo-nos entrar na propriedade.

— Vá em frente. — sussurrou Saul quando nos aproximamos da porta da frente. Ele olhou por cima do ombro para mim e assentiu. — Siga o plano e tiraremos você assim que pudermos.

A porta se abriu quando outro guarda armado da equipe do meu pai ficou olhando para mim, impedindo-me de responder antes de eu sair do carro com Molly saindo atrás de mim.

Os homens olharam para baixo com atenção, mas permaneceram em silêncio enquanto Dio e Saul saíam.

Um dos guardas com uma metralhadora nas mãos olhou para meus guarda-costas e zombou. — Vocês são homens de Capasso.

Dio encolheu os ombros como se estivesse relaxado e conversando em um bar. — Não somos todos homens de Capasso? Afinal, ele é o Don.

O guarda zombou e cuspiu no chão aos pés de Dio. — Vamos ver até quando.

— Vamos ficar aqui o dia todo conversando um pouco ou você vai nos permitir entrar para conversar com meu pai? — Entrei, mantendo a cabeça erguida e a sobrancelha erguida, indignada.

— Você pode entrar — disse o guarda. — Os homens de Capasso ficam aqui

— Qualquer que seja. — Balancei meu pulso, acenando para Molly me seguir. — A testosterona por aqui. — Eu zombei, fingindo estar irritada.

Quando na verdade eu estava tremendo como uma folha por dentro. Eu não sabia o que encontraria lá dentro, se Nico ainda estava vivo, ou se eu conseguiria sair viva também.

Mas eu sabia que a melhor chance dele seria distrair meu pai por tempo suficiente para executar o resto do plano.

Eu só tinha que ser corajosa.

Assim que passamos pela porta da frente, mais guardas armados sinalizaram para que parássemos. Um deles me empurrou contra a parede e começou a me revistar. Minha pele se arrepiava a medida que suas mãos tocavam meu corpo e a náusea fervia dentro de mim novamente quando elas vagavam sobre meus seios e entre minhas pernas, procurando muito mais do que armas.

Esperei o tempo apropriado antes de empurrá-lo para trás e encará-lo. — Nada na vida é de graça, garoto. Se você quiser ter uma ideia, contrate uma prostituta. — ele rosnou para mim, mas voltei minha atenção para o guarda se preparando para agarrar Molly e procurar da mesma maneira que eu tinha feito.

Mas eu não poderia deixar isso acontecer.

Segunda parte do plano.

Leve Molly para dentro e sozinha.

— Molly, seja útil pelo menos uma vez e vá buscar uma bebida para mim — estalei os dedos impacientemente enquanto ela olhava entre mim e o guarda, desempenhando seu papel perfeitamente. — Agora! — Eu argumentei, ignorando os olhares dos homens. — Tenho certeza de que se você esfregar as duas células cerebrais, poderá encontrar a cozinha. — Acenei para ela exigentemente e depois voltei minha atenção para os guardas. — Onde está meu pai, estou ficando entediada com todos vocês.

Os homens olharam para mim, mas ignoraram Molly enquanto ela se curvava recatadamente e depois entrava na casa em direção a onde ficava a cozinha.

— Por aqui — disse aquele que me acariciou, caminhando para a direita e descendo o corredor. Eu o segui, ousando olhar por baixo dos cílios para Molly enquanto ela passava pelo hall de entrada e dobrava a esquina em direção à cozinha.

Sim! Eu aplaudi mentalmente quando o segundo passo saiu da minha lista perfeitamente.

Meus calcanhares bateram no chão de mármore atrás do guarda, com mais dois me flanqueando quando chegamos a um conjunto duplo de portas. Quando o homem agarrou a maçaneta da porta, um grito abafado perfurou o ar por trás da madeira e os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Por favor, deixe-o estar vivo.

Orei repetidamente em minha cabeça enquanto as portas se abriam e revelavam um grande salão de baile, cheio de homens e caos.

Eu rapidamente examinei a sala em busca de meu marido e o encontrei de joelhos, acorrentado ao chão por uma coleira de metal em volta do pescoço e com os braços estendidos para os lados, acorrentado a uma engenhoca de madeira. Ele estava sem camisa e sangrando pelo que parecia ser um ferimento de bala no ombro e vários cortes no abdômen e no peito. Seu rosto estava ensanguentado e um olho inchado, mas ele me rastreou com o outro. Estremeci com a raiva volátil que me queimava através daquela íris verde. — Ari. — ele rosnou, com raiva de mim por desafiar todas as suas ordens e aparecer esta noite.

— Ah, o diamante da linha Rosetti. — A voz chorosa de meu pai chamou minha atenção para onde ele estava sentado no que parecia ser um trono sobre um estrado elevado.

Hora de ir. — Um trono para o bobo da corte? — Eu questionei, estalando os dentes maliciosamente para ele. Eu precisava incitá-lo, sem levá-lo ao limite a ponto de me matar prematuramente. Voltei minha atenção para Matthew Rizzio, um homem que já havia conhecido algumas vezes e do qual imediatamente não gostei. Ele ficou no chão em frente ao estrado como um plebeu na corte real. Era realmente

patético. — E aqui eu pensei que esta fosse sua casa. É bom saber que você também é uma vadia no jogo.

— Cale a boca, garota. — meu pai zombou.

Encontrei meus irmãos ajoelhados perto da parede, presos por correntes semelhantes às de Nico, com a boca amordaçada. Tinham feridas de batalha, mas não pareciam tão mal. O brilho raivoso em seus olhos combinava com o do meu marido.

Matteo, por outro lado, era uma história diferente.

O homem estava deitado de lado no chão, sangrando muito devido a um ferimento na cabeça, a julgar pelo tamanho da poça de sangue embaixo dele, ele não se movia há algum tempo.

Eu nem tinha certeza se ele estava vivo, mas me forcei a não reagir.

Olhei ao redor da sala novamente e encontrei o outro homem que eu estava procurando quando entrei, encontrando-o parado atrás de um dos postes segurando os pulsos de Nico. — E você. — Balancei a cabeça, desapontada. — Você é provavelmente o mais patético de todos os homens aqui, Diego. — Os olhos do meio-irmão de Nicolas escureceram quando ele percebeu que eu o reconheci e falei mal dele. — Como diabos você deixou de me atacar quando eu tinha doze anos na floresta e não conseguiu me matar, *miseravelmente*, devo acrescentar, para ser a patética babá da minha irmã de doze anos? — Revirei os olhos. — Oh, como os poderosos caíram, você não diria, *irmão*? — Ele deu um passo em minha direção quando sua raiva atingiu o ponto de ebulição, mas meu pai estalou os dedos, chamando sua atenção, e acenou para que ele se afastasse. Eu ri zombeteiramente antes de caminhar até o centro da sala e encarar meu pai, jogando as mãos ao lado do corpo e levantando uma sobancelha para ele. — Bem, bem, bem, Papa. Você orquestrou um pequeno show aqui esta noite.

Meu pai sorriu e se levantou da cadeira, descendo lentamente os degraus em minha direção. — E você me deu uma grande honra ao se juntar a mim nas festividades, filha. — Ele inclinou a cabeça. — Temos

quase toda a família aqui. Como uma grande reunião para ver o fim do governo Capasso.

— É disso que se trata? — Revirei os olhos. — Mas você está perdendo duas partes muito importantes da sua pequena família esta noite, Papa. Ou você esqueceu que eu tenho suas outras duas filhas? — Fiz uma pausa e observei seus olhos escurecerem um pouco. — Quem você usará como moeda de troca se não for suas filhas virginais, noivas, depois de matar o resto de nós? — Eu fiz uma careta.

— Não precisarei fazer acordos quando for Don. — Ele retrucou, deixando seu temperamento transparecer enquanto seu rosto ficava vermelho.

— Oh! — Balancei a cabeça dramaticamente: — Então, esse é o plano. Você mata Nicolas e de repente faz o quê? Pega a coroa? Subir no trono, bater o pé e exigir que todos façam o que você diz? — Eu ri: — Você realmente é tão burro quanto parece. — Voltei-me para Diego antes que ele pudesse reagir. — Retiro o que disse — Coloquei meu dedo por cima do ombro em direção ao meu pai. — Ele é o mais patético. — Acenei para ele. — Você está fora de perigo.

Meu pai deu um passo ameaçador à frente enquanto sua mandíbula se apertava e eu lutei contra a reação de lutar ou fugir do meu corpo em relação a ele. Eu sofri muito ao longo dos anos por causa desse homem, era difícil simplesmente desligar esse medo.

Mas me recusei a mostrar isso.

— O dinheiro pode comprar muitas coisas na vida, Papa. Obviamente. — Eu me virei com as mãos estendidas, mostrando a sala em que estávamos cercados por homens pelos quais ele pagou. — Mas você sabe o que ele não pode comprar? — Eu questionei, encarando-o novamente. Seu lábio se contraiu, mas ele permaneceu em silêncio. — Respeito. — eu sussurrei. — Veja, ninguém em todo o planeta jamais respeitou Emilio Rosetti, não importa quantas bajulações eles tenham feito pelo seu dinheiro. E nunca o farão, mesmo que você consiga dominar toda a Cosa Nostra. O que, sejamos honestos, não sobraria nenhum homem bom quando isso acontecesse, porque todos

prefeririam se matar a responder a um homenzinho chorão, fraco e covarde como você. — sibilei.

Observei sua mão se mover em um arco alto pelo espaço, antecipando-me e me preparando para o impacto dela contra minha bochecha. Não ajudou a aliviar a dor do golpe, mas me deu tempo para processá-lo e superá-lo antes de levantar a cabeça do lado para onde foi lançado.

— Escute aqui, sua putinha! — meu pai gritou de raiva. — Você não sabe porra nenhuma sobre como os negócios são administrados. Tudo o que você valeu foi pelo que havia entre suas pernas. E agora que esse animal te teve, você nunca mais valerá nada!

Quando me endireitei e olhei para meu pai, passei a língua pelos dentes e senti o gosto do sangue de um corte na parte interna do lábio e então sorri, exibindo o sorriso retorcido. — Oh, vamos lá, Papa. Você está ficando fraco na sua velhice, até mamãe pode bater mais forte do que isso.

Ele se lançou, caindo direto na armadilha que preparei para ele, e me agarrou pelos cabelos, me arrastando pela sala até seu trono.

Parte Três do plano.

Aproxime-se fisicamente de meu pai e separe-o de todos os seus guardas.

Ouvi Nico e meus irmãos lutando contra suas amarras enquanto eu era jogada para baixo nos degraus, apenas me segurando a poucos centímetros de bater meu rosto no mármore antes que meu pai me arrastasse até eles com o punho ainda em meu cabelo. Meu couro cabeludo queimou e lágrimas encheram meus olhos, mas continuei no caminho certo.

Olhei para Nico e ansiava por curar a dor em seus olhos enquanto ele tentava rasgar seu corpo, membro por membro, para se libertar e me ajudar.

Quando chegamos ao topo da escada, meu pai me empurrou para o assento que havia desocupado e ficou de pé sobre mim, com uma mão

em volta do meu cabelo e a outra no meu ombro, me segurando na cadeira. — Agora, se você acha que sou tão fraco, você acabou de me convencer a mostrar o quão poderoso eu posso ser. E você sabe quem vai sofrer por isso? — Ele zombou. — O lobo.

Mordi minhas bochechas com tanta força para manter a boca fechada enquanto meu pai acenava para seus guardas trazerem Nico para o centro da sala.

Respire fundo, Ari.

Eu repeti enquanto me sentia começando a entrar em pânico. Se meu pai matasse Nico bem na minha frente, eu nunca me recuperaria.

Mas tudo fazia parte do plano, o que me trouxe de volta a isso.

Quarta parte do plano.

Confie no talento de Molly para encontrar o caminho através de passagens secretas sombrias.

O rosto ensanguentado de Nico olhou diretamente para mim quando ele foi jogado no chão novamente e forçado a encarar meu pai.

— Você superou o seu lugar, garoto. — meu pai zombou de cima de mim como se estivesse julgando Nico como um rei nos velhos tempos. — Você tinha o mundo inteiro ao seu alcance quando assumiu o papel de Don, mas simplesmente não conseguia seguir o caminho que seu pai traçou para você.

— Meu pai era um covarde. — Nico rosnou. — Muito parecido com você.

O corpo do meu pai vibrou de raiva, apertando meu cabelo até que eu estremeci antes de controlar minhas feições. — Você verá o que um covarde realmente é quando eu fizer você ver esses homens fazerem o que quiserem com sua esposa! — Meu pai me empurrou escada abaixo, me pegando desprevenida enquanto eu tentava proteger minha cabeça e minha barriga o melhor que podia. — Talvez eu permita que seu irmão ataque ela primeiro. — Meu pai disse, e eu levantei minha cabeça

de onde caí no chão, encontrando o sorriso cruel de Diego apontado em minha direção enquanto ele caminhava em minha direção.

Nico avançou, lutando contra as amarras que o prendiam, assim como meus irmãos, encostados na parede. Mas nenhum deles conseguiu chegar até mim a tempo.

A mão de Diego envolveu minha garganta enquanto ele me empurrava de costas, pairando sobre mim enquanto eu socava, chutava e arranhava ele. Sua mão apertou minha garganta, cortando todo o fluxo de ar, e lembranças da minha infância me assaltaram, atormentando-me com o pânico que senti na última vez que esse homem tentou me sufocar.

Continuei lutando contra ele, mesmo quando ele me dominou e minha visão escureceu nas bordas.

Não.

Eu gritei por dentro, onde estava Molly?

Parte cinco do plano.

Tente não morrer.

Capítulo Vinte e Seis

NICO



Meu ombro se deslocou com a força que puxei em meu pulso, tentando desalojar as correntes. Diego subiu em cima da minha esposa grávida e a estrangulou, mas nem uma vez ela parou de lutar contra ele. Uma dor agonizante tentou obscurecer as coisas que aconteciam ao meu redor enquanto eu lutava para chegar até ela, mas não deixei que isso me cegasse.

Eu tinha que chegar até ela.

Antes que eu pudesse me libertar, a parede atrás de Emilio explodiu, fazendo chover cacos de madeira e gesso por toda a sala. O tiroteio cortou o barulho em meus ouvidos da explosão inicial e eu gritei o nome de Ari enquanto a fumaça enchia a sala, turvando minha visão dela aos seis metros de distância.

Tossi, lutando com as amarras novamente, rugindo enquanto meu ombro se soltava ainda mais do encaixe, desesperado para chegar até ela. Os sons eram ensurdecadores, mas nunca parei de gritar por ela. Continuou e continuou; tiros, explosões, gritos. Nunca cedendo pelo que pareceram séculos, enquanto permanecia acorrentado ao chão, incapaz de me mover ou lutar.

— Pare. — Mãos frias atravessaram a fumaça enquanto deslizavam pelo meu pescoço e pelo meu cabelo. — Pare de lutar.

— Ari! — Tossi perto da fumaça, abaixando levemente a cabeça quando uma bala passou zunindo pela minha orelha. Gritos encheram a sala, seguidos por gritos de homens que estavam morrendo e caindo no chão de mármore ao nosso redor.

— Estou aqui, baby. — ela disse, finalmente chegando perto o suficiente para eu ver quando a fumaça da explosão começou a se dissipar. — Eu tenho a chave, fique quieto. — Ela rapidamente soltou a trava em volta do meu pescoço e depois em cada pulso, me soltando e pulando em meus braços, agarrando-se a mim como um coala. — Oh meu Deus. — Ela chorou. — Você está bem?

— Abaixese. — eu rosnei, jogando-nos no chão e protegendo seu corpo com o meu enquanto mais balas passavam zunindo. — Você está maluca? — Eu gritei com ela, com raiva por ela ter arriscado a própria vida e a de nosso bebê para aparecer aqui.

— Sim. — Ela gritou de volta, olhando para mim com raiva quando eu olhei para ela. — Apaixonada por você pra caralho, seu grande idiota.

— Capa! — A voz de Dio soou e eu olhei para cima, vendo ele e Saul flanqueados por nada menos que cinquenta homens armados parados ao redor da sala. — Onde está Ari? — Ele gritou quando me encontrou.

— Aqui. — Sentei-me, tirando meu peso de cima dela e puxando-a de joelhos. Passei minhas mãos por todo o seu corpo, notando as marcas roxas já florescendo ao redor de sua garganta e o corte em seu lábio. Mas fora isso, ela estava bem.

Viva.

— Carmine! — Ari gritou, lutando para tirar minhas mãos dela enquanto ela olhava ao redor da sala. — Cristian!

— Chegamos — Carmine gritou de volta, avançando e limpando os detritos de seu corpo. — Você está bem?

— Sim. — Ela chorou, balançando a cabeça antes de abraçar os dois. — Eu sinto muito.

— Shh. — Carmine a acalmou. — Falaremos sobre tudo isso mais tarde.

— Capa. — Saul interrompeu e se ajoelhou sobre o corpo de Matteo. Molly segurou a cabeça dele no colo, soluçando enquanto olhava em volta em pânico.

— Ele está vivo? — perguntei, puxando Ari para baixo do meu braço bom e afastando seu rosto da visão horrível.

Molly assentiu e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas. — Por muito pouco.

— Tire-o daqui. — ordenei a Saul. — Leve-o ao centro de trauma e me mantenha atualizado. Leve qualquer outro ferido com você.

— Sim, Capa. — ele assentiu, deslizando Molly para fora do caminho para pegar o grande corpo de Matteo e carregá-lo para fora da sala.

— Vá com ele — disse Ari, puxando Molly para um abraço. — Estaremos lá em breve. Obrigada por tudo.

Molly assentiu, parecendo dividida entre Matteo e Ari, mas eventualmente cedeu e perseguiu o homem que estava apaixonado por ela há anos.

— Senhor. — Luca se aproximou, segurando o rifle nas mãos e olhando ao redor da sala. — Há alguns negócios para tratar.

Meus homens que invadiram a sala tinham os homens sobreviventes de Rosetti alinhados contra a parede, de joelhos. Alguns estavam sangrando devido a ferimentos fatais e alguns pareciam já preferir estar mortos.

No início da fila, Emilio e Diego ajoelharam-se um ao lado do outro. Emilio tinha um buraco de bala na perna, sangrando muito mais rápido do que merecia, e Diego tinha dois buracos no peito que lhe davam um chocalho musical a cada respiração que respirava.

— Fique aqui, pequenina. — Beije sua têmpora, mas quando fui me afastar, seus braços apertaram minha cintura e ela se agarrou a

mim.

— Não me peça para deixar você ir. — Ela sussurrou esperançosamente. — Não posso. Ainda não.

— Vou matar muitos homens por você, Arianna. — respondi, tentando expressar a gravidade do que estava prestes a ocorrer.

— Eu quero puxar o gatilho contra meu pai. — Ela sussurrou com os olhos tão arregalados.

— Não. — respondi instantaneamente.

— Nico. — Ela choramingou. — Eu mereço isso. — Ela apertou com mais força, pressionando minhas costelas quebradas e me fazendo sibilar, mas também não desistiu. — Sobrevivi vinte anos de tortura por causa daquele homem. Eu mereço isso.

Olhei para ela, tentando encontrar um motivo para negar o que ela queria, mas não consegui.

— Eu não quero essa escuridão sobre seus ombros, pequenina.

Ela apenas balançou a cabeça e olhou para o pai, onde ele estava ajoelhado, gritando e implorando por misericórdia. — Isso finalmente vai acabar com essa escuridão de mim, baby. — Ela olhou de volta para mim. — É assim que me liberto.

Cerrei a mandíbula, odiando saber que ela estava certa, porque nunca quis que ela fosse tocada por nada deste mundo, mas admiti. — Uma bala. E então vamos embora.

— Negócio fechado. — Ela suspirou e sorriu para mim.

— Luca. — Estendi minha mão por cima do ombro dela e ele colocou uma pistola carregada nela. — Veja como se faz — eu disse a Ari, puxando-a até onde o filho ilegítimo do meu pai estava ajoelhado ao lado de Emilio.

Mesmo encarando a morte de frente, o bastardo sorriu com seu sorriso doentio e distorcido. — Você deveria ter aproveitado a oportunidade que eu lhe dei quando permiti que você deixasse

Armarow com vida pela primeira vez, Diego. — observei, olhando para ele. — Mas agora, não só vou acabar com a sua vida aqui esta noite pela sua parte em tudo isso. Mas vou caçar seus irmãos doentes, sua mãe prostituta e quaisquer outros parentes que lhe restem, e vou dar-lhes uma morte ainda pior do que a que você concedeu a si mesmo esta noite.

Seu rosto ficou roxo de raiva quando eu levantei a arma até sua têmpora e puxei o gatilho, estourando seus miolos na parte de trás do crânio e por toda a parede. Acenei para Luca e os outros começaram a executar os outros na fila, encerrando a revolução Rosetti de joelhos.

Emilio ainda estava ajoelhado, chorando e implorando misericórdia à filha enquanto estávamos diante dele, eu a observei em busca de qualquer sinal que indicasse que ela não estava preparada para lidar com o peso da tarefa.

Mas isso nunca aconteceu.

Em vez disso, ela tirou a arma da minha mão e ergueu-a, apontando-a para o peito dele e parando. — Nenhum de nós sentirá sua falta, nem por um único segundo. — Ela disse e então puxou o gatilho, esvaziando o carregador inteiro em seu peito e estômago antes de clicar na arma várias vezes com o ferrolho vazio travado para trás, como se ela não percebesse que estava apagada. Emilio caiu no chão, morto antes de seu corpo pousar no mármore com um baque sinistro. Seu peito subia e descia com o esforço, mas ela nunca abaixou a mão ainda trêmula.

— Dê-me isso, querida. — Cobri a mão dela com a minha, forçando-a a largar a arma. — Vamos. — eu sussurrei, pressionando meus lábios em sua têmpora e afastando-a da carnificina que estava diante dela. Quando chegamos à porta, parei e olhei para trás, acenando para Luca. — Queime toda a propriedade.

— Sim, Capa. — Ele respondeu, sorrindo para Arianna quando seus irmãos se encontraram conosco novamente.

— Me desculpe por não ter deixado você ficar com ele. — Ela disse a Carmine. — Vocês dois mereceram isso tanto quanto eu. — Eu não sabia se era arrependimento ou vergonha que a fazia inclinar a cabeça para o chão, mas eu não aceitava. E nem seus irmãos.

— Não importa, raio de sol. — disse Carmine, puxando-a para outro abraço. — Contanto que acabe.

— Ele recebeu isso de todos nós. — afirmou Cristian, jogando o braço sobre os ombros dela e beijando sua têmpora. — Vamos todos seguir em frente. Juntos.

— Juntos. — Ela sorriu para eles e depois para mim. — Gosto do som disso.

Epilogo
ARIANNA



— Você poderia parar com isso, mulher? Sou mais do que capaz de me alimentar. — Matteo resmungou do quarto em que estava hospedado na ala leste enquanto eu contornava a porta.

— Toc, toc — anunciei em voz alta, segurando a cesta em minhas mãos enquanto ele e Molly ergueram os olhos de onde ele estava sentado em uma cadeira ao lado da cama.

Molly revirou os olhos para o banquinho aos pés dele com uma tigela de sopa em uma bandeja e a colher estendida para ele como uma criança.

— Estou interrompendo? — Eu brinquei com um sorriso.

— Só se você não estiver aqui para desligá-la. — Ele reclamou.

— Você sabe. — coloquei a cesta na ponta da cama e cruzei os braços sobre o peito. — Você não é melhor paciente do que Nico.

— Eu não saberia, já que ele pode sair de casa. — Matteo reclamou e Molly deu um tapa em sua perna.

— Estar aqui comigo cuidando de você é tão ruim assim? — Ela perguntou e eu mordi o lábio para não rir da armadilha que ela deixou para ele.

Ele gemeu e recostou a cabeça na cadeira com um suspiro. — Isso não foi o que eu quis dizer. — Ele levantou a cabeça e relaxou suas

feições. — Desculpe. Só não estou acostumado a ser tão inútil.

Eu bufei e acenei com a mão na frente do rosto, envergonhada. — Estou indo embora. Acabei de trazer algumas guloseimas da Sra. Bussa. — Pisquei para ele. — Eu experimentei um e eles são deliciosos, então você deveria se preparar ou Molly pode levar embora os doces da mãe dela.

— Sim, senhora. — Ele respondeu, completamente castigado e arrependido. — Obrigada, Arianna.

Eu balancei a cabeça e pisquei para Molly. — Sua mãe perguntou se você viria jantar esta noite, já faz um tempo que não te vai. — Eu disse incisivamente.

— Eu sei. — Ela suspirou.

— Ligue para ela. Acho que ela pensa que estamos mantendo você como refém em uma torre aqui em cima.

— Eu vou. — Ela sorriu. — Obrigada.

— Hmm. — Eu cantarolei — Adeus, pombinhos.

Ambos gemeram quando saí do quarto rindo de seu desconforto. Eles não estavam juntos, mas eu não tinha dúvidas de que os dois ficariam bravos se o outro comesse a sair com outra pessoa. Era apenas um capítulo que eles precisavam percorrer por conta própria, em seu próprio tempo e à sua maneira.

Eu simplesmente gostei de provocá-los sobre isso ao longo do caminho. Para ser honesta, gostei de ter os dois morando dentro da casa, na ala leste, em tempo integral nos últimos meses.

A recuperação de Matteo foi mais lenta do que a de Nico simplesmente porque Nico levou um tiro nos músculos e ossos, enquanto a bala de Matteo literalmente atingiu seu cérebro. Ele era um milagre ambulante por estar vivo, muito mais poder andar e falar como antes. Mas ele sofria de enxaquecas persistentes, espasmos musculares e problemas de comunicação neurológica que tornavam um esforço concentrado para ele mover certos músculos devido aos danos

causados pela bala. Ele consultava fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais todos os dias. Eles vieram para Armarow e ajudaram seu cérebro a remapear os sinais que foram enviados ao seu corpo para operá-lo, e ele estava se recuperando.

Foi lento e ele ficou frustrado, o que prejudicou uma nova conexão que ele havia iniciado com Molly antes do tiroteio. Mas eles iriam se resolver, isso era óbvio para qualquer um que os visse.

Eles apenas tinham que descobrir por si mesmos.

Fui procurar meu marido, já sabendo onde encontrá-lo a essa hora do dia, então fui para o porão onde estava instalada sua academia caseira de última geração.

Quando a porta de vidro deslizante se abriu, uma música alta e caótica soou com um baixo pesado, girando ao meu redor quando entrei.

Ele estava de costas para mim, sentado em um banco, fazendo um movimento impressionante, onde empurrou um haltere do tamanho do meu torso sobre sua cabeça com um braço e depois o abaixou lentamente de volta ao colo.

Meu marido era lindo de morrer e trabalhou duro para se manter em ótima forma, até mesmo cuidando de uma lesão no ombro ao levar um tiro e depois separá-lo tentando se livrar das correntes. Isso não o atrasou nem um pouco, apenas o deixou com raiva, e ele transformou essa raiva em energia muscular dedicada e passou muito tempo trabalhando para acalmá-la.

Porque ele não confiava mais em si mesmo para se soltar perto de mim.

E eu odiei isso.

Ele usava apenas um short preto largo com tênis e o suor cobria seu torso e braços, fazendo minha boca salivar com uma necessidade carnal que não era satisfeita há meses.

Cinco longos meses para ser exata. Foi quanto tempo se passou desde o ataque e desde que ele começou a me tratar como uma flor delicada novamente, recusando-se a me dar a paixão que eu precisava.

Não me interpretem mal, o amor lento e terno que Nico 'O Lobo' Capasso conseguiu expressar era de outro mundo e eu nunca saí para respirar me sentindo insatisfeita. Mas acabei sentindo que metade de mim estava faltando.

Depois de cada amor lento e sensual que ele fazia, ele fugia para a academia, onde poderia tirar a violência que ansiava de seu sistema até que pudesse relaxar.

Mas já bastava.

— Esposa. — Ele disse do banco, ainda de costas para mim. O espelho que ele enfrentou me delatou, mas ele nunca levantou os olhos de sua própria forma para me notar. Ele não precisava. Ele me sentiu assim como eu senti quando ele se aproximou. — Você está olhando de novo.

Tirei meus olhos dos deliciosos músculos de suas costas fortes para encontrar seus olhos finalmente presos em mim no espelho. Fiquei atrás dele, passando as mãos sobre o inchaço da minha barriga, quase salivando e ele me pegou.

— Você não deveria parecer tão gostoso se não quisesse admiradoras. — Inclinei a cabeça para o lado e sorri para ele. — Por que você está se escondendo de mim hoje? — Entrei na frente dele e encostei as costas no espelho, bloqueando sua visão e interrompendo sua apresentação. Mas ele continuou pressionando o ferro sobre a cabeça, com os olhos fixos nos meus.

Estava muito frio no quarto, graças ao ar condicionado de classe mundial, mas meu corpo era um inferno de desejo que nem mesmo meu pequeno vestido de verão conseguia aliviar.

— Eu nunca me escondo de você. — ele respondeu, finalmente baixando o peso e recostando-se no encosto inclinado, abrindo os pés e

parecendo ainda mais divino. — Você está sempre aqui. — Ele bateu na tábua. — Mesmo quando tento manter você fora.

— Você ainda tenta me manter fora? — Eu questionei, girando o laço que segurava o busto do meu vestido em volta do meu dedo. Seus olhos seguiram o movimento antes de voltarem para os meus.

— Não. É inútil até tentar.

— Você tem alguma ideia do quanto eu te amo? — Eu perguntei e sua testa franziu enquanto ele me olhava, mas ele não respondeu. — Ou quanto da minha vida é consumido por você? — Inclinei-me no espelho e caminhei até que a bainha do meu vestido roçou seu joelho. — Também não há como me esconder de você, Nico, mas de alguma forma você ainda está evitando minhas necessidades.

Sua carranca se aprofundou e ele se sentou no banco. — Quais necessidades suas eu não estou atendendo.

— Aquela que me faz sentir mulher. — respondi, deslizando meus dedos pelas laterais de seu pescoço e enrolando-os em suas costas. — A necessidade de sentir que você nunca quis ninguém no mundo mais do que me quer. — Suas narinas dilataram e ele desviou meu olhar, optando por olhar para algo atrás de mim. — A necessidade de sentir que você não sobreviveria mais sem mim.

— Eu faço. — Ele retrucou, finalmente liberando aquela raiva que queimava dentro dele.

Aquela violência que eu ansiava.

— Você costumava fazer isso. — eu refutei, enganchando meus polegares sob sua mandíbula e forçando sua cabeça para trás até que ele não tivesse escolha a não ser me encarar.

Para enfrentar isso.

— Não sei o que você espera que eu faça.

— Espero que você atenda às minhas necessidades. — sibilei, deixando minhas próprias frustrações crescerem para corresponder às

dele. A paixão queimou em minha barriga e senti seu corpo tenso sob minhas mãos. — Dê-me o que eu preciso, Nico.

Ele passou a mão em volta da minha garganta e me puxou para frente até que eu o montei em seu colo com os dedos dos pés pendurados acima do chão e nossos narizes quase se tocando. Nenhum de nós largou o pescoço do outro. — E quanto às minhas necessidades, esposa?

Minha pele se arrepiou com a implicação. — Não estou conhecendo cada uma de você? Que necessidade você tem que eu não estou atendendo?

— Minha necessidade de mantê-la segura! — ele rosnou. — Minha maldita necessidade de proteger você e este bebê de qualquer maldito mal que possa acontecer a vocês. — Ele colocou a mão livre na minha barriga e nosso bebê respondeu chutando-a. — Você não entende, porra, como foi para mim ver você entrar naquela casa? — ele gritou e então cerrou a mandíbula com tanta força que seus molares rangeram.

Foi a primeira vez que ele falou sobre aquela noite comigo. Ele nunca me contou o que fizeram com ele antes de eu chegar lá e só ouvia quando eu falava sobre o que sentia ao enfrentar meu pai e seu irmão.

— Diga-me. — eu sussurrei, pressionando a mão em volta do meu pescoço até que nossos narizes se tocassem. — Conte-me tudo para que eu possa entender.

— Isso me destruiu, Arianna. Isso quebrou a última parte dentro de mim que acreditava no bem. — Nico engoliu em seco e os músculos de seu pescoço ficaram tensos sob meus dedos. — Eu vi sua morte um milhão de vezes no curto espaço de dez minutos que você esteve lá. Eu vi meu irmão estuprando você e seu pai batendo em você até a morte. Eu vi seus homens destruindo nosso bebê enquanto eu estava acorrentado ao chão como a porra de um cachorro. Eu vi a luz em seus lindos olhos desaparecer quando sua alma deixou seu corpo e a pequena parte de mim que ainda era humana morreu naquele mesmo momento, Arianna. — Ele pressionou sua testa contra a minha e

respirou fundo algumas vezes, seu peito subia e descia contra o meu e todo o seu corpo vibrava. — Você não entende o que vai acontecer comigo se você for levada embora. Se nossos filhos forem tirados de mim. — Ele fechou os olhos e seus ombros fortes murcharam. — Eu não existirei neste mundo como humano sem você, pequenina. O chão se abrirá e o próprio diabo me chamará para casa se você me deixar. — Ele sussurrou em agonia: — Não posso correr esse risco.

— Eu sinto muito. — Eu balancei em seus braços enquanto lágrimas caíam pelo meu rosto. — Mas foi exatamente assim que me senti quando percebi que você estava em perigo. — Respirei fundo e ele tirou a mão do meu pescoço e passou os dois braços em volta do meu corpo. — Quando percebi que meu pai tinha você e que você sofreria uma dor inimaginável nas mãos dele, senti como se minha pele estivesse sendo arrancada de meus ossos. Cada nervo do meu corpo estava em chamas com essa necessidade de fazer alguma coisa, de salvar você de alguma forma. — Eu me afastei para olhar para ele. — Eu tinha que fazer alguma coisa.

— Você se sacrificou por mim. — Ele estremeceu. — Se o seu plano falhasse, nós dois estaríamos mortos.

— É melhor estarmos juntos na morte do que sozinhos na vida. — Eu respondi. — Você é meu coração, sem você não bate. Eu não prospero. Eu não existo.

Ele bateu os lábios nos meus e emaranhou as mãos no meu cabelo enquanto inclinava a cabeça e me beijava com fervorosa necessidade. — É exatamente assim que me sinto. — Ele finalmente disse enquanto tirava as mãos do meu cabelo. — E eu não sei como sentir isso e proteger você da intensidade disso ao mesmo tempo.

— Eu não preciso de sua proteção, Nico. Preciso do que ninguém mais pode me dar. Você é amor. — Balancei meus quadris, prendendo seu pau entre nós enquanto ele endurecia. — Dê-me seu amor, baby. Mostre-me.

— Puta que pariu. — Ele rosnou e então puxou o laço dos meus seios, rasgando o vestido em pedaços antes de arrancá-lo do meu

corpo.

— Sim! — Eu chorei quando ele mergulhou a boca e chupou um dos meus mamilos endurecidos, girando a língua em torno da ponta e mordendo-o com os dentes. — Porra! — Eu gritei, inclinando meus quadris e oferecendo-lhe mais dos meus seios enquanto esfregava seu pau entre nossos corpos. — Simplesmente assim, baby.

— É assim que você me quer? — Ele rosnou para meu seio, movendo-se para o outro enquanto beliscava e puxava aquele que acabara de morder. — Você me quer duro com você?

— Sim. — Continuei balançando meus quadris, quase tendo um orgasmo devido à alta libido que a gravidez me deu, combinada com o desejo carnal que ele estava construindo dentro de mim.

— Você quer que eu te leve como fiz na noite do nosso casamento. — Ele sibilou. — Quando eu inclinei você sobre as costas daquela cadeira e bati meu pau em seu corpo sem me importar com mais nada no mundo, mas com quão boa era sua boceta enrolada em mim. Porque você me odiou por isso quando fiz isso. — Ele deu um tapa na minha bunda antes de rasgar minha calcinha em pedaços e jogá-la para o lado com os restos do meu vestido. — Mas, Deus, você ordenhou meu pau tão bem. — Ele gemeu. — Eu empurrei você para baixo e fiz você tomar cada gota de mim.

— Estou gozando. — Eu ofeguei, balançando mais rápido e agarrando seu pescoço enquanto jogava minha cabeça para trás. — Estou gozando, porra!

Ele chupou meus mamilos e estendeu meu orgasmo até que eu caí para frente em seus braços, ofegando e tremendo com a força que gozei.

— Não desapareça ainda, pequenina. — Ele disse, levantando-se e me carregando até o grande banco ortopédico que os terapeutas de Matteo usavam para exercitar seus músculos. Era essencialmente uma cama de solteiro e resistente, felizmente quando Nico me jogou nela e empurrou minhas pernas em direção aos ombros. — Eu vou foder essa boceta com tanta força.

— Sim. — eu choraminguei, abrindo ainda mais meus joelhos e olhando para ele enquanto ele empurrava seu short preto para baixo e liberava seu pau duro. — Eu quero usar suas marcas em mim.

— Abaixese e abra essa boceta para mim. — Ele comandou, acariciando seu pau e lambendo seu lábio inferior enquanto eu circulava meu clitóris algumas vezes com as pontas dos dedos antes de me abrir exatamente como ele disse. — Boa menina. — Ele elogiou, alinhando seu pau. — Olhe para mim quando eu me afundo em você.

Levantei meus olhos de seu pau para seu rosto e olhei para ele enquanto ele empurrava sua ereção grossa, me esticando lentamente até que ele fosse enterrado profundamente. Suas pálpebras se fecharam e ele mordeu o lábio inferior de uma forma que me fez emocionar ao seu redor. — Deus, você é tão estúpido. — Eu gemi, beliscando meus mamilos para aumentar a estimulação.

Seus olhos travaram no movimento e seus lábios se contraíram quando ele puxou para fora e bateu de volta, observando meus dedos provocarem sua parte favorita de mim.

Ele adorava meus seios antes de eu engravidar, mas até eu fiquei impressionada com quão cheios e suculentos eles eram enquanto eu crescia dentro de mim, e ele estava totalmente obcecado. — Aperte-os. — Ele grunhiu, empurrando rapidamente enquanto segurava meus joelhos bem abertos para que pudesse ver e não empurrar minha barriga que estava teimosamente no caminho. — Mais duro.

Fiz o que ele disse e gemi com a sensação quando ele bateu em mim uma e outra vez. — Você é tão bom. — Eu choraminguei, jogando minha cabeça para frente e para trás enquanto me aproximava de mais um orgasmo. — Deus, eu senti falta disso. — Eu miei delirantemente. Meus olhos se fecharam e segundos depois uma dor ardente marcou a lateral do meu peito após um som de estalo.

— Olhos em mim, esposa. — Ele comandou. — Observe-me enquanto eu faço você gozar.

— Sim! — Eu gritei, quebrando seu pau enquanto ele fazia exatamente isso. Ele foi implacável, batendo em mim e me dando o que eu pedi.

Exigindo. Eu exigi isso dele.

— De joelhos. — Ele exigiu, puxando-me e ajudando-me a rolar até que me ajoelhei com as pernas bem abertas na borda da mesa. Minha bunda ficou pendurada na beirada e eu encarei o espelho enquanto ele se alinhava e afundava profundamente dentro de mim. — Essa maldita boceta. — Ele rosnou, apertando ainda mais meus quadris enquanto empurrava.

O ângulo era tão profundo assim, forçando a cabeça do seu pau contra o meu ponto G repetidas vezes enquanto observávamos nossos corpos no espelho. Era erótico e sensual, e eu era um caso perdido pelo apelo de tudo isso.

— Você tem que gozar. — Eu engasguei, agarrando seus braços até que ele envolveu meu corpo e agarrou meu pescoço com a mão, me ancorando. — Eu não aguento mais. — Meus olhos se fecharam e minha cabeça caiu para trás em seu ombro enquanto sua outra mão circulava meu clitóris antes de dar um tapa nele. — Nicolas!

— Estou gozando. — Ele grunhiu, rosnando em meu ouvido enquanto eu gritava através do prazer ofuscante de mais um orgasmo. — Pegue, pequenina. Aceite meu gozo como uma boa garotinha. Pegue tudo.

— Oh, meu Deus. — Eu gemi, caindo para frente sobre os cotovelos enquanto seu pau se contorcia e empurrava dentro de mim, enterrado profundamente. — Eu estou morta. — Eu ofeguei, incapaz de fazer muito mais.

— Shh. — Ele me acalmou, puxando meus joelhos travados debaixo de mim e me virando para deitar de lado antes de deitar ao meu lado, embalando a mim e minha barriga em seus braços. — Eu machuquei você? Você está bem?

— Eu estou perfeita. — Respondi sonhadoramente, sorrindo para a pele lisa de seu pescoço antes de mordê-la.

— Promessa? — Ele grunhiu, puxando sua carne dos meus dentes. — O bebê está bem?

— Ele está bem. — Suspirei e o bebê confirmou isso rolando com força entre nós e pisando diretamente na minha bexiga. — Embora eu possa fazer xixi em você e na mesa se não me levantar logo.

Ele riu e beijou minha têmpora. — Agora é aí que eu traço o limite.

— Hum. Então me ajude.

Ele se levantou e me levantou da mesa, colocando-me sobre minhas pernas formigantes e me segurou até que eu estivesse firme. — Coloque isso, seu vestido está arruinado. — Ele tirou a camiseta do encosto do banco e eu levantei os braços sobre a cabeça enquanto ele a colocava em mim. Cobriu-me bem o suficiente para subir até o nosso quarto, onde eu poderia me trocar. Ele vestiu seu short preto parecendo meu lanche favorito no mundo.

Saímos da academia juntos, com o braço dele sobre meus ombros e sorrisos em nossos rostos. — Eu precisava disso. — sussurrei enquanto subíamos as escadas para nossa ala.

— Sim, eu também. — Ele sorriu para mim. — Mas estou velho demais para dar isso a você assim todas as vezes. Então você terá que se contentar com cada terceira ou quarta vez.

Inclinei a cabeça para trás e ri, beliscando seu lado e permitindo que sua alegria me aquecesse. Já fazia muito tempo que eu não o via genuinamente relaxado na minha presença. — Todos os outros e nós temos um acordo.

Ele grunhiu e beijou minha cabeça, mantendo a porta do quarto aberta. — Tudo bem, mas só se você prometer mergulhar seu corpo em um banho quente depois de cada vez. Não quero que você fique dolorida.

— Hum. — Cantarolei, batendo a ponta do dedo na ponta do queixo como se estivesse contemplando sua proposta. — Negócio fechado. — Eu sorri e estendi minha mão para ele, enquanto ele fechava a palma sobre a minha, eu rapidamente acrescentei. — Se você se juntar a mim para o banho de espuma todas as vezes. Ou não há acordo.

Ele franziu os lábios e revirou os olhos. — Sou um homem extremamente ocupado e você quer que eu perca meu tempo em um banho de espuma para apaziguar minha teimosa esposa?

Levantei uma sobrancelha para ele e coloquei as mãos nos quadris enquanto ele abria a torneira da banheira antes de servir meu banho de espuma favorito. Quando ele olhou para mim, tirei a camisa pela cabeça e me inclinei para frente o mais perto possível do ouvido dele e sussurrei. — Se você se juntar a mim, farei aquela coisa com minha língua que você gosta. Você sabe, onde eu lambo suas bolas e tento amarrá-las como um caule de cereja com a minha língua. Ronronei e passei as mãos sobre seus ombros nus.

— Sirigaita. — Ele rosnou, agarrando minha bunda com as duas mãos. — Eu teria concordado de qualquer maneira, mas agora que você adoçou o pote, você tem um acordo.

— Vale a pena. — Pisquei para ele e entrei na água fumegante, abaixando meu corpo cansado nela com um silvo e um suspiro enquanto ele afundava atrás de mim e me puxava contra seu peito. Eu não ouvia nada além do silvo das bolhas enquanto elas estouravam enquanto suas mãos massageavam meus braços e ombros até que eu virasse uma pilha de gosma em suas mãos.

— Case comigo. — Ele sussurrou em meu ouvido.

Meus olhos se abriram quando a surpresa me confundiu. — Achei que já estávamos. — Eu zombei. — Já faz quase um ano.

— Eu sei. — Ele beijou meu pescoço, prendendo meu cabelo para o lado para facilitar o acesso. — Mas desta vez quero fazer da maneira certa. — Ele me beijou. — Eu quero cortejar você. — Ele me beijou novamente. — Eu quero namorar você. — E de novo. — Eu quero que

você tenha o casamento que não teve da última vez e a lua de mel que nos foi roubada. Eu quero refazer.

— Eu não preciso refazer isso, Nico. — Virei-me em seus braços e o encarei. — Eu tenho você, e isso é tudo que importa.

— Eu sei, mas eu quero isso. — Seus olhos verdes estavam sérios enquanto ele olhava para mim. — No nosso primeiro aniversário, logo após o nascimento do bebê. Vamos fazer de novo, do jeito certo.

Meu coração se derreteu pelo homem que uma vez me disse que usaria meu corpo para seu próprio prazer, pois era seu direito como meu marido em uma tática para me dominar. Suas tentativas de me dominar e controlar com medo e autoridade se foram. Agora éramos parceiros, amantes e companheiros e ele era tudo que eu sempre quis, mesmo sem saber.

— Tenho muita sorte de chamar você de meu. — Sussurrei sonhadoramente. — Sim. Sim, para sempre e um dia.

Fim



Notas

[←1]

Personagens centrais do clássico de suspense “O Médico e o Monstro”.